



**Imigrantes académicas,
suas carreiras interrompidas e construção de identidades e saúde mental
– tudo em nome de um amor –**

Gláucia Maria de Queiroz

Doutoramento em Relações Interculturais

Tese orientada pelo Professora Teresa Maria da Conceição Joaquim
e defendida junto à Uab em 19.09.2024

2024



**Imigrantes acadêmicas,
suas carreiras interrompidas e construção de identidades e saúde mental
– tudo em nome de um amor –**

Gláucia Maria de Queiroz

Doutoramento em Relações Interculturais

Tese orientada pelo Professora Teresa Maria da Conceição Joaquim
e defendida junto à Uab em 19.09.2024

2024

*Bem que se quis
Depois de tudo
Ainda ser feliz
Mas já não há
Caminhos pra voltar*

***O que é que a vida fez
Da nossa vida?
O que é que a gente
Não faz por amor?
Mas tanto faz
Já me esqueci
De te esquecer porque
O teu desejo
É meu melhor prazer
E o meu destino
É querer sempre mais
A minha estrada corre
Pro seu mar...***

*(Original: E pó ché fa -Pino Daniele
Versão em português: Nelson Motta)*

Resumo

Este estudo visou investigar a saúde mental e bem-estar de imigrantes acadêmicas latinas que se mudaram para a Alemanha devido a uma relação de conjugalidade com uma pessoa de nacionalidade alemã que aí reside. São centrais as questões relacionadas à vida profissional dessas mulheres, sua construção de identidade – com destaque para a identidade bicultural e a profissional – assim como a importância da maternidade nesse contexto. A literatura é rica em estudos que têm como foco os imigrantes mais vulneráveis, ou seja, refugiados e imigrantes indocumentados. O presente estudo, entretanto, focaliza mulheres latinas com formação acadêmica, as barreiras que elas encontram para inserir-se no novo mercado laboral, o papel da maternidade e o impacto da (in)satisfação vivenciadas no campo laboral sobre seu bem-estar e sua saúde mental. Ao todo, 215 mulheres responderam o inquérito online e a informação foi analisada estatisticamente. Dez dessas mulheres foram entrevistadas e a informação obtida foi analisada usando o método análise de conteúdo. Posteriormente usou-se o método de triangulação para aprofundar a análise combinando os resultados quantitativos com os qualitativos. Os resultados apontam uma correlação entre a importância da vida laboral para a identidade e a saúde mental das imigrantes.

Palavras-chaves: imigração matrimonial, identidade intercultural, vida profissional, saúde mental, bem-estar

Summary

This study aimed to investigate the mental health and well-being of Latina academic immigrants who have moved to Germany due to a conjugal relationship with a German national living there. Issues related to the professional lives of these women, their identity construction - with emphasis on bicultural and professional identity - as well as the importance of motherhood in this context are central. The literature is rich in studies that focus on the most vulnerable immigrants, i.e. refugees and undocumented immigrants. This study, however, focuses on high educated Latina women, the barriers they face in entering the new labour market, the role of motherhood and the impact of the (in)satisfaction they experience in the labour field on their well-being and mental health. In all, 215 women completed the online survey, and the information was analysed statistically. Ten of these women were interviewed and the information obtained was analysed using the content analysis method. The triangulation method was then used to deepen the analysis by combining the quantitative and qualitative results. The results point to a correlation between the importance of working life for the identity and mental health of immigrant women.

Keywords: marriage immigration, intercultural identity, working life, mental health, well-being.

Zusammenfassung

Ziel dieser Studie war es, die psychische Gesundheit und das Wohlbefinden von akademischen Latina-Migrantinnen zu untersuchen, die aufgrund einer ehelichen Beziehung mit einem hier lebenden deutschen Staatsangehörigen nach Deutschland gezogen sind. Die Untersuchung umfasste die Datenerhebung von 215 Teilnehmerinnen mittels Online-Umfrage, wobei statistische Analysen erste vertiefende Einblicke ermöglichten. Darüber hinaus wurden zehn ausführliche Interviews geführt, und die qualitativen Informationen wurden durch die Methode der Inhaltsanalyse akribisch ausgewertet. Die Triangulationsmethode wurde anschließend angewandt, um die Ergebnisse der quantitativen und qualitativen Analysen zu kombinieren und das Verständnis für das komplexe Zusammenspiel der Herausforderungen, denen diese Frauen in ihrem beruflichen Leben gegenüberstehen, zu vertiefen, sowie den Einfluss der Mutterschaft und die damit verbundenen Auswirkungen auf ihr Gesamtwohlbefinden und ihre psychische Gesundheit. Die Studie enthüllt Zusammenhänge und zeigt die zentrale Rolle auf, die die Verfolgung eines sinnstiftenden beruflichen Lebens für die Gestaltung der Identität und psychischen Gesundheit von Migrantinnen spielt. Diese Forschung bietet eine einzigartige Perspektive und bereichert die akademische Diskussion über die Wechselwirkungen von Identität, Mutterschaft und beruflichen Bestrebungen innerhalb der Migrantengemeinschaft.

Schlüsselwörter: Hochqualifizierte Migrantinnen, Arbeit, interkulturelle Identität, psychische Gesundheit, Mutterschaft

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar la salud mental y el bienestar de inmigrantes académicas latinas que se han trasladado a Alemania debido a una relación conyugal con una persona alemana residente allí. En este contexto, ocupan un lugar central las cuestiones relacionadas con la vida profesional de estas mujeres, su construcción identitaria - con énfasis en la identidad bicultural y profesional - así como la importancia de la maternidad. La literatura es rica en estudios que se centran en los inmigrantes más vulnerables, es decir, los refugiados y los inmigrantes indocumentados. Sin embargo, el presente estudio, realizado en Alemania, se centra en mujeres latinas con estudios universitarios, las barreras que encuentran para acceder al nuevo mercado laboral, el papel de la maternidad y el impacto de la (in)satisfacción que experimentan en el ámbito laboral sobre su bienestar y su salud mental. En total, 215 mujeres completaron la encuesta en línea y la información se analizó estadísticamente. Diez de estas mujeres fueron entrevistadas y la información obtenida se analizó mediante el método de análisis de contenido. A continuación, se utilizó el método de triangulación para profundizar en el análisis combinando los resultados cuantitativos y cualitativos. Los resultados indican una correlación entre la importancia de la vida laboral para la identidad y la salud mental de las mujeres inmigrantes.

Palabras claves: inmigración matrimonial, identidad intercultural, vida laboral, salud mental, bienestar

Para Maria, mulher preta cuja presença e exemplo
atravessam minha vida.

*Für dich, Mo, der es immer schafft, mehr Leben
in mein Leben zu bringen.*

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço à minha orientadora, Teresa Joaquim – uma Ariadne! – sempre cuidando para que eu não me perdesse nos entrelaçados rizomas teóricos.

Obrigada a tod@s @s contador@s de histórias que enriquece(ra)m minha vida e suscita(ra)m minha curiosidade científica em meu consultório.

Meu agradecimento especial às Medeias de Eurípedes que me ajudaram a construir essa tese participando do inquérito online e das entrevistas.

E muito obrigada àquel@s que me ajudaram a buscar ânimo e coragem, participantes e literatura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
2 ALEMANHA: FATOS E DADOS QUE AFETAM A VIDA DO GRUPO ALVO.....	93
3 OPÇÕES METODOLÓGICAS	108
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	122
5 CONCLUSÃO.....	213
BIBLIOGRAFIA	226
ANEXOS	255

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. CONTEXTO ATUAL E O PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO	2
II. GRUPO-ALVO.....	7
III. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	8
IV. APRESENTAÇÃO DA TESE	9
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	10
1.1 IDENTIDADE.....	11
1.1.1 <i>Súmula da contribuição psicanalítica à discussão sobre o conceito de identidade</i>	12
1.1.2 <i>Hall e a crise da identidade</i>	25
1.1.3 <i>Bauman e a identidade líquida</i>	33
1.2 IDENTIDADE FEMININA.....	41
1.2.1 <i>Construção da identidade feminina</i>	41
1.2.2 <i>Sinopse da contribuição psicanalítica</i>	43
1.2.3 <i>Sinopse da teoria de Freud</i>	44
1.2.4 <i>Sinopse da contribuição dos psicanalistas pós-freudianos</i>	45
1.2.5 <i>Sinopse da contribuição de Simone Beauvoir</i>	47
1.2.6 <i>Sinopse da contribuição do feminismo</i>	48
1.2.7 <i>Sinopse da contribuição das ciências biológicas</i>	50
1.3 IDENTIDADE FEMININA E MATERNIDADE	52
1.3.1 <i>Falar de identidade de mulher é falar de maternidade?</i>	52
1.3.2 <i>Falar de identidade de mulher e falar de não-maternidade?</i>	54
1.4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM TEMPOS PÓS-MODERNOS	56
1.4.1 <i>Identidade feminina e vida profissional</i>	56
1.4.2 <i>Trabalho e Identidade</i>	57
1.4.3 <i>Identidade feminina e identidade profissional</i>	58
1.4.4 <i>Mulher, atividade profissional e identidade</i>	60
1.5 ACULTURAÇÃO.....	63
1.5.1 <i>Introdução</i>	63
1.5.2 <i>A teoria de John Berry</i>	66

(a)	Quatro estratégias de aculturação	67
(b)	Estresse aculturativo	70
(c)	Influências individuais e sociais na aculturação	72
(d)	Mudanças resultantes da aculturação.....	73
	I. Supostas limitações do modelo de Berry	73
1.5.3	<i>A teoria de Young Kim</i>	74
(a)	Teoria Integrativa	75
(b)	Dinâmica estresse-adaptação-crescimento (stress-adaptation-growth dynamic).....	76
(c)	Pessoalidade intercultural	77
(d)	A centralidade da comunicação	79
(e)	Características pessoais e adaptação intercultural	80
(f)	Supostas limitações	80
1.5.4	<i>A teoria de Verónica Benett-Martínez</i>	83
(a)	Breviaryum - Lições sobre a aculturação segundo revisão de Nguyen e Martinez	84
(b)	Frame switching	86
(c)	Bicultural Identity Integration (BII)	87
(d)	Supostas limitações	89
1.5.5	<i>Lições aprendidas sobre a aculturação e biculturalismo</i>	90
2	ALEMANHA: FATOS E DADOS QUE AFETAM A VIDA DO GRUPO	
	ALVO.....	93
2.1	DIMENSÕES CULTURAIS DA CULTURA ALEMÃ & ASPECTOS INTERCULTURAIS EM RELAÇÃO A LATINOS.....	94
2.1.1	<i>Individualismo vs. coletivismo</i>	96
2.1.2	<i>High uncertainty avoidance vs. Low uncertainty avoidance</i>	98
(a)	Low context vs. high context.....	98
2.1.3	<i>Tempo monocrônico vs. tempo policrônico</i>	99
2.2	MEDIDAS DE POLÍTICA PÚBLICA ALEMÃS QUE AFETAM O GRUPO ALVO	100
2.3	LEIS, REGULAMENTAÇÕES E MEDIDAS DO ESTADO ALEMÃO	102
2.3.1	<i>Recursos oferecidos pelo Estado alemão aos imigrantes</i>	102
(a)	Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados (Fachkräfteeinwanderungsgesetz)	102
2.3.2	<i>Recursos oferecidos pelo Estado alemão aos estrangeiros legalizados no país</i>	103
(a)	Reconhecimento de diplomas estrangeiros (Anerkennung ausländischer Abschlüsse).....	103
(b)	Curso de integração (Integrationskurs).....	104
2.3.3	<i>Recursos oferecidos pelo Estado alemão a todos os cidadãos</i>	104
(a)	Lei contra a discriminação (Antidiskriminierungsgesetz)	105

(b)	Auxílio-desemprego (<i>Arbeitslosengeld</i>).....	105
(c)	Benefícios associados à família	105
I.	Lei de proteção à maternidade (<i>Mutterschutzgesetz</i>)	105
II.	Subsídio parental (<i>Elterngeld</i>)	106
III.	A abono de família (<i>Kindergeld</i>)	106
IV.	Suplemento financeiro para crianças (<i>Kinderzuschlag</i>).....	106
V.	Salário e subsídio maternidade (<i>Mutterschutzlohn & Mutterschaftsgeld</i>)	106
VI.	Licença parental (<i>Elternzeit</i>)	106
VII.	Criação de filhos e aposentadoria (<i>Kindererziehung & Rente</i>).....	107
VIII.	Manutenção (financeira) de crianças (<i>Unterhalt für Kinder</i>)	107
IX.	Auxílio (financeiro) em caso de doença da criança (<i>Kinderkrankengeld</i>)	107
3	OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	108
3.1	ESTRATÉGIA DE RECRUTAMENTO E AMOSTRAGEM.....	112
3.2	INQUÉRITO ONLINE.....	115
3.2.1	<i>Instrumentos psicométricos</i>	116
(a)	Riverside Acculturation Stress Inventory (RASI)	116
(b)	Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale (WEMWBS)	117
(c)	Métodos de análise dos dados coletados através do inquérito	118
3.2.2	<i>Entrevistas</i>	119
a.	Coleta de dados e preparação do corpus	119
3.2.3	<i>Análise de conteúdo</i>	119
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	122
4.1	ANÁLISE ESTATÍSTICA DO INQUÉRITO.....	123
4.1.1	<i>Informações básicas</i>	124
(a)	Idades das participantes/ano de imigração.....	124
I.	Qual é sua idade atual?.....	124
(b)	Diplomas acadêmicos	124
I.	Qual era seu nível acadêmico ao chegar à Alemanha?.....	124
(c)	Área de formação acadêmica.....	125
I.	Em que área você se formou no seu país de origem?.....	125
(d)	Rconhecimento de diploma	125
I.	Qual é sua experiência em relação à Diplomanerkennung (reconhecimento de diploma)?	125
4.1.2	<i>Situação empregatícia</i>	126
(a)	Qual era sua situação empregatícia 18 meses após sua chegada à Alemanha? Qual é sua situação empregatícia atual?	126
(b)	Emprego	131

I. Qual era a importância financeira do emprego em sua vida em seu país de origem na Alemanha?.....	131
II. Importância do emprego ou atividade autônoma para a identidade pessoal	131
4.1.3 <i>Maternidade</i>	132
4.1.4 <i>Estresse de aculturação</i>	135
(a) Bem-estar mental.....	136
4.2 RESULTADOS SALIENTES DA ANÁLISE DESCRITIVA.....	137
4.2.1 <i>Grande grupo de imigrantes que nunca pediu reconhecimento do diploma</i>	137
4.2.2 <i>O impacto da Fachkräfteeinwanderungsgesetz</i>	138
4.2.3 <i>Diminuição da importância da vida profissional</i>	139
4.2.4 <i>Maternidade tardia</i>	139
4.2.5 <i>Importância da vida laboral ao se tornar mãe</i>	139
4.2.6 <i>Estresse de aculturação</i>	140
4.2.7 <i>Bem-estar e saúde mental</i>	140
4.3 ANÁLISE DE CORRELAÇÕES	141
4.3.1 <i>Literacidade em alemão e vida profissional</i>	141
4.3.2 <i>Vida profissional e reconhecimento de diploma</i>	142
4.3.3 <i>Vida profissional e identidade</i>	142
4.3.4 <i>Saúde mental e maternidade</i>	143
4.3.5 <i>Saúde mental e importância da vida profissional na Alemanha</i>	144
4.3.6 <i>Saúde mental e nível de estresse de aculturação</i>	145
4.3.7 <i>Saúde mental e ano de imigração</i>	145
4.4 RESULTADO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA USANDO MODELOS DE REGRESSÃO.....	146
(a) Regressão logística	146
4.4.2 <i>Interpretação dos Ors (odd ratio, razão de probabilidades)</i>	148
4.4.3 <i>Modelo linear tendo Riverside como variável resposta</i>	150
4.5 SUMÁRIO DAS DISCUSSÕES DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS	150
4.5.1 <i>Dificuldade de integração laboral no mercado alemão</i>	151
(a) As respondentes e o bem-estar e saúde mentais	151
(b) Dificuldade de integração laboral no mercado alemão e o bem-estar e saúde mentais	151
(c) Aculturação e saúde mental	151
(d) Maternidade e bem-estar e saúde mental.....	152
(e) Fatores de proteção contra depressão entre as respondentes	153
(f) Maternidade e imigração	153
(g) Maternidade e importância da vida laboral para a identidade	153

4.5.2	<i>Limitações da análise estatística</i>	153
4.6	ANÁLISE DE CONTEÚDO DO CORPUS DAS ENTREVISTAS	154
4.6.1	<i>As entrevistas e o método de análise</i>	154
4.6.2	<i>Análise dos resultados</i>	155
4.6.3	<i>As entrevistadas e as questões da identidade</i>	157
	(a) Identidade e identidade feminina	158
	(b) Identidade bicultural e o estresse de aculturação	161
	(c) As entrevistadas e o processo de aculturação	165
	(d) Como o processo de aculturação aconteceu, segundo as entrevistadas	167
4.6.4	<i>As entrevistadas e sua relação com a aprendizagem do idioma alemão</i>	168
4.6.5	<i>Estilo alemão</i>	172
	(a) Distância, frieza e rigidez	173
	(b) Inflexibilidade e Besserwisserei	175
	(c) Ordem e planejamento	176
	(d) Pontualidade e obsessão com o tempo	177
	(e) Afetividade latina	178
	(f) Racialização, eurocentrismo, hierarquia de culturas e outsider	179
4.6.6	<i>Reflexões das entrevistadas sobre suas vidas na Alemanha</i>	181
	(a) Razões para imigrar e avaliação atual da decisão tomada	181
	(b) A visão do país de origem	182
	(c) Sentimentos divididos	183
4.6.7	<i>A questão da maternidade</i>	185
	(a) Razões para tornar-se ou não mãe	186
	(b) Maternidade como compensação para a insatisfação laboral	188
	(c) (In)compatibilidade entre maternidade e carreira	188
	(d) Maternidade e identidade feminina	189
	(e) Dificuldades e facilidades de se ter/criar filhos na Alemanha	190
4.6.8	<i>Estudos e vida profissional</i>	191
	(a) Efeito da Fachkräfteeinwanderungsgesetz	193
	(b) Escolha da profissão	193
	(c) Expectativas e realizações	194
	(d) Desvalorização de/desinteresse por estudos feitos nos países de origem	195
	(e) Desafios enfrentados, decepções e algum êxito ao longo do caminho	195
	(f) Busca de informação e reconhecimento de diploma	196
	(g) Satisfação no trabalho e desenvolvimento pessoal	197
	(h) Diferenças nas atitudes de respeito em relação a títulos acadêmicos	198
	(i) Formas heterodoxas de entrar no mercado	199
	(j) Trabalhos abaixo da qualificação acadêmica	199

4.6.9	<i>Pensamentos políticos sobre imigração e situação feminina</i>	200
4.6.10	<i>Papel do dinheiro na vida do casal</i>	201
4.7	TRIANGULAÇÃO: O DIÁLOGO DOS DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS	204
4.7.1	<i>Vida laboral na Alemanha</i>	205
	(a) Literacidade em alemão e vida profissional	205
	(b) Reconhecimento de diploma.....	205
	(c) Situação empregatícia atual	206
	(d) Vida profissional e identidade	206
4.7.2	<i>Saúde mental das respondentes</i>	207
	(a) Saúde mental e importância da vida profissional na Alemanha	208
	(b) Saúde mental e nível de estresse de aculturação.....	208
4.7.3	<i>Maternidade</i>	209
	(a) O desafio de conjugar maternidade e vida profissional	209
	(b) Migração como estratégia familiar	210
	(c) Mulheres child free.....	210
4.7.4	<i>Resumo da triangulação</i>	210
5	CONCLUSÃO	213
5.1	SOBRE OS RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS, QUALITATIVAS E TRIANGULAÇÃO	215
5.1.1	<i>Saliência dos indicativos de depressão entre as imigrantes acadêmicas</i>	220
5.2	LIMITAÇÕES, QUESTÕES ÉTICAS & LIÇÕES APRENDIDAS.....	221
5.3	PALAVRAS FINAIS	224
	BIBLIOGRAFIA	226
	ANEXOS	255
I.	CARTA A COLABORADORES POTENCIAIS	256
II.	FLYER PARA RECRUTAMENTO EM PORTUGUÊS.....	258
III.	FOLHA INFORMATIVA PARA POTENCIAIS PARTICIPANTES	260
IV.	QUESTIONÁRIO ONLINE – EM PORTUGUÊS	262
V.	ROTEIRO DA ENTREVISTA	267
VI.	MAPA DE CÓDIGOS CRIADOS COM O MAXQDA PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	270
VII.	CORRESPONDÊNCIA COM PROF. BENETT-MARTÍNEZ SOBRE O PONTO DE CORTE DO TESTE RIVERSIDE.....	272

VIII.	E-MAIL DA DIRETORA DA AGÊNCIA DE MARKETING <i>THE AFRICAN COURRIER</i>	274
IX.	REGRESSÃO LOGÍSTICA	276
X.	TABELA DO MODELO LINEAR TENDO RIVERSIDE COMO VARIÁVEL RESPOSTA	278
XI.	POSTER DA <i>VERBAND BINATIONALER FAMILIEN UND PARTNERSCHAFTEN IAF E.V</i>	284
XII.	ARTIGO DA REVISTA <i>DER SPIEGEL</i>	286
XIII.	“A INTEGRAÇÃO DOS CÔNJUGES DE IMIGRANTES NA ALEMANHA”	294

ÍNDICE DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

TABELA 1.1. QUADRO TEÓRICO: IDENTIDADE.....	12
TABELA 2.1. QUADRO TEÓRICO: ACULTURAÇÃO	65
TABELA 3.1. QUADRO TEÓRICO: PRINCIPAIS DIMENSÕES CULTURAIS SEGUNDO HOFSTEDE E HALL.....	95
TABELA 3.2. PROGRAMAS E APLICATIVOS UTILIZADOS	112
TABELA 3.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DE PARTICIPANTES PARA O INQUÉRITO ONLINE E ENTREVISTAS.....	113
TABELA 3.4. . COMPOSIÇÃO DO INQUÉRITO ONLINE	115
TABELA 3.5. ETAPAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	120
TABELA 4.1. MÉDIA DE IDADES DAS PARTICIPANTES (N=205)	124
TABELA 4.2. NÍVEL ACADÊMICO AO CHEGAR À ALEMANHA.....	124
TABELA 4.3. ÁREA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA	125
TABELA 4.4. EXPERIÊNCIA COM O RECONHECIMENTO DE DIPLOMA.....	125
TABELA 4.5. RECONHECIMENTO DE DIPLOMA E A <i>FACHKRÄFTEINWANDERUNGSGESETZ</i> -1 (DIPLOMAS RECONHECIDOS PARA ENTRADA NO MERCADO).....	126
TABELA 4.6. RECONHECIMENTO DE DIPLOMA E A <i>FACHKRÄFTEINWANDERUNGSGESETZ</i> -2 (DIPLOMAS RECONHECIDOS PARA ENTRADA NO MERCADO - IMEDIATA OU APÓS EXAME NA ALEMANHA)	127
TABELA 4.7. IMIGRANTES QUE NUNCA TENTARAM O RECONHECIMENTO DE DIPLOMA – SITUAÇÃO EMPREGATÍCIA 18 MESES APÓS A CHEGADA	127
TABELA 4.8. IMIGRANTES QUE NUNCA TENTARAM O RECONHECIMENTO DE DIPLOMA	128
TABELA 4.9. 18 MESES DEPOIS DE SUA CHEGADA À ALEMANHA, QUAL ERA SUA SITUAÇÃO EMPREGATÍCIA? (N=205).....	129
TABELA 4.10. ATUALMENTE, QUAL A SUA SITUAÇÃO EMPREGATÍCIA? (N=205)	131
TABELA 4.11. IMPORTÂNCIA FINANCEIRA DE SEU EMPREGO/ATIVIDADE AUTÔNOMA EM... (N=205).....	131
TABELA 4.12. QUAL A IMPORTÂNCIA DE SEU EMPREGO/ATIVIDADE AUTÔNOMA PARA SUA IDENTIDADE (N=205).....	132
TABELA 4.13. NÃO TIVE FILHO NA ALEMANHA... (N=125)	133
TABELA 4.14. QUANDO TIVE FILH@ NA ALEMANHA (N=80).....	135
TABELA 4.15. MÉDIAS DO INVENTÁRIO RIVERSIDE (N=205).....	136
TABELA 4.16. VARIÁVEIS SELECIONADAS	146
TABELA 4.17. TESTE DE WALD PARA OS COEFICIENTES DO MODELO I	147
TABELA 4.18. TESTE DE WALD PARA OS COEFICIENTES DO MODELO II	148
TABELA 4.19. TABELA DE CONTINGÊNCIA	149

TABELA 4.20. INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE AS ENTREVISTADAS (NOMES FICTÍCIOS)	155
TABELA 4.21. HIPÓTESES INICIAIS	156
TABELA 4.22. EXEMPLO DE ASPECTOS BÁSICOS DA IDENTIDADE APONTADOS PELAS ENTREVISTADAS	158
TABELA 4.23. EXEMPLO DE ASPECTOS BÁSICOS DA IDENTIDADE FEMININA APONTADOS PELAS ENTREVISTADAS.....	160
TABELA 4.24. PROCESSO DE ACULTURAÇÃO E ESTRESSE.....	209
TABELA 4.25. BENEFÍCIOS PARA FILH@S	210

ÍNDICE DE FIGURAS /GRÁFICOS

FIGURA 1.1. FRASE RABISCADA POR FERNANDO PESSOA	39
FIGURA 1.2. ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO.....	68
FIGURA 3.1. DESIGN CONVERGENTE EM MÉTODOS MISTOS.....	110
FIGURA 4.1. TEMPO ENTRE A MIGRAÇÃO E O PRIMEIRO EMPREGO/ATIVIDADE PROFISSIONAL AUTÔNOMA	130
FIGURA 4.2. ESTRESSE DE ACULTURAÇÃO.....	136
FIGURA 4.3. RESULTADOS DO WEMWBS.....	137
FIGURA 4.4. IMIGRANTES, MATERNIDADE E BEM-ESTAR/SAÚDE MENTAL.....	144
FIGURA 4.5. IMPORTÂNCIA DA VIDA PROFISSIONAL (1 A 5) E RISCO DE DEPRESSÃO	144
FIGURA 4.6. NÍVEIS DE ESTRESSE DE ACULTURAÇÃO E RISCO DE DEPRESSÃO NÍVEIS DE ESTRESSE DE ACULTURAÇÃO E RISCO DE DEPRESSÃO	145
FIGURA 4.7. ANO DE MIGRAÇÃO PARA A ALEMANHA.....	146
FIGURA 4.8. RISCO DE DEPRESSÃO SEPARADO POR IDADE	149
FIGURA 4.9. MATERNIDADE E RISCO DE DEPRESSÃO	152
FIGURA 4.10. FREQUÊNCIA DE TEMAS POR PARTICIPANTE.....	157
FIGURA 4.11. FREQUÊNCIA DE REFERÊNCIAS A DIFERENTES ASPECTOS DO TEMA IDENTIDADE.....	158
FIGURA 4.12. ALEJIBRE (FRANK C. MÜLLER)	162
FIGURA 4.13. COMO AS ENTREVISTADAS DESCREVEM SEU PROCESSO DE ACULTURAÇÃO	166
FIGURA 4.14. ASPECTOS APONTADOS PELAS ENTREVISTADAS SOBRE O ESTILO ALEMÃO	173
FIGURA 4.15. EXEMPLOS DE COMENTÁRIOS DAS ENTREVISTADAS SOBRE INFLEXIBILIDADE E <i>BESSERWISSEREI</i> ALEMÃS	176
FIGURA 4.17. EXEMPLOS DE FALAS SOBRE ORDEM E PLANEJAMENTO	177
FIGURA 4.18. EXEMPLOS DE EXPERIÊNCIAS COM RACIONALIZAÇÃO, EUROCENTRISMO ETC.....	179
FIGURA 4.18. FREQUÊNCIA DE REFERÊNCIA A FACETAS DO TEMA ESTUDOS/TRABALHO.....	192
FIGURA 4.19. FREQUÊNCIA DE REFERÊNCIA A FACETAS DE ESTUDOS/TRABALHO DE ACORDO COM DATA DE CHEGADA.....	193
FIGURA 4.20. PENSAMENTOS DE CARÁTER POLÍTICO.....	201

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

BAMF (*Bundesamt für Migration und Flüchtlinge*; Repartição Federal de Migração e Refugiados)

BII (*Bicultural Identity Integration*)

BMBF (*Bundesministerium für Bildung und Forschung*; Ministério de Educação e Pesquisa)

BMFSFJ (*Bundesministerium für Familie, Senioren, Frauen und Jugend*; Ministério de Família, Idosos, Mulheres e Adolescentes)

BMWK (*Bundesministerium für Wirtschaft und Klimaschutz*; Ministério Federal dos Assuntos Econômicos e da Proteção do Clima)

BQFG (*Berufsqualifikationsfeststellungsgesetz*; Lei Federal de Avaliação de Qualificações Profissionais)

Destatis (*Statistische Bundesamt*; Repartição Federal de Estatísticas)

DeZIM (*Deutschen Zentrum für Integrations - und Migrationsforschung*; Centro Alemão de Investigação sobre Integração e Migração)

EU (*European Union*)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

OMS (Organização Mundial de Saúde)

RASI (*Riverside Acculturation Stress Inventory*)

SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*)

WEMWS (*Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale*)

ZAB (*Zentralstelle für ausländisches Bildungswesen*; Serviço Central do Ensino no Estrangeiro)

INTRODUÇÃO

I. CONTEXTO ATUAL E O PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

A mobilidade humana é um fenômeno complexo e dinâmico, impulsionado por diversos fatores. Nas últimas décadas, esse fenômeno tem se acelerado devido às facilidades propiciadas por avanços tecnológicos, tais como um maior número de alternativas de transporte, alguns com custos reduzidos, a agilidade de comunicação entre diferentes espaços geográficos e as relações transnacionais facilitadas pela queda de barreiras de circulação (Granada *et al.*, 2017; Dantas *et al.*, 2010). Esse processo de aceleração vem ampliando também os fluxos de capital, bens e serviços, assim como de conhecimentos (Granada *et al.*, 2017; Dantas *et al.*, 2010).

Estudos sobre a migração com diferentes enfoques são importantes por uma série de fatores. O volume, rapidez e diversidade do fenômeno migratório podem ser reconhecidos em diferentes aspectos e áreas o cotidiano das sociedades. Por exemplo, o interesse público sobre a questão tem aumentado, a mídia vem dando cada vez mais atenção a ela e o aumento da participação dos migrantes na economia, cultura e na política das sociedades de acolhimento torna-se cada vez mais nítida.¹ Na Alemanha, por exemplo, em 2021, 11,3% dos membros do *Bundestag* (parlamento alemão) tinham histórico de migração. Isso representa cerca de três pontos percentuais a mais do que em 2017. Nesse mesmo ano, viviam na Alemanha aproximadamente 8 milhões de alemães adultos com histórico de migração e que tinham direito a voto nas eleições federais. Esse grupo correspondia a quase 14% (4% mais que em 2017) dos eleitores.

A migração não é um processo homogêneo, dado que os fatores que levam indivíduos a migrar são diferentes, assim como a forma como cada um responde ao processo migratório (Bhugra *et al.*, 2014). Muitas pessoas optam por migrar devido a fatores de atração tais como a possibilidade de crescimento educativo, econômico, relações românticas; outras, são “empurradas” para fora de seus países por pressões negativas como fatores políticos, pobreza, terrorismo, conflitos armados ou intolerância religiosa (Angulo *et al.* 2014; Bhugra *et al.*, 2014; Dias e Gonçalves, 2017), crises humanitárias e mudanças climáticas extremas (UN, *n.d.*).²

¹ <https://mediendienst-integration.de>

²“The latest Intergovernmental Panel on Climate Changes (IPCC) assessment states that climate change is contributing to humanitarian crises, where climate and weather extremes are increasingly driving displacement in all regions. [...] According to the IFRC’s report ‘Displacement in a Changing Climate’, approximately 30.7 million people were internally displaced by disasters in 2020, over three times more than by conflict and violence. However, the people moving across borders face critical legal barriers and still need assistance” (<https://migrationnetwork.un.org/change>).

A migração é, de todos os modos, um processo social complexo que envolve mudanças em todas as áreas da vida (Coutinho, Rodrigues & Ramos, 2012). Adaptar-se a um novo ambiente social, uma nova cultura e língua, desenvolver estratégias de adaptação que permitam ao indivíduo “navegar” no novo ambiente podem significar enorme desafio (Ramos, 2008). O contato contínuo com outra cultura pode ocasionar o aparecimento de conflitos e crises relacionadas à dificuldade de adaptação a esse entorno (Dantas *et al.*, 2010). Os desafios desse processo são inúmeros e as adversidades por eles causadas levariam muitos imigrantes a vivenciarem diferentes matizes de ajuste emocional durante seu processo de adaptação ao novo país (Coutinho *et al.*, 2010; Bhugra *et al.*, 2014).

Existe, atualmente, uma vasta literatura científica sobre as alterações e sofrimentos provocados pelo processo migratório nos diferentes âmbitos da vida do imigrante como, por exemplo, social, laboral e cultural (Kim, 2008; Ramos, 2008; Franken *et al.*, 2009; Ramos e Franken, 2018). Entretanto, nota-se na literatura uma predominância de estudos dedicados a migrantes econômicos e refugiados, imigrantes indocumentados ou ilegais (Knipper & Bilgin, 2009; Coutinho *et al.*, 2010; Fazito, 2010; Delara, 2015, Razum, Wenner & Bozorgmehr, 2016; Ramos & Franken, 2018). Uma pesquisa no portal acadêmico *Google Scholar* usando os termos *illegal* e *immigration* resultou em mais de 1.200.000 resultados em inglês. Também em português, espanhol e alemão os resultados foram impressionantes.³ Os números revelam a importância do fenômeno migratório na atualidade, especialmente em relação aos migrantes mais vulneráveis. Nota-se, no entanto, que, em muitos artigos, há uma tendência de usar a palavra “imigrante” como se se referisse apenas a pessoas em situação de vulnerabilidade. Um leitor que, por alguns instantes que seja, se abstraia do contexto de enunciação, corre o risco de negligenciar o fato de que tal termo é, de fato, uma hiperonímia (*umbrella term*, designação abrangente) que abarca diversas categorias (hiponímias), nomeadamente, imigrantes de minorias étnicas e religiosas, imigrantes econômicos, refugiados políticos e vítimas de tráfico humano, *expats* e suas famílias, imigrantes educacionais, pessoas que migram devido à reunificação familiar, trabalhadores convidados pelo Estado estrangeiro, pessoas que imigram por razões românticas etc.⁴

A população migrante é multifacetada (Ramos, 2008). Dentro da hiperonímia imigrante se esvanecem muitas diferenças, como, por exemplo, razões da migração, gênero,

³ Em português, 17.500, em espanhol, 20.700, em alemão, 40.900. Busca realizada em outubro de 2022.

⁴ *Expats* é uma expressão curta para expatriados. No mundo corporativo, o termo se refere aos profissionais transferidos para trabalhar para a mesma empresa ou corporação em outro país.

classe social, condições econômicas, etnia, grau de escolaridade e profissionalização. Haja vista, por exemplo, que até os anos 1970, os estudos sobre imigração frequentemente não levavam em consideração diferenças de gênero nem de etnia, conforme demonstrou Assis (2007). Até aquele momento, a literatura clássica sobre migração, explicou Girona (2016), era marcada pela tendência a considerar como certos a causalidade econômica e trabalhista desse fenômeno, seu caráter individual e a predominância de homens migrantes. Tal paradigma perdeu a hegemonia paulatinamente no fim do século XX.

A partida da década de 1970, o gênero começou, então, a ser usado como uma categoria de análise do processo migratório, assim como a ideia da causalidade econômica passou a ser vista como apenas uma das múltiplas motivações para a migração (Girona, 2016). Segundo a autora, a partir desse momento discutem-se também migrações politicamente motivadas, migração de trabalhadores qualificados, de aposentados etc. Na academia e na política começou-se então a falar sobre a presença da mulher na migração (Miranda, 2009).

Peres e Baeninger (2012) apontaram que foram as feministas ⁵as primeiras a se preocuparem em tornar visível a posição das mulheres no fenômeno migratório. A quantidade de mulheres migrantes, que aumentou no final do século, a alta taxa de atividades econômicas exercidas por elas nas sociedades de acolhimento fomentaram o debate feminista sobre a posição social dessas mulheres e as relações de gênero no processo de migração (Girona, 2016). Cresciam não somente a quantidade de mulheres imigrantes, mas também a aceitação do conceito de mulher imigrante, ressaltou Miranda (2009).

A migração contemporânea vem se tornando um fenômeno cada vez mais feminino (Dias & Gonçalves, 2007; Miranda, 2009; Ramos, 2009, 2010, 2015; Riaño, 2013; Girona, 2016; Ramos e Franken, 2018). De acordo com a Organização das Nações Unidas, em 2020 havia 281 milhões de migrantes internacionais no mundo (3,6% da população mundial), entre eles 135 milhões mulheres (3,5% da população feminina mundial).⁶ O maior número de correntes migratórias ocorre por motivações econômicas, do Sul Global para o Norte; ou seja, de regiões menos afluentes para aquelas que oferecem mais e melhores possibilidades de trabalho (Riaño, 2013).⁷

⁵ Há de se considerar a possibilidade de que o viés androcêntrico das teorias migratórias tenha causado uma quase invisibilidade das mulheres na literatura científica sobre migração antes dos anos 1980. O fato de que há agora há mais estatística sobre o tema geraria a impressão de que a migração feminina está em crescimento (Leroy, 2023).

⁶ <https://www.un.org/>

⁷ “O Sul global não é um conceito geográfico, ainda que a grande maioria de suas populações viva em países do hemisfério sul. O Sul é antes uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo e pelo

Se por um lado há muitas similaridades entre as hiponímias de imigrante, por outro há muitas idiosincrasias que demandam uma atenção especial por parte dos estudiosos, dos profissionais da área de saúde, bem como dos políticos e legisladores responsáveis por políticas públicas voltadas para os imigrantes nos países de acolhimento. Além disso, como advogaram Belly *et al.* (1987), investigações sobre o tema da aculturação devem ser sempre desenvolvidas com base no contexto cultural em que acontece o fenômeno.

O tema “imigrantes em situação de vulnerabilidade” é de extrema importância e há uma crescente necessidade de ampliá-lo e aprofundá-lo. Não se deve, entretanto, negligenciar outros grupos de imigrantes igualmente confrontados por muitos dos desafios da imigração, mesmo que esses gozem de privilégios tais como situação legalizada, condições financeiras suficientes etc. Também esses grupos devem estar no foco do desenvolvimento de políticas públicas, em áreas como saúde, educação e habitação. Tais políticas, conforme advogou Guerra (2002), devem refletir uma visão de mundo e um projeto de sociedade.

O grande desafio das novas políticas sociais emerge exactamente desta capacidade de articular os projectos de sujeitos, grupos e territórios ditos de exclusão com os sempre escassos recursos que o sistema pode disponibilizar, e que essa articulação não é um mero processo de participação ou de associação, mas de *empowerment*, e é eminentemente político.

(Guerra, 2002:70)

Para serem eficazes e atenderem às necessidades das populações e dos indivíduos, exortaram Dias e Gonçalves (2007), as políticas sociais necessitam ser sensíveis à diversidade cultural e à diversidade de *backgrounds* dos imigrantes.

Na literatura especializada, vêm se avolumando os estudos focalizados sobre a migração de mulheres não profissionalmente qualificadas que deixam o Sul em busca de melhores oportunidades no Norte (Knipper e Bilgin, 2009; Coutinho *et al.*, 2010; Kristiansen *et al.*, 2016; Ramos & Franken, 2018). Por outro lado, conforme apontado por Riaño (2013) em seu estudo sobre migração feminina na Suíça, há muitas mulheres latinas profissionalmente qualificadas cuja emigração não foi motivada pela economia, mas sim por questões amorosas e por representações de gênero.⁸ Referindo-se às migrações motivadas pela relação romântica entre um indivíduo nativo e um estrangeiro a autora usou

colonialismo em nível global, bem como da resistência à superação ou minimização de tal sofrimento” (Santos, 2016: 16).

⁸ “Choosing a foreign partner is often motivated by the need to overcome the problem of local tensions between the sexes, which ultimately are caused by changing gender roles, as well as by simplistic imaginations of foreigners as ideal partners” (Riaño, 2003: 2).

o termo “imigração matrimonial”.⁹ Assim como a personagem Medeia da peça clássica de Eurípedes, datada de 431 a.C., essas mulheres, em nome do amor, abdicaram de suas famílias e culturas para recomeçar suas vidas no país de seu Jasão.¹⁰

Segundo o *Statistisches Bundesamt (Destatis)*, o órgão oficial de estatísticas demográficas da Alemanha, em dezembro de 2019, havia oficialmente no país 6.013.925 homens imigrantes e 5.214.370 mulheres imigrantes.¹¹ Esses dados se parecem às porcentagens mundiais que indicam serem 56% homens e 44% mulheres os imigrantes ao redor do mundo.¹² Entre os 175.065 emigrados da América Central e América do Sul, 102.460 (59%) eram mulheres. Esses dados, por sua vez, não refletem exatamente as porcentagens mundiais citadas. Informações encontradas na mídia social, associações sociais e de apoio a estrangeiros permitem um *educated guess* sobre tal discrepância.¹³ Há na Alemanha um alto número de casamentos binacionais entre alemães e latinos /africanos – sendo que, tendencialmente, o cônjuge estrangeiro é a mulher. Infelizmente não há dados oficiais claros tampouco regularmente publicados que confirmem essa suposição. Na busca de dados mais detalhados sobre aspectos como a razão da imigração ou nível de escolarização d@s imigrantes, consultaram-se, websites de ministérios ligados à imigração, embaixadas e consulados dos países de origem do grupo alvo, mas, infelizmente, não foram localizados dados mais detalhados.¹⁴

Segundo Lima e Togni (2012) a migração matrimonial não é um fenômeno nem recente nem raro. De acordo com o *Bundesministerium für Familie, Senioren, Frauen und Jugend* – Ministério da Família, Idosos, Mulheres e Jovens, no ano de 2017, 11,5% dos casais legalmente registrados na Alemanha eram binacionais.¹⁵ Essa porcentagem corresponde a cerca de dois milhões de casais. Deste total, 6,5% (cerca de um milhão e trezentos mil) eram formados por uma mulher estrangeira e uma pessoa alemã. Lamentavelmente não há registros consistentes nem sobre o país de origem das imigrantes, nem de seus graus de escolaridade/formação profissional.

⁹ Nesse estudo usar-se-á o termo já utilizado por Lima e Togni (2012) e Riaño (2013), ainda que as participantes não necessariamente sejam oficialmente casadas com uma pessoa alemã. Apesar de sua imprecisão, o termo pareceu mais adequado a um trabalho acadêmico que, por exemplo, “relação romântica” ou “relação amorosa”.

¹⁰ Comparação originalmente feita por Gil (2006 *apud* Lima e Togni, 2012: 1).

¹¹ A população total da Alemanha era de 83,09 milhões em 2019.

¹² www.destatis.de

¹³ *Educated guess* é uma terminologia da estatística que pode ser traduzida como hipótese fundamentada ou suposição plausível (Field, 2013).

¹⁴ Nesse texto, decidi-se pelo uso do sinal @ como forma de inclusão dos variados gêneros.

¹⁵ A população total da Alemanha era de 82,66 milhões em 2017.

II. GRUPO-ALVO

O grupo-alvo desse estudo são as mulheres latinas com nível universitário que se decidiram pela migração para a Alemanha devido a uma questão de conjugalidade, ou seja, para se juntar @ parceir@ que nasceu e vive nesse país. As participantes são migrantes com curso universitário completo cuja vida profissional já estava bem estabelecida em seus países antes da emigração e que se deslocaram para a Alemanha. Supôs-se que a legislação trabalhista alemã, assim como o idioma alemão, constituísse barreira profissional para muitas delas.

O problema investigado nesse estudo surgiu, de fato, de dois fatores principais. Primeiramente, a experiência privada da investigadora, brasileira, psicóloga e professora de literatura, casada com uma pessoa alemã e residente na Alemanha há mais de 20 anos; em segundo lugar, as histórias contadas, no consultório de psicologia da investigadora, por imigrantes cujos perfis moldaram o grupo de investigação eleito dessa pesquisa.

Precisar o tamanho do grupo alvo, lamentavelmente, não foi factível. Sabe-se, entretanto, com base em diferentes fontes, que as cifras são altas. Uma dessas fontes é o *Deutschen Zentrum für Integrations- und Migrationsforschung — DeZIM* – Centro Alemão para Investigação sobre Integração e Migração).¹⁶ De acordo com as projeções dessa organização, entre 540.000 e 880.000 pessoas seguiram seus parceiros para a Alemanha, sendo que mais de 30% são pessoas altamente qualificadas. 70% desses (aproximadamente) 30% são mulheres. Apenas pouco mais de 55% das pessoas que seguiram seus parceir@s para a Alemanha estão empregadas. As mulheres são maioria entre os não empregados. Outra fonte, o *Statistisches Bundesamt*, órgão responsável pelas estatísticas oficiais, publicou em 2018 uma lista chamada *Top 10 Partnerwahl – Top 10* de escolha de parceir@s.¹⁷ Nela se enumeraram as nacionalidades mais populares entre alemães na escolha de parceiras estrangeiras. Infelizmente, a lista apresenta somente dados relacionados a casais heterossexuais e oficialmente casados, o que, certamente, corresponde somente à parte da realidade. De todo modo, consta na lista que 643 brasileiras formavam o décimo maior grupo de mulheres estrangeiras que se casaram com homens alemães em 2017.¹⁸ Esse dado permite supor que se a lista se refere somente ao ano 2017 e se uma só nacionalidade entre as latinas já corresponde a um número de três dígitos, o

¹⁶ <https://www.dezim-institut.de/> As informações usadas nesse texto foram retiradas da website ao longo do ano de 2023

¹⁷ O Brasil é o único país latino que aparece nessa lista.

¹⁸ <https://www.verband-binationaler.de/>

número total real que inclui relacionamentos estáveis não oficializados – homo ou heteroafetivos – com alemães deve alcançar cifras significativas. Também dados de instituições como *Kofiza*, *inVia* e *Verband für Binationale Familien und Partnerschaft*, *Migropolis*, cujo público-alvo são estrangeiras e/ou casais binacionais, corroboram essa suposição.¹⁹

Women now account for an increased proportion of highly skilled migrants but there are still few analyses of their economic participation. Immigration selection and occupational entry policies are crucial for an understanding of the gendered experiences of migration for skilled migrants.

(Iredale, 2005: 155)

É importante ressaltar que as mulheres do grupo alvo são protagonistas de seu projeto migratório e levam consigo um elevado capital social, profissional e cultural, que lhes deveria abrir muitas possibilidades, mesmo além das fronteiras de seus países de origem. “[...] proceso mucho más complejo de lo que se piensa corrientemente... no es un proceso directo y obvio, sino que se compone de pasos, destinos y estrategias múltiples” (Riaño, 2007: 15).

III. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O objetivo principal desse estudo foi verificar se há uma relação entre a interrupção da carreira das mulheres imigrantes, sua percepção de identidade e a saúde mental. Sabe-se que a interrupção de uma carreira pode impactar o bem-estar e a saúde mental de qualquer pessoa (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007; Lima, 2007; Santos, 2011). No caso das mulheres do grupo alvo, esse *life event* (acontecimentos da vida), tem lugar num contexto especialmente rizomático.²⁰ Para além do desenvolvimento da identidade vivido por qualquer indivíduo, essas mulheres, paralelamente, passaram pelo desenvolvimento de uma adaptação intercultural, talvez, inclusive, desenvolvendo uma “identidade bi ou multicultural” – termo usado por Berry (2006) e Benet-Martínez (Benet-Martínez, Leu, Lee & Morris, 2002), ou uma “pessoalidade intercultural”, termo escolhido por Kim (2012). A manutenção do senso de identidade das imigrantes provavelmente passa

¹⁹ <https://www.invia-bayern.de/angebot/migration-integration/in-via-kofiza.html>.
<https://www.verband-binationaler.de/>, <https://migropolis.de/>

²⁰ Em psicologia, consideram-se *life events* eventos importantes da vida de uma pessoa que podem provocar grandes emoções e mudanças. Eles incluem, por exemplo, finalização dos estudos, mudança de país, morte de entes queridos, doença grave, perda de emprego etc. “*Normative life events happen to most of us, such as school and job transitions, marriage, and retirement. Nonnormative life events, such as surgery, accidents, or loss of loved ones, may be less frequent, or not happen at all*” (Schwarzer & Schulz, 2003: 1).

por um processo de expansão da identidade (ampliação do *self*), advogaram Dantas *et al.* (2020), devido ao necessário processo de adaptação à cultura acolhedora.

O estudo visou observar se as mulheres foram confrontadas pela dificuldade de integração laboral e como elas reagiram a isso. Pressupôs-se que pelo menos parte das mulheres viveram uma insatisfação devido a essa dificuldade, o que tornou importante verificar-se se essa vivência teve um impacto sobre a manutenção e desenvolvimento da identidade e da saúde mental. Questões complementares investigadas e discutidas com o objetivo de se aprofundar a análise dessa potencial relação envolvem os seguintes aspectos: (a) o processo de construção da identidade da mulher; (b) o grau de importância da profissão na construção de identidade dessas mulheres imigrantes profissionalmente qualificadas; (c) o papel da maternidade na construção de identidade e no grau de satisfação pessoal daquelas mulheres cuja satisfação laboral não pode ser encontrada – ou continuada – no país de acolhimento.

IV. APRESENTAÇÃO DA TESE

Após essa introdução, passar-se-á ao enquadramento teórico no qual se baseou a investigação. Os tópicos desse enquadramento são os seguintes:

- Identidade
- Construção da identidade feminina
- Aculturação
- Alemanha – Fatos e dados que afetam a vida do grupo alvo

Por tratarem-se de temas que se entrelaçam de forma rizomática, ver-se-á, à medida que o texto avança, que autores citados em sessões anteriores voltaram a ser citados de forma relacionada ao tema que está sendo tratado. Após a revisão da literatura apresentar-se-ão as opções metodológicas, a discussão de resultados e a conclusão.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 IDENTIDADE

*Uma parte de mim
É permanente
Outra parte
Se sabe de repente
Uma parte de mim
É só vertigem
Outra parte
Linguagem*
(Ferreira Gullar, 1930-2016)

O conceito de identidade tem sido questionado, nas últimas décadas, por diferentes áreas do conhecimento (da Silva & Amazonas, 2009), sendo que a tendência aponta para a desconstrução da ideia de uma identidade única, integral e originária (Bauman, 2001; Hall, 2006; Coutinho *et al.*, 2007;). Nas palavras de Joaquim (1999) e Joaquim e Barros (2019), o sujeito moderno é um “não-uno”, construído que é numa multiplicidade de espaços e de lugares. Todavia, conforme propõem Coutinho *et al.* (2007), não se pode negar a continuidade na história de vida de cada um.

Santos (2013) afirmou que o conceito de identidade nasceu da e com a modernidade, sendo a subjetividade o seu traço principal. A ideia de uma identidade móvel, formada por processos conscientes e inconscientes do sujeito, vem desde Freud (Poletto & Kreutz, 2014). Kim (2009) – em linha com autores como Bauman (2001), Hall (2006) e Mélo e Di Paolo (2007) – argumentou que o conceito de identidade sugere, etimológica e historicamente, a existência de um sujeito unificado, mas tal ideia já não corresponde ao sujeito da era da globalização, fragmentado e portador de novas identidades. A questão “quem sou eu?” acompanha o indivíduo ao longo de sua vida e, paradoxalmente, sempre recebe respostas diferentes (Freund, 2022).

Há um sem-número de artigos e teorias sobre identidade, pois esse é um conceito rizomático que se desdobra nas mais variadas direções. Pode-se discutir sobre identidade social, cultural, racial, feminina, profissional etc. Até mesmo o lugar onde o indivíduo nasceu, onde vive ou onde viveu se tornam importantes.²¹ Para os fins dessa investigação e

²¹ “Identidade de lugar é uma subestrutura da identidade pessoal construída a partir da interação do indivíduo com seu entorno físico e social. A construção da identidade de lugar está associada à percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos significativos para o sujeito” (Mourão & Cavalcante 2011). Esse é um aspecto especialmente interessante no contexto da migração, mas, por ser extenso, ultrapassa o escopo desse estudo.

dessa tese, contudo, se limitará a discussão em torno do nascimento do conceito identidade e sua evolução de acordo com a psicanálise (com destaque para a teoria de Erikson), assim como com os pontos de vista de Stuart Hall e de Bauman.

Tabela 1.1. Quadro Teórico: Identidade

Contribuição psicanalítica	Hall	Bauman
Identidade = móvel, formada por processos conscientes e inconscientes do sujeito (Freud)	Crise da identidade pós-moderna	A incompletude da identidade resulta da pós-modernidade e da globalização
Identidade = construção na relação com o Outro (Lacan)	Identidade = <i>moveable feast</i>	Identidade = líquida
Teoria do Desenvolvimento Psicossocial (Erikson)	Identidade = historicamente construída / sob influência cultural e política	Identidade = “passado misto” de uma pessoa
Identidade = processo nunca acabado (Butler)	Sujeito pós-moderno descentrado e suturado	Alteridade é a base da identidade
Identidade = rizoma (Deleuze e Guattari)	Identidade = diferentes papéis desempenhados nos sistemas culturais em que o sujeito se encontra, onde é representado ou interpelado.	Processo de transformação contínua devido às incertezas e as inseguranças da "modernidade líquida".

Fonte: Elaborado pela autora

1.1.1 Súmula da contribuição psicanalítica à discussão sobre o conceito de identidade

A noção de uma identidade plural ou processual tornou-se, hodiernamente, familiar à psicanálise e às ciências sociais (Frosh & Baraitserd, 2009). Apesar disso, alertaram os autores, a psicanálise, em geral, segue mostrando posições contraditórias sobre tal questão, o que pode ser subentendido como um reflexo de sua própria identidade fraturada. Segundo (2005 *apud* Hoffmann, 2008). Sigmund Freud foi, de todos os modos, o fundador do conceito identidade nas ciências humanas

O princípio básico da teoria freudiana é a noção de inconsciente e, conseqüentemente, de suas instâncias formadoras, nomeadamente, o *id*, o *ego* e o

superego.²² Foi Freud quem iniciou toda a reflexão moderna sobre a identidade ao assinalar que o indivíduo estrutura o seu próprio Eu através da troca identificadora com aquilo que o rodeia, asseverou Kaufman (2005 *apud* Hoffmann, 2008). No texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” (1917), Freud relata três golpes narcísicos que a humanidade sofrera, isto é, três maneiras diferentes de destruição do narcisismo: o golpe cosmológico, devido à descoberta heliocêntrica de Nicolau Copérnico (1473-1543); o golpe biológico, por causa da Teoria da Evolução de Darwin (1809-1882); e o golpe de natureza psicológica, advindo da própria Psicanálise.

*das Triebleben der Sexualität in uns nicht voll zu bändigen ist, und dass die seelischen Vorgänge an sich unbewusst sind, dem Ich zugänglich und ihm unterworfen werden, kommen der Behauptung gleich, dass das Ich nicht Herr sei in seinem eigenen Haus.*²³

(Freud, 1917: 5)

Também Stuart Hall, décadas mais tarde, se referiu à teoria psicanalítica ortodoxa de Freud sobre o inconsciente humano como um grande divisor de águas da história: o segundo “descentramento/deslocamento” na trajetória do sujeito sociológico moderno. Ao desenvolver o conceito de inconsciente, Freud destruiu a ilusão do completo autoconhecimento humano, abalou a crença de que o ser humano detém o poder sobre suas próprias escolhas, mostrando que o *ego*, de fato, não é mestre nem mesmo em sua própria casa (Hall, 2006).

Foi a partir de seu texto sobre o narcisismo (*Uma introdução ao narcisismo*, 1914) que Freud passou a investigar o privilégio da identidade em direção à descoberta da alteridade como constitutiva do ser. Freud insistiu constantemente na importância indelével da presença do Outro no processo de constituição do Eu (Moreira, 2009). A pulsão de autoconservação - ou do Eu - parece trabalhar almejando a manutenção do ideário moderno de uma consciência submetida à realidade e à perspectiva da manutenção da ordem. O Eu não se conhece a si mesmo sem a presença originária e estruturante do Outro, primeiramente a mãe/o pai/os primeiros cuidadores, depois os demais (Moreira, 2009). Para o pai da psicanálise, a identidade é algo móvel, formada por processos conscientes e inconscientes do sujeito (Poletto & Kreutz, 2014).

²² O inconsciente seria formado por três instâncias: o *id*, uma energia psíquica inconsciente que trabalha para satisfazer desejos básicos do sujeito; o *ego* que emerge ao longo do processo de desenvolvimento psíquico com a função de mediar as urgências do *id* e as demandas da realidade; o *superego* que engloba valores e morais internalizados pelos sujeitos e tenta levar o *ego* a agir de uma forma virtuosa. (Freud, 1926, *Inibição sintomas e ansiedade*)

²³ Tradução livre da pesquisadora: “O impulso da vida sexual em nós não pode ser totalmente domado e os processos da psiquê são em si mesmos inconscientes. Eles só são acessíveis ao sujeito através de uma percepção incompleta e não confiável, o que leva à conclusão de que o Eu não é mestre em sua própria casa” (Freud, 1917: 5).

Também na psicologia individual de Alfred Adler, contemporâneo e colaborador de Freud, de quem se tornou rival teórico na psicanálise, a unicidade e indivisibilidade eram princípios inalienáveis do processo de construção da identidade (Leal & Antunes, 2015). Diferentemente de Freud, entretanto, Adler buscava entender cada indivíduo particular em suas dimensões consciente e inconsciente, em sua relação com seu meio (*idem*).

Jacques Lacan, um dos principais sucessores de Freud, é reconhecido na tradição psicanalítica por ter expandido sua teoria de forma inovadora. Para ambos, Freud e Lacan, a experiência de identidade não é inata, mas sim uma construção que se engendra na relação com o Outro. Dessa forma, pode-se afirmar que as duas abordagens estão de acordo com o significado etimológico do latim *identitas*: nós nos tornamos nós baseados no contexto das relações de Objeto, um tema que foi mais tarde elaborado no modelo lacaniano.²⁴ Lacan qualifica os seres humanos como agentes que se identificam ativamente com elementos dos Outros, considerando esses Outros como espelhos de si mesmos. Conseqüentemente, a experiência da identidade subjetiva seria fundamentalmente alienada, inevitavelmente constituída por elementos alheios derivados do Outro (Vanheule & Verhaeghe, 2009). A base para a criação de uma identidade é uma relação binária focada numa Outridade (Pinto, 2002 *apud* Noack, 2006). Segundo Frosh e Baraitser (2009), tanto Lacan como seus seguidores se alinharam firmemente, dentro da psicanálise, com aqueles pensadores que refutam a estabilidade dos desejos preferindo rastreá-los como modos de se pensar a identidade, como um agregado frágil e momentâneo de forças contraditórias, como as próprias ideias inconscientes, explicaram os autores.

Na década de 1950, o psicanalista Erik Erikson (1902-1994) apresentou ao mundo seu modelo de desenvolvimento humano, a *Teoria do Desenvolvimento Psicossocial*.²⁵ Todo o modelo de Erikson tem como base a teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud, estendida por Anna Freud. Na tradição freudiana, o conceito de ego refere-se ao poder interno de síntese através do qual as experiências são organizadas e as ações são guiadas (Vanheule & Verhaeghe, 2009; Noack, 2010). Como Freud e outros teóricos, Erikson advogou que a personalidade e a identidade se desenvolvem em uma ordem pré-

²⁴ “The mirror stage, which in Lacan’s view is an indispensable stage in the development of the Self, thus fixates the Self in the area of the imaginary” (Thomas-Olalde & Velho, 2011: 28).

²⁵ Robert J. Havighurst (1900-1991), sociólogo americano, desenvolveu um modelo semelhante ao de Erikson (1902-1994), também baseado na ideia de *life cycle*, porém com maior ênfase em aspectos pedagógicos. Interessantemente, não se encontrou nem na Internet nem nas bibliotecas pesquisadas qualquer referência sobre uma intersecção entre os trabalhos dos dois autores. Dado o fato de ambos serem da mesma área acadêmica, viverem no mesmo tempo e país, poder-se-ia supor que se trate de um caso de *silos thinking* (efeito silo).

determinada, e que cada etapa se baseia na etapa anterior (princípio epigenético). Da teoria freudiana, Erikson enfatizou, entre outros aspectos, a importância do inconsciente, bem como a sucessão de experiências da primeira infância, especialmente em relação ao desenvolvimento psicosssexual e sua influência sobre a identidade. Ele, porém, foi além de Freud ao teorizar sobre identidades como resultados epigenéticos tipificados e de adaptações a circunstâncias histórico-culturais. Erikson, assim como Adler, acreditava que o indivíduo não pode ser compreendido fora de seu contexto social e colocou grande ênfase em fatores socioculturais. Ele acreditava que, durante todos os estágios de desenvolvimento psicossociais, esses fatores influenciavam fortemente o processo de formação da identidade. “*An individual life cycle cannot be adequately understood apart from the social context in which it comes to fruition. Individual and society are intricately woven, dynamically related in continual change*” (Erikson, 1994: 114).

Segundo Sokol (2009), Erikson foi o primeiro teórico a relacionar claramente identidade e cultura, uma combinação que viria a ser vastamente estudada posteriormente. A *Teoria do Desenvolvimento Psicossocial* de Erikson revolucionou os conhecimentos sobre o desenvolvimento humano, sendo ainda um ponto de referência para muitos estudos sobre desenvolvimento identitário (Hoare, 2002; Appiah 2018; Peck, 2018). Para Noack (2010), a teoria da identidade de Erikson está embutida em sua teoria do desenvolvimento. Para Erikson, cada etapa de vida, desde a infância até a velhice, estaria associada a um conflito inerente (*turning point*), interno e externo, que o indivíduo deveria enfrentar e resolver com sucesso para prosseguir em seu desenvolvimento (Sokol, 2009). Sacco (2003) esclareceu que Erikson sustentava que os indivíduos atravessam, ao longo da vida, uma série de oito estágios de desenvolvimento, cada um caracterizado por uma questão psicológica única, também denominada conflito ou crise.²⁶ O grau de resolução (ou irresolução) de cada estágio formaria as características da personalidade individual e impactaria o grau de resolução (ou irresolução) dos estágios posteriores (Sokol, 2009). As tarefas de desenvolvimento, ainda que estudos apresentem variações no que diz respeito a idades específicas, culturas e períodos históricos, descrevem questões que, devido a demandas sociais e culturais e a fatores biológicos, surgem em uma determinada fase da vida do indivíduo (Freund, 2022). Tais tarefas estão ligadas à personalidade e aos valores

²⁶ Em 1998, Joan, esposa de Erikson, revisando o livro *The Life Cycle Completed* do esposo, acrescentou ideias que ele não havia ainda publicado. Uma delas foi o nono estágio psicossocial, desgosto *versus* desesperança, relativo a pessoas acima de 85 anos. A crise dessa nona fase se refere à "autoabsorção" – necessidade de voltar-se para si e refletir sobre a vida – e "comunidade" – necessidade do apoio e auxílio do ambiente social do idoso (Lima *et al.*, 2011: 2).

personais que, por sua vez, também estão relacionados com a respectiva estrutura social e cultural em que se está inserido, explicou a autora.

Erikson definiu os oito estágios de desenvolvimento da seguinte forma: confiança *versus* desconfiança (1-1,5 anos), autonomia *versus* vergonha e dúvida (1,5 -3 anos), iniciativa *versus* culpa (3-6), indústria *versus* inferioridade (6-12), identidade *versus* confusão de identidade (12-18), intimidade *versus* isolamento (19-40), geratividade *versus* estagnação (40-65) e integridade do ego *versus* desespero (65+) (Sacco, 2003; Sokol, 2009). Esse longo processo de desenvolvimento que deveria levar à formação da identidade quase completa ao fim da adolescência está, de fato, em contínua transformação até o fim da vida.

Ainda que para Erikson a infância e, sobretudo, a adolescência tenham importância crucial para o desenvolvimento da identidade, as questões que marcam a definição da identidade ainda não estão fixadas com o fim desses períodos e realização das tarefas a elas relacionadas. Há ainda um alto potencial de modificação durante toda a vida adulta devido a novas experiências. O início da vida adulta (20-40 anos), por exemplo, é marcado pelo desenvolvimento e consolidação de metas. Além da implementação de um caminho vocacional, crescem o desejo de se estabelecer relações interpessoais significativas e duradouras, assim como o de formar uma família.²⁷ Chegando aos 40 anos, entra-se na meia-idade, que se estende até meados dos 60 anos. A tarefa social que caracteriza essa etapa é: geratividade *versus* estagnação. Geratividade envolve encontrar “o trabalho de sua vida”, significativo e produtivo, que contribua positivamente para a sociedade. Envolve contribuir para o desenvolvimento dos outros através de atividades como o voluntariado e a criação de filhos. Aqueles que não dominam essa tarefa podem experimentar estagnação e sentimento de vazio existencial. Em linha com Erikson, Srivastava *et al.* (2003) afirmaram que os três domínios sociais que mais se modificam no início da vida adulta e na meia-idade são o trabalho, a conjugalidade e a parentalidade. É nesse período que aparece a sensação de que a vida está “meio acabada”, por isso não é raro que os indivíduos procurem reavaliar, redefinir e reajustar seus papéis profissionais e sociais (Kroger, 2007 *apud* Sokol, 2009). Pessoas em transição de jovens adultos para

²⁷ A teoria de Erikson, sobretudo a parte que se refere à vida adulta, será uma das ramas teóricas rizomáticas dessa investigação. A escolha dessa teoria justifica, por exemplo, o ponto de corte de idade estabelecido como critério de inclusão das participantes. Uma vez que o foco da investigação é a importância da carreira profissional na vida e no desenvolvimento da identidade das imigrantes que se mudaram devido a uma união conjugal, é necessário trabalhar-se com participantes que estejam nesse estágio de desenvolvimento teorizado por Erikson, em que o indivíduo teoricamente estaria pronto para “compartilhar a vida com outros”, para criar filhos e para dedicar-se a uma profissão.

adultos médios frequentemente modificam valores, objetivos e ideais pelos quais lutar, bem como o grau de importância que dão a diferentes aspectos da vida (Harker & Solomon, 1996 *apud* Sokol, 2009).

As mudanças nas circunstâncias da vida também podem causar o reexame das questões de identidade (Sokol, 2009). São muitos os *life events* típicos da meia-idade adulta que podem influenciar a identidade, como: mudanças de carreira, realocações geográficas, retomada da educação, divórcios, recasamentos e morte de pessoas queridas. O entorno social, isto é, as pessoas que cercam e delimitam as configurações da existência de um indivíduo são, permanentemente, potenciais influências sobre sua subjetividade. Também Dantas *et al.* (2010) afirmaram que a identidade só existe contextualizada, sendo sempre um conceito relacional, contrastivo, resultante de negociações e revestido de uma dimensão política. Papéis sociais e ambientes sociais mudam ao longo da vida, diversos são os eventos da vida que se apresentam à pessoa e tais fatores têm sido sugeridos como marcadores importantes na formação dos traços básicos da identidade (Srivastava *et al.*, 2003). Consoante com essas ideias, Hall e Du Gay (2006) afirmaram que a identidade é formada na interação entre o Eu e a sociedade, como uma “negociação”, nas palavras de Sousa (2013), em alusão aos jogos de polissemia que dão corpo e vida a identidades como “mulher”, “latino-americana”, “imigrante”, “profissional” etc.

A questão central da identidade, para Erikson, seria a capacidade do ego de manter a “mesmice” - similitude” (*sameness*), isto é, a continuidade face às mudanças provocadas pelo destino.²⁸ “*Indeed, in the social jungle of human existence, there is no feeling of being alive without a sense of ego identity*” (Erikson, 1994: 95). Em outras palavras, o processo de formação da identidade envolve a criação de um senso coerente de *self* e de quem se é em relação ao mundo, gerando uniformidade na diversidade. Essa ideia contrasta com teorias pós-modernas como as de Hall e de Bauman, por exemplo, mas, ao mesmo tempo, não contrariam os conceitos deleuzianos de diferença e repetição.²⁹ Como afirmou Keupp (2013), o discurso pós-modernista sobre a teoria da identidade fez uma ruptura radical com todas as noções que apontem para a possibilidade de uma identidade estável e segura. Qualquer concepção de identidade que postule o núcleo ou essência de nosso ser, pertence ao passado, advogou Hall (1994 *apud* Keupp, 2013). Por considerar a noção de *sameness*

²⁸ “But here it is necessary to differentiate between personal identity and ego identity. The conscious feeling of having a personal identity is based on two simultaneous observations the perception of the selfsameness and continuity of self”(Erikson, 1976: 22).

²⁹ A teoria desses pensadores será apresentada e discutida posteriormente neste texto.

(permanecer o mesmo) ultrapassada, Bauman (2001) refutou a insistência de Erikson em reafirmar que uma pessoa cuja identidade está bem desenvolvida, mantém a sensação subjetiva de semelhança pessoal e de continuidade histórica. Para Bauman, a chamada "crise de identidade" não é nem uma condição rara de doentes mentais nem uma condição passageira da adolescência, uma vez que "semelhança" e "continuidade" são sentimentos raramente experimentados, hoje em dia, quer pelos jovens, quer pelos adultos.

Ainda que a teoria de Erikson tenha sido reconhecida como magistral, ela também foi criticada por diferentes razões. Sokol (2009), por exemplo, destacou como falha seu estilo ambíguo de escrita. Hoare (2002 *apud* Sokol, 2009) explanou, em concordância com Peck (2018) que, ao tratar do tema identidade, Erikson utilizou indistintamente uma variedade de termos relacionados, sem oferecer explicações.³⁰ Peck (2018) declarou que Erikson, ao elaborar sua teoria, não foi insensível às implicações da confusão terminológica para sua compreensão de e, por isso, dedicou considerável parte de seu trabalho pós-1969 para tentar esclarecer tais conceitos. Sorell e Montgomery (2001) alertaram para o viés antropocêntrico da teoria de Erikson, embora a considerem enriquecedora para o ponto de vista feminista do desenvolvimento e comportamento humanos.³¹ Appiah (2018), por sua vez, afirmou que Erikson criou sua teoria referindo-se a um *we* que, de fato, não significava nós humanos, mas os norte-americanos. Sua tentativa foi, segundo ele, a de elaborar uma teoria sobre uma (super)identidade americana nascente, formada naquele momento por uma ampla variedade de imigrantes. Fê-lo, entretanto, desluzindo que a questão da identidade já existia muito antes daqueles tempos. Appiah (2018) ressaltou que a própria história pessoal de Erikson parece ter sido o marco inicial de seus estudos sobre personalidade e identidade. Vale lembrar que Erikson, judeu alemão, rejeitou o nome de sua família biológica, adotou o nome do padrasto, em 1933, emigrou para os Estados Unidos e ali se naturalizou, tornando-se, então, parte dessa identidade coletiva nascente sobre a qual teria teorizado.

Erikson também tem sido criticado por transmitir mensagens contraditórias ao falar sobre o desenvolvimento da identidade depois da adolescência (Sokol, 2009). Ao mesmo tempo em que afirmou ter a identidade um alto potencial de transformação ao longo de toda a vida, sugeriu que preocupações relativas a ela se desvanecem à medida que as

³⁰.Notadamente os termos identificação, formação da identidade, desenvolvimento da identidade, consolidação da identidade, encerramento da identidade e resolução da identidade.

³¹ "Theoretical androcentrism is the practice of placing men and their interests, preferences, and characteristics — physical, psychological, and behavioral — in the center of a theoretical endeavor" (Eichler, 1988 *apud* Sorell & Montgomery, 2001: 112).

questões de intimidade, seguidas por generatividade e integridade, se tornam o foco principal. Na opinião de Sokol (2009), Erikson foi bastante vago sobre as causas do desenvolvimento psicossocial. Ele não ofereceu explicações, por exemplo, sobre que tipos de experiências as pessoas devem ter para resolverem com sucesso cada crise psicossocial e avançar para a seguinte. Tampouco explicou claramente como o resultado de um estágio psicossocial influencia a personalidade em um estágio posterior. Falta à sua teoria, do ponto de vista de Sokol, um mecanismo universal para a resolução de crises.

Na avaliação de Frosh e Baraitser (2009), ainda que a psicanálise, fragmentada como é, siga cheia de posições controversas sobre a questão da identidade, advoga pelo amplo reconhecimento de seu caráter plural e processual. Por um lado, ainda há, na teoria, traços da natureza aparentemente estável (*sameness*) e da estabilidade alcançada em algum ponto da vida adulta e que oferecem resistência a mudanças – dominante até Erikson. Por outro lado, há a visão da identidade como fluida e múltipla, embutida na compreensão de ideias inconscientes como variáveis, contraditórias e parciais. O pensamento psicanalítico, advogaram, permite conceituar os processos pelos quais os sujeitos humanos se investem de identidades particulares, por exemplo, através de conexões emocionais com grupos/frações sociais específicas.

Para Frosh e Baraitser (2009), hodiernamente, o olhar psicanalítico oferece uma lente que permite captar forças múltiplas e contraditórias que podem produzir fixidez, assim como a permeabilidade da fronteira entre o dentro e o fora. O postulado-chave intersubjetivo talvez seja que a identificação com os pais - e com outras pessoas posteriormente - leva a experiências mais complexas e elaboradas de identidade em uma variedade de contextos. Tanto os processos construtivos (como a identificação) quanto o investimento são, em grande parte, inconscientes, explicaram os autores. O investimento emocional dos sujeitos nesses processos é que daria às identidades seu significado. Esse significado, por sua vez, traria a sensação de que as identidades são vividas como se fossem dadas em vez de escolhidas, como se tivessem sido recebidas já inteiras com a missão de constituir a essência do sujeito.

A implicação disto é que as identidades podem ser vividas como reais, mas na verdade são constituídas no fluxo de impulsos contraditórios, colocando a psicanálise em linha com a tendência geralmente desconstrutiva do pensamento moderno que entende identidade como lugar ou local.

(Frosh e Baraitser, 2009: 157)³²

³² Tradução livre da pesquisadora.

Esses autores postularam, entretanto, que o maior e mais interessante desafio para as teorias de identidade não vêm da clínica nem da teoria acadêmica, diretamente, mas do mundo real, das mudanças tecnológicas – com destaque para a Internet – mas também da globalização, das guerras, dos desastres naturais e tecnológicos, bem como das promessas da biomedicina. Em linha com Bauman e Hall, os autores explanaram que esses fatores tiveram impacto significativo nas questões relacionadas à identidade e ao autodesenvolvimento dos indivíduos. O mundo real, em seu eterno processo de mudança, desloca, reposiciona o sujeito e transforma as formas de se pensar a identidade. A psicanálise reage de modos diferentes ao atualizar-se nesse contexto pós-moderno. Frosh e Baraitser (2009) analisaram duas diferentes direções, resumidas a seguir, que representariam as tendências mais atuais da percepção da identidade pela psicanálise.

Alguns teóricos psicanalistas pós-freudianos, esclareceram Frosh e Baraitser, se lançaram na direção de um pós-humano multifacetado, que corresponderia ao sujeito fragmentado e instável da pós-modernidade apontado por Hall, Bauman e outros. Esse sujeito, mais uma vez deslocado, seria o “pós-humano mediado tecnologicamente, fluido, ético, nômade, sujeito simultaneamente global e produzido localmente” (Bridotti, 2006 *apud* Frosh & Baraitser, 2009: 159). Essa ideia alinha-se às afirmações de Bauman sobre a questão da identidade em tempos de redes sociais. A modernidade líquida, advogou Bauman (2011), adaptou as qualidades algo desumanas da era digital e as qualidades multifacetadas resultantes da globalização, mudando radicalmente o significado do termo identidade ao acrescentar-lhe novas “camadas”.

Em contraste com a ideia da identidade do pós-humano, prosseguiram Frosh e Baraitser (2009), outros teóricos psicanalistas partiram para retomar ou resgatar um modernismo humanista que recusa o desconstrucionismo pregado pelos teóricos da linha anterior. Esse movimento, afirmaram, pode ser visto sobretudo no fascínio mostrado pelas ciências sociais, particularmente em suas variedades empíricas e terapêuticas. Segundo os autores, dois exemplos de pensadores que seguiram nessa direção são Judith Butler e Jessica Benjamin. Segal (2007 *apud* Frosh & Baraitser, 2009) advogou que a teoria de Butler pode refletir um recuo, mas deve não ser entendida como retrocesso, pois convoca para o engajamento. O mesmo parece ser aplicável às ideias de Benjamin. Essas autoras estão em desacordo entre si em muitos aspectos, mas ambas insistem no significado da dependência e profundidade subjetiva, mesmo quando elas deslocam a fonte de significado para longe do indivíduo encerrado (Frosh & Baraitser, 2009). Para Butler, “*One does not*

always stay intact. (...) despite one's best efforts, one is undone, in the face of the other, by the touch, by the scent, by the feel" (Butler, 2004: 19).

A filósofa e teórica de gênero Judith Butler, com seu pensamento performativo, alimentou a ascensão da teoria *queer* tanto especificamente no domínio da sexualidade quanto na filosofia política, literatura, ética etc. Tendo se concentrado no tema identidade de gênero, a autora, inevitavelmente, trabalhou com o conceito de identidade.³³ Assim como Bauman e Hall, entre outros, ela também entende a identidade como processo. Para clarificá-lo, usou a figura do transexual. Sua identidade, assim como a de todos os indivíduos, está em vias de ser alcançada, não concluída (*in-betweenness*, Butler, 1999: xi). Além disso, Butler questiona em que medida os termos utilizados em discussões teóricas ou políticas podem ser precisos. Nem mesmo o termo mulher denota uma identidade comum entre seres humanos, argumentou. O gênero, exemplificou, é constituído de formas diferentes, nem sempre coerente ou consistentemente, em diferentes contextos históricos. Isso porque o gênero se cruza com modalidades de classe, étnicas, sexuais e regionais de identidades constituídas de forma discursiva (Butler, 1999). A autora (1997 *apud* Frosh & Baraitser, 2009) referiu-se à teoria freudiana sobre a melancolia como uma forma de examinar seu papel na formação do gênero, voltando gradualmente para o espaço do que parece ser uma política de identidade. Para Butler o *status* do Eu é sempre extrínseco, explicaram Frosh e Baraitser (2009). Tornar-se um Eu é ser diferente de si mesmo e já ter se perdido múltiplas vezes através das relações com o Outro, retornando a si mesmo, mas diferente (Frosh e Baraitser, 2009).

Jessica Benjamin, psicanalista e teórica americana que aborda a intersubjetividade na psicanálise, tem sido frequente interlocutora de Butler. Ela se dedicou a explicar processos de identificação que permitem ao Eu e ao Outro manterem sua separatividade na ligação emocional. Nesse encontro, embora possa parecer que há uma fixidez da identidade, cada um seria si mesmo sem impedir uma ligação emocional e inconsciente com o Outro. O foco de Benjamin, conforme Frosh e Baraitser (2009), é a possibilidade oferecida pelos estados transitórios para que os sujeitos se encontrem num "lugar" terceiro. Nesse encontro se dissolveriam temporariamente os limites do Eu, que poderiam ser recuperados posteriormente – total ou parcialmente – de forma a manterem sua agência e sua interioridade, permitindo o reconhecimento do Outro como separado de si. A afirmação de uma identidade uniforme, afirmou Benjamin (2012), desvaloriza a vida do Outro. O

³³ Ver *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1999)

reconhecimento é construído a partir da compreensão da alteridade contínua do Outro (Benjamin, 2012). Como explicaram Frosh e Baraitser (2009), para Benjamin o reconhecimento se baseia na absorção do Eu pelo Outro, assim como impede que o Outro seja colonizado pelo Eu. Assim, é levantada a possibilidade de se permitir a diferença, mas também de se apreciar a similaridade. Diferença implica passagem por algum processo no qual a subjetividade é aniquilada, negada ou modificada pelo outro. Reconhecimento, por sua vez, implica que o sujeito sente o Outro como um semelhante que tem um centro distinto e separado de sentimento e percepção (Benjamin, 2007). Nas palavras do autor: “*A person comes to feel that “I am the doer who does...” by being with another person who recognizes her acts, her feelings, her intentions, her existence, her experience*” (Benjamin, 1988: 21).

Butler e Benjamin, a despeito de suas diferenças teóricas, convergem na busca de vestígios do pensamento relacional, em que as identidades são produzidas através de um certo tipo de luta com as exigências e promessas do Outro, contínuo afã psicanalítico. Como se disse anteriormente, Freud e Lacan, anos antes já proclamavam que nós nos tornamos nós baseados nas semelhanças e similitudes. Diferença e similaridade são também tema em Deleuze e Guattari, como se verá em seguida.

A seguir se verão algumas ideias de Deleuze, que tendo iniciado seu trabalho a partir de conceitos da psicanálise, terminou por criticá-la amplamente e estabeleceu seu próprio campo de saber.

“¡Haced Rizoma y no raíz (...) ¡No seáis uno ni múltiple, sed multiplicidades! ¡Haced la línea, no el punto! La velocidad transforma el punto en línea.”

(Deleuze & Guattari 1994: 20)

Deleuze, considerado uma das figuras mais relevantes do pensamento pós-estruturalista francês (Méllo & Di Paolo, 2007; León, 2010), assim como Foucault, é celebrado como um dos principais teóricos a estabelecer uma crítica contundente à psicanálise freudiana (León, 2010). Méllo e Di Paolo (2007) consideram Deleuze e Guattari pensadores essenciais para a inovação contemporânea do posicionamento filosófico do indivíduo, agora alocado em uma constante instabilidade criativa dentro de redes discursivas. Essa instabilidade possibilita tanto a experiência de si mesmo, como também a diversidade de seu devir.

Deleuze e Guattari se opunham ao que consideravam a função social opressiva do desejo na psicanálise freudiana e, por isso, se lançaram à construção de um novo campo de práticas e saberes a que denominaram esquizoanálise. Juntos escreveram obras seminais como *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil platôs* (1980). Nessa segunda obra, detalharam o conceito de “rizoma” como abordagem epistemológica, o de “dobra” como parte do processo de subjetivação, assim como a “diferença” e a “repetição”, na discussão dos processos de construção da identidade.

Para entender-se o conceito de rizoma, sua importância epistemológica e seu valor para a reflexão sobre a identidade, há de se contemplar primeiramente o modelo epistemológico tradicional ocidental, cartesiano e pivotal, que tem uma estrutura arbórea, explicaram Deleuze e Guattari em *Mil platôs*. Para os autores, a imagem se aplica não só à epistemologia, mas também ao pensamento ocidental em geral, marcado pela verticalidade, *top-down*, ancorada a um determinado ponto. Começando nesse ponto – única raiz – o pensamento cresce numa determinada direção, com aspectos que são fundamentais na base, e outros derivados, nos ramos (Larrauri, 2017). Um dos méritos da epistemologia rizomática é seu potencial para superar essa fragmentação/hierarquização do saber.

Se a árvore é filiação, o rizoma é aliança. Pode-se descrever um rizoma como um conjunto de linhas, nódulos de conexão e brotos que surgem desses nódulos, como o que se vê nas gramíneas (Deleuze & Guattari, 1994). Ele é normalmente subterrâneo e funciona como raiz para um conjunto de plantas. Escondidos na terra se conectam linhas e nódulos que não se deixam ver de fora. A mesma imagem poderia ser utilizada para se representar o processo de formação de uma identidade. Os autores, afirmaram Méllo e Di Paolo, se valiam repetidamente do termo rizoma “para expressar um plano de possibilidades de variações infinitas, de devires, de acontecimentos, que ultrapassam tempos e lugares, que não são fixados por datas ou pessoas” (2007: 138).

No que diz respeito à construção da identidade, podem-se destacar três princípios do modelo rizomático que são a ele aplicáveis: conectividade, heterogeneidade e multiplicidade. Os dois primeiros são indissociáveis. Conectividade implica que qualquer ponto de um rizoma pode e deve ser conectado a qualquer outro dele mesmo ou de outro. Cada uma de suas linhas pode remeter a outras linhas da mesma natureza ou de natureza diferente, por isso jogando com regimes de signos muito diferentes. Heterogeneidade aponta para o fato de o rizoma conectar-se de forma heterogênea com cadeias ou redes as mais diversas, efetuando, ao crescer, um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Multiplicidade, por sua vez, é a característica básica do rizoma que, feito de

linhas, se desassocia efetivamente de tudo que é uno. À medida que aumenta suas conexões, a multiplicidade muda necessariamente de natureza. “As leis de combinação crescem então com a multiplicidade” (Deleuze & Guattari, 1994: 5).

Outro par de conceitos básicos da teoria de Deleuze e Guattari que contribuem para a reflexão sobre o processo de construção de identidade são repetição e diferença. Identidades são feitas de diferenças e repetições. A diferença, alude ao movimento, aos modos como as coisas mudam com o tempo (*Then & Now*, 2018). A repetição, por sua vez, contribui para a generalização, estratégia cognitiva de se captar o mundo e a distinção que engendra a cada repetição. Sequer dois grãos de pó são absolutamente idênticos.

Méllo e Di Paolo (2007) explicaram que Deleuze, referindo-se aos processos de subjetivação, elaborou a noção de “dobra”. Esse termo, emprestado da técnica de origami, remete às relações, reguladas por saberes e poderes, que a pessoa traz consigo, onde se interconectam aspectos das relações com os outros, o “fora”. O origami, em movimento, revela um número infinito de formas sobre um número finito de pedaços de papel dobrável. O que está em questão no rizoma, assim como na construção da identidade, é a relação com devires múltiplos (Zourabichvili & Goldstein, 2004). Por ser feito de puro fluxo, de devir, de um corpo sem órgãos, de uma invenção constante do desejo, o sujeito se constrói descentrado.³⁴ Assim, diferença e repetição assumem o lugar da identidade e da contradição. “Identidades são apenas simulações, efeitos óticos do jogo profundo entre diferença e repetição” (Deleuze, 2014: XV). Pensar na evolução das espécies, em seres que se desenvolvem de monocelulares até mamíferos, ajuda a entender como a repetição é o espaço para o estabelecimento de diferenças. Assim como a repetição e diferença modelam a evolução, elas também modelam a construção ininterrupta da identidade. Afinal, as diferenças entre as repetições é que criam a possibilidade da novidade, ensinaram Deleuze e Guattari.

A teoria psicanalítica é um corpo de conhecimento em contínua evolução. Por ser tão vasta, ultrapassa o escopo desse texto. Por essa razão, apenas uma parte de sua valiosa contribuição para o entendimento psicanalítico de conceitos e somente alguns autores puderam ser aqui apresentados. A escolha não foi, entretanto, aleatória, mas pautada na busca de ideias de autores fundamentais para a discussão psicanalítica da identidade, cujas contribuições serão rizomaticamente conciliadas com autores que beberam de outras fontes

³⁴Aqui, mais uma vez, a ideia do descentramento, deslocamento tão presente em S. Hall, como se verá a seguir.

teóricas. De todo modo, vale ressaltar aqui o parecer de Frosh e Baraitser (2009). Para esses autores, seja Freud, seja Erikson ou outros, independente da linha do teórico ou praticante de psicanálise, não se contestou até hoje a premissa de que o sujeito humano não é o centro da consciência, como postulado por Freud. O Eu e todas as suas reivindicações de fixidez – entre elas, a identidade – são em grande parte fictícias, construídas retroativamente para cobrir um núcleo instável.

1.1.2 *Hall e a crise da identidade*

“Nada é permanente, exceto a mudança”.
(Heráclito, 540 a.C.)

Stuart Hall (1932-2014), notabilizado como “um produtor de conceitos” (Sovik, 2011: 1) dedicou parte significativa de seu trabalho à discussão sobre o conceito de identidade, inclusive a identidade cultural, suas limitações e importância em tempos atuais. Hall partiu da constatação de que, devido à complexidade da pós-modernidade e da globalização, os conceitos tradicionais de identidade não são mais adequados. A identidade está em crise, afirmou (1992). Bauman (2001) se referiu a essa assertiva de Hall usando a metáfora de que a referida crise é como uma explosão que desencadeia uma avalanche. A desconstrução do conceito de identidade vem sendo feita em diferentes áreas disciplinares, geralmente críticas à ideia de uma identidade integral original. Essa desconstrução se desenvolve dentro do discurso analítico e sob a influência do feminismo e da crítica cultural, afirmou Hall (2000) em concordância, *inter alia* com Bauman (2004), Coutinho *et al.* (2007) e Benjamin (2012).

Na modernidade, as pessoas deixaram de ser somente membros de uma nação para se tornarem membros de uma raça, um gênero e uma orientação sexual, sendo que cada uma dessas afiliações descreve, de modo concreto, algum aspecto de sua existência (Calhoun, 2001 *apud* Tilio, 2004). Na pós-modernidade, por sua vez, houve uma “*fragmenting the cultural landscapes of class, gender, sexuality, ethnicity, race, and nationality which gave us locations as social individual*” (Hall, 2006:9). “Paisagens” são alusões aos quadros de referência que davam ao indivíduo a sensação de pertencimento a um universo centrado (Pereira, 2004).

Como afirmou Tilio (2004), todas as identidades baseadas em tais quadros são construtos sociais que emergem das várias práticas sociais e discursivas das quais os indivíduos fazem parte. As atribuições fixas vêm se atenuando, sobretudo, devido à

globalização, e o sujeito, ao não encontrar nelas um firme domínio identitário, termina por experimentar um deslocamento (Unterberger-Probst, 2008). Essas mudanças levam à perda de um “senso de si”, integral e estável, deslocando os indivíduos do seu lugar, tanto no mundo social como no mundo cultural (Hall, 2006). De todo modo, salientou Hall (2004 *apud* Coutinho *et al.*, 2007), uma vez que o conceito de identidade ainda não foi dialeticamente superado e que tampouco existe outro melhor que o substitua, só nos resta a possibilidade de seguir usando-o com a ressalva de que ele está deslocado do paradigma original do Iluminismo. Da Silva e Amazonas (2009), por sua vez, alertaram que seria imprudente abandonar-se o conceito de identidade, devido à sua utilidade nas lutas políticas dos grupos “minoritários”.

Para Hall o processo que levou à crise da identidade vem medrando desde o estabelecimento do indivíduo como uma entidade autônoma na Era das Luzes, como se discutirá adiante (Pereira, 2004). Unterberger-Probst (2008), por outro lado, afirmou que a chamada crise de identidade se iniciou basicamente na modernidade industrial. Marx, exemplificou a autora, já postulava que o ambiente da produção industrial, em constante transformação, atenuava as relações sociais da forma até então existentes e as tornava obsoletas. (“Tudo o que é sólido se desmancha no ar”).³⁵ Para Marx, acrescentou, toda a ideia de identidade humana era dependente das condições econômicas nas quais o sujeito está inserido. O que proporciona mudanças históricas ou progresso não é o indivíduo, mas as relações de produção, quer dizer, as interações entre capital e trabalho. A vontade humana desempenha um papel subordinado (Supik, 2005). À medida que a sociedade moderna, devido a inúmeras transformações econômicas e políticas, vai se tornando mais complexa, coletiva e social, o ser humano, por estar inserido nessas novas estruturas sociais, tem também que modificar sua identidade (Poletto & Kreutz, 2014).

Para esclarecer seu pensamento sobre o desenvolvimento e a atual crise da identidade, Hall (2006) teceu considerações sobre três concepções de identidade que permeiam o sujeito desde o século XVII e que ele considera serem pilares estruturantes desse processo (Poletto & Kreutz, 2014).

A primeira concepção desses sujeitos/identidades é a do Iluminismo. Esse seria um indivíduo centrado, unificado e dotado de razão, consciência e ação (Bittencourt, 2014; Poletto & Kreutz, 2014). Seu 'cerne', núcleo interior e atomizado (Bittencourt, 2014), permanece por toda a existência do indivíduo, do nascimento até a morte, sem perder sua

³⁵ Frase do Manifesto Comunista de Marx e Engels de 1848.

essência (Poletto & Kreutz, 2014). Ele seria como uma “identidade mestre”, nas palavras de Hall (2006). A identidade iluminista, apresentada por Hall, é cartesiana, gerou a si mesmo (*cogito, ergo sum*), derivou seu pensamento e ação de sua própria razão, a partir da análise do mundo e, portanto, é intelectualmente autônoma (Unterberger-Probst, 2008; Bittencourt, 2014).³⁶

A bipolaridade (pensamento *versus* materialidade) do cartesianismo não indicava, entretanto, um descentramento. Ao contrário, firmava o lugar do homem moderno cuja identidade é centrada na consciência de si mesmo (Pereira, 2004). Ao rejeitar a visão teocêntrica medieval, o indivíduo colocou a si próprio no centro. Nesse processo de autocriação, pode-se perceber um entendimento muito individualista do sujeito e de sua identidade (lembrando que os sujeitos do Iluminismo eram geralmente descritos como masculinos, segundo Hall (2006)). A conquista da autonomia era considerada essencial para que o ser humano pudesse atingir o estado de maioridade, isto é, um estágio de consciência no qual o sujeito já não se deixa mais reger por discursos externos (Bittencourt, 2014). Como explicou Noack (2006), o ideal de unidade e de imutabilidade da identidade ganhou força e normalidade com o advento da burguesia. Esse sujeito/identidade iluminista vem, obviamente, lapidado pelo *Zeitgeist*.³⁷ De fato, a despeito de sua pretensão universalista, o ideário iluminista pressupunha o poder emancipador dos povos europeus, o que serviu como justificativa para a dominação política, econômica e cultural exercida por estes sobre o resto do mundo (Bittencourt, 2014).

O segundo conceito de identidade apresentada por Hall (2006) é o sujeito sociológico, nascido com o advento da modernidade. Esse sujeito já não era mais independente como supostamente o iluminista havia sido (Poletto & Kreutz, 2014). Ainda que busque um núcleo essencial que o defina, vai além da centralidade da razão por focalizar as relações sociais como força essencial de construção e transformação do Eu (Mélló & Di Paolo, 2007). A noção de sujeito sociológico acompanhava a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o anteriormente propagado cerne do sujeito não era, de fato, nem autônomo nem autossuficiente, mas sim, formado na relação com os Outros, que mediavam os valores, significados e símbolos dos mundos em que esse sujeito estava inserido.³⁸ O sujeito ainda tinha uma essência interior, "o eu real",

³⁶ “Eu penso, portanto eu sou” – frase de autoria do filósofo e matemático Descartes (1596 – 1650).

³⁷ *Zeitgeist*: Espírito de determinada época; tudo aquilo que caracteriza um período específico (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online])

³⁸ Ideia em linha com os conceitos de psicogênese e sociogênese, de Nobert Elias em *O processo da civilização (Über den Prozess der Zivilisation, 2010)*

mas essa era formada e modificada num contínuo diálogo com os mundos culturais externos e as identidades a seu redor. A construção das identidades aqui é socialmente negociada e "suturada" (Hall, 2006). A identidade, antes considerada unificada e estável, passou a ser entendida como fragmentada. O processo de identificação tornou-se aberto, indeterminado, variável e problemático (Hall, 1992; Hall, 1996; Unterberger-Probst, 2008). O sujeito fragmentado não tem um núcleo interno, é ciente de suas identidades multicamadas, e o processo de identificação não é mais determinado apenas por outros significativos (Unterberger-Probst, 2008). A fragmentação da identidade levou ao "desencaixe", a um "eu jamais acabado", transitório.³⁹

Esse novo aspecto dinâmico e interativo do processo de formação da identidade levou ao terceiro sujeito apresentado por Hall, o sujeito pós-moderno, conceituado como não fixo, não essencial e não permanente. A identidade tornou-se uma "*moveable feast*" (Hall, 2006: 271).⁴⁰ Hall advogou que a identidade é historicamente – e não biologicamente – definida, e se modifica ininterruptamente nas formas em que somos representados e tratados nos sistemas culturais em que nos inserimos. A compreensão do sujeito é inconcebível sem o enquadramento específico pelo contexto cultural (Keupp, 2013). Essas formas se multiplicam nos tempos pós-modernos, confrontando-nos com uma multiplicidade de possíveis identidades, com as quais só podemos nos identificar temporariamente (Hall, 2006). Essas identidades diferentes, engendradas em tempos diferentes, não se unificam em torno de um eu coerente. Às vezes contraditórias dentro de nós, essas identidades nos puxam em diferentes direções, o que faz com que sejam constantemente deslocadas. Nenhuma identidade única, seja ela a racial, de classe social, ou qualquer outra, é capaz de compreender todas as diferentes identidades. As pessoas pós-modernas já não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe ou etnia. Às vezes, os diversos interesses sociais e identidades de um indivíduo sequer podem ser reconciliados e representados (Hall, 2006).⁴¹ Se sentimos que temos uma identidade unificada, que se desdobra do nascimento até nossa morte, é porque construímos uma história reconfortante, uma "narrativa do eu" sobre nós mesmos (Hall, 2006). "Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou

³⁹ Segundo Tilio (2004), os termos aqui usados foram forjados por Giddens (1990, "desencaixe"), Sennett (1999, "Eu jamais acabado") e Bauman (1998, "transitório").

⁴⁰ Tradução livre da pesquisadora: *Moveable feast*: celebração móvel. Expressão que se tornou popular por ter sido usada por Ernest Hemingway para dar título a seu livro de 1964.

⁴¹ Somem-se a esse aspecto referido por Hall as facetas de identidades roubadas ou mutiladas, por assim dizer, como em casos de migração forçada ou de necessidade de se modular a identidade como estratégia de sobrevivência social, financeira ou política.

representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (Hall, 2006: 8).

Neste sentido, a identidade unificada, concluída, estável e coerente é uma fantasia. Com todas essas características transitórias e fluidas, o sujeito pós-moderno acabou por fomentar todo o debate em torno da crise de identidade (Poletto & Kreutz, 2014). A experiência ética da pós-modernidade trouxe a dissolução da imposição de que o sujeito deva permanecer, para sempre, centralizado, explicou Bittencourt (2014). Não há mais narrativas totalizantes que enquadrem o sujeito como um todo em uma identidade.

Somente por uma questão moralista, enraizada nos grandes discursos normativos religiosos, o indivíduo se encontra pressionado a adotar um critério ético-existencial atômico na configuração de sua vida cotidiana e de sua personalidade.

(Bittencourt, 2014: 133)

A identidade pós-moderna é constituída por “significantes flutuantes”, isto é, significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares, afirmou Sovik (2011:6), em linha com Butler (1999). A noção de significante flutuante foi proposta por Ernesto Laclau, que discutiu a não fixação de conceitos introduzida por uma pluralidade de discursos que se interpelam e interrompem e encontrou ressonância em vários estudiosos pós-modernos (Hall, 1996). As palavras não têm um significado definitivo, afirmou Pereira (2021). O que existe são disputas pelos conteúdos sociais, sentidos e significados. No cerne dessa questão, está a relação entre desconstrução de conceitos e reconstrução do conhecimento. Poeticamente falando:

*Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei, (...)
Uma série de contas – entes ligados por um fio-memória,
(...) partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim.*

(Fernando Pessoa, *Lisbon revisited*, 1926)

Concomitantemente à discussão sobre a crise da identidade, Hall sempre ressaltou a irreduzível importância cultural e política da identidade (Ang, 2000; Pereira, 2004). Embora na pós-modernidade esteja teórica e claramente demonstrado que a identidade é uma invenção e não um fato natural, um processo e não algo fixo, em nível experimental, no cotidiano, ela continua a ser discutida e sentida profundamente como algo natural (Pereira, 2004). Esse lapso entre a teoria e a experiência aponta para a irreduzibilidade da identidade como um conceito operacional que, ainda que não possa ser mais pensado como anteriormente, é indispensável para se refletir e discutir questões-chaves na teoria e na experiência cotidiana.

Para Hall (2006), a premência de se revisar o conceito de identidade se dá devido aos descentramentos sofridos pelo sujeito sociológico moderno. Esses descentramentos, realizados na modernidade tardia, derivam de cinco contribuições teóricas que abalaram os alicerces dos conhecimentos acumulados ao longo do processo civilizatório e levaram à declaração de morte do sujeito moderno, segundo Poletto e Kreutz (2014).

O primeiro descentramento foi causado pelo pensamento marxista, segundo o qual nenhum indivíduo isolado é capaz de qualquer construção histórica e que as pessoas só fazem história a partir de condições que lhes são dadas previamente. As tradições do pensamento marxista revelaram diferentes interpretações do trabalho de Marx, evidenciando contradições e levantando questionamentos sobre as posições do sujeito na sociedade (Poletto & Kreutz, 2014).

O segundo descentramento foi a teoria de Freud que, como já mencionado entendia a identidade como algo móvel (Unterberger-Probst, 2008; Poletto & Kreutz, 2014). Juntamente com Copérnico e Darwin, Freud revolucionou a maneira do ser humano ver a si mesmo no universo.⁴²

O terceiro descentramento foi provocado pela teoria de Ferdinand de Saussure, que advogou ser a linguagem que usamos uma estrutura socialmente construída que precede nossa existência (Hall, 2006). A linguagem está ancorada no sistema de regras da memória da comunidade social e está acima da fala individual (Unterberger-Probst, 2008). Por conseguinte, sempre falamos através de termos que não são nossos, replicando esse princípio através de nossos atos de fala (Hall, 1994 *apud* Unterberger-Probst, 2008). “Não somos os autores das afirmações que fazemos, uma vez que toda afirmação carrega ecos dos nossos significados e de muitos outros, pois o que dizemos tem um “antes” e um “depois”” (Poletto & Kreutz, 2014: 2001).

O quarto descentramento está associado ao trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault, que postulava que os sujeitos, com seus modos de ser e agir, são produto das instituições coletivas da modernidade tardia – fábricas, quartéis, escolas, prisões, clínicas etc. (Hall, 2006; Poletto & Kreutz, 2014) que, tendo surgido no século XIX, com poderes disciplinares, controlam todas as dimensões da vida humana (Pereira, 2004; Unterberger-Probst, 2008).

O quinto descentramento, por sua vez, foi causado pelo impacto do feminismo (Hall, 2006). Os movimentos feministas promoveram o enfraquecimento da classe política

⁴² Reflexão apresentada na introdução do filme *Freud, Além da Alma* (1962).

e das organizações políticas de massa a ela associadas (Pereira, 2004). Assim também sucedeu com outros movimentos sociais que emergiram e marcaram os anos 1960 (Ang, 2000; Poletto & Kreutz, 2014). O feminismo, segundo Badinter (2005), teve essa força de descentramento devido à sua crítica teórica e seu movimento social contra a misoginia e os meios de vida sexistas. Proporcionou contestação política de elementos que, anteriormente, eram considerados como pertencentes somente à vida privada, como: a dominação dos sexos, o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças (Pereira, 2004). Com o tempo, os movimentos sociais dos anos 1960 foram se fragmentando, de modo que cada um passou a apelar para uma identidade social diretamente associada a seus componentes (Pereira, 2004; Poletto & Kreutz, 2014).

Esses cinco descentramentos evidenciaram a crise da identidade, engendrada pelo deslocamento de estruturas e processos fundamentais das sociedades, um amplo processo de mudança que mina as estruturas que levaram à construção desse conceito (Hall, 2006). Laclau (Laclau, 1990 *apud* Hall, 2006) foi provavelmente o primeiro teórico a usar o conceito deslocamento. Hall (2006) apontou uma série de outros autores que buscaram explicar a natureza das mudanças sofridas pelo mundo moderno nas últimas décadas.⁴³ Todos os autores referenciados enfatizam as discontinuidades, a fragmentação, o rompimento e o deslocamento. Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro foi deslocado sem ser substituído por um outro, mas sim por múltiplos centros de poder (Laclau, 1990 *apud* Hall, 2006), algo comparável a um rizoma. Para muitos desses teóricos, explanou Hall (2006), o fenômeno que provocou o maior impacto do mundo contemporâneo é a globalização. A globalização, para além dos cinco descentramentos já explanados, alterou profundamente os modos de vida pós-modernos de maneira sem precedentes.⁴⁴ As transformações foram tão profundas que chegaram a alterar algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (Giddens, 1990 *apud* Hall, 2006).

Na pós-modernidade, identidade deve ser entendida como uma articulação exitosa de múltiplas identidades, uma amarração do sujeito dentro do fluxo do discurso que lhe dá sentido (Hall, 2006). A noção de uma sutura eficaz do sujeito requer que esse invista na posição. Segundo Hall (2006), identidades são posições que o sujeito é obrigado a tomar, mesmo sabendo que elas são apenas representações.⁴⁵ Elas são construídas através da falta,

⁴³ Edward Said, Antony Giddens, Zygmunt Bauman, Ferdinand Saussure, por exemplo.

⁴⁴ Outros fatores, até o momento pouco teorizados nos estudos sobre identidade, mas que poderão vir a ser mais causas de deslocamento são a crescente digitalização, acentuada pela pandemia do COVID-19, a inteligência artificial e a perspectiva dos trans humanóides criados pela biotecnologia.

⁴⁵ Essa ideia se assemelha a de “Habitus” Bourdieu (1930–2002) e a de performance de Butler.

da divisão, do lugar do Outro. A identidade não é automática; modifica-se de acordo com a forma como o sujeito é abordado ou representado. A sutura das identidades no sujeito deve ser entendida como uma articulação, não como um processo unilateral, o que, por sua vez, coloca a identificação/as identidades firmemente na agenda teórica. “O próprio processo de identificação, através do qual nós nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006: 2).

As identidades, que podem até ser contraditórias, operam tanto dentro da cabeça do indivíduo como fora, na sociedade, onde se entrecruzam em circunscrições estabelecidas. Dentro e fora da cabeça, elas se interpelam e/ou deslocam umas às outras. O processo de fragmentação ou pluralização das identidades traz muitas consequências, inclusive políticas (Hall, 2006). Dada a fragmentação da “identidade mestre” – que possuía um cerne resistente às circunstâncias de toda uma vida – as paisagens políticas do mundo pós-moderno vêm provocando deslocamentos e competições entre as múltiplas identificações dos indivíduos. Isso resulta sobretudo da erosão das classes e da emergência de novas identidades no terreno político definidas pelos movimentos sociais como feministas, negras, nacionalistas, antinucleares, ecológicas e LGBTQ+ (Mercer, 1990 *apud* Hall, 2006). Em suma, a identidade se politizou (Hall, 2006) e sua crise na pós-modernidade deve ser compreendida no contexto amplo de deslocamento e de fragmentação do indivíduo moderno. O próprio indivíduo pós-moderno passou a tratar a crise da identidade como algo passível de assimilação e compreensão. “Ao se autoconceber como descentrado, o indivíduo encontra uma firmeza, ainda que paradoxal, acerca de sua própria crise identitária” (Pereira, 2004: 89).

Não obstante o valor seminal das ideias de Hall, o autor deu continuidade a duas noções problemáticas, criticaram Mélo e Di Paolo (2007). A primeira noção, explanaram, foi não romper com a dicotomia entre o ser humano (sujeito) e o mundo (objeto) herdada do Iluminismo. Segundo os autores, tal dicotomia só faria sentido se fosse possível separar indivíduo e sociedade. O segundo equívoco de Hall seria o uso do termo “pós-moderno” que eles preferem substituir por modernidade reflexiva. “A crítica em torno da noção de pós-modernidade [...] se refere à não-superação da ‘reflexão’ sobre si, que o ser humano herdou do Iluminismo” (Mélo e Di Paolo, 2007: 134). As críticas, entretanto, não diminuem o valor das ideias de Hall, simplesmente a retomam para maiores e melhores discussões sobre o tema identidade.

1.1.3 Bauman e a identidade líquida

Irmão das coisas fugidias, (...)

Atravesso noites e dias no vento.

Se desmorono ou se edifício, se permaneço ou me

desfaço,

– não sei, não sei...

(Cecília Meireles, Viagem, 1939)

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi “um dos críticos mais lúcidos e céticos do *Zeitgeist* predominante na modernidade líquida” (Vecchi, 2004).⁴⁶ Abordando a globalização, modernidade e pós-modernidade, refletiu repetidamente sobre a identidade, conceito que considerava essencial para se entender as transformações da vida social na (pós)modernidade.⁴⁷ Em consonância com Hall (2000), Eickelpasch e Rademacher (2004) e Noack (2006), Bauman (2004:1) assertou que nas últimas décadas tem havido uma verdadeira “explosão discursiva” em torno do conceito de identidade. Segundo Kaufmann (2005 *apud* Hoffmann, 2008), em linha com Bauman, o fato de o conceito de identidade ter se tornado altamente inseguro nos dias de hoje está na raiz desse *boom*. Questões que já haviam sido estabelecidas na análise social estão sendo reelaboradas e remodeladas para se adequar ao discurso que agora gira em torno do eixo da “identidade” (Bauman, 2004). Atualmente, entretanto, adicionou Bauman, em concordância com Cohen e Süß (2015), além de ser uma palavra recorrente no terreno do senso comum, nenhum outro aspecto da vida contemporânea parece atrair a mesma atenção de filósofos, cientistas sociais, literatos e psicólogos. Haja vista, entre muitos outros, os livros *Identidade* de Kundera (1998), *Wer bin ich – und wenn ja, wie viele?* de Richard David Precht e *4321* de Paul Auster (2018).

Não é apenas que os estudos sobre identidade estejam se tornando rapidamente uma indústria próspera por direito próprio, afirmou Bauman (2004). Pode-se dizer que a “identidade” se tornou um prisma através do qual outros aspectos da vida contemporânea são vistos, apreendidos e examinados. Em sua reflexão, ao apontar o surgimento da identidade como um problema na era do pós-guerra, Bauman dialogou com importantes

⁴⁶ Para Bauman, ambos os termos “modernidade” e “pós-modernidade” não mais descrevem devidamente as constantes mudanças na sociologia. Para atualizá-los, expondo o estado impermanente, dinâmico, altamente adaptável e em constante mudança da sociedade atual, cunhou o termo “modernidade líquida”. Outros autores, segundo Eickelpasch e Rademacher (2004) se referiram ao mesmo período usando termos como “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “sociedade de riscos”.

⁴⁷ Dua (2021) destacou a palestra “Identidade no mundo globalizado” de Bauman (2001) na qual o sociólogo demonstrou especial atenção à identidade, indicando a base experiencial e observacional que tem atraído a *intelligentsia* e deslocado a atenção para o “discurso da identidade” nos últimos tempos.

pensadores contemporâneos como, por exemplo, Stuart Hall, Foucault e Sartre. Assim como Hall, Bauman (2011) ponderou que a globalização é a grande força sintetizadora da mudança de postura dos humanos em relação às suas identidades.⁴⁸

A ideia de identidade decorre da necessidade de um senso de pertencimento e segurança (Bauman, 2004; Keupp, 2013). Em referência a esses elementos balizadores inicialmente citados por Bauman, Silva (2014) explicou que a pessoa tem essa necessidade – ou a criam para ela – de se organizar, se situar e se identificar em relação aos outros. Aquilo que é diferente, não é ele, é o Outro. Tal necessidade não está “garantida ontologicamente na condição de longo prazo”, e por isso o sujeito está sempre em busca de satisfazê-la (Keupp, 2013: 2).

Na modernidade líquida, a identidade se tornou uma tarefa como nunca fora anteriormente, quando pertencer era uma predestinação, uma condição sem alternativa (Keupp, 2013). Antes da globalização, as pessoas costumavam se identificar com seus vizinhos imediatos, com o bairro onde viviam e a que pertenciam (Bauman, 2004).⁴⁹ Pertencia-se por nascimento. Pensar em sair desse bairro era associado a abandonar as próprias raízes. A desintegração lenta dos bairros, a revolução dos transportes, o desenvolvimento da infraestrutura e as tecnologias de comunicação facilitaram a movimentação entre bairros, pois viabilizou-se o viajar facilmente para longe de casa e, conseqüentemente, engendrou-se o problema-pergunta sobre a identidade. A isso se acrescentou o advento dos grupos mediados eletronicamente, que sequer necessitam de proximidade física para se falar de pertença ou identidade. “*A ‘human nature’ into which one was born was replaced with ‘identity’ which one needs to saw up and make fit*” (Bauman, 2001: 3).

Como havia dito Jock Young (1999 *apud* Bauman, 2001), a identidade atrai atenção e paixões por ser uma substituta da comunidade, aquele alegado lar natural que não está mais disponível no mundo globalizado. Por essa razão, a identidade é imaginada e construída como um abrigo acolhedor de segurança e confiança que as pessoas tanto desejam. “*Identity sprouts on the graveyard of communities, but flourishes thanks to its promise to resurrect the dead*” (Bauman, 2001: 10).

⁴⁸ Outros aspectos do pensamento de Bauman que mantêm uma relação intertextual com Hall são a preocupação com a identidade nacional e as duas reações antagônicas das nações diante do processo de globalização que levariam à erosão da soberania nacional (Bauman, 2004 e 2005.)

⁴⁹ Entenda-se “bairro” como feudo, família estendida, comunidade ou microsociedades (Bauman, 2004: 23).

Com um mundo que se transforma em enorme velocidade, já não se pode confiar em referências que proclamam durabilidade e infinitude. Afiliações sociais como gênero, classe e país de nascimento, por exemplo, tornam-se, cada vez, menos importantes na construção *ad aeternum* da identidade, afirmou Bauman (2004), consonante com Hall (2006). O capitalismo vem mercantilizando todas as áreas da vida, alterando os requisitos de mobilidade, as dinâmicas do mercado de trabalho, as dependências educativas etc. (Eickelpasch & Rademacher, 2004). Isso impacta os percursos e situações de vida do indivíduo, liberando-o de laços de familiares, de classe, de profissão, vizinhança e relações de gênero. No mundo do trabalho, explicaram os autores, com o declínio do emprego remunerado e a fragmentação das biografias de emprego, as ocupações vêm perdendo cada vez mais seu significado tradicional de âncora central de significado e identidade para o indivíduo.⁵⁰

Segundo Keupp (2012), a identidade forma, entre o mundo interno e o externo, uma dobradiça autorreflexiva, revelando assim um caráter dual. Ela deve tornar o indivíduo inconfundivelmente individual e, ao mesmo tempo, socialmente aceitável e representativo. A identidade se desenvolverá sempre, então, de acordo com o autor, num espaço de compromisso entre a própria vontade e a adaptação. Uma pessoa não só passa toda a vida redefinindo-se, lutando para descobrir o que ser, mas também para manter a relevância desse ser. Ao mesmo tempo, tem que estar atenta para mudar rapidamente sua identidade, caso ela perca sua relevância, afirmou Bauman (2004, 2011) em consonância com Eickelpasch e Rademacher (2004). Assim, para esses autores, o que se ganha em termos de escolhas e opções para moldar a própria vida, se perde em termos de segurança coletiva e de pertencimento.

Bauman (2004) sugeriu que na modernidade líquida, a identidade segue ligada à ideia de se pertencer, porém, pertencer a muitos lugares e a nenhum lugar ao mesmo tempo. Uma pessoa poderia chegar a se sentir em casa (*chez soi*) em qualquer lugar, mas isso não deixaria de ser uma situação superficial e bastante fluida. Ademais, na contramão dos sentimentos, o preço a ser pago seria aceitar que nunca se estará completamente em casa em nenhum lugar, que se estará sempre “deslocado” (*disembedded*) (Bauman, 2001, 2004).⁵¹ Estar total ou parcialmente deslocado significa não estar nesse lugar sem restrições

⁵⁰ Por ser esse um tema central nessa investigação, voltaremos a essa teoria posteriormente.

⁵¹ Disembedding: “In sociology, a process associated with modernization in which social relations have become increasingly spread across time and space, associated with a decline in traditional social ties” (Oxford References).

e sem embargos, sem que alguns aspectos da pessoa sejam vistos como estranhos por outras, explicou Bauman (2004). E essa experiência, afirmou, pode ser desconfortável e, por vezes, perturbadora. Por muito excitantes e cheias de promessas que sejam a curto prazo, essas vagas premonições de uma experiência ainda não experimentada, flutuar sem apoio num espaço mal definido, torna-se, a longo prazo, uma condição inquietante e ansiosa (Bauman, 2004: 29). A identidade pode ser resumida como o “passado misto” de uma pessoa (Bauman, 2004). Em linha, Moresco e Ribeiro (2015) afirmaram que a identidade se constitui a partir de diversas representações e significações híbridas, resultantes de várias vozes e histórias ressonantes. Por vivenciarem várias comunidades no decorrer da vida e estarem “multiculturalmente” expostos à globalização, os indivíduos da modernidade líquida experimentam muitas identidades, explicou Bauman (2011). No entanto, se parte da identidade dessa pessoa provém de origens que não estão em sincronia com quem se é atualmente, a verdade desse precário *status* sempre incompleto da identidade tende a ser suprimida e ou laboriosamente encoberta (Bauman, 2004).

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e irrevogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

(Bauman, 2004: 17)

Bauman (2011) afirmou que na modernidade líquida as pessoas não estão mais propensas a pensar em termos de comunidade ou nação ou movimento político etc. ao qual pertencem, mas a pensar-se e redefinir o sentido da vida, seu propósito e a felicidade, de acordo com os eventos do curso da vida. Consequentemente, para criar suas identidades, a pessoa passa toda sua vida redefinindo-se em face de que estilos de vida considerados bons ou maus para si em cada fase e contexto. O sociólogo também afirmou que há dois fatores relativamente independentes que moldam a vida humana e, por conseguinte, a construção de identidades. Esses fatores são o destino e o caráter. O destino são todas as coisas sobre as quais não se tem influência, como nascer num bairro afluyente ou em um gueto pobre, o que oferece gamas de opções completamente diferentes. Quanto ao caráter, afirmou, há sempre a possibilidade individual de trabalhá-lo e transformá-lo. O destino define o leque de opções que são dadas à pessoa, enquanto as escolhas são feitas pelo caráter. Simultaneamente, a liberdade de se alterar qualquer aspecto e aparência da identidade individual é algo que a maioria das pessoas considera viável ou, pelo menos, vê como uma perspectiva realista (Bauman, 2004). Enquanto o mundo está repartido em fragmentos mal coordenados, nossas existências individuais são divididas em episódios fragilmente

conectados (Bauman, 2005, 2011). A conduta racional num mundo assim exige que o leque de opções possíveis seja mantido aberto (Bauman, 2001).

Uma identidade que se encaixe bem e que ofereça "mesmice", similitude (*sameness*) e "continuidade" – ideias precípuas da teoria de Erikson que Bauman considera obsoleta – levaria ao encerramento das demais opções ou à sua perda antecipada. O lugar de uma pessoa, sua definição social, não vem mais como um presente, como um fato (Bauman, 2001).⁵² Para explicá-lo, Bauman cita Sartre que teria dito que não basta nascer burguês, é necessário que se viva como um, ao contrário do que acontecia em momentos históricos anteriores com príncipes, servos etc. Se antes da idade moderna as propriedades se estruturavam através de atribuições, na modernidade a afiliação a uma classe, por exemplo, implica sua renovação contínua na conduta do dia a dia (Bauman, 2001). Pelo menos para fins práticos, explicou, categorias como classe e gênero pareciam naturais, e à maioria dos indivíduos cabia simplesmente encaixar-se no nicho alocado através de um comportamento semelhante ao de seus pares.⁵³ Na modernidade líquida, a complexidade é maior, pois os locais tradicionalmente investidos de sentimento de pertença (como emprego, família, vizinhança) não são mais tão confiáveis, tornando-se, por conseguinte, incapazes de matar a sede por conexão ou de aplacar o medo de solidão e abandono (Bauman, 2001).

Once identity loss the social anchors that made it look natural, predetermined and non-negotiable, identity becomes ever more important for the individual desperately seeking a "we" to which they maid bid for access.

(Bauman, 2004: 24).

Para Bauman (2004), mesmo os autores marxistas – aqueles que truncadamente e de forma reducionista tentaram rever a teoria de Max – falham ao não reconhecer que a classe já não funciona como âncora social. Essa afirmação se alinha com a visão de Poletto e Kreutz (2014), Unterberger-Probst (2008) e Hall (1992) que sugeriram que, com a globalização, as atribuições fixas vêm atenuando seu papel de firme domínio identitário e provocando no sujeito a sensação de deslocamento. A modernidade líquida substituiu a determinação da posição social por uma autodeterminação compulsiva e obrigatória, segundo Bauman (2004). O indivíduo, agora construtor do seu próprio eu, tem que reunir sua própria "biografia eletiva" e "*design* existencial" pessoais a partir dos "kits de possibilidades de combinação biográfica". Esses kits, assim como as ofertas de estilos de

⁵² Esse ponto de vista parece radical se se considera que diferença faz, concretamente, nascer num bairro afluyente ou numa favela, aspecto levantado pelo próprio Bauman ao falar de destino e caráter em entrevista de 2011, passagem a ser mencionada posteriormente.

⁵³ Essa ideia corresponde ao conceito de "quadros de referência" sugerido por Pereira (2004).

vida e identidade socialmente disponíveis, são institucionalmente prescritos, sendo mediados sobretudo pela moda, meios de comunicação e cultura popular" (Kellner e Heubeger, 1988 *apud* Eickelpasch & Rademacher, 2004: 7). Num mundo veloz e globalizado, as possibilidades de forma de vida tornaram-se numerosas, aumentando a complexidade da criação da identidade (Bauman, 2011). Por isso, falar-se de identificação em vez de identidade, advogou Bauman (2004), seria o mais pragmático em nossos tempos. A busca frenética por identidade, explicou, é um efeito colateral e, ao mesmo tempo, subproduto da combinação de pressões globalizantes e individualizantes e das tensões que elas geram e que tendem a não diminuir (Bauman, 2001: 12). Em linha com Bauman, Eickelpasch e Rademacher (2004) ressaltaram que a compulsão à autorrealização, ou seja, a exigência do indivíduo de ser o construtor da sua própria vida e identidade, vem a reboque da integração dos indivíduos em contextos globais.

Apesar de sua irrefutável dimensão individual, a questão da identidade é uma convenção socialmente necessária, do ponto de vista de Bauman (2004). A identidade não é um assunto privado, mas um produto da sociedade e da "socialidade" que, por sua vez, depende do processo de individualização. A dimensão individual, explicou, consiste em transformar a identidade de um fato dado em uma tarefa e exigir que cada indivíduo seja responsável não só pela execução dessa tarefa (Bauman, 2004), mas também de suas consequências – inclusive seus efeitos colaterais – e de seu desempenho. Trata-se de uma atividade sem fim, incompleta, inacabada e aberta, uma atividade na qual todos nós, por necessidade ou por escolha, estamos permanentemente engajados numa espécie de experimentação sem fim.

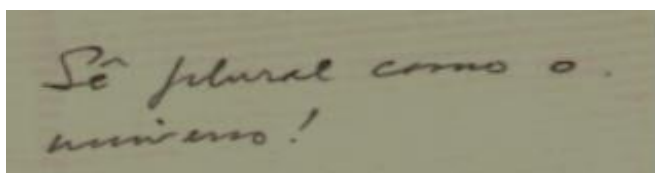
Bauman (2004, 2011) considerou que a identidade é uma auto tematização interna do sujeito que busca, basicamente, respostas para três perguntas: Quem sou eu? O que eu quero e posso ser? Onde está meu lugar na sociedade?⁵⁴ Além disso, o autor (2004) se refere à construção da identidade como um quebra-cabeças. A metáfora funciona da seguinte maneira: assim como o quebra-cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços. De fato, bricolagem teria sido um termo mais adequado, pois Bauman argumentou que o quebra-cabeça da identidade seria sempre construído com todo tipo de materiais disponíveis à mão (vivências, influências, conhecimentos etc., traços da biografia). Tal quebra-cabeça seria sempre incompleto e haveria lacunas em que nenhuma peça se

⁵⁴ Poder-se-ia acrescentar a essas perguntas o questionamento sobre o lugar na cultura de acolhimento, no mundo globalizado do trabalho e das mídias sociais, por exemplo.

encaixaria. Além disso, o construtor da identidade não partiria de uma imagem final, mas de uma série de bocados que obteve. Posteriormente o construtor tentaria descobrir como pode combiná-los para obter algumas (quantas?) imagens adequadas (Bauman, 2004). Metáfora semelhante a essa é o conceito de identidade de *patchwork*, usado por Eickelpasch e Rademacher (2004) e por Keupp (2009 *apud* Orde, 2016).

Silva e Gama (2019: 1) sugeriram que na obra de Bauman, a identidade corresponde à alegoria de camaleão social. Ela é entendida como “processo ambivalente que oferece liberdades, amplitudes de ação e pluralidades e ao mesmo tempo produz uma imensa sensação de angústia no indivíduo líquido moderno. Bricolagem, *patchwork* ou camaleão, de tempos em tempos, exortou Oliveira (2012), o sujeito poderia se assustar diante do Frankenstein desengonçado no qual vê refletido o próprio no espelho do tempo. Com o devido respeito à magistralidade de Bauman, deve-se manter em mente que sua perspectiva teórica de Bauman de caráter ocidental não se aplica a qualquer cenário social ou político, não é aplicável de forma homogênea nos cenários diversos do mundo, uma vez que o impacto da globalização não é mundialmente uniforme. Haja vista as diferenças, por exemplo, entre áreas urbanas e regiões rurais ou sociedades como a indiana, com sua sólida estrutura de castas e as de países onde tal estrutura seria impensável. Além disso, alertou Dua (2021), Bauman parece superestimar a fluidez e a flexibilidade da identidade. Indivíduos e sistemas sociais, explanou, não mudam tão rapidamente como a tecnologia.

Figura 1.1. Frase rabiscada por Fernando Pessoa



Fonte: <http://lusografias.lusofrances.pt/exposicao-fernando-pessoa-plural-como-o-universo/>

Identidade, do ponto de vista histórico e etimológico, deveria referir-se à unidade, coerência e continuidade, conceitos que na pós-modernidade perderam sua força, tornando o conceito vazio (Noack, 2006). Modernamente, identidade passou a se referir predominantemente a algo fluido, instável e contingente, composto de estabilidades momentâneas em constante deslocamento. Por isso, parece existir uma incerteza contínua sobre a utilidade desse conceito (Frosh & Baraitser, 2009). Mas como ainda não existe outro mais apropriado que o substitua, não há alternativa senão seguir usando-o, contanto que de forma desconstruída e deslocado de seu paradigma original (Hall, 1996).

Como discutido por Hall e Bauman, a identidade não é um núcleo estável do eu, desdobrando-se do início ao fim através de todas as vicissitudes da história, sem mudanças. Ela é um processo dinâmico e mutável, que passa por vários níveis ao longo da vida do indivíduo, nutrindo-se de suas vivências, envolvendo comportamentos cognitivos, materiais e atos de investimento emocional (Mourão & Cavalcante, 2011). Para melhor explicarem as sociedades contemporâneas e seus atores, tornou-se crucial compreender a identidade de forma processual, como um trabalho permanente de adaptação entre o mundo interno e o mundo externo, entre vontade própria e adaptação (Keupp, 2013).

Uma das principais aprendizagens que se obtém da leitura de Bauman é que é impossível que qualquer modelo baseado em um único fator seja capaz de dar conta de todas as complexidades envolvidas. A identidade líquida tem natureza inatingível e ambivalente (Bauman, 2004). Ela é experimental. Assim sendo, a identidade engloba tantos aspectos que é quase impossível que concepções de diferentes teóricos se espelhem completamente (Dua, 2021). A complexidade do conceito aumenta se se aceita a premissa de que um indivíduo pode ter identidades múltiplas, sobrepostas, multidimensionais e até contrárias (Hall, 1992). De fato, indivíduos são rizomas. Interseccionais, as pessoas vêm de uma determinada etnia, pertencem a uma classe social, um gênero, uma profissão, uma nacionalidade, participam ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político, migram etc. Todas essas identidades devem ser percebidas não como camadas, mas como soma de elementos que articulam, sobrepõem, interrogam e interceptam diferentes “posições” (Louro, 1997 *apud* Tilio, 2004).

Identidades são rizomas. Elas se constroem em interações sociais com o Outro, em contextos sociais de troca (Cuche, 1999 *apud* Tilio, 2004). Assim como as interações, as identidades são passíveis de reconstrução e transformação. São estabelecidas por meio da narrativa de si mesmo, um trabalho psíquico que permite manter o fio condutor da biografia das várias facetas e fraturas dessa biografia (Kaufmann, 2005 *apud* Hoffmann, 2008). Alguém que deixe sua cultura de origem e passe a navegar em uma outra, há de experienciar importantes reconstruções e transformações em suas interações com o Outro, o novo ambiente e todas as novidades e repetições implicadas. Há também de reescrever sua biografia com novos dados e experiências.

1.2 IDENTIDADE FEMININA

1.2.1 *Construção da identidade feminina*

A noção de identidade abarca elementos biológicos, sociais, psicológicos próprios de um indivíduo e as representação que se tem de si mesmo, aspectos que interagem e se modificam constantemente. Também traduz os pertencimentos do indivíduo a grupos ou categorias específicas, que constituem referências para a construção identitária ao longo da vida do indivíduo que busca por individualização (Mourão & Cavalcante 2011). Por isso se pode falar sobre, por exemplo, identidade feminina, profissional, étnica, de lugar e tantas outras afiliações a grupos específicos.

Refletir sobre o recorte de gênero é indispensável nesse estudo, pois o grupo alvo é formado exclusivamente por mulheres. Como a identidade é também um tema central do estudo, pensar a identidade da mulher é imprescindível. Entretanto, por andarilhar constantemente entre estereótipos e preconceitos nas inúmeras construções sociais, o tema mulher-feminilidade-identidade feminina é ideologicamente delicado e difícil de se abordar sem o viés homem *versus* mulher, dominador *versus* dominada (Silva & Santos, 2017).⁵⁵ Além disso, a lógica dos binarismos, que estabelece pares na tentativa de construir identidades fixas, ainda retarda a discussão – e entendimento – da questão do gênero.⁵⁶ O binarismo reforça proposições em que um termo representa o normativo, o superior e compulsório em oposição a um termo que representa o subordinado, antinatural, o Outro.⁵⁷ Como alertou Coutinho (2000), identidades são construções sociais sexuadas, contextualizadas em intersecções de etnias e de classe social em espaços culturalmente androcêntricos e eurocêntricos que determina os parâmetros da edificação das desigualdades.

As identidades de gênero, afirmou McNay (2000 *apud* Wood & Newton, 2006: 342), envolvem investimentos profundamente enraizados por parte do indivíduo, assim como práticas historicamente sedimentadas que limitam sua possibilidade de transferência e de transformação. Em linha com McNay, Silva *et al.* (2010) advogaram que a noção de identidade de gênero é contingencial, histórica, cultural e socialmente engendrada, pelo tanto, passível de questionamentos. Segundo os autores, a problemática em torno da diferença sexual, das categorias homem e mulher, masculino e feminino, apareceu no

⁵⁵ Paráfrase da afirmação de Marie Helene Brousse (2012).

⁵⁶ Ver o comentário de Butler (1999: 141-142) sobre Beauvoir.

⁵⁷ Ideia presente no livro *Undoing gender* (Butler, 2004), assim como em Silva & Amazonas (2009).

ocidente por ocasião da Revolução Francesa, quando se fez necessário justificar a inferioridade das mulheres devido à proclamada igualdade de direitos. Entretanto, mesmo na pós-modernidade, esse tema não é nem simples nem conclusivo. Não há unanimidade sequer em torno de termos básicos como sexo e gênero. Haja vista as discussões entre movimentos feministas (plural, já que essa expressão ainda é um termo em disputa), o movimento LGBTQIA+, teóricos da cultura *queer*, políticos das mais diversas tendências etc. Um exemplo recente da controvérsia foi o furor causado pela postagem em uma rede social (Twitter) da escritora J. K. Rowling, que já havia se manifestado contra a igualdade social e legal das mulheres trans com as mulheres que já nasceram com órgãos sexuais femininos.⁵⁸ “*People who menstruate... I’m sure there used to be a word for those people. Someone help me out. Wumben? Wimpund? Woomud?*” (Rowling, 2023).

A frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir, parece medrar com o tempo.⁵⁹ Como salientou Bastone (2020: 283), citando Butler, nada garante que um sujeito que se torne mulher tenha sido, originalmente, uma fêmea. Como alertou Macedo (2018), ainda que o uso da terminologia adequada possa parecer dispensável, de fato “a equidade começa pela capacidade individual e coletiva de usar uma terminologia apropriada, científica e socialmente correta, abrangente e individualmente respeitosa” (Macedo, 2018: 19). Entretanto, uma vez que a discussão sobre sexo, gênero, orientação sexual é tão prolixa, ela ultrapassa o escopo desse estudo. Deste modo, usar-se-á aqui a palavra mulher como identidade de gênero, ou seja, o modo como a pessoa se identifica, se reconhece.⁶⁰ “Importante observar que a plasticidade é um fator chave na elaboração do conceito de gênero (Joaquim & Barros, 2019). As identidades de gênero são “categorias elásticas que se constituem enquanto resistência e a própria possibilidade de subversão, conferindo ao sujeito identidades plurais e múltiplas” (Silva & Amazonas, 2009: 198).

Segundo Joaquim e Barros (2019), os estudos sobre mulheres, gênero e feminismo vêm colaborando para descolar conceitos que se enredaram ao longo da história ocidental, nomeadamente, mulher, mãe, família, maternidade, feminilidade. Além disso, a contemporaneidade vem questionando e transformando temas como relações de gênero, sexualidade, conjugalidade/casamento, parentalidade, maternidade, feminilidade, entre outros (Emidio & Hashimoto, 2008; Joaquim & Barros, 2019).

⁵⁸<https://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/j-k-rowling-die-dementorin-unter-den-feministinnen-a-1302365.html>

⁵⁹ Frase inicial da parte IV de O Segundo Sexo (Beauvoir, [1949]1993: 281).

⁶⁰ Para Macedo (2018), a identidade de gênero se define a partir do sentimento próprio e subjetivos e é definido por características de ordem psicológica, social, culturais e comportamentais.

Segundo Sigal (2002 *apud* Beltrame & Donelli, 2012: 207), por resultar do cruzamento de questões de gênero, sociais e história individual, nas últimas décadas,

[a] maternidade passa a ser entendida pela articulação entre o desejo e seu contexto sócio-histórico não havendo uma linearidade no que irá acontecer na vida da mulher, pois sua história está cruzada com as questões de gênero, sociais e história individual.

(Harrington 2019)

Em linha com *e. g.* Peterson e Engwall (2013), entretanto, argumentam que mesmo nesse milênio, frequentemente, feminilidade, gênero e sexo feminino ainda são equiparados à maternidade.⁶¹

A seguir apresentar-se-á uma revisão sistemática e sumarizada de diferentes teorias sobre a identidade feminina. Por se tratar de um tema vasto com diversos pontos de vista, sejam concorrentes, sejam complementares, fornecer-se-ão informações que expressem o teor da teoria juntamente com indicação de outras fontes sobre o mesmo tema.

1.2.2 Sinopse da contribuição psicanalítica

Female identity and femininity have been and remain the Bermuda Triangle of the psychoanalytic theory.

(Ireland, 1993: 110)

Estabelecer um diálogo sobre a construção da identidade feminina entre os psicanalistas pode ser muito conflitante. Em Freud, esse tema é recorrente. Entretanto, embora o autor jamais tenha considerado pronta sua teoria a respeito da mulher, sua sexualidade, “continente obscuro”, lhe parecia ser a chave para entender a feminilidade ou a identidade feminina (Silva & Folberg, 2008). Entre os psicanalistas pós freudianos, vê-se que Lacan, por exemplo, retomou a questão da identidade feminina como um dos pontos centrais de sua teoria. Também Melanie Klein e Karin Horney entre outr@s, trabalharam o tema intensamente.⁶²

De todos os modos, o discurso psicanalítico foi e continua a ser um dos grandes responsáveis por promover a mãe como responsável pelo desenvolvimento de sua prole, reafirmando o papel da maternidade na construção da identidade feminina (Badinter, 1985; Mitchell, 2000; Rich, 2020; Friedan, 2010; Colling, 2015).

⁶¹ Tradução livre da pesquisadora: Em inglês, *femininity* e *womanhood*.

⁶² Escolheu-se usar a @ como forma de escrita mais inclusiva, respeitosa e abrangente.

1.2.3 *Sinopse da teoria de Freud*

*Nun sind Sie bereits vorbereitet darauf, dass auch die Psychologie das Rätsel der Weiblichkeit nicht lösen wird. Diese Aufklärung muss wohl anderswoher kommen.*⁶³

(Freud, 1935: 1924)

“A questão da especificidade do feminino constitui o ponto de partida da psicanálise e também o ponto de retorno constante à teoria freudiana”, afirmou Valdivia (1997: 20) em concordância com Ireland (1993), Fiorini (2009), Colling (2015) e Bastone (2020).⁶⁴ A teoria freudiana apresenta, em geral, uma imagem de mulher normal muito parecida à de Rousseau (1712-1778), nomeadamente, caracterizada pelo senso da dedicação e do sacrifício (Badinter, 1985). O feminino foi definido por Freud a partir de uma falha biológica, uma falta, revestida de insatisfação e impotência – a mulher entendida como um homem incompleto (Irigaray, 1985; Ireland, 1993; Colling, 2015). Além disso, Freud associou a identidade feminina à tríade narcisismo, passividade e masoquismo.

A predisposição bissexual da fase fálica, a inveja do pênis, a castração, o complexo de masculinidade, a troca de órgão de satisfação (do clitóris para a vagina), a troca objeto de amor (da mãe para o pai), a passividade e o narcisismo seriam elementos do complicado caminho que uma menina deve percorrer para alcançar a sexualidade normal e chegar a ter uma identidade verdadeiramente feminina, tornando-se capaz de cumprir dois de seus principais papéis, nomeadamente o de esposa e, sobretudo, o de mãe (Ireland, 1993; Valdivia, 1997; Colling, 2015; Bastone, 2020). A identidade feminina se constituiria ao redor do desejo do Outro: o pai, o esposo, @s filh@s (Emidio e Hashimoto, 2008). Ser mãe, ainda melhor se for de um menino, daria fim à eterna busca feminina pelo falo (Silva e Folberg, 2008; Colling, 2015). De todo modo, o discurso médico de Freud pôs em “evidência a importância da sexualidade na constituição da personalidade feminina”, advogou Colling (2015: 196), em linha com Bastone (2020). Um grande problema da teoria – em suas diferentes fases – apontado por diferentes autores (*e.g.*, Ireland, 1993; Bastone, 2020), que dialogam com Beauvoir e Butler, é que Freud a construiu a partir de uma matriz masculina da sexualidade.

⁶³ Trecho da palestra *Die Weiblichkeit*: “Você já está preparado para o fato de que nem mesmo a psicologia resolverá o enigma da feminilidade, o mistério da feminilidade. Esse esclarecimento deve vir de outro lugar”. (Tradução da autora)

⁶⁴ Ainda há controvérsias sobre a melhor maneira de se interpretar a frase de Freud sobre a anatomia como destino da mulher (*e.g.* Ireland, 1993; Joaquim, 1999; Mitchell, 2000; Silva & Folberg, 2008; Fiorini, 2009; Bastone, 2020).

Para Freud (1935: 1924), a tarefa da psicanálise não é descrever o que a mulher é – uma missão sem solução em sua opinião – senão estudar como a criança com predisposição bissexual se torna mulher. No entanto, ele e seus “excelentes colegas de análise” já estavam enveredando com sucesso no trabalho com essa questão.⁶⁵

Fiorini (2009), em linha com Ireland (1993) e Mitchell (2000), pleiteou que se atribua a Freud os louros por sua contribuição na construção de uma história das mulheres. Segundo Fiorini, Freud desenvolveu uma escuta da mulher e do feminino que não existia antes da psicanálise.

1.2.4 *Sinopse da contribuição dos psicanalistas pós-freudianos*⁶⁶

I am trying, as I have already indicated, to go back through the masculine imaginary, to interpret the way it has reduced us to silence, to muteness or mimicry.

(Irigaray, 1985: 164)

Segundo Ireland (1993), alguns contemporâneos de Freud – notadamente, Melanie Klein (1882-1960) e Karen Horney (1885-1952) – se contrapuseram à sua interpretação de que a identidade feminina é uma ausência. Ambas as psicanalistas discordam dele no que diz respeito ao processo de passagem pelo complexo de Édipo e o desenvolvimento psíquico da menina a caminho de sua identidade feminina (Irigaray, 1985; Ireland, 1993). Ambas advogaram já haver uma consciência vaginal na infância e que essa seria percebida pela menina como ameaça à integridade do corpo, levando a uma denegação. Esse medo, associado ao medo da perda do objeto interiorizado de amor, a mãe, seria uma fonte primeira da ansiedade (Klein, 1945) e adaptação/desenvolvimento de *coping strategies* da menina (Horney *apud* O’Connell, 1980).⁶⁷ Esse argumento se contrapõe ao de Freud que acreditava ser o período genital o momento da construção de identidade de gênero. Além disso, contradiz o entendimento da identidade feminina como um processo secundário resultante do processo psíquico iniciado pela percepção de um déficit biológico (Ireland, 1993). Klein, por sua vez, se referiu à noção de uma feminilidade primária (Bastones,

⁶⁵ Na opinião de Silva e Santos (2017), ao terminar a conferência, Freud mesmo já havia avançado o ponto de vista da predisposição bissexual para a lógica menino/menina – através da articulação edípica – para esclarecer como se dá o desenvolvimento da masculinidade/feminilidade.

⁶⁶ Monique Schneider (2011) chamou a atenção para a limitação causada pelas traduções em outros idiomas da teoria e terminologia psicanalítica de Freud desenvolvida em alemão. Dá como exemplo a expressão *männliche Potenz* (potência masculina – tradução da pesquisadora) que só se deixa traduzir em francês como poder social ou político.

⁶⁷ *Coping strategy* = estratégia cognitiva e comportamental de enfrentamento. Tradução da pesquisadora.

2020). A construção da identidade feminina antecederia o estágio edipiano e não partiria de um déficit biológico da menina, dando sentido às diferenças comportamentais entre meninas e meninos na mais tenra idade (Ireland, 1993). A menina, conforme explicou Klein (1945), diferente do menino, cresce envolta em dúvidas sobre seu próprio corpo, sem saber o que ele esconde, sem a certeza de sua capacidade de ser mãe, já sabendo que não pode ser pai, pois lhe falta o pênis.

Horney (1932), em linha com Mead (1935 *apud* Sanday, 1980; Almeida, 2018), enfatizou as influências culturais e sociais sobre o psiquismo e o desenvolvimento da identidade. Para se opor ao que lhe parecia ser um androcentrismo da psicologia, ressaltou a importância dos fatores culturais na suposta posição superior dos homens na sociedade em relação às mulheres, aspecto ao qual uma menina é exposta desde muito cedo (O'Connell, 1980; Ireland, 1993).⁶⁸ Além disso, Horney, em recusa à ideia freudiana sobre o masoquismo feminino, advogou que os fatores culturais e os papéis sexuais aprovados é que incentivam a mulher a agir de forma passiva e a aceitar a dependência do homem: seu amor, prestígio, riqueza, cuidado e proteção. Horney também se referiu ao complexo de masculinidade, como reação contra o limitado papel socialmente prescrito para a mulher, e à inveja secundária do pênis devido ao *status* que o falo proporciona a seu dono (Ireland, 1993). Essa inveja remete às diferenças anatômicas óbvias oferecidas pelo pênis, nomeadamente, as facilidades da função urinária, sua possibilidade de exibir-se e de ser masturbado, (Horney, 1984; Ireland, 1993), a liberdade, a autonomia e a força (Irigaray, 1985).⁶⁹ O'Connell explicou que Horney acreditava ser a "tirania do dever" (*tyranny of the should*), particularmente relevante para a mulher, que sucumbe à pressão de ser feminina da forma socialmente definida. O conflito entre tornar-se a imagem idealizada socialmente e a necessidade de desenvolver sua própria identidade restringiria seu o crescimento pessoal espontâneo.

What does a woman want"? The stumbling of Freud's thinking upon something that we can call provisionally ...- do not make me say that woman as such is a liar, but that femininity conceals itself and that there is something of that angle there.

(Lacan, 1962-1963: 116)

⁶⁸ Haja visto o ponto de vista de Marcel (1872-1950) sobre o caráter específico de cada técnica corporal em cada cultura e a divisão das técnicas entre os sexos (*As técnicas do corpo*, Mauss, 2003).

⁶⁹ “À quelle anatomie se réfère donc Freud pour statuer sur les avantages masculins ou féminins: celle que lui ont enseignée les études de médecine ou celle qui se dessine dans l’écoute des patients? Dans un texte portant sur « Les théories sexuelles infantiles », il fait état du trouble que provoque, chez les enfants ou les adolescents, l’attention aux termes qui se rapportent non seulement à l’anatomie sexuelle, mais aussi aux métaphores sur lesquelles se penche la physiologie” (Schneider, 2011: 16).

Lacan (1901-1981), importante revisor da teoria freudiana, reabriu o debate sobre a identidade feminina em Freud cerca de 15 anos depois de Klein e Horney (Irigaray, 1985). Um dos pilares da teoria lacaniana é o pressuposto de que a linguagem estrutura a identidade e a subjetividade humana. Outro pilar é seu questionamento de como o patriarcado se constitui e se mantém (Ireland, 1993). O autor também investigou a importância do papel do pai (terceiro termo) e do corpo na construção da identidade feminina. “(...) *Freud is wrong to say without any further precision, [that anatomy] is destiny*” (Lacan, 1962: 9).

Segundo Silva e Santos (2017), Lacan, ao afirmar que a diferença feminino-masculino não está na biologia, tampouco no gênero, provocou um profundo deslocamento na compreensão da (não) relação entre ambos. Em sua teoria, a ausência do pênis passou a ser uma falta simbólica que se expressa em termos de uma posição linguística (Ireland, 1993). A feminilidade e a masculinidade corresponderiam a posições em relação à linguagem. A falta de um significante que possa nomear a mulher seria a especificidade do processo de estruturação da identidade feminina (Silva & Folberg, 2008). Um dos ganhos da interpretação lacaniana foi a postulação de que tanto as mulheres como os homens podem assumir uma posição feminina ou masculina em relação à sua própria identidade ou à dos outros, o que pode(ria) balançar as bases do patriarcado, afirmou Ireland (1993). Esse seria o fato mais útil da teoria de Lacan ao se tratar de identidade feminina, exortou.

1.2.5 Sinopse da contribuição de Simone Beauvoir

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado, que qualificam de feminino
(Beauvoir, 1993: 281)

Embora o foco de Beauvoir esteja na cultura e sociedade francesas, seus conceitos e *insights* podem ser aplicados, com ressalvas, à situação de mulheres em geral, uma vez que muitas de suas descobertas levantaram questões relevantes sobre a identidade feminina, a dinâmica de gênero e a estrutura social. Seu trabalho, no entanto, não é isento de crítica. Butler (2004), por exemplo, ressaltou como a filósofa manteve, todavia, o pensamento binário ao falar de gênero. Além disso, em seu livro *O segundo sexo* [1949], ao referir-se a

culturas estrangeiras para sustentar sua tese que se baseia no discurso ocidental, transparece um certo grau de exotismo e racismo.⁷⁰

Beauvoir se esforçou com seus argumentos e exemplos para “cortar com o conceito de ‘natureza feminina’” (Joaquim, 1999: 179). A filósofa se referiu várias vezes criticamente à teoria de Freud que, ao tratar o tema da identidade feminina, reverberou “o que na cultura ocidental foi insistentemente afirmado ao longo dos séculos” (Joaquim, 1999: 179). Entre outras críticas, Beauvoir questionou a tríade apontada por Freud – narcisismo, passividade, masoquismo – como atributos intrínsecos da “mulher normal” ou da “mulher feminina”. Segundo ela, o primeiro advém das circunstâncias nas quais a mulher vive na sociedade – ponto em que concorda com Horney – que a incentivam a voltar-se em direção de si mesma; a passividade – assim como a coqueteria e o instinto materno – seria um traço que se desenvolve na menina desde os primeiros anos, infundidos desde a tenra infância (Beauvoir, 1993: 282). Esse endoutrinamento continuamente tecido por educadores, livros e jogos, apresenta a passividade à menina como natureza e destino. Quanto ao masoquismo, Beauvoir explanou que ele pode ser tanto parte da identidade de uma mulher como de um homem. Pode ser, inclusive, fonte de prazer erótico, sem se associar à resignação de acolher o pênis ou a dor do parto, como postulado por Freud.

Bastone (2020) explicou que para Beauvoir o fato de a mulher ser considerada por Freud como castrada se deve à matriz do pensamento dominante sobre a feminilidade, forjada a partir do corpo masculino como referência de normalidade.⁷¹ Para Beauvoir, explicou, não se trata do pênis anatomicamente falando, senão de seu valor simbólico/social de privilégios sociais, econômicos aos quais a mulher historicamente não tem acesso.

1.2.6 Sinopse da contribuição do feminismo

Ao destruir primeiro o mito freudiano da mulher normal, passiva e masoquista, o feminismo tornou caduca a teoria da mãe naturalmente devotada, nascida para o sacrifício e pôs em incontestável dificuldade os teóricos atuais da psicanálise (Badinter, 1984: 331). O feminismo, um dos cinco descentramentos da pós-modernidade, colocou em debate, entre outros pontos, a noção clássica do sujeito e da identidade de mulher (Hall, 2006;

⁷⁰ “She [the woman] lacks the means requisite for self-affirmation as an individual; and in consequence her individuality is not given recognition. Among the Arabs and the Indians and in many rural populations a woman is only a female domesticated animal, esteemed according to the work she does and replaces without regret if she disappears” (Beauvoir, 1993: 553).

⁷¹ Esse pensamento está em linha com o de Honey, que questionou o androcentrismo da psicologia.

Badinter, 2010; Ireland, 1993; Silva e Amazonas, 2009), assim como centrou na importância da diferenciação entre sexo e gênero.

Baseada na distinção que a antropologia sempre promoveu entre biologia e cultura, e elaborada a partir dos anos sessenta pela teoria crítica feminista, a separação conceptual entre sexo e gênero dá a entender que o segundo é a elaboração cultural do primeiro.

(Almeida, 2018: 131)

É importante manter em mente que o feminismo é um conceito em disputa, associado a diferentes predicados de acordo com os interesses do grupo em questão: latino-americanas, negras, TERF (*trans exclusionary radical feminists*) etc.

[Os] feminismos contemporâneos se localizam num espaço cada vez mais hifenizado, isto é, em espaços dialógicos [...]. A teoria feminista é uma forma híbrida de saberes, particularmente útil para compreender e ler um mundo onde se perdeu a ilusão da estabilidade identitária e onde a diversidade precisa de lentes mais afinadas e sofisticadas para ser percebida.

(Oliveira, 2010: 26)

O feminismo não é um fenômeno pós-moderno, haja vista a divisão em ondas que se faz nas discussões sobre o tema, assim como os exemplos de mulheres como Hildegard von Bingen (1098–1179), Sojourner Truth (1797–1883), Jane Austen (1775–1817) etc.⁷² Do ponto de vista linear e eurocêntrico, presume-se que o feminismo nasceu com a Revolução Francesa, o que oblitera as histórias de mulheres que já se haviam oposto ao patriarcado em outras terras e em outros tempos (Curiel, 2009). Discussões sobre o feminismo seguem até hoje. Curiel, por exemplo, defendeu a descolonização do feminismo e questiona sua insuficiência para abarcar as idiossincrasias de diferentes grupos e indivíduos, assim como os papéis da identidade feminina como estratégia e posicionamento. Como alertou Butler (1999), a identidade "mulheres" é problemática por ser amiúde invocada para construir uma solidariedade de identidade. “A unidade do sujeito já é, portanto, potencialmente contestada pela distinção que permite o gênero como uma interpretação múltipla do sexo” (Butler, 1999: 9-10). Isso se dá porque o sujeito é visto no feminismo através de uma lente que diferencia sexo de gênero. Ao contrário do aspecto biológico que forja o termo sexo, o gênero é uma construção cultural e performática, acrescentou. Identidade, que se pode derivar dessa premissa, também o é.

Na década de 1960, partindo dos Estados Unidos, o feminismo tornou-se um importante movimento social que se espalhou pelo ocidente. A revolução da pílula contraceptiva, por exemplo, possibilitou novos entendimentos sobre as representações da maternidade e seu histórico papel de pilar da identidade feminina (Ireland, 1993; Friedan,

⁷² Refere-se à metáfora da onda criada por Martha W. Lear em 1968. A primeira onda, por exemplo, corresponde às sufragistas (Zirbel, 2021).

2010).⁷³ Na teoria feminista, do ponto de vista de Butler (1993 *apud* Peterson & Engwall, 2013), nada sobre os corpos, mais especificamente, os corpos reprodutivos das mulheres, pode ser considerado natural. Tratam-se, outrossim, de corpos socio-historicamente específicos, normativos e construídos pelo discurso, assim como as identidades, sempre performáticas. A fabricação de homens e mulheres requer um investimento continuado que se dá no âmbito da cultura, sem grande relação com a natureza, explanaram Silva e Amazonas (2009). A repetida recomendação de comportamentos e condutas e os atos performativos por parte de pais, educadores, grupos sociais e da mídia é que modelam os gêneros, afirmaram os autores, referindo-se ao pensamento de Butler.⁷⁴ O desempenho de tarefas e funções socialmente atribuídas a um ser masculino ou a um ser feminino é o que está na base das identidades de gênero, que são construídas uma em oposição à outra (Silva e Amazonas, 2009). Ireland (1993), em linha com o pensamento de Butler apontado por Silva e Amazonas (2009), afirmou que a maneira como os pais interagem com a criança, sua linguagem verbal e corporal, por exemplo, pode ser tão importante como a genética para modular a identidade de gênero, na opinião de Ireland (1993).⁷⁵

“Cultural institutions, structures, and rules are transmitted to and adopted or internalized by individuals through their participation in social relationships” (Côté, 1993 *apud* Sorell & Montgomery, 2001: 101). Por essa razão, Lassance (1997: 13) discutiu sobre a necessidade de se evitar “práticas socializantes que desde cedo inscrevem nas mulheres filtros pessoais que as dirigem para escolhas circunscritas a papéis sociais tradicionais de mãe, esposa e dona de casa”. Lembre-se aqui também o que afirmou Ramos (2001) sobre as diferenças culturais e individuais de comunicação entre adultos e bebê. Essa varia, segundo a autora, de acordo com o *background* – cultural, familiar, pessoal – do adulto que oferece a maternagem.

1.2.7 Sinopse da contribuição das ciências biológicas

*(...) gender identity is a multifactorial complex trait
with a heritable polygenic component.*

(Polderman *et al.*, 2017)

⁷³ Sobre a discussão do desenvolvimento e uso da pílula baseado em premissas racistas, ver, *e.g.*, *Women, Race e Class*, (Angela Davis, 1981), Harrington (2019).

⁷⁴ Ser homem ou ser mulher é uma performance cultural, “constituída mediante atos performativos compelidos que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas (Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003: 9).

⁷⁵ Recomenda-se, novamente, a leitura de *As técnicas do corpo* de Mauss (1936).

Dada a diversidade da expressão de gênero, pode-se afirmar que o estabelecimento da identidade de gênero é um fenômeno complexo. Essa complexidade ainda dificulta que se comprove em que graus ela é determinada por fatores sociais ou biológicos – genes e hormônios (Roselli, 2018). Evidências crescentes sugerem que fatores cerebrais, genéticos e hormonais exercem influências fundamentais na formação do senso de identidade de gênero de um indivíduo. Mesmo que a ciência ainda não tenha identificado os mecanismos por detrás da diversidade biológica subjacente ao desenvolvimento da identidade de gênero, a literatura sobre o tema vem se avolumando nas últimas décadas (Roselli, 2018; Ristori *et al.*, 2020). Segundo Roselli (2018), supõe-se que as diferenças sexuais em seu amplo espectro (comportamentos adultos como comportamento sexual, agressão e cognição), bem como a identidade de gênero e a orientação sexual resultem de diferenças cerebrais regionais. Essas diferenças são geradas pela interação entre os hormônios e as células cerebrais em desenvolvimento durante a gestação. Os cérebros adultos masculino e feminino são, em média, ligeiramente diferentes em sua estrutura, embora haja uma enorme variabilidade individual.⁷⁶

Conforme Ristori *et al.* (2020), o cérebro dimórfico sexual, sob influência dos genes e dos hormônios gonadais, deve ser considerado o substrato anatômico do desenvolvimento psicosssexual. Sabe-se, explanou Roselli (2018), que a testosterona desempenha um papel importante no desenvolvimento da maioria das diferenças sexuais comportamentais em outras espécies animais. Entre os humanos, os órgãos genitais se diferenciam no primeiro trimestre da gravidez, enquanto a diferenciação cerebral começa no segundo trimestre (Roselli, 2018; Ristori *et al.*, 2020). A existência de diferenças sexuais dramáticas entre ginófilos e andrófilas sugere que os hormônios gonadais, sobretudo a testosterona, possam desempenhar um papel importante na construção da identidade de gênero (Roselli, 2018).

Increasing the awareness of the biological diversity underlying gender identity development is relevant to all domains of social, medical, and neuroscience research and foundational for reducing health disparities and promoting human-rights protections for gender minorities.

(Polderman *et al.*, 2017)

Segundo Ristori *et al.* (2020), os estudos científicos têm logrado comprovar que certas características culturalmente atribuídas a um ou a outro gênero – por exemplo, melhor desempenho feminino nas tarefas de fluência verbal em contraposição a melhor

⁷⁶ “For example, another sexual dimorphic area seems to be represented by the amygdala and the hippocampus. Indeed, the amygdala is larger in cismen and with a higher density of androgen than estrogen receptors, whereas portions of the hippocampus are larger in women, with a higher density of estrogen than androgen receptors” (Ristori *et al.*, 2020: 2).

desempenho visuoespacial masculino – têm uma base biológica localizada no cérebro. Estudos semelhantes realizados com transexuais podem vir a acrescentar informações sobre a hipótese do efeito de ativação organizacional dos hormônios no cérebro (Ristori *et al.*, 2020). Se os estudos com transgêneros, gêmeos idênticos etc. provarem de forma cabal a hipótese aqui apresentada, será necessário voltar à máxima “o destino da mulher é a anatomia”. Entretanto, não seria mais o pênis, mas sim o cérebro a base anatômica da identidade feminina.

1.3 IDENTIDADE FEMININA E MATERNIDADE

The feminine mystique permits, even encourages, women to ignore the question of their identity. The mystique says they can answer the question "Who am I?" by saying "Tom's wife... Mary's mother."

(Friedan, [1963] 2010: 126)⁷⁷

1.3.1 *Falar de identidade de mulher é falar de maternidade?*

There is no normative female identity for the woman who is not a mother.

(Ireland, 1993)

Segundo Colling (2015), em concordância com Joaquim (1999), Platão foi quem inaugurou a teoria que liga a identidade da mulher à sua matriz, o útero, animal raivoso que exige do corpo a maternidade para consertar sua incompletude. A ele seguiram Aristóteles, com sua comparação entre corpo masculino e o feminino, esse perverso e inferior ao primeiro, e Hipócrates que sugeriu ser a menstruação um meio de purgar o corpo feminino impuro.⁷⁸ A influência do pensamento aristotélico sobre a igreja é inegável e, conseqüentemente, a tradição judaico-cristã é responsável por grande parcela na crença na inferioridade da mulher (Colling, 2015). De fato, os mitos e discursos evocam a natureza inferior das mulheres (Lipovetsky, 1999).

⁷⁷ A edição utilizada é de 2010, mas a fala se refere às americanas da geração da autora.

⁷⁸ O artigo de Colling (2015) oferece uma boa discussão sobre a influência dos pensadores, da igreja e do Estado sobre a imagem da mulher. Para mais discussão sobre, por exemplo, ressonâncias das ideias desses gregos que, todavia, persistem em nível social e político ver o posfácio de “Dar à Luz ou a visualização de um rosto” (2019) e “Criação de humanos e/ou de conceitos a questão da maternidade n’O Segundo Sexo” (Joaquim, 1999).

Sendo o útero o órgão que confere identidade à mulher, com suas fisiologia e psicologia vulneráveis, justifica-se a supremacia do homem, transformando-o na medida de tudo (Collingen, 2015). Também o discurso médico e o psicanalítico carregam a marca desse enredamento histórico de conceitos.

Em seu clássico livro *Of woman born: Motherhood as experience and institution* ([1976] 2020), Rich advogou que a institucionalização da maternidade reduz a identidade feminina a essa função. A instituição da maternidade, assim como a instituição da heterossexualidade, explicou, cria prescrições e condições nas quais escolhas são feitas ou bloqueadas. Ela molda as circunstâncias da vida das mulheres. A maternidade institucionalizada demanda da mulher instinto maternal ao invés de inteligência, abnegação em vez de autoconfiança e autorrealização. Esse pensamento condiz com o de Joaquim (1999), que afirmou que as mulheres, pensadas como solo (para receber a semente), foram desapropriadas, ao longo dos séculos, da capacidade de teoria e de abstração. (Re)pensar “a maternidade abre para uma outra leitura da subjetividade e da liberdade que se pode ligar com o sujeito não-uno da modernidade, construído numa multiplicidade de espaços, de lugares” (Joaquim, & Barros, 2019: 81).

A heterossexualidade institucionalizada por séculos preconizou a mulher como lasciva e impura, depois como frígida e sexualmente passiva. Atualmente, prescreve-se a mulher sensual, sexualmente liberada no Ocidente, entretanto, às vezes parece que se ignora a realidade do amor das mulheres pelas mulheres (Rich, 2020). Tanto a experiência da maternidade como a experiência da sexualidade foram canalizadas para servir aos interesses do patriarcado, afirmou Rich (Rich, 2020). Uma vez que o patriarcado não sobreviveria sem que a maternidade, a heterossexualidade e o *gender care gap* fossem considerados naturais, há de se criminalizar ou tachar como desviantes comportamentos como aborto ou lesbianismo, que ponham em risco suas instituições.⁷⁹ Tais mecanismos sociais e culturais servem para moldar a identidade “normal” da mulher.

Para Rich (2020), a mitologia do patriarcado e a teologia geraram duas ideias paralelas que povoaram e que ainda estão presentes na cabeça de muitas mulheres, mesmo

⁷⁹ *Gender (care) gap* é a diferença na quantidade de tempo que homens e mulheres gastam em tarefas domésticas e cuidados infantis não remunerados. Segundo pesquisa do *Bundesministerium für Familie, Senioren, Frauen und Jugend* (Ministério da Família, Idosos, Mulheres e Jovens), atualmente na Alemanha, as mulheres gastam, em média, 52,4% mais tempo por dia em trabalhos de cuidado não remunerado do que os homens. Esses trabalhos abarcam a criação dos filhos, o cuidado de parentes, o trabalho doméstico e o trabalho voluntário. Uma das muitas consequências dessa desigualdade é que homens têm empregos em tempo integral com mais frequência do que as mulheres. Isso resulta em desvantagens econômicas para as mulheres, pois leva a rendas mais baixas ao longo de suas vidas e, conseqüentemente, direitos de aposentadoria independentes mais baixos (www.bmfsfj.de).

as mais independentes. A primeira é que o corpo feminino é, por natureza, lascivo, impuro, sangra e é a porta de pecado para o homem. De acordo com Horney (1984), é fonte de angústia para o homem. A segunda ideia é que a maternidade seria benéfica para a mulher por purificar seu corpo, torná-lo assexuado, sagrado, fonte de alimento para um bebê. Note-se aqui a continuidade da influência dos antigos sábios gregos e de Freud.

Os séculos XIX e XX tornaram evidente um certo poder materno estabelecido para a mulher – melhor dizendo, mulher-mãe – na construção de sua identidade no grupo familiar e da sociedade, revigorando o mito da identidade da mulher centrada na maternidade (Emídio & Hashimoto, 2008). Se o destino das mulheres está inscrito em sua anatomia, a natureza feminina faz com que esses seres não possam ou não devam ansiar por algo diferente – um pensamento, por séculos, inquestionável. Trata-se, contudo, de uma forma de enclausuramento (Badinter, 1985); sob pena de condenação moral, a mulher não pode escapar do papel de mãe. A decisão contra a maternidade ou a impossibilidade de engravidar tornaram-se, respectivamente, ou razão de opróbrio ou de piedade.

Quando se aceita a maternidade inerente à identidade feminina como natural, resta à não maternidade, binariamente, ser antinatural e não feminina (Rich *et al.* 2011 *apud* Peterson & Engwallk, 2013). As regras sociais, a psicologia e o feminismo cultural psicanalítico seguem negando à mulher sem filh@s o *status* de pessoa adulta responsável, afirmaram Wood e Newton (2006). Há de se buscar um modelo não patológico para a identidade feminina da mulher sem filh@s, advogou Ireland (1993).

1.3.2 Falar de identidade de mulher e falar de não-maternidade?

A sociedade, normativa e binária, tende a apontar a capacidade reprodutiva do corpo feminino como fundamento ontológico e característica definidora da identidade feminina, que a diferencia da categoria "homem". Se por séculos o ideal masculino da mulher estava atado à maternidade – o único caminho de cura para a histeria – aquela que não quisesse ou não pudesse efetuar-la seria uma desviante. Ao afastar-se da normalidade, a mulher não teria outro fim senão a insanidade mental (Collingen, 2015). Para Freud, segundo Ireland (1993), a ausência do desejo de se tornar mãe era consequência da continuidade do complexo de masculinidade.⁸⁰

⁸⁰ Momento no qual a menina se recusa a reconhecer a falta de pênis materno e sua própria falta e busca acentuar sua masculinidade prévia – apegando-se a uma atividade clitoridiana, refugiando-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai, mantendo a esperança de ainda vir a ter um pênis (Silva & Folberg, 2008).

Para Caixeta e Barbato (2004), hoje como antes, a identidade das mulheres continua constituindo-se em múltiplos componentes, sem perder sua principal fonte de identificação, a maternidade. A arte da criação de humanos é um fundamento da comunidade, afirmou Joaquim (2019). Entrementes, o mito do amor materno, assim como a imagem da maternidade sacrossanta, parece diluir-se lentamente, dando lugar a decisões individuais (Ireland, 1993). Vem aumentando, nas últimas décadas, o número de mulheres que optam por não ter filhos (Wirth & Dümmler, 2004; Badinter, 2010; Lima & Togni, 2012; Patias & Buaes, 2012; Fidelis & Mosmann, 2013; Shapiro, 2014; Joaquim e Barros, 2019; Harrington, 2019). Inclusive mulheres que ainda creem ser a maternidade fundante do feminino, nem sempre se deixam nortear pela maternidade no momento de fazer suas escolhas (Maluf, 2009). Esse grupo de mulheres – ainda mais do que o dos homens que se decidem contra a paternidade – ainda é, entretanto, considerado fora das margens da normatividade da sociedade ocidental, que segue preponderantemente pró natalista (Harrington, 2019; Joaquim e Barros, 2019).

Com o crescimento da não maternidade, a ciência e a sociedade estão mais atentas a este comportamento. Em 1993, Ireland criou uma classificação para mulheres sem filhos.⁸¹ Uma mulher sem filhos (*childless*) não rejeita a ideia da maternidade e da família normativa e talvez venha a tornar-se mãe, seja por desejo próprio e ou por pressão externa. Ela não descarta completamente a maternidade como parte da identidade feminina, mas prefere investir em outros projetos, como, por exemplo, a carreira. Por sua vez, a mulher livre de filhos (*childfree*) organiza sua identidade ao redor de sua independência, sua assertividade e, geralmente, sua vida profissional.⁸²

O número de mulheres sem filhos (*childless*) é maior entre aquelas com alto nível de formação profissional, que vivem em áreas urbanas e sem filiação religiosa, afirmaram Wood e Newton (2006). Entretanto, advertem citando Morel (1993), há também mulheres advindas de contextos com menos recursos que se decidem contra a maternidade, exatamente para aumentar suas chances de autoexpressão, independência, bem como para atingir níveis mais altos de formação profissional e autossuficiência econômica. Mulheres

⁸¹ Classificação encontrada em *Reconceiving women – separating motherhood from female identity* (Ireland, 1993).

⁸² Na opinião de Harrington (2019), em linha com Wood e Newton (2006) as barreiras do idioma inglês inevitavelmente dificultam que tais termos logrem transpassar os limites da cultura pró-natalista e do patriarcalismo. *Childfree*, com suas implicações neoliberais que sugerem uma escolha, explicou, pode também implicar erroneamente uma atitude negativa com relação a crianças, assim como *childless* pode sugerir infertilidade. Na língua portuguesa, a esse problema ainda se agrega o fato de que ambos os termos só se deixam traduzir diretamente como sem filhos e/ou livre de filhos.

que decidem não ter filhos, advogaram Peterson e Engwall (2013), em concordância com Wood e Newton (2006), rejeitam e resistem aos entendimentos normativos pró-natalistas que confundem a identidade feminina com o fato de ser mãe. Contudo, acrescentaram as autoras, mulheres sem filhos podem viver uma ambivalência ao negociar e desenvolver uma identidade feminina "atípica" satisfatória - ainda que sejam vistas à margem da diferença sexual, do gênero e dos papéis de gênero em sua versão normal. Como afirmaram Joaquim e Barros, “a decisão de não ter filhos acompanha um processo de aprendizagem que envolve a redefinição das relações de gênero e parentesco” (2019: 89).

1.4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM TEMPOS PÓS-MODERNOS

Lo que caracteriza a la condición de la mujer posmoderna es la repulsa de una identidad constituida de manera exclusiva por las funciones de madre y de esposa.

(Lipovetsky, 1999: 203)

Nesses tempos líquidos, caracterizados por flutuações velozes, em constante des/re/construção de relações afetivas, sociais, culturais, conceitos teóricos, concepções de instituições, estilos de trabalho etc., não é uma surpresa que também a instituição da maternidade se encontre no “olho do furacão” de questionamentos e mudanças, conforme expressão proposta por Rich (2020). A globalização, por ser muito mais que apenas um fenômeno externo, influencia aspectos da intimidade dos sujeitos, modifica suas vidas e o modo de ser de cada um/a, transformando, essencialmente, as relações sociais (Vieira, 2005). Tanta mudança e em tal velocidade gera dificuldades para a definição identitária dos indivíduos, em particular para os de gênero feminino. A rapidez das transformações causa um descompasso no processo da (re)construção da identidade da mulher pós-moderna, a ser reinventada de forma mais adequada às novas discussões sobre gênero, maternidade, vida laboral etc.

1.4.1 *Identidade feminina e vida profissional*

*Wo ein Mann sich im Beruf auch dann stellen muss, wenn er fürchtet zu scheitern, kann ich als Frau ausweichen auf meine weibliche Bestimmung.*⁸³

⁸³ Tradução livre da pesquisadora: “Enquanto um homem precisa enfrentar seu trabalho mesmo com medo de fracassar, eu, como mulher, posso evitá-lo alegando meu ‘destino feminino’” (Schwarzer, 2015).

(Schwarzer, 2015)

Segundo Harrington, a maternidade, *raison d'être d'une femme – normal, normalized, and expected aspect of our pronatalist Society* – foi, durante muito tempo, um fator que dificultou o trabalho feminino fora de seu lar (2019: 24). Hodiernamente, quando o trabalho é uma fonte de saúde mental e bem-estar para mulheres, a maternidade passa a ser, para muitas delas, um desafio a se repensar (Lima & Togni, 2012). Para Caixeta e Barbato (2004), o fato de a mulher assumir o papel social de profissional com carreira não modificou sua identidade de mulher, apenas a ampliou. Mais que mães, esposas e donas-de-casa, são profissionais. Ao mesmo tempo que isso lhe abre novas perspectivas interessantes, a dupla jornada passou a fazer parte de suas vidas, fenômeno apelidado – às vezes positivamente, às vezes de forma crítica ou irônica – de “supermulheres”.

1.4.2 Trabalho e Identidade

O trabalho tornou-se, em nossos dias, uma categoria central nas relações entre os indivíduos e a sociedade, ou seja, um elemento-chave na constituição da identidade social, assumindo significações que vão além da simples venda da força de trabalho por salário. O plano de vida idealizado, a visibilidade, o reconhecimento social, a inserção em grupos, o acesso a direitos sociais e ao consumo, envolvem o sentido de autorrealização dos sujeitos (Piolli, 2011). O indivíduo constitui sua identidade ao construir uma representação de si em que, como num jogo de Tetris, encaixa os diversos papéis vividos por si e as diferentes representações relacionadas a esses papéis, incluindo a representação profissional. Em termos estruturalistas, as questões de identidade têm a ver com papéis e esses são alimentados por expectativas sociais.

Conceber a atividade de trabalho dos sujeitos como constituinte da sua identidade social implica reconhecer, portanto, a relação de mútua determinação entre trabalho e identidade e, conseqüentemente, a constituição de uma identidade profissional.

(Coutinho, 1999 *apud* Coutinho *et al.* 2007 : 34)

Camilieri *et al.* (1999 *apud* Santos, 2011: 46) afirmaram que indivíduos e grupos possuem determinadas estratégias identitárias – conscientes ou inconscientes – que lhes possibilitam, *et alii*, eleger seu grupo de pertença e/ou de referência. Essas estratégias salvaguardam a identidade individual e permitem a participação do sujeito no mundo social, seja pela identificação com o Outro, seja pela possibilidade de ser identificado pelo Outro, por sua singularidade, por aspectos que partilham, vivem e sentem em comum. A

identidade profissional desempenha um importante papel nesse reconhecimento (Santos, 2011: 46).

Coutinho *et al.* (2007) alertaram que, na contemporaneidade, a precariedade, a vulnerabilidade e a fragmentação do desenho do trabalho geram dificuldades para o processo de construção de identificações e, por conseguinte, de identidades profissionais. O ponto de vista de Eickelpasch e Rademacher (2004) é um pouco diferente. Para eles, com o escasseamento dos empregos remunerados e a fragmentação das biografias laborais, as ocupações têm perdido seu significado tradicional de âncora de significado e identidade para o indivíduo. A perda de determinada identidade como a profissional repercute, irremediavelmente, na concepção do Eu e dos Outros e impele o indivíduo a reconstruir sua história de vida e relações sociais, o que tem forte influência sobre a base matriz da individualidade (Santos, 2011).

No que diz respeito à integração após a imigração, de acordo com Pant (2022), os esforços dos migrantes altamente qualificados só podem resultar numa integração bem-sucedida na sociedade quando eles são capazes de contribuir igualmente para este objetivo, utilizando seus conhecimentos e competências adquiridos – parcial ou totalmente em seus países de origem - no seu novo país de residência. Valendo-se do conceito de Bourdieu de formas de capital cultural, social e simbólico (Bourdieu, 1986, *apud* Pant, *idem*, pp. 41), a participação no mercado laboral é para tais imigrantes tão crucial como a pertença a um espaço social.

1.4.3 Identidade feminina e identidade profissional

*Die Definition des eigenen Selbst über Arbeit ist ein
für den Neoliberalismus praktisches Prinzip.⁸⁴
(Schuber, 2020)*

A humanidade viu, ao longo dos séculos, a construção da noção de indivíduo e, posteriormente, a transformação do indivíduo em trabalhador.⁸⁵ Não se pode pensar a categoria trabalho, exortaram Ribeiro e Léda (2004), como natural ou a-histórica. Nos

⁸⁴ Tradução livre da pesquisadora: “A definição do Eu por meio do trabalho é um princípio prático para o neoliberalismo”.

⁸⁵ O nascimento do "indivíduo soberano" entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado (Hall, 2006: 25).

tempos antigos, o trabalho era frequentemente visto como algo servil e sujo. Estava reservado aos escravos e aos pobres, enquanto os cidadãos livres se dedicavam à política e à filosofia. Nos primeiros tempos do cristianismo, o trabalho era visto como punição para o pecado (Ribeiro & Léda, 2004). A expiação de Adão, por exemplo, foi a expulsão do paraíso e ter que ganhar o pão com o próprio suor. Na Idade Média, o trabalho passou a ser visto como um dever religioso, sobretudo no protestantismo. Era um meio de servir a Deus e de se preparar para a vida após a morte. A concepção de trabalho como fonte de identidade e autorrealização humana, segundo Ribeiro e Léda (2004) começou no Renascimento. Nos tempos modernos, o trabalho era percebido, cada vez mais, como um valor em si, um meio de realização e desenvolvimento de habilidades e talentos.

Durante a industrialização, o trabalho passou a ser visto como um meio de produção de bens e serviços. Gradualmente, o trabalho passou a ser considerado um criador de riquezas e a simbolizar o valor e a dignidade humana (Coutinho *et al.*, 2007). A crença de que o trabalho é edificador se enraizou na sociedade capitalista moderna (Perez *et al.*, 2022). Nas últimas décadas, categorias teóricas-chaves na área das Ciências Humanas e Sociais como, por exemplo, a identidade e o trabalho foram atingidos por transformações radicais, quer sociais, econômicas, tecnológicas ou geopolíticas que imprimiram na pós-modernidade características como transitoriedade, efemeridade, descontinuidade e caos (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007). Tal afirmação está em linha com os pontos de vista de Hall e Bauman sobre a pós-modernidade.

As trajetórias profissionais são parte crucial da vida dos trabalhadores devido ao tempo que demandam e a importância que carregam em diferentes esferas da vida. Rupturas no percurso laboral se mesclam, inevitavelmente, à própria trajetória de construção identitária (Coutinho *et al.* 2007) – afirmação consonante com Santos (2011). Também Lima (2007) advogou que a perda do trabalho, por qualquer razão que seja, pode causar rupturas na identidade e perda de referências. As implicações dessa perda podem ser: baixa autoestima, sentimento de exclusão social, dificuldades nas relações familiares e sociais, sensação de abandono e incompetência, frustração, culpabilidade, instabilidade emocional, insegurança, ansiedade, estresse e depressão (*idem*).⁸⁶ O papel do trabalho na formação da identidade é atualmente um objeto polêmico, afirmou Lima (2007). Para a autora o trabalho – não o emprego – é inerente à existência humana e desempenha um grande papel na

⁸⁶ Conforme evidências produzidas em investigação científica realizada em 17 países pelo psicólogo do trabalho Dominique Clavier (*apud* Lima, 2007: 7)

constituição e consolidação das identidades individuais e coletivas. Pós-modernamente, explanou Castel (2012), o trabalho se caracteriza, entretanto, por descartabilidade, volatilidade, adaptabilidade e intercambialidade, aspectos também da identidade pós-moderna, como apontado por Hall (2021). Esses aspectos estão, por suposto, também associados à identidade de gênero.

1.4.4 Mulher, atividade profissional e identidade⁸⁷

Os modelos dominantes de masculinidade e feminilidade existentes em muitas sociedades, forjados histórica e culturalmente, culminaram na separação radical entre o trabalho e a família afirmaram Silva *et al.* (2010), em concordância com Del Bel (2013). A divisão sexual de tarefas, explicou Coutinho (2000), não traduz as possibilidades físicas e intelectuais das mulheres; correspondem, de fato, arbitrariamente, somente ao que socialmente se espera/deseja que elas façam. O fato de o gênero ser usado para estabelecer a separação central entre trabalho produtivo e remunerado, de um lado, e trabalho doméstico e reprodutivo, de outro, se explica racionalmente como um marco simbólico devido ao lugar específico que as mulheres ocupam no processo de reprodução da vida: a procriação no interior de seu próprio corpo e a alimentação do recém-nascido (Coutinho, 2000). Nesse espaço de trabalho, não diretamente mercantil, as mulheres são duplamente exploradas pelo capital, pois proporcionam as condições indispensáveis para que a força de trabalho de seus maridos, filh@s e de si próprias se reproduzam e se mantenham (Coutinho, 2000). Aceitar a noção da mulher como indivíduo autônomo e independente equivaleria a negar sua natureza, o que arruinaria a ordem familiar tradicional e suscitaria confusão entre os sexos, pois identidade de gênero é uma categoria relacional, explanou Silva *et al.* (2010), em linha com Beltrame e Donelli (2012). Se se questiona um polo, se põe em dúvida o outro. Em outras palavras, desnaturalizar o polo feminino colocaria em questão a supremacia masculina.

Na pós-modernidade, de todo modo, as mulheres, com suas identidades femininas múltiplas, ocupam novas posições de sujeito, afirmaram Silva *et al.* (2010). Parece haver, nas últimas décadas, uma resistência a se pertencer a apenas uma única identificação e a um único espaço (Silva, Amazonas &Vieira, 2010). Essa multiplicidade de papéis lhes permite conhecer novas concepções e vivências consigo mesma, com os Outros e com sua

⁸⁷ Deve-se manter em mente que somente por motivos didáticos é razoável falar de “identidade feminina” como se os aspectos apontados fossem universais.

prole (Molina, 2006 *apud* Beltrame & Donelli, 2012). O trabalho feminino remunerado possibilita atravessar as fronteiras entre o público e o privado, gerando novas modalidades de relacionamento entre os gêneros (Molina, 2006 *apud* Beltrame & Donelli, 2012; Del Bel, 2013). Isso implica que o trabalho feminino nos espaços públicos pode constituir um passo importante para a igualdade entre homens e mulheres e para a superação da herança patriarcal. Contudo, segundo Beltrame e Donelli (2012), diversos estudos apontam ser a conciliação entre maternidade e carreira um conflito comum à mulher pós-moderna. A necessidade ou a opção de transitar entre esses espaços pode causar esgotamento físico e mental (Perez *et al.*, 2022), porque ao ingressar no mercado de trabalho, as mulheres passam a realizar trabalhos remunerados, sem deixarem de ser as principais responsáveis pelos trabalhos domésticos e reprodutivos (Coutinho, 2000).⁸⁸

As últimas décadas presenciaram o declínio do estereótipo da esposa-mãe-dona de casa em paralelo à promoção de um superinvestimento feminino nos papéis sociais da vida profissional (Silva *et al.*, 2010).⁸⁹ Para Beltrame e Donelli (2012), a entrada da mulher no mercado de trabalho e a consolidação dessa mudança econômico-social trouxe implicações à maternidade. Pela primeira vez na história milenar do trabalho feminino, muitas mulheres escolhem o trabalho remunerado, não numa época de penúria, de guerra ou de crise, mas num período de prosperidade e de expansão econômica (Beltrame e Donelli, 2012). A seus olhos, o trabalho já não é o *tripalium*, mas representa um meio de realização como sujeitos e de desenvolvimento da própria identidade (Caixeta e Barbato, 2004). “*En la implicación femenina en el trabajo subyace mucho más que el deseo de escapar el “gueto” doméstico; de hecho, traduce la nueva exigencia de afirmar una identidad como sujeto*” (Lipovetsky, 1999: 205).

A revisão de literatura sobre maternidade e carreira realizada por Beltrame e Donelli (2012) revelou que, para a mulher pós-moderna, sobretudo a urbana, a entrada no mercado de trabalho e a consolidação da carreira vêm se tornando cada vez mais uma prioridade. Conciliá-las com a vida familiar, entretanto, pode gerar conflitos pessoais e

⁸⁸ Tal fato pode ser, mais uma vez, comprovado durante a pandemia do Covid 19, quando a maioria dos homens e mulheres trabalharam nos mais diversos países em regime *home office*. Diversas pesquisas revelaram que, na maior parte dos casos, as mulheres é que tiveram que auxiliar “os filhos com o acompanhamento das aulas online e a realização das atividades escolares, além do cuidado com a saúde mental dessas crianças e adolescentes frente ao isolamento social e ao ensino remoto.” (Perez *et al.*, 2022: 99).

⁸⁹ Faz-se imprescindível lembrar que esses estereótipos de mulher – esposa – mãe – dona de casa e anjo do lar – tão comuns nos séculos XIX e XX, nunca foram nem universais nem idênticos para diferentes classes sociais (Silva *et al.*, 2010). De modo, geral, mulheres de classe mais pobre conheceram o trabalho mais cedo que as mais afluentes.

relacionais. Neste sentido, a emancipação feminina significou, de modo geral, acumulação de responsabilidades, obrigando a mulher a conjugar dicotomicamente o ser mãe e o ser profissional, o que a leva, frequentemente, a uma carga dupla (ou mesmo tripla) de trabalho (Perez *et al.*, 2022).⁹⁰

O trabalho é um fator determinante na construção da identidade dos indivíduos, especialmente das mulheres, por ser um mecanismo de formação da identidade e da individualidade (Perez *et al.*, 2022). Para muitas mulheres, o trabalho é parte essencial da sua identidade, não apenas por ser uma fonte de renda, desenvolvimento pessoal, autoatualização e satisfação, mas também por permitir-lhes expressar seus valores e objetivos. De modo geral, promover o trabalho feminino é promover a identidade feminina.⁹¹ Trata-se de superar a noção tradicional e dicotômica que persiste em impor espaços e papéis endereçados a mulheres ou a homens, tradicionalmente delineados em torno do desempenho de tarefas e funções (Silva & Amazonas, 2009). Trata-se também de se normalizar como feminino o trabalho no espaço público, de se repensar e se reorganizar o espaço privado para que a mulher tenha liberdade de escolher suas trajetórias e assim eleger as identidades e papéis, que prefere encaixar em seu jogo de tetrís, ou no seu *puzzle*, nas palavras de Bauman (2004).

Rupturas no percurso laboral se mesclam à trajetória de construção de sua identidade (Coutinho *et al.*, 2007). A perda do trabalho, por qualquer razão que seja, pode causar rupturas na identidade e perda de referências (Lima, 2007), que exigem que o indivíduo se valha de múltiplas estratégias para se reconstruir. Faz-se mister ressaltar a complexidade da questão do trabalho e da identidade em contexto de imigração, por ser esse também um fator desafiador para a saúde mental (Ramos, 2009, Coutinho *et al.*, 2012, Granada *et al.*, 2017). No caso de mulheres que haviam feito investimentos significativos em suas vidas profissionais e migraram por um motivo alheio à carreira, o processo de (re)construção da identidade torna-se ainda mais rizomático.

⁹⁰ Interessante informação sobre mulher e trabalho na pandemia Covid.19: “o isolamento social e o *home office* ocasionaram o agrupamento das diferentes identidades em um único ambiente, o lar. Por um lado, essa configuração agravou as questões do conflito trabalho-família e, por outro, aproximou as mulheres de suas famílias, questão que foi encarada de forma dual. Desse modo, conclui-se que não há uma separação concreta entre a identidade pessoal e a identidade profissional e essa realidade está atrelada à divisão sexual do trabalho, entretanto, gera sobrecarga e pressão em todos os ambientes que perpassam a mulher” (Perez *et al.*, 2022: 101).

⁹¹ De fato, não é possível conceder um caráter universal a essa argumentação, uma vez que em sociedades e contextos diferentes, aspectos como feminino e masculino, trabalho, identidade feminina, espaço público vs privado se configur(ar)am historicamente de forma distinta.

1.5 ACULTURAÇÃO

*Não estou toda solta por estar em união com tudo.
Aliás uma pessoa é tudo.
Não é pesado se carregar porque simplesmente não se
carrega: é-se tudo.*
(Clarice Lispector, “Água viva”, 1998: 31)

1.5.1 Introdução

A globalização provocou uma erosão na ordem social estabelecida, dando início a uma era de dinamismo cultural (Kim, 2008). Nesse contexto, milhões de pessoas, estejam em sua própria casa ou em solo estrangeiro, têm sido desafiadas a submeter-se a algum grau de aculturação (Kim, 2008, 2012).⁹²

O conceito de “aculturação” foi originalmente proposto por antropólogos no início do século XX e se referia a transformações ao nível do grupo. Desde então, as Ciências Sociais em geral adotaram o termo para indagar sobre o fenômeno de transformação pelo qual passa um grupo cultural ao entrar em contato com outro.⁹³ Entretanto, após as primeiras discussões em torno do conceito, passou-se a observar o fenômeno também em nível individual (Sam & Berry, 2010), o que levou à formulação do conceito de “aculturação psicológica”, cunhado por Theodor Graves (1967 *apud* Berry *et al.*, 1987, Berry, 1994 e Lee, 2016). Nas últimas décadas, o debate foi proficuamente ampliado por Berry e seus colaboradores, assim como por outros como Young Kim e Verónica Benet-Martínez.

Note-se que, ao discutir sobre aculturação, parte-se da hipótese de que "leis universais" do comportamento humano podem ser abordadas. Tal hipótese não está relacionada com a visão de que, eventualmente, uma psicologia global possa ser estabelecida, mas sim com a crença de que há processos psicológicos subjacentes que são característicos de toda a espécie *homo sapiens* (Berry *et al.*, 2002). Exemplos podem ser encontrados na biologia (as necessidades fisiológicas como dormir e comer, embora sua realização seja alcançada de formas muito diferentes em diferentes culturas), na sociologia (os conjuntos universais de relações, tais como dominância) etc. A característica mais forte

⁹² Há diferentes autores de origem asiática, com sobrenome Kim, que se dedicam à área de aculturação. Este subcapítulo se dedica à teoria de Young Yun Kim, professora da University of Oklahoma.

⁹³ Segundo Rudmin *et al.* (2017), nos últimos cem anos, foram publicados por década cerca de 6000 estudos sobre aculturação.

da espécie humana talvez seja a capacidade de aprender e se adaptar, afirmaram Myers e Twenge (2013: 154), em consonância com Berry (Berry *et al.*, 2002 e Berry, 2009) e Kim (2000, 2010 e 2017).

Aculturação se refere a processos de mudança cultural e psicológica que resultam de encontro entre culturas. Nenhum grupo cultural permanece inalterado após o contato cultural, pois a aculturação é uma interação nos dois sentidos, resultando em ações e reações à situação de contato (Sam & Berry, 2010). Mas, com efeito, a maioria das mudanças ocorrem no grupo não dominante, ou indivíduo do grupo não dominante, como resultado da influência da cultura de acolhimento (Berry 1994; Shearer, 2004).⁹⁴

Ao migrar da cultura em que nasceu e foi criada para uma nova cultura, a pessoa é impelida a adotar os comportamentos, idiomas, crenças, valores, instituições sociais e tecnologias da cultura de destino. Qualificar como se dão esses processos é um tema complexo, assim como são complexas suas consequências para o bem-estar dos indivíduos (Berry, 1994). Via de regra, os migrantes são confrontados por mudanças e dificuldades de adaptação a uma nova língua, cultura, trabalho, estilos de comunicação, práticas sociais, educativas e sanitárias (Ramos, 2013). A aculturação tende a afetar uma ampla gama de domínios da vida, desde a saúde mental até as relações interpessoais (Sam & Berry, 2010), porque as mudanças influenciam escolhas comportamentais em diferentes domínios da vida (Zane & Mark, 2003 *apud* Stogianni *et al.*, 2021).

Há diferentes modelos bilineares e multidimensionais de aculturação⁹⁵ como, por exemplo, os internacionalmente famosos de Berry ou de Kim ou o *Dynamische Modelle der Migration* de Machleidt e Heinz. Tais modelos propõem que indivíduos em processo de aculturação enfrentam duas questões centrais, nomeadamente, a manutenção da cultura de origem e a integração à nova (Nguyen & Benet-Martínez, 2012).⁹⁶ Essas duas operações dominantes da aculturação são conceitualmente distintas e podem variar independentemente (Phinney *et al.*, 2001). Ao vivenciar a aculturação, as pessoas experienciam mudanças e devem fazer escolhas em diferentes dimensões da vida, como língua de uso ou preferência, comportamentos culturais, filiação social, hábitos de vida cotidiana, tradições culturais, estilo de comunicação, identidade cultural, crenças e valores,

⁹⁴ Para referir-se à cultura para a qual a pessoa migra autores diferentes usam termos diferentes como, por exemplo, cultura anfitriã, de acolhimento de destino. Nesse texto esses termos são usados de forma intercambiável.

⁹⁵ Modelos bilineares têm duas direções – para a cultura original e para a de acolhimento. Modelos multidimensionais envolvem diferentes setores da vida.

⁹⁶ Modelo apresentado em Machleidt, W., & Heinz, A. (2011: 33-38)

discriminação e preconceito (positivo ou negativo) percebidos, estilo de socialização etc. (Zane & Mak, 2003 *apud* Stogianni *et al.*, 2021). As escolhas são parcialmente conscientes, parcialmente, não.

No início dos estudos sobre aculturação, era comum considerar-se que a migração, inevitavelmente, acarretaria problemas de ordem psicológica e social. Atualmente, o entendimento geral é que a migração pode representar um fator de risco e pode levar a resultados muito positivos ou muito negativos, dependendo de uma variedade de fatores relacionados às características tanto dos grupos, quanto dos indivíduos implicados em processos de migração e da adaptação cultural (Berry, 1994). A existência dum conhecimento razoável sobre quais fatores psicológicos, sociais e culturais podem afetar o resultado torna mais viável criarem-se medidas que possam tornar as adaptações positivas mais prováveis (Berry, 1994).

Até o momento, vários modelos foram desenvolvidos para explicar como se dá o processo de aculturação, tanto em nível de grupo como de indivíduo. Nesse *métier*, assim como em outras áreas da ciência, muita teoria se desenvolve como complementação, atualização ou crítica de teorias precedentes. Como escapa ao escopo desse estudo elencar os diversos modelos existentes, serão explorados a seguir somente os modelos propostos por John Berry, Young Kim e Benet-Martínez, que melhor se adequam aos propósitos da presente investigação. O quadro teórico abaixo apresenta de forma muito abreviada os pontos principais das teorias que serão discutidas a seguir.

Tabela 1.2. Quadro teórico: Aculturação

Berry	Young Kim	Benet-Martínez
<i>Berry's Model of Acculturation</i>	Teoria Integrativa	<i>Bicultural Identity Integration</i>
Estresse aculturativo (<i>stress-coping-adaptation</i>) é parte importante do processo	Estresse aculturativo (<i>stress-adaptation-growth dynamic</i>) é parte indispensável do processo	Estresse de aculturação pode ocorrer durante o processo
4 diferentes estratégias de aculturação (assimilação, separação, marginalização e integração)	Intra- e intercomunicação como elemento central da aculturação	Biculturalismo

Ambiente de acolhimento e diferenças pessoais influenciam o estresse de aculturação	Características pessoais influenciam a aculturação	<i>Os aspectos do Big 5</i> (Modelo de Cinco Fatores) –influenciam aculturação ⁹⁷
A aculturação provoca mudanças físicas; biológicas, políticas; econômicas, culturais e sociais	A aculturação exitosa leva à <i>intercultural personhood</i> (pessoalidade intercultural)	A aculturação exitosa leva à integração da identidade bicultural
Com a aculturação a pessoa vivencia um <i>behavioral shift</i>	Com a aculturação a pessoa alcança um <i>functional fit</i>	Com a aculturação a pessoa se torna capaz de fazer um <i>frame switching</i>

Fonte: Elaborado pela autora

1.5.2 A teoria de John Berry

A teoria de Berry tornou-se conhecida na década de 1980. Segundo Ward e Kus (2012), em linha com Yoon *et al.* (2020), sua teorização representou um avanço conceitual sobre os modelos unidimensionais da época. Tais modelos se baseavam na ideia de que a aculturação se desenvolvia à medida que a identificação com a cultura de origem diminuía (deculturação) e a adoção de valores, atitudes e comportamentos da sociedade dominante se fortalecia;⁹⁸ Berry, por sua vez, questionou a viabilidade da conservação da cultura de origem em conjugação com a adoção da nova cultura. Essa nova perspectiva provocou uma reviravolta no modo de se pensar o fenômeno da aculturação. Desde então, “na arena internacional, não há dúvidas de que Berry se estabeleceu como o principal teórico da aculturação” (Ward & Kus, 2012: 1), dada a ampla aceitação da chamada “estrutura (*framework*) das quatro formas de aculturação” (Benet-Martínez & Haritatos, 2005). Seja em nível individual ou coletivo, o modelo de Berry tem sido empregado em diferentes disciplinas como, por exemplo, antropologia, pedagogia e sociologia. Nota-se sua influência, por exemplo, no trabalho das psicólogas interculturais Young Kim e de Verónica Benet-Martínez. No caso específico da psicologia intercultural, o modelo ganhou ainda mais importância por sua ênfase nas “estratégias de aculturação” e no “estresse aculturativo” (Ward & Kus, 2012).

⁹⁷ *Big 5 traits* é uma teoria da psicologia para se investigar personalidade que surgiu em meados do século XX. Ela inclui os traços *extraversion, conscientiousness, openness to experience, agreeableness, and neuroticism* (John & Srivastava, 1999).

⁹⁸ O conceito de deculturação será detalhado posteriormente ao se tratar da Teoria Integrativa de Y. Kim.

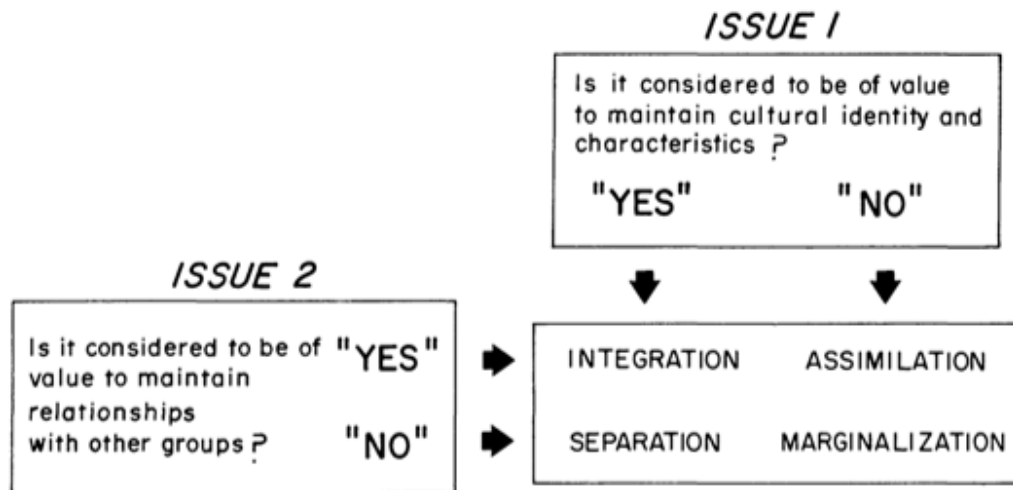
(a) *Quatro estratégias de aculturação*

Na teoria de Berry, a aculturação é entendida como processo de mudanças culturais e psicológicas que resultam do encontro entre culturas (Sam & Berry, 2010). “*Changes in behavior are well-documented in the literature (...), these include values, attitudes, abilities, and motives. Such changes are referred to as behavioral shifts*” (Berry, 1994: 222). Nesse processo, os imigrantes podem valer-se de quatro estratégias de adaptação de longo prazo /aculturação (Berry, Kim & Mok, 1987; Berry, 1992; Berry, 1994; Sam & Berry, 2010; Berry, 2011). Para Berry, afirmaram, Phinney *et al* (2001), as estratégias de aculturação moderam os resultados adaptativos de aculturação. São as formas de que grupos e indivíduos se valem para aculturar-se, as diferentes possibilidades de combinação de atitudes e comportamentos de aculturação (Berry, 2009).

As quatro estratégias apontadas por Berry – e retrabalhadas por ele e colegas – resultam do cruzamento das duas importantes dimensões identificadas pelo autor – orientação em direção da própria cultura ou à da nova cultura – na década de 1970 num processo que delineia as distintas estratégias de aculturação. Trata-se de um *two-continua model* (Kim, 2007). O primeiro *continuum* pode ser representado pela questão “Qual é o grau de importância dos próprios costumes e da identidade cultural original no processo de aculturação?” O segundo *continuum* é representado pela questão “A importância dos costumes e dos valores da cultura de acolhimento é alta o suficiente para que se busque o contato com essa nova cultura e a participação na vida cotidiana com seus membros?” Essas questões, que se referem a atitudes e valores, devem ser respondidas numa escala contínua cujos extremos são “positivo” e “negativo”.⁹⁹ As preferências com relação a essas duas questões levam à adoção de uma das quatro diferentes estratégias de aculturação denominadas por Berry como assimilação, integração, separação e marginalização, conforme descrito na Figura 1.2. De acordo com esse modelo, a escolha da estratégia depende da medida em que o indivíduo (ou grupo) equilibra a manutenção de sua cultura original e o contato com o novo grupo cultural (Sam & Berry, 2010; Berry, 2016).

⁹⁹ Trabalhos posteriores (por exemplo, Berry *et al.*, 2006, Berry, 2009) incorporaram outras características psicológicas (tais como identidades culturais, linguagem, comportamentos sociais e motivações) juntamente com atitudes, levando ao conceito mais abrangente de estratégias de aculturação.

Figura 1.2. Estratégias de aculturação



Fonte: Berry *et al.* (1987: 496)

Diferentes estratégias levam a diferentes resultados sociopsicológicos. Quando a resposta à questão sobre manutenção da cultura original é negativa, e a resposta à questão sobre o contato com a nova cultura, positiva, fala-se em assimilação. Isso significa que o indivíduo renuncia à própria identidade cultural para viver orientado à cultura de acolhimento.

Fala-se de integração quando as respostas a ambas as perguntas são positivas. Essa implica algum grau de manutenção da identidade cultural original, o que, por sua vez, implica alguma reação ou resistência ao movimento em direção à cultura de acolhimento, ou seja, alguns ajustes.¹⁰⁰ O resultado da integração é, em geral, o biculturalismo (Berry, 1994; Phinney *et al.*, 2001; Nguyen & Benet-Martínez, 2012; Stogianni *et al.*, 2021).

Essa estratégia requer que os grupos não dominantes adotem os valores básicos da sociedade maior, ao mesmo tempo em que o grupo dominante deve estar preparado para adaptar as instituições nacionais (por exemplo, educação, saúde e trabalho) para melhor atender às necessidades de todos os grupos que agora vivem juntos na sociedade plural.

(Berry, 2009: 367)

De fato, ambos os grupos – o de acolhimento e o migrante – precisam aceitar o direito à pluralidade cultural para que se alcance uma acomodação mútua, explicou Berry (2009). Neste sentido, torna-se mais fácil para um indivíduo ou um grupo cultural optar

¹⁰⁰ Sauer e Halm (2005) consideraram ser o uso da palavra "integração" muito vago, pelo fato de ela não revelar claramente as duas dimensões de significado que abarca, ou seja, a participação na nova cultura em si e, por outro lado, as formas possíveis de participação. Os autores explicam que às vezes só resta ao indivíduo ou grupo, ao invés da integração, a segregação. Um dos possíveis motivos seriam as baixas chances de participação oferecidas pela nova cultura ou, pelo menos, assim percebidas pelo indivíduo ou grupo imigrante – explicação em consonância com Sam & Berry (2010), Phinney *et al.* (2001) e Stogianni *et al.* (2021).

pela integração se o pluralismo multicultural se configurar como valor positivo na sociedade de acolhimento (Berry *et al.*, 1987 e 2009). Também Ramos (2001) ressaltou que a interculturalidade implica relação, dinâmica e interação entre indivíduos e grupos. No modelo de Berry, a integração parece ser a mais saudável e eficiente estratégia de aculturação, uma vez que implica uma atitude positiva face aos dois valores mensurados no *continuum* e a disponibilidade dupla de recursos, o que, por sua vez, dobra a capacidade de um indivíduo de lidar com transições culturais (Phinney *et al.*, 2001; Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Sam e Berry, 2010; Nguyen & Benet-Martínez, 2012).

Contudo, conforme ressaltam Nguyen e Benet-Martínez (2012), diferentes estudos conflitam no que diz respeito à direção e magnitude das associações entre integração e saúde mental, o que pode estar relacionado aos diferentes instrumentos de medidas e escalas usados pelos investigadores.¹⁰¹ Há, não obstante, críticas mais contundentes. Rudmin advogou que “a ideologia liberal compartilhada pelos acadêmicos causa um viés de confirmação coletiva para encontrar evidências que favoreçam a integração bicultural” (2006 *apud* Wang & de Castro, 2017: 25). Para esse autor, o viés se manifesta na construção de escalas e inventários, na interpretação dos dados e, até mesmo, na preferência das revistas científicas por trabalhos que reforcem a importância da integração.

Separação, por sua vez, é o nome da estratégia de aculturação resultante de respostas negativas à primeira e positiva à segunda questão proposta por Berry. Nesse caso, o sujeito vive na sociedade de acolhimento isolando-se em sua própria cultura e valores originais. Essa estratégia é claramente representada na imigração para “enclaves étnicos” (Berry, 1994).

Quando a primeira resposta é negativa, e a segunda também negativa, fala-se de segregação ou marginalização. Esse fenômeno ocorre quando o indivíduo (ou grupo cultural) rejeita tanto sua cultura de origem, quanto a cultura dominante do país anfitrião, explicou Berry (1994). Em outras palavras, desengaja-se igualmente de ambas as culturas (Nguyen & Benet-Martínez, 2012). Note-se que, em alguns casos, o isolamento do indivíduo ou grupo não resulta de uma escolha própria, mas de uma atitude de rejeição por parte da cultura de acolhimento. A marginalização implica pouca competência intercultural por parte da sociedade de acolhimento e, portanto, maiores dificuldades de adaptação intercultural por parte do imigrante (Sam & Berry, 2010).¹⁰² A marginalização é, muitas

¹⁰¹ Biculturalidade, nas palavras de Benet-Martínez e seus colaboradores.

¹⁰² Sauer e Halm (2005), em concordância com Berry (2013) observaram uma tendência ao isolamento ou segregação dos imigrantes da sociedade alemã.

vezes, vista, conforme o modelo, como a pior estratégia de aculturação. Por exemplo, segundo Berry *et al.* (1987), há evidências de que imigrantes marginalizados na cultura de acolhimento sofrem mais estresse de aculturação do que outros grupos.

A estratégia de aculturação utilizada pelo indivíduo ou grupo nem sempre é, de fato, eleita de forma livre (Sam & Berry, 2010), uma vez que ela depende parcialmente da sociedade em que se reside (Phinney *et al.*, 2001; Ramos, 2006; Sam & Berry, 2010; Stogianni *et al.*, 2021). Contextos econômicos, históricos e políticos da sociedade anfitriã influenciam o processo de aculturação (Berry, 2016b). Por exemplo, diferenças entre as políticas de integração dos imigrantes oferecidas pelo Estado têm um impacto direto sobre as formas de aculturação disponíveis na cultura de acolhimento, podendo desempenhar um papel relevante no prognóstico de resultados de ajuste em diferentes domínios da vida de um indivíduo (Stogianni *et al.*, 2021).

Berry destacou dois pontos importantes nos debates sobre estratégias de aculturação que ajudam a qualificar suas conclusões. Primeiramente, como já mencionado, a estratégia de aculturação depende significativamente da natureza da sociedade em que se reside, pois esta pode limitar as alternativas do imigrante. Em segundo lugar, mesmo indivíduos advindos de uma mesma cultura e que vivem numa mesma cultura anfitriã valem-se de estratégias diferentes devido a diversos fatores moderadores que interferem na aculturação de cada pessoa. Exemplos de moderadores anteriores à migração são idade, gênero, personalidade, distância cultural da sociedade anfitriã, motivações individuais para a migração, formação educacional ou profissional da pessoa, seus papéis social e familiar (Berry, 2009). Moderadores pós migração são, por exemplo, estratégias de enfrentamento (*coping strategy*) utilizadas, experiências de preconceito e discriminação, apoio da sociedade de acolhimento (Berry, 1990 *apud* Phinney *et al.*, 2001). Essa afirmação está em linha com as de outros autores, ainda que os moderadores elencados por cada um possam variar um pouco (*e.g.*, Ward, 2003, Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Benet-Martínez, 2010, Nguyen & Benet-Martínez, 2013; Berry, 2016).¹⁰³

(b) *Estresse aculturativo*

Além de formular o modelo teórico das quatro estratégias de aculturação, Berry propôs o conceito de “estresse aculturativo” – às vezes também chamado de choque cultural (Furnham & Bochner, 1986) – para se discutir os aspectos problemáticos da aculturação

¹⁰³ Esse é um aspecto de grande importância para a presente investigação e será tratado outra vez posteriormente.

(Berry, 2016a). Assim como Y. Kim, Berry trabalha com o *stress-coping-adaptation approach*, ainda que a autora lhe atribua um *status* mais fulcral, como um fator constituinte da aculturação¹⁰⁴. Para os fins dessa investigação, o conceito “estresse” é considerado um estado fisiológico e psicológico generalizado do organismo, como proposto por Berry *et al.* (1987: 492), em consonância com a definição estabelecida pela OMS¹⁰⁵. Esse estresse causa uma limitação do funcionamento normal desse organismo que, para seguir funcionando, tem que se valer de alguma *coping strategy* até alcançar uma adaptação satisfatória à situação (homeostase). Ter que lidar com duas culturas ao mesmo tempo e ter que participar em ambas, em vários aspectos, demanda um esforço do indivíduo. O estresse aculturativo é uma resposta das pessoas em aculturação que, frequentemente, levam a níveis elevados de depressão, ligados à experiência de perda cultural e de ansiedade, ligados à incerteza sobre como se deve viver na nova sociedade (Berry, 2016a).

Em muitos casos, entretanto, as questões que aparecem durante o processo de aculturação não chegam a representar um risco para uma pessoa e ela é capaz de ajustar-se sem grandes esforços. Trata-se de *behavioral shift* (mudança de comportamento) exitoso que resulta em estresse mínimo com consequências pessoais geralmente positivas. Entretanto, quando os níveis de conflito experienciados são mais significativos, fala-se de estresse aculturativo e há a expectativa de que seus efeitos sejam negativos (Berry, 2016a). Se esse conflito – que pode ser avassalador – não for tratado com sucesso, os efeitos imediatos serão substancialmente negativos e os níveis de estresse tendem a ser debilitantes. Geralmente, envolvem crises pessoais, ansiedade e depressão. Como o próprio nome revela, o estresse aculturativo corresponde à tensão associada à navegação para longe da cultura de origem em direção à nova cultura. Em outras palavras, está associado aos estressores presentes no processo de imigração e aculturação (Berry *et al.*, 1987; Berry, 1994). Esse estresse pode atingir aspectos psicológicos, somáticos e sociais da vida do indivíduo, empobrecendo seu estado de saúde física e mental. Grande parte da preocupação atual dos teóricos, psicólogos e agentes de saúde que lidam com a interculturalidade reside especificamente nas consequências psicológicas, sociais e na saúde física de indivíduos em aculturação. Essas consequências são, geralmente, temporárias, contudo, não devem ser subestimadas (Berry *et al.*, 1987; Berry, 1994).

¹⁰⁴ *Stress-coping-adaptation approach*: abordagem de adaptação para se lidar com o estresse

¹⁰⁵ “Stress can be defined as any type of change that causes physical, emotional, or psychological strain that impacts the body. It is a normal function, that can be unhealthy depending on the level and degree. How a person responds to stress, however, makes a big difference to your overall well-being”. (www.who.int/)

Para Berry (2009), as inconsistências e conflitos entre diversas preferências de estratégias de aculturação num grupo social podem ser uma fonte de estresse aculturativo. Outra fonte seriam os conflitos psicológicos se, por exemplo, existem valores incompatíveis entre a cultura de acolhimento e do grupo ou indivíduo imigrante (Berry, 2016a). Um terceiro exemplo seria uma distonia entre as políticas oferecidas pelo Estado anfitrião para apoio e proteção do imigrante e a postura cotidiana de cidadãos e organizações que não atuam de acordo com as leis estabelecidas.

(c) *Influências individuais e sociais na aculturação*

Segundo Berry (1976), em linha com o pensamento de Y. Kim, pode-se afirmar que as mudanças sociais e culturais vividas causam algum desconforto psicológico a todo indivíduo no processo de aculturação. Há, entretanto, diferenças culturais e individuais específicas que influenciam os pontos de tensão e afetam a intensidade do estresse acumulativo experienciado por cada indivíduo. O curso do estresse aculturativo não é universal (Berry, 2009). Como explicou Berry (1994), tanto a aparição quanto a extensão das mudanças de comportamento e do estresse aculturativo são afetadas por uma série de características que as pessoas trazem consigo para a arena aculturativa e por outros fenômenos que surgem durante a aculturação. A relação entre aculturação e estresse é moderada por uma série de fatores sociodemográficos (idade, gênero, status socioeconômico) e psicológicos (motivação da migração, sentimento de controle sobre a própria vida, estratégia de aculturação escolhida), explicou Berry (1994), em consonância com Bhugra *et al.* (2014). Estes últimos acrescentaram à lista de moderadores as expectativas de papéis de gênero, geração, cultura de origem e *status* educacional. Os mesmos fatores podem ser vistos tanto como fatores de proteção quanto como fatores de risco, dependendo de seu grau (Berry, 2016a).

Da mesma forma que as características da arena social em que o indivíduo se insere têm um papel crucial no que diz respeito à estratégia de aculturação, elas também influenciam o estresse aculturativo. Políticas de migração, aceitação do estrangeiro, presença ou ausência de xenofobia, racismo/racialização estão diretamente ligados ao desenvolvimento do estresse de aculturação. O estresse tende a ser menor em sociedades

multiculturais plurais mais tolerantes e abertas (Berry *et al.*, 1987; Berry, Kim & Power, 1989; Berry, 2016b).¹⁰⁶

(d) *Mudanças resultantes da aculturação*

Berry (1994) separou em seis categorias as mudanças que podem ocorrer como resultado da aculturação, seja em nível de grupo ou em nível de indivíduo. As mudanças físicas podem ser um novo lugar para viver, novo tipo de moradia, mudança da densidade populacional e de estilo de urbanização etc. As mudanças biológicas envolvem um novo *status* nutricional e novas doenças; as mudanças políticas vêm das diferentes leis e regulações elaboradas pelos Estados, inclusive no tangente à situação do imigrante (geralmente envolvendo alguma perda de autonomia). As econômicas podem advir do afastamento das atividades econômicas anteriores, o que pode empurrar o indivíduo em direção a novas formas de emprego, subemprego ou desemprego.¹⁰⁷ As mudanças culturais se revelam através dos novos costumes a serem apreendidos, novos usos linguísticas, religiosos, educacionais e técnicos. Finalmente, as sociais se relacionam às inevitáveis alterações nas relações intergrupais e interpessoais.

Quanto às mudanças típicas ao nível individual, Berry (1994) destaca as psicológicas e as atitudinais. As psicológicas se referem a alterações de valores, habilidades e motivos que se revelam nas mudanças da identidade pessoal e da identidade étnica, assim como nas opiniões sobre como – e se – se deve participar do processo de aculturação. As mudanças de atitudes, por sua vez, são as modificações de preferências de estilo de vida e de atitudes intergrupais.

I. Supostas limitações do modelo de Berry

Como mencionado, o modelo de Berry é internacionalmente reconhecido e foi múltiplas vezes utilizado por diferentes investigadores interculturais. Entretanto, ele também sofre algum criticismo. Ward e Kus (2012) analisaram uma série de críticas feitas por diferentes autores ao trabalho de Berry. A maioria delas lhes parece fruto de uma má interpretação dos artigos citados. Os autores estão de acordo de que os primeiros trabalhos de Berry careciam de maior precisão metodológica e, por isso, podiam levar a confusões e erros de conclusões. Eles afirmaram, entretanto, que os trabalhos mais recentes de Berry

¹⁰⁶ Nas palavras de Berry, “Culturally plural society is one in which a number of different cultural or ethnic groups reside together within a shared social and political framework” (Skelton & Allen, 1999 *apud* Berry, 2016: 27).

¹⁰⁷ Esse tópico está no cerne dessa investigação, por isso deverá ser aprofundado posteriormente.

apresentam um esforço “*towards eventually synthesizing a body of empirical work what often appears to present markedly conflicting findings on acculturation and adaptation*” (Ward, Kus, 2012: 475).

Também Benet-Martinez e Haritatos (2005) apontaram lapsos no trabalho de Berry apesar de considerarem o modelo de grande relevância e até mesmo usá-lo como ponto de partida de seu próprio trabalho. Em sua avaliação, o conceito de integração de Berry não descreve como as pessoas se integram e se relacionam com ambas as culturas. Tanto o processo pelo qual os indivíduos constroem uma identidade, como o papel da exposição à cultura de acolhimento na formação de processos cognitivos não receberam a suficiente atenção de Berry, afirmaram Benet-Martinez *et al.* (2002). Além disso, parece a Benet-Martinez e Haritatos (2005) que Berry dedicou-se pouco a estudar os antecedentes individuais e socioculturais que explicam por que o indivíduo tende a experimentar o biculturalismo como dicotomia e paradoxo. Em relação ao segundo ponto, Tadmor, Tetlock e Peng (2009) discordaram ressaltando que a investigação de Berry e associados (Berry, Kim, Minde, & Mok, 1987) focou em como características demográficas, de personalidade e situacionais afetam a propensão para adotar diferentes estratégias de aculturação.

De fato, Berry não se dedicou a estudar profundamente aspectos da personalidade como fatores moderadores da aculturação, como o fizeram Benet-Martínéz e seus colaboradores. Isso não significa, entretanto, que tenha ignorado a importância das características individuais na aculturação, como se pode ver em trabalhos mais atuais como Berry *et al.* (2006) e Berry (2009). Em resumo: O modelo de Berry, passível de aperfeiçoamentos e complementações, como qualquer elaboração científica, permanece seminal nas investigações sobre o processo de aculturação.

1.5.3 A teoria de Young Kim

Correntemente, Young Kim não é só uma das pessoas mais influentes nas teorias sobre comunicação, adaptação e assimilação, mas também a mais citada, segundo De La Garza e Ono (2015). Sua abordagem sobre os processos de aculturação tem modulado a forma como muitos estudiosos entendem adaptação e comunicação intercultural (De La Garza & Ono, 2015). Kim (2017) argumentou que há um vasto conhecimento sobre os fenômenos de adaptação intercultural que se encontra ainda fragmentado. Enquanto os cientistas sociais pesquisam em nível macro, os psicólogos interculturais se concentram

nos efeitos da adaptação intercultural em nível de saúde mental, o que dificulta a elaboração de um quadro geral (*big picture*) sobre fenômeno.

(a) *Teoria Integrativa*

Nas últimas três décadas, a Teoria Integrativa de Kim tem sido usada em diversas disciplinas dos estudos sociais – notadamente, comunicação intercultural, migração, psicologia intercultural – com o objetivo de se compreender os diferentes aspectos envolvidos na adaptação de um indivíduo ou grupo a um novo ambiente cultural (Shearer, 2004; Kim & Gudykunst, 2005). Em sua investigação, Kim buscou responder a duas perguntas capitais: primeiro, como o processo de adaptação intercultural se desenvolve ao longo do tempo; e, segundo, fatores que explicam as diferentes “velocidades” individuais para se lograr a adaptação.¹⁰⁸ Para desenvolver sua teoria e tratar as questões relacionadas ao fenômeno da adaptação intercultural de uma forma integrativa, Kim (2000, 2010 e 2017) partiu das seguintes premissas: 1) A adaptação intercultural é um fenômeno natural – similar ao ponto de vista de Berry (Berry *et al.*, 2002 e Berry, 2009) e universal. O ser humano, como qualquer outro ser vivo, tende a esforçar-se para entrar em equilíbrio interno com o ambiente em que se encontra inserido, em condições muitas vezes adversas. 2) A adaptação intercultural é um processo dinâmico e complexo, estruturado por forças multifacetadas e multidimensionais que operam de forma integrada, capacitando o indivíduo para avançar em seu processo evolutivo no novo meio ambiente.

Essas forças múltiplas, explicou Kim (2010), trabalham simultaneamente em torno: (a) da comunicação estabelecida entre o indivíduo e seu ambiente de acolhimento; (b) das condições do meio ambiente; e (c) das predisposições pessoais do indivíduo. Um ou outro fator pode ser mais pertinente do que os demais dependendo da situação da adaptação intercultural. 3) A comunicação é o veículo da adaptação intercultural. Isso implica que mesmo o menor nível de adaptação só ocorre se o indivíduo estabelece alguma relação com o novo ambiente. 4) Há três condições para que a adaptação cultural ocorra: (a) o indivíduo tem que ter passado por uma socialização em seu grupo de origem (enculturação); (b) ele deve depender, mesmo que minimamente, do novo ambiente para

¹⁰⁸ Como verificou Köhler (2005), migrantes muçulmanos com níveis mais altos de estudo e empregabilidade sentiam-se melhor e mais rapidamente integrados na Alemanha que os migrantes com níveis mais baixos escolaridade.

suprir suas necessidades pessoais e sociais; (c) a pessoa deve ter sua própria experiência de interação/comunicação com a cultura de acolhimento.

(b) *Dinâmica estresse-adaptação-crescimento (stress-adaptation-growth dynamic)*

Respondendo à primeira de suas perguntas capitais – como o processo de adaptação cultural se desenvolve ao longo do tempo? – Kim (2000, 2008, 2015, 2017) apresentou o modelo de adaptação intercultural que denominou “dinâmica estresse-adaptação-crescimento”, da qual emerge a personalidade intercultural. Esse modelo busca explicar o processo de evolução de um indivíduo em situação de adaptação intercultural em direção a tornar-se uma pessoa apta a viver adequadamente na nova cultura. Kim (2008) considera que esse modelo representa um contraponto e uma extensão do processo de construção da identidade cultural (de enculturação, entrada na cultura de origem), tornando viável entender-se o desenvolvimento humano em um mundo cada vez mais globalizado, até mesmo no caso de indivíduos que não se deslocam fisicamente de uma cultura para outra.

O termo adaptação intercultural (*cross-cultural adaptation*), como usado por Kim (Kim, 2000, 2010, 2015, 2017; Kim & Gudykunst, 2005), é um conceito genérico que remete ao processo dialético que evolui estresse, adaptação e crescimento e que, gradualmente, leva a maior aptidão funcional e melhor saúde psicológica dentro do ambiente da cultura de acolhimento. Em suas trocas com o novo ambiente cultural, o indivíduo iria se tornando mais capaz de (re)estabelecer e manter relações relativamente estáveis, recíprocas e funcionais (Kim, 2008, 2015).

Segundo Kim (2017), o termo adaptação intercultural abarca os conceitos adaptação e aculturação, muito usados nos diferentes estudos das ciências sociais. Ao abarcar tais conceitos, o termo também incorpora as ideias de enculturação e deculturação, revelando as inter-relações que estruturam o mapa conceitual da adaptação intercultural.¹⁰⁹

Kim (2015) explicou que um indivíduo entra numa nova cultura munido dos hábitos mentais adquiridos na enculturação. No novo meio ambiente, vai se apercebendo que lhe faltam conhecimentos para navegar e comunicar. Essa experiência, que se repete em diferentes momentos e áreas de sua nova vida, gera um conflito interno – o estresse da psique individual (Kim, 2012 e 2017) que compele o indivíduo a apre(e)nder o novo

¹⁰⁹ Kim usa o termo enculturação para referir-se ao processo de entrada da criança na cultura original e deculturação em referência à perda gradual dessa durante o processo de adaptação a uma nova cultura.

sistema cultural, sobretudo nos aspectos mais intimamente ligados à sua sobrevivência e cotidiano (Kim, 2017). O estresse, segundo Kim (2014), é uma expressão do instinto humano de buscar restaurar a homeostase. Trata-se do desconforto gerado pelo conflito interno ou incongruência do indivíduo que se vê dividido entre os valores e hábitos adquiridos em sua cultura original e os da cultura anfitriã. O conceito de estresse aqui se assemelha ao de estresse adaptativo em Berry (Berry, 1987, 1994; Berry *et al.*, 1987). Mas, enquanto Berry (Berry, 2016a) considerou normal – mas não inevitável – a presença do estresse na aculturação, Kim (2000, 2017) defendeu sua importância no processo de adaptação e na emergência da personalidade intercultural.¹¹⁰

O jogo entre os hábitos mentais originais e os novos se repete por um período prolongado e leva a uma transformação interna de comportamentos, mas também de valores, crenças e visões de vida, afirmou Kim (2017), consonante com Berry (1994, 2009). Cada experiência de estresse, explicou, é uma oportunidade de crescimento, pois o indivíduo é forçado a engajar-se em alguma nova atividade mental e/ou comportamental para melhor gerenciar seu novo cotidiano. A adaptação não progride nem de forma linear nem homogênea, senão num padrão *draw-back-to-leap* (retornar para avançar), afirmou Kim (2012, 2015, 2018).

O resultado de uma série de esforços para resolver incongruências e situações de estresse geraria o crescimento psicológico, talvez imperceptível, mas que levaria ao crescimento da complexidade e à formação da personalidade intercultural (Kim, 2000 e 2017).¹¹¹

(c) *Pessoalidade intercultural*

Kim (2000, 2017) dedicou especial atenção ao desenvolvimento da identidade de indivíduos em processo de adaptação. A autora argumentou que uma adaptação bem-sucedida na sociedade anfitriã leva a uma gradual transformação de identidade pessoal. Como já mencionado, essa transformação seria fruto da disputa de forças entre desejo de manter valores, comportamentos e atitudes mentais da cultura original e o desejo e/ou necessidade de desacoplar-se deles para melhor adaptar-se ao novo *milieu* (Kim, 2008), ideia em linha com a de Berry (Berry & Kim, 1987). A nova identidade seria o resultado

¹¹⁰ Berry (2016a) trabalhou com o conceito de *behavioral shift* para esclarecer que, às vezes, a adaptação pode se dar sem a presença do estresse ou com o mínimo do mesmo.

¹¹¹ Também Tadmor, Tetlock e Peng (2009) detectaram em seu estudo o desenvolvimento da complexidade cognitiva em indivíduos aculturados.

positivo da “dinâmica estresse-adaptação-crescimento”. Kim (2000) cunhou o conceito *intercultural personhood* (personalidade ou pessoalidade intercultural) para denominar essa nova personalidade. A construção da identidade intercultural, explicou, pode ser sutil e mesmo parcialmente inconsciente. Esse processo decorre do desenvolvimento de uma maturidade perceptiva e emocional, associados a uma compreensão mais profunda das condições humanas (Kim, 2010). A transformação da personalidade para tornar-se intercultural é caracterizada por dois padrões inter-relacionados enraizados na dicotomia auto orientação/orientação ao outro: individuação e universalização (Kim, 2008 e 2012).

A individuação envolve uma clara autodefinição, assim como uma nítida definição do outro como um indivíduo singular e não apenas uma categoria social. Isso implica maior diferenciação cognitiva e maior particularização. Por outro lado, a universalização vem da consciência da universalidade da natureza humana em conjunção com o reconhecimento da natureza relativa dos valores individuais e coletivos. Uma pessoa com uma pessoalidade (identidade) intercultural é mais capaz de ver a humanidade comum entre diferentes culturas e etnias, percebendo, além dos pontos de diferença e contenção, os pontos de complementaridade e aceitação (Kim, 2008: 364). A pessoalidade intercultural existe para além de todas as contingências da cultura e da própria língua (Shearer, 2004). Nas palavras de Adler, esse novo tipo de pessoa, que se pode denominar multicultural, é “intelectual e emocionalmente acometido com a unidade humana básica, ao mesmo tempo em que reconhece, legitima, aceita e aprecia as diferenças entre pessoas de diferentes culturas” (Adler, 1998: 306). Tal identidade é aberta, adaptável e transformativa (Kim, 2012).

Dentro do contexto da globalização e dos encontros interculturais, a ideia de uma identidade que se transforma ao longo da adaptação à nova cultura harmoniza com as ideias de Hall e Du Gay (2006), que afirmaram ser a identidade uma referência a um ponto de sutura entre os discursos e práticas que tentam nos interpelar, falar-nos como sujeito de discursos sociais, produzindo subjetividades, que nos constroem como sujeitos. Além disso, na medida em que Kim (2014) enfatiza a natureza complexa e evolutiva da identidade – criticando grande parte da literatura que, em tempos de globalização e integração, ainda se refere à identidade estática, perspectiva monolítica – ela se aproxima também das ideias de Zygmunt Bauman.

Sugiro que as "identidades" existem hoje somente no processo de renegociação contínua. A 'formação da identidade', ou mais corretamente sua “re-formação”, se transforma em uma tarefa para toda a vida [...]. Permanece sempre uma tarefa pendente de reajuste, já que nem as condições de vida nem os conjuntos de oportunidades e a natureza das ameaças sempre param de mudar.

(Bauman, 2011: 431)

(d) *A centralidade da comunicação*

Em resposta à segunda de suas perguntas capitais (A que se deve a diferença de tempo necessário a cada indivíduo para adaptar-se ao novo ambiente?), Kim defendeu a centralidade da comunicação. Para a autora (Kim, 2000, 2017; Kim & Gudykunst, 2005), o processo de adaptação só se dá na comunicação e através da comunicação. Cada pessoa é um sistema aberto que troca informações com o meio ambiente através da comunicação. Se há mudança nesse ambiente, a pessoa também muda (Kim, 2012).

Se o indivíduo deseja adaptar-se com sucesso à nova cultura, precisa dedicar-se a adquirir novas práticas de comunicação cultural e, paralelamente, aceitar abdicar de algumas das prévias (Kim, 2010). Comunicando-se internamente consigo mesmo e socialmente com o grupo a seu redor, o imigrante se capacita a apr(e)ender os símbolos e práticas do *milieu* da cultura anfitriã para se reorganizar e se adaptar (Kim, 2000, 2017). O indivíduo também utiliza esse conhecimento para checar e validar seus próprios comportamentos (Kim & Gudykunst, 2005). A repetição de atividades de aprendizagem da nova cultura e auto (re)organização leva ao *functional fit* (ajuste funcional) necessário para harmonizar-se com a cultura anfitriã.

Quanto à comunicação (intra) pessoal, Kim (2000, 2017) esclareceu que ela prova a capacidade do indivíduo de receber e processar acurada e eficientemente as informações do meio e planejar mentalmente como responder a seus estímulos. A autora ressaltou três competências do indivíduo que interferem na eficiência da comunicação no processo de adaptação, nomeadamente, a cognitiva, a afetiva e a operacional. A eficiência da comunicação (intra) pessoal está também direta e reciprocamente associada ao novo *milieu* e, segundo Kim e Gudykunst (2005; Kim, 2015), três aspectos desse ambiente influenciam na qualidade dessa comunicação. A saber, a receptividade da cultura anfitriã, a pressão de conformidade que ela exerce sobre o imigrante e a força ética que o grupo de origem do imigrante tem dentro da sociedade de acolhida (2017).¹¹²

Kim apontou mais uma reciprocidade no processo de aculturação, o fato de que os resultados alcançados pela crescente adaptação transcultural, que se dá na e através da comunicação, levam a um aumento da aptidão funcional, da saúde psicológica e da

¹¹² A visão que a cultura de acolhida tem do grupo de origem do sujeito em aculturação é também mencionada, por exemplo, por Nguyen e Benet-Martínez, 2012. Outros fatores sociais ligados à sociedade de acolhimento foram estudados também por Berry, *e.g.*, 2009. Esses aspectos ligados à cultura anfitriã desempenham um papel importante da presente investigação, por isso serão aprofundados posteriormente, tendo a Alemanha como foco.

identidade intercultural do indivíduo. Por sua vez, exatamente o desenvolvimento desses três aspectos facilitaria a melhoria da competência de comunicação (Shearer, 2004).

(e) *Características pessoais e adaptação intercultural*

Kim e Gudykunst (2005) apontaram características pessoais que interferem no processo de adaptação e que não estão, necessariamente, associadas à comunicação. São características que favorecem o sucesso da adaptação do indivíduo, mesmo se a pessoa se encontrar em uma nova cultura que lhe é hostil. Os autores sistematizaram essas características em quatro conjuntos: (a) prontidão mental, emocional, motivacional e cognitiva para lidar com a nova cultura (*preparedness*); (b) proximidade ou distância étnica, desde as semelhanças ou diferenças físicas, passando pelos hábitos alimentares e artefatos de uso cotidiano, até as práticas religiosas; (c) abertura (*openness*), força (*strength*) e resiliência; e (d) positividade da personalidade.

A importância da sensação de proximidade entre as culturas foi também tematizada por Benet-Martínez e seus colaboradores (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Nguyen & Benet-Martínez, 2007). Outro ponto comum entre Benet-Martínez (Benet-Martínez & Haritatos, 2005) e Kim (2010, 2015) é a valorização da abertura (*openness*) no sucesso do processo aculturativo, como se descreverá em breve. A importância da saúde mental ou psicológica do indivíduo, ao chegar à nova cultura e durante o processo de aculturação, também foi tematizada por Bhugra (2004) e Kim e Gudykunst (2005). Quanto mais mentalmente saudável, maior é a possibilidade de o processo de aculturação ser exitoso e salutar.

(f) *Supostas limitações*

Embora apresente aspectos de inovação e importância para o estudo da adaptação intercultural e, em especial, da comunicação intercultural, a teoria de Kim é objeto de críticas que não podem ser desconsideradas. A principal delas é dirigida à convicção de que a assimilação seria o grau mais desejável da adaptação intercultural, sobretudo em casos de longa permanência na cultura de acolhida (Kim, 2000 e 2017). Para a autora a assimilação corresponderia, teoricamente, ao mais alto grau tanto de aculturação, quanto de deculturação. Em outras palavras, para que a assimilação ocorra, o indivíduo precisa renunciar – ainda que parcialmente – aos valores de sua cultura original, um processo que dificilmente atinge seu máximo na prática, pois mudanças de aspectos essenciais adquiridos na enculturação são difíceis de serem mudados (Kim, 2017).

A proposição de Kim de que a assimilação é a melhor opção em termos de adaptação, contrasta claramente com Berry, para quem a integração – entendida como combinação *self-blended* (resultado de mistura própria) de valores da cultura de origem e de valores da cultura de acolhimento – é o resultado mais eficiente e saudável a ser alcançado (Berry *et al.*, 1987; Sam & Berry, 2010). O argumento de Berry, por sua vez, harmoniza com proposições defendidas por Barker (2015), Liu (2017), e Jurado *et al.* (2017). A linha interpretativa proposta por Kim destoa também dos resultados encontrados por Navas *et al.* (2007), em inquérito com a participação de 1.523 pessoas. Este estudo empírico evidenciou que um mesmo indivíduo pode escolher diferentes estratégias de aculturação de acordo com a área de seu cotidiano. Por exemplo, buscar integração em algumas áreas – como nas relações sociais e de amizade – mas escolher assimilação em outras – como política, trabalho ou economia, onde as normas da cultura de acolhimento podem ser quase uma imposição. A conclusão dos autores é que não se pode menosprezar a complexidade e relatividade do processo de aculturação.

A própria Kim (2017) apontou que outros teóricos da adaptação não estão de acordo com seu ponto de vista. Entre eles destacou De La Garza e Ono (2015), autores de importante artigo de revisão de sua obra, que apontaram pontos de sua teoria como problemáticos. Primeiramente, eles advogaram ser questionável ter como ponto de partida que “*most attempts to theorize adaptation and assimilation start from the assumption that immigration experiences are similar enough to create reliable generalized models*” (De La Garza e Ono, 2015: 270).¹¹³ Haja vista, por exemplo, que os diversos motivos que levam à imigração podem gerar disparidades cruciais no processo de adaptação de cada indivíduo na nova cultura, argumentaram. Indivíduos que não escolheram voluntariamente emigrar ou não escolheram seu destino, poderiam estar provavelmente menos predispostos a adaptar-se à/ser assimilados pela nova cultura. Além disso, existem diferenças óbvias entre os processos de aculturação vividos por pessoas com diferentes objetivos. Um estudante de intercâmbio, um refugiado econômico e um migrante que se muda para o país do cônjuge tendem a ter expectativas, planos e possibilidades diferentes. Essa crítica é dirigida a afirmações contundentes de Kim, como: “[...] *Although unique in individual circumstances, all strangers in an unfamiliar environment embark on the common project of cross-cultural adaptation*” (Kim, 2010: 1).¹¹⁴

¹¹³ Sobre essa questão, Kim e Berry (Berry *et al.*, 2002) parecem ter os pontos de vista semelhantes.

¹¹⁴ Grifos da pesquisadora.

A primícia de Kim de que a adaptação é um mecanismo natural de evolução das espécies aplicada pelo imigrante em seu novo ambiente cultural estorvaria análises diferentes que abarquem aspectos alheios à decisão pessoal, afirmaram De La Garza e Ono (2015). Tal crítica pode, entretanto, ser parcialmente rechaçada. No artigo de 2010, poucas linhas depois da assertiva tão contundente, Kim flexibilizou-a explanando que a cada indivíduo se dá a chance de escolher o grau de adaptação que deseja. Poder-se-ia deduzir, então, que, de acordo com a autora, uma pessoa poderia decidir simplesmente não “embarcar” no projeto de aculturação. Outro aspecto aparentemente insuficiente dos artigos de Kim aqui elencados é a falta de clareza sobre as limitações externas à pessoa imigrante que interferem no seu posicionamento e atuação na nova cultura. Com efeito, Kim dedicou partes cruciais de seus artigos à discussão sobre aspectos não intrínsecos à pessoa do imigrante como a receptividade e a pressão de conformidade da cultura anfitriã. Contudo, e ainda conforme os autores, falta-lhe uma análise de/uma referência menos parcimoniosa a aspectos como as “práticas, estratégias e políticas relativas à gestão da interculturalidade e da comunicação” (Ramos, 2013: 344). A importância do aprofundamento dessa análise é advogada por Ramos, em linha com Sam e Berry (2010), Phinney *et al.* (2001) e Berry (2013).

Outra crítica de De La Garza e Ono à teoria de Kim diz respeito ao que chamam “uma concepção binária ambivalente e limitada de imigrantes e suas experiências” (2015: 272). Essa binaridade remete aos conceitos *functionally* (“funcionalmente”, advérbio utilizado por Kim em seu artigo de 2000) e *goodness-of-fit* (“aptidão funcional”, termo usado por Kim e Gudykunst no artigo de 1992). O conceito de aptidão funcional se baseia na ideia de que os imigrantes, querendo ou não, entram em processo de aculturação, buscam se adaptar ao novo ambiente e procuram estabelecer uma relação estável com o mesmo. De La Garza e Ono alertam que tal crença poderia levar à perigosa divisão dos imigrantes em bons ou maus modelos de adaptação intercultural, funcionais ou disfuncionais – bons e funcionais seriam aqueles que desejam e buscam a adaptação cultural.¹¹⁵ De todo modo, há de se ressaltar que, ainda que se possam apontar essas limitações e incongruências nos artigos de Kim, nenhuma delas parece invalidar a qualidade geral de sua teoria.

¹¹⁵ “Lacking a vocabulary for discussing resistance, power, and agency in relation to immigration, adaptation theorists have produced an ambivalent, limited binary conception of immigrants and their experiences. On the one hand, there are assimilable, model immigrants. Those migrants hope to attain ‘functional fitness,’ or successful adaptation to the mainstream culture. On the other hand, there are dysfunctional, recalcitrant, and maladaptive immigrants who do not desire or cannot achieve functional fitness” (La Garza e Ono, 2015: 272).

1.5.4 A teoria de Verónica Benett-Martínez

A psicóloga espanhola Verónica Benet-Martínez e seus diferentes colaboradores em diferentes países têm se dedicado a compreender o papel das variáveis cognitivas, afetivas e motivacionais na forma em que diferentes indivíduos vivenciam o processo de aculturação e se tornam biculturais. Bicultural é a denominação dada a indivíduos que experimentaram e internalizaram mais de uma cultura (Hong *et al.*, 2000; Nguyen & Benet-Martínez, 2007). A abordagem de Benet-Martínez e colaboradores é marcadamente empírica. A coleta e análise de dados é fundamental na organização de informações sobre variações individuais na experiência do biculturalismo (Benet-Martínez & Haritatos, 2005).

Nguyen e Benet-Martínez (2007) explicaram que o conceito biculturalismo pode ser amplamente empregado. Pode basear-se tanto em características mais gerais, como as variáveis demográficas, como em conceitualizações psicologicamente específicas, como as identificações ou orientações culturais. Por essa razão,

bicultural individuals may be immigrants, refugees, sojourners (e.g., international students, expatriates), indigenous people, ethnic minorities, those in interethnic relationships, and mixed-ethnic individuals.

(Nguyen & Benet-Martínez, 2007: 122).

Embora haja a cada ano mais indivíduos biculturais em todo o mundo, os modos como cada um administra e negocia suas identidades culturais duplas continuam a ser um grande desafio teórico e metodológico para as pesquisas psicológicas transculturais (Benet-Martínez *et al.*, 2002: 493). Compreender

individual differences in bicultural identity dynamics has important theoretical implications for understanding the psychological processes underlying biculturalism and acculturation, as well as the practical implications for the social adjustment and well-being of immigrants and ethnic minorities.

(Benet-Martínez *et al.*, 2002: 493)

Também Berry (1998) já havia exortado o estudo do biculturalismo por conta de sua amplitude e suas implicações significativas para as sociedades em geral. Com efeito, biculturalismo e aculturação estão estreitamente interligados; e o que Benet-Martínez denomina de biculturalismo corresponde à estratégia prototípica de aculturação denominada integração, em Berry (Nguyen & Benet-Martínez, 2012; Stogianni *et al.* 2021).

(a) *Breviarium - Lições sobre a aculturação segundo revisão de Nguyen e Martinez*

Nguyen e Benet-Martínez (2012) realizaram uma longa e meticulosa meta-análise da literatura sobre aculturação disponível até aquele momento.¹¹⁶ Conforme as autoras, o trabalho apresenta “uma revisão quantitativa muito necessária e uma síntese da análise empírica dos estudos existentes explorando a relação entre o biculturalismo e o ajuste”¹¹⁷ (Benet-Martínez, 2012: 132). Foram analisados 83 estudos empíricos publicados, realizados por diferentes pesquisadores com diferentes amostras de origens culturais diversificadas. As evidências e conclusões mais relevantes desse estudo comparativo são apresentadas a seguir.

Com base em análise de efeitos aleatórios, as autoras demonstraram haver, durante os processos aculturativos, uma associação significativa e positiva entre biculturalismo e ajuste tanto psicológico como sociocultural.¹¹⁸ Esses resultados, consoantes com os encontrados posteriormente por Stogianni *et al.* (2021), ratificaram aqueles obtidos anteriormente por Benet-Martínez & Haritatos (2005) e Sam & Berry (2010). Essa forte associação entre biculturalismo e ajuste psicológico e sociocultural também retificou os primeiros relatos sociológicos sobre aculturação – como os de Vivero & Jenkins (1999) e de Rudmin (2003), segundo as autoras – que pressupunham serem os indivíduos biculturais "marginais" em conflito entre dois mundos culturais. Os indivíduos biculturais são provavelmente os mais bem ajustados por serem competentes o suficiente para navegar tanto na cultura original quanto na anfitriã e por possuírem redes de apoio social de ambas as culturas, advogaram Nguyen e Benet-Martínez (2012).¹¹⁹ Esse processo de negociação de duas culturas se traduz em maior complexidade integradora, flexibilidade intelectual e criatividade, como afirmado por Kim (2014). Nguyen e Benet-Martínez (2012:125) destacaram o trabalho de investigadores que alertaram para o fato de que ter que lidar com duas culturas significa, para algumas pessoas, um estresse contraproducente que pode

¹¹⁶ Benet-Martínez, Lee produziram uma nova meta-análise em 2021, mas que pouco acrescentaram ao trabalho seminal de 2012. Stogianni, Bender, Slegers, Benet-Martínez, Nguyen (2021), entretanto, ampliaram as conclusões anteriores acrescentando estudos mais recentes e usando métodos de estatística mais atuais, por isso se acrescentarão aqui as novas ideias apresentadas por essa publicação.

¹¹⁷ Tradução livre da pesquisadora.

¹¹⁸ “In a random effect each level can be thought of as a random variable from an underlying process or distribution. Estimation of random effects provides inference about the specific levels (similar to a fixed effect), but also population level information and thus absent levels” (Miday, n.d).

¹¹⁹ Esse conceito remete ao de novas identidades híbridas mencionadas por Hall (2006) – que devido à globalização tomariam o lugar das identidades nacionais. “As pessoas pertencentes às culturas híbridas estão irrevogavelmente traduzidas, no sentido de que são obrigadas a habitar duas identidades diferentes” (Pereira, 2004: 95).

ocasionar isolamento e confusão de identidade. Ramos (2008, 2013) também alertou para uma série de fatores que podem estar na origem de distúrbios psicopatológicos, notadamente, a coexistência de códigos culturais, potencialmente contraditórios e indecifráveis para @ imigrante, e a dificuldade de se mediar a cultura de origem e a de acolhida, decidindo o que manter e o que abandonar da cultura de origem e aceder às demandas do ambiente na cultura de acolhimento.

Embora tenham encontrado evidências em favor de uma clara associação entre ajuste e biculturalidade, Nguyen e Benet-Martínez (2012) salientaram que não se pode concluir que exista uma relação de causa e consequência, nem mesmo qual é o fator causador. Por exemplo, o fato de sentir-se confortável em ambas as culturas poderia aumentar a autoestima do indivíduo e seu grau de ajuste, um aspecto importante para seu bem-estar e saúde mental. Por outro lado, também é possível que indivíduos sejam melhor ajustados devido à sua autoestima elevada, e por isso se sintam mais capazes de utilizar recursos para lidar com desajustes e participar de ambas as culturas.

Para além disso, fatores de terceira ordem – como ações políticas e recepção do país de acolhida ou o *status* socioeconômico do indivíduo – podem entrar na matemática como variáveis. Entre os artigos estudados para as meta-análise de Nguyen e Benet-Martínez (2012) e os selecionados por Stogianni *et al.* (2021) foram encontrados, sobretudo, dois tipos de ajuste. O primeiro deles é o ajuste psicológico e emocional que se relaciona com os níveis de satisfação de vida, autoestima, autoaceitação, resiliência, alienação, ansiedade, estresse, depressão e sentimentos de solidão. O segundo tipo é o sociocultural que, por sua vez, corresponde ao desenvolvimento de habilidades culturais e sociais necessárias para se navegar e operar, efetivamente, na sociedade de acolhimento. Relaciona-se com conquistas acadêmicas e profissionais, situação financeira, habilidades sociais, assim como problemas comportamentais, tais como delinquência e comportamentos sexuais de risco. Nguyen e Benet-Martínez (2012) e Stogianni *et al.* (2021) chamam a atenção para um terceiro tipo de ajuste importante – porém menos explícito na literatura estudada. Trata-se do ajuste relacionado à saúde, também tematizado, por exemplo, por Ward (2013) e Bhugra *et al.* (2014).¹²⁰ Baixos níveis desse ajuste aparecem frequentemente associados a sintomas somáticos autorrelatados como dores de cabeça, dor nas costas, má qualidade do sono e até mesmo indicadores monitoráveis de

¹²⁰ Como advertiram Nguyen e Benet-Martínez, a definição de ajuste relacionado à saúde utilizada na meta-análise é problemática, pois “o que é considerado saudável, o que a saúde implica e como os sintomas somáticos são avaliados e experimentados podem diferir de cultura para cultura” (2012: 134).

saúde como, por exemplo, pressão arterial, comportamentos alimentares, níveis de atividade física e comportamentos de saúde de risco, como o uso de drogas. Como já alertado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pessoas cuja saúde mental se encontra vulnerável estão mais sujeitas a marginalização e privação, o que pode resultar em baixa autoestima, baixa autoconfiança, motivação reduzida, sentimento de falta de esperança e de solidão (Chan, 2010).

Embora alertando para possíveis inconsistências dos ou entre os estudos analisados, Nguyen e Benet-Martínez (2012) elencaram possíveis moderadores para a associação entre o biculturalismo e o ajuste. Primeiramente, os moderadores se referem a características demográficas da amostra (por exemplo, gênero, idade, raça ou etnia, religião e *status* socioeconômico).¹²¹ Em segundo lugar, há os moderadores diretamente relacionados à migração (migração voluntária *versus* involuntária, *status* de geração, tempo de residência no país de acolhida, idade no momento da migração e personalidade) e fatores contextuais e históricos da cultura anfitriã (*et alli*, composição étnica da comunidade, políticas nacionais, atitudes do grupo dominante em relação a indivíduos em aculturação, experiências de discriminação e similaridade entre a cultura de acolhida e a cultura patrimonial).

(b) *Frame switching*¹²²

A perspectiva da aculturação não pressupõe que os indivíduos biculturais internalizem e utilizem suas culturas de maneira global e uniforme, exortaram Navas *et al.* (2007). Recentes trabalhos sociocognitivos experimentais (Hong *et al.*, 2000; Nguyen e Benet-Martínez, 2007) têm mostrado que indivíduos biculturais se movimentam entre suas diferentes orientações culturais através de *frame switching*. Trata-se da mudança de quadros culturais interpretativos enraizados nas diferentes culturas de referência em resposta aos sinais no ambiente social (Nguyen & Benet-Martínez, 2012). Hong *et al.* (2000) relataram que muitas pessoas biculturais percebem que as culturas interiorizadas se revezam guiando seus pensamentos e sentimentos em distintas situações em que se engajam em suas trocas culturais ativas. Nesses contextos, elas se movem entre diferentes redes de significados em resposta a sinais situacionais (Benet-Martínez *et al.*, 2002).

¹²¹ Para além dessa lista, Stogianni *et al.* (2021) sugeriram “tempo de permanência no país anfitrião” e Bhugra *et al.* (2014), expectativas de papéis de gênero, geração, cultura de origem, *status* educacional.

¹²² Tradução livre da pesquisadora: *Frame switching*: comutação de quadros, mudança entre estilos (culturais).

O pano de fundo para o conceito de *frame switching* vem de d'Andrade, Shweder e Le Vine (1984). Segundo os autores, os significados representam o mundo, criam entidades culturais, direcionam a pessoa a fazer determinadas coisas e evocam certos sentimentos. As quatro funções do significado – a representativa, a construtiva, a diretiva e a evocativa – são diferentemente elaboradas em cada sistema cultural específico, mas estariam sempre presentes no mesmo grau em qualquer cultura. Apreendê-las requer processos psicológicos complexos (d'Andrade *et al.*, 1984: 214-215). Tais sistemas de significado cultural – ou quadros interpretativos – incidem sobre o afeto, a cognição e o comportamento dos indivíduos, explanaram Nguyen e Benet-Martínez (2012). Ademais, as diferenças individuais na identidade bicultural afetam a forma como o conhecimento é usado para interpretar eventos sociais, em outras palavras, como o indivíduo se vale do recurso do *frame switching*, assertaram Benet-Martínez *et al.* (2002).

(c) *Bicultural Identity Integration (BII)*

Após uma extensa revisão e síntese da literatura sobre aculturação e biculturalismo, Benet-Martínez *et al.* (2002) propuseram a construção de um *framework* (modelo teórico) para a investigação do papel das diferenças individuais na organização da identidade bicultural. O *framework* proposto, *Bicultural Identity Integration (BII)*, captura o grau em que pessoas biculturais percebem sua cultura de origem e sua cultura étnica como compatíveis e integradas ou como opostas e difíceis de se integrarem (Benet-Martínez *et al.*, 2002). O BII foca nas percepções subjetivas que indivíduos biculturais têm de quanto sua identidade se conecta às suas culturas de origem e de acolhimento. Teoricamente o BII é capaz de captar, fenomenologicamente, a gestão da identidade bicultural no tocante às variáveis contextuais e de personalidade.

Como esclarecido por Huynh, Nguyen e Benet-Martínez (2011), aplica-se o BII para analisar, em primeira instância, dois componentes diferentes e psicometricamente independentes na forma como o indivíduo bicultural percebe sua identidade. Esses componentes são compatibilidade *versus* oposição (distância cultural *versus* sobreposição cultural) e síntese *versus* confusão (conflito *versus* harmonia).¹²³ Há de se ter atenção para o fato de que o termo integração de identidade bicultural descreve um *continuum* (Benet-Martínez *et al.*, 2002), isto é, o resultado obtido da aplicação do BII indicaria quão biculturalmente competente o indivíduo é (Benet-Martínez & Haritatos, 2005).

¹²³ O termo distância cultural se refere a aspectos do funcionamento psicológico e físico que são percebidos como diferentes entre contextos culturais (Galchenko & van de Vijver, 2007 *apud* Stogianni *et al.*, 2021).

Conforme o modelo, baixos níveis de BII indicam dificuldades em incorporar as culturas de origem e de acolhimento em uma só identidade coesa. Isso advém do fato de que o indivíduo tende a ver ambas as culturas como altamente dessemelhantes ou distantes (Benet-Martínez & Haritatos, 2005). Presume-se que indivíduos biculturais com baixo BII possuem baixa proficiência bilíngue, experimentam mais ansiedade, depressão, apresentam índices mais altos de neuroticismo e são menos abertos que indivíduos biculturais com BII alto. Mais importante ainda, indivíduos com baixo BII resistem à troca de quadros (*frame switching*) e são mais propensos a responder de forma inconsistente aos sinais culturais em que se encontram no momento (Hong *et al.*, 2000). Por outro lado, indivíduos com BII mais elevados tendem a ser melhor ajustados (Huynh *et al.*, 2011) e mais eficientes em responder às situações de acordo com o contexto cultural em que elas se apresentam (Benet-Martínez *et al.*, 2002; Huynh *et al.*, 2011). Eles tendem a ver suas identidades como complementares e são capazes de se valer do *frame switching* como um camaleão. Biculturais com alto BII são capazes de integrar ambas as culturas em seu cotidiano com competência comportamental adequada às exigências de diferentes situações culturais (Benet-Martínez *et al.*, 2002).

Nguyen e Benet-Martínez (2012) sugerem que o BII pode estar associado ao conforto cultural e à experiência do indivíduo em uma cultura. Tal sentimento pode expressar-se, por exemplo, em alta autoaceitação, relações positivas com as contrapartes, autonomia, domínio ambiental, propósito de vida e crescimento pessoal. Essa assertiva está em linha com Kim (2000, 2017) que considerou que o estresse aculturativo proporciona um modo de crescimento psicológico que elevaria a complexidade intelectual e a perspectiva do indivíduo bicultural.

Conforme Nguyen e Benet-Martínez (2007, 2012), baixos níveis dos fatores de disposição pessoal como a abertura, a percepção das pressões contextuais, o estresse no domínio linguístico e a experiência de isolamento em uma comunidade culturalmente diversa parecem impulsionar a distância cultural. Por sua vez, o conflito cultural parece ser previsto por uma disposição neurótica, pelo sentimento de discriminação e por relações interculturais tensas. A distância cultural estaria ligada aos desafios pessoais e contextuais relacionados ao desempenho, como rigidez cognitiva, baixa fluência linguística, ambiente culturalmente limitado; assim como o conflito cultural decorre de tensões intra e interpessoais como nervosismo, preconceito social e rejeição.

Como já dito, Benet-Martínez *et al.* (2002) advogaram que as diferenças individuais afetam a forma como o indivíduo bicultural interpreta eventos sociais. Por isso,

além de analisar distância cultural *versus* sobreposição e conflito cultural *versus* harmonia, o BII identifica a influência de cinco grandes aspectos da personalidade de um indivíduo na aculturação, conhecido como *Big 5*. Os resultados da investigação empírica de Benet-Martínez e colaboradores indicaram que o conflito cultural e a distância cultural se relacionam a tipos de personalidade, tipos de aculturação e antecedentes sociodemográficos distintos (Benet-Martínez & Haritatos, 2005). Por exemplo, indivíduos mais neuróticos ou emocionalmente não estáveis tendem a perceber desarmonia entre suas culturas. Por outro lado, os mais abertos a novas experiências tendem a perceber de forma mais harmônica o encontro de suas culturas (Huynh *et al.*, 2011; Van der Zee, Benet-Martínez & Van Oudenhoven, 2016).¹²⁴

Nos resultados da meta-análise, altos graus de biculturalismo pareceram associados a aspectos positivos tais como maior bem-estar e melhor ajuste, sentimento de orgulho, de singularidade, forte senso de comunidade e de história (Nguyen & Benet-Martínez, 2007). Em contrapartida, baixos níveis de BII parecem associados a confusão de identidade, dupla expectativa e choques de valores (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Nguyen & Benet-Martínez, 2007). Presume-se também que o envolvimento com duas culturas leve à flexibilidade social e cognitiva (Benet-Martínez *et al.*, 2006), complexidade e comportamento social (Nguyen & Benet-Martínez, 2012) – afirmações em linha com Kim (2000, 2017). Repertórios cognitivos e competências comportamentais mais amplos protegem o indivíduo bicultural contra desajustes psicológicos, como a ansiedade e a solidão, ou desajustes socioculturais, como os conflitos interpessoais e a comunicação intercultural ineficiente, que, muitas vezes, marcam a experiência de aculturação (Padilla, 2006 *apud* Nguyen & Benet-Martínez, 2007).

(d) *Supostas limitações*

Rudmin, Wang e de Castro (2017) consideraram que Nguyen e Benet-Martínez (2013) incorreram em um erro ao afirmar claramente que não havia sido possível estabelecer nexos causais em seus estudos correlacionais. Apesar disso, posteriormente, utilizaram linguagem e forma de argumentativa que implica fortemente o biculturalismo como causa do bem-estar dos aculturados, explanaram.

¹²⁴ As autoras advertiram, entretanto, que investigações futuras ainda precisam explorar empírica e mais profundamente essas relações.

Tadmor *et al.* (2009) apontaram um senão na metodologia de Benet-Martínez, nomeadamente, sua comparação monocultural-bicultural.¹²⁵ A maior complexidade das pessoas biculturais deve ser atribuída, advogaram, ao estresse da aculturação, que não é compartilhada pelos monoculturais, e não ao *frame switching*. Tadmor *et al.* (2009) julgaram ineficiente a tentativa dos investigadores de cobrir essa lacuna comparando diferentes tipos de biculturalidade. O *Bicultural Identity Integration* (BII), instrumento usado por Benet e colaboradores, explanaram, não é adequado para medir o que buscavam compreender. Os autores sublinharam a importância de se investigar mais profundamente os processos psicológicos subjacentes ao *frame switching*, a fim de se compreender como esse fenômeno se dá e quais são seus efeitos na realidade, assim como para se extraírem inferências causais mais claras (Tadmor *et al.*, 2009).

1.5.5 Lições aprendidas sobre a aculturação e biculturalismo

Como visto, estudos seminais em psicologia cultural realizados nos últimos 25 anos abordam a aculturação como processo bidimensional, bidirecional e complexo de múltiplos domínios.¹²⁶ A aculturação resulta de mudanças ocorridas em indivíduos ou grupos em resposta a demandas da cultura de acolhimento (Ali *et al.*, 2003; Homem, 2005). O biculturalismo, por sua vez, resulta da aculturação.

O biculturalismo tem sido considerado um forte promotor do bem-estar, especialmente quando a pessoa se sente igualmente confortável nas duas culturas e é capaz de integrá-las em um quebra-cabeça cultural criativamente personalizado (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Huynh *et al.*, 2011).¹²⁷ É primordial compreender melhor as variações individuais na forma como a identidade bicultural é negociada e organizada (Nguyen & Benet-Martínez, 2007), entender como os indivíduos biculturais experimentam e administram suas diferentes – e, às vezes, opostas – orientações culturais, examinar como determinadas pressões contextuais e variáveis demográficas impactam o processo de formação da identidade bicultural e os significados associados a essa experiência (Benet-Martínez & Haritatos, 2005). Do aprimoramento desse conhecimento podem decorrer vários benefícios.

¹²⁵ Os autores se referiram em especial aos artigos de Hong *et al.* (2000) e Benet-Martínez *et al.* (2006).

¹²⁶ Para uma revisão ver Sam & Berry, 2006, e as meta análises de Nguyen e Benet-Martínez, 2012, e Benet-Martínez, Lee e Cheng, 2021).

¹²⁷ Aspecto de grande interesse para a presente investigação, que será revisto posteriormente.

Huynh *et al.* (2012) exortaram que indivíduos biculturais são a chave para se desvendar a dinâmica da cultura e da identidade. O estudo de identidades biculturais tem implicações para o campo da psicologia intercultural, para a psicologia social e da personalidade, em particular. Baumeister (1986 *apud* Nguyen & Benet-Martínez, 2007) e Phinney (1999 *apud* Nguyen & Benet-Martínez, 2007) afirmaram que a forma como as pessoas desenvolvem seus sentidos de comunidade nacional, cultural ou étnica, assim como sua filiação a grupos raciais, tem particular importância em situações de conflito, mistura e integração cultural. Ademais, estudando a identidade bicultural, pesquisadores sociais e da personalidade ganham nova perspectiva no que diz respeito às variações individuais na dinâmica do autoconceito.

A importância de ampliar e aprofundar o entendimento do biculturalismo vai, contudo, além de dimensões individuais da saúde e do bem-estar. Como advogou Berry (1998), o biculturalismo também tem implicações significativas para a sociedade como um todo. As interculturalidades têm gerado numerosas questões relacionadas às práticas, estratégias e políticas relativas à sua gestão nas sociedades multiculturais (Ramos, 2013). Com efeito, afirmaram Benet-Martínez *et al.* (2021), as discussões sobre diversidade cultural e como melhor administrá-la vêm se tornando uma atividade regular dos debates acadêmicos, públicos e políticos. Essas consequências, explanaram, podem ser tanto negativas (conflito étnico, diminuição da confiança social, confusão de identidade) quanto positivas (aumento da produtividade, desenvolvimento de competências multiculturais e multilíngues).

As leis e políticas do Estado para a integração dos imigrantes impactam as orientações de aculturação dos membros de/dos grupos minoritários e, portanto, podem desempenhar um papel na previsão de resultados de ajuste em diferentes domínios da vida.¹²⁸ Primeiramente, se o biculturalismo for, de fato, associado a melhor adaptação psicológica, realização pessoal, maior produtividade e menos conflitos interpessoais, então políticas públicas de apoio ao biculturalismo podem ampliar esse efeito para o indivíduo e para a sociedade, promovendo maior sucesso e bem-estar nacional (Schwartz *et al.*, 2006 *apud* Nguyen e Benet-Martínez, 2007). Em segundo lugar, os indivíduos biculturais têm habilidades como o bilinguismo, a experiência com mudanças de estruturas culturais e a

¹²⁸ Mesmo dentro de uma mesma cultura de acolhimento, políticas de imigração podem ser diferentes dependendo do grupo ou indivíduo imigrante a que se dirige. Na Alemanha, por exemplo, devido a questões ligadas à II Guerra Mundial, imigrantes russos têm privilégios que não são dados a pessoas de outras nacionalidades.

sensibilidade intercultural, que são cruciais para o sucesso em nosso mundo cada vez mais globalizado. Assim, esses indivíduos poderiam operar como mediadores culturais ideais para conflitos interculturais e mal-entendidos entre comunidades e nações diversas (Benet-Martínez, 2007).

No parecer de Kim (2014), pessoas com diferentes *backgrounds* culturais poderiam ser capazes de ver para além das fronteiras de seus próprios grupos culturais e étnicos, com menos preconceito, e se dispor a lutar por um mundo de diversidade. Finalmente, as técnicas empregadas por indivíduos biculturais para negociar diferenças culturais dentro de si mesmos e com as contrapartes, poderiam ser aplicadas para se negociar e resolver diferenças culturais entre indivíduos e grupos de indivíduos (Benet-Martínez, 2007), promovendo sentimentos de justiça, equidade e segurança nas sociedades multiculturais (Berry, 1998). Além disso, o bi ou multiculturalismo promove compartilhamento de ideias e perspectivas entre diferentes pessoas e culturas, o que pode levar a novas inovações para as empresas e a relações de trabalho mais prósperas e frutíferas nos países anfitriões. Enfim, as questões da multi e interculturalidade são da maior importância no mundo globalizado e devem estar na lista de prioridades dos Estados, pois que impõem novos problemas e novos desafios à sociedade como um todo, nos diferentes setores (Ramos, 2013).

2 ALEMANHA: FATOS E DADOS QUE AFETAM A VIDA DO GRUPO ALVO

Uma vez que esse estudo teve como grupo alvo migrantes latinas academicamente qualificadas que moram na Alemanha, faz-se necessário analisar alguns aspectos da cultura desse país e de suas políticas públicas que dizem respeito ao cotidiano desse grupo de mulheres.

2.1 DIMENSÕES CULTURAIS DA CULTURA ALEMÃ & ASPECTOS INTERCULTURAIS EM RELAÇÃO A LATINOS¹²⁹

Cultural dimensions summarize the extent to which cultural groups are found empirically to differ from one another in terms of psychological attributes such as values, beliefs, self-construals, personality, and behaviors.
(Smith & Bond, 2020)

Interculturalistas como Edward Hall (1914–2009), Geert Hofstede (1928-2020), Alfons Trompenaars (1952-) e Richard. D. Lewis (1930-) são internacionalmente conhecidos por seus diferentes modelos estruturados a partir de dimensões culturais. Esses modelos podem ser usados, sobretudo, para se comparar culturas, investigando diferenças interculturais e seu impacto no encontro entre culturas, seja no ambiente de trabalho, na vida privada ou ambientes públicos. Tendo como ferramentas dois desses modelos, nomeadamente o de Hall e o de Hofstede, De Queiroz (2017) investigou a saúde mental e o bem-estar de espos@s de expatriad@s latin@s que vivem na Alemanha. Os resultados de sua investigação – baseada em análises estatísticas – confirmaram maiormente as informações fornecidas pela literatura em relação a características culturais típicas de latinos e de alemães. É imprescindível, entretanto, ter em mente que um modelo cultural somente corresponde a uma média ou tendência dos membros de um grupo.

Ao comparar os latinos com os alemães, é possível apontar vários fatores culturais ortogonais que refletem as dimensões dos modelos de Hofstede e Hall (De Queiroz, 2017).

¹²⁹ O termo latino é usado nesse texto como hipernomia para todas as pessoas nascidas na América Latina, sejam falantes nativos de português ou espanhol. Hofstede (2001) definiu cultura como o programa mental coletivo que diferencia os membros de uma categoria de pessoas de outras. Nesse programa estariam os valores, relações espaciais, religião, hierarquias, normas, crenças, atitudes e identidade atribuídas por outros e um sentido de identidade. Autores como Samovar *et al.* (2014) e Soares *et al.* (2006) consideram válida a abordagem de filiação regional. De acordo com os autores, os elementos comuns (como citados anteriormente) tornam reconhecível um subgrupo no mundo que pode ser chamado de latinos.

No quadro abaixo, se apresentam, de forma muito resumida os pontos dos dois modelos mais relevantes para o presente estudo:

Tabela 2.1. Quadro teórico: Principais dimensões culturais segundo Hofstede e Hall

Teórico	Dimensões		
	Típico da cultura alemã	Típico de culturas latinas	Referências
Hofstede ¹³⁰	Individualismo	Coletivismo	Soares, Farhangmehr e Shoham (2007); Ardila-Espinel, 1982; Hofstede, 2001; Hofstede & Minkov, 2010; Darwish e Huber (2003); Burkert (2014);
	Indivíduos enfatizam a promoção do interesse próprio do indivíduo e de sua família imediata. Autonomia pessoal, privacidade, autorrealização, iniciativa individual e independência são valores chaves. Ao comunicar, individualistas focam mais no conteúdo do que no contexto.	Indivíduos tendem a ser gregários, pertencem a grupos que cuidam deles em troca de lealdade. São comuns e bem aceitos a dependência emocional em grupos e organizações; menor privacidade pessoal. Crença de que as decisões do grupo são superiores às decisões individuais; maior interdependência. Ao comunicar, coletivistas focam mais no contexto do que no conteúdo.	
	<i>High uncertainty avoidance</i>	<i>Low uncertainty avoidance</i>	
As pessoas se sentem ameaçadas pela incerteza e pela ambiguidade e tentam evitar essas situações.	As pessoas se sentem menos ameaçadas pela incerteza e têm maior tolerância à ambiguidade.		

¹³⁰ Jones (2007) e Soares *et al.* (2006) criticaram o fato de Hofstede falar de culturas como se fossem homogêneas, enquanto Fougère e Moulettes (2007) consideraram seu ponto de vista muito etnocêntrico (De Queiroz, 2017: 10).

Hall	<i>High context culture</i>	<i>Low context culture</i>
	Numa comunicação, a maior parte das informações está no código explícito.	Numa comunicação, a maior parte das informações está na pessoa; muito pouco está na parte codificada, explícita e transmitida da mensagem
	Tempo monocrônico	Tempo policrônico
	Tarefas são realizadas uma de cada vez. O tempo é segmentado em pequenas unidades precisas, é programado, organizado e gerenciado. Pessoas percebem o tempo como sequência de passos. Tempo é dinheiro e as ações devem ser planejadas.	Várias tarefas podem ser feitas ao mesmo tempo, uma vez que o tempo é percebido como grandes seções fluidas. As pessoas se focam menos na contabilização do tempo e nas tarefas e mais nos relacionamentos. Pessoas percebem o tempo como sob seu controle e tendem à espontaneidade.

Fonte: Elaborado pela autora

2.1.1 *Individualismo vs. coletivismo*

De acordo com Hofstede (2010) e Triandis (1996), a Alemanha e os países latinos estão localizados em polos opostos do *continuum* Coletivismo *versus* Individualismo. Conforme explicado por Bernal e Rodríguez (2009), em culturas latino-americanas é particularmente importante o valor da interdependência entre os membros da família nuclear – e da expandida – sendo que as necessidades familiares e interpessoais são favorecidas sobre as de outros indivíduos, aspecto típico de culturas coletivistas. Por outro

lado, a “*dimensión cultural individualismo define las sociedades en las que los vínculos familiares entre los individuos son laxos*” (Cerda-Hegerl, 2006: 329).

Membros de culturas coletivistas, em geral, apreciam contato social nas mais diversas áreas da vida. Por serem @s latin@s orientad@s para pessoas e grupos, el@s têm, geralmente, grande necessidade social de companheirismo, afirmaram Ardila-Espinel (1982), em linha com Triandis (2001). Amizades, explicou Ardila-Espinel (1982), lhes proporcionam a satisfação emocional necessária, ajudando-os a escapar das pressões da vida e do estresse, aumentando, assim, sua resiliência. Brasileir@s, por exemplo, segundo Brökelmann *et al.* (2012), frequentemente misturam vida privada e laboral e creem que partilhar atividades de lazer com colegas melhora o clima do ambiente laboral. Muitas relações privadas nascem nesse ambiente. Antagonicamente, segundo Brökelmann *et al.* (2012), alemães tendem a manter uma clara separação entre a vida profissional e a privada. Sendo membros de culturas individualistas, preocupam-se com a independência e com o Eu privado, explicou Triandis (2001).

Latinos, tipicamente coletivistas, se interessam por pessoas desconhecidas, gostam de entrar em contato com elas (Ardila-Espinel, 1982; Triandis, 2001). Na contramão dessa tendência, alemães tendem a ter cautela ao estabelecer novos contatos sociais (Brökelmann *et al.*, 2012). Abordam-se e cumprimentam-se afetivamente somente pessoas muito conhecidas (Barmeyer, 2010). Parece não haver, na cultura alemã, motivos para se aproximar de pessoas desconhecidas, comentou. De fato, esse procedimento pode ser visto como intrusão, sendo ainda mais rejeitado socialmente do que a reticência de se aproximar de tal pessoa (Barmeyer, 2010).

Coletivistas, como os latinos, tendem a ter um caráter expressivo e o alívio emocional é um comportamento aceito (Cerda-Hegerl, 2006). Em uma sociedade individualista, como a alemã, esses comportamentos podem ser mal interpretados como falta de seriedade (Ardila-Espinel, 1982). Além disso, pelo fato dos individualistas se preocuparem principalmente com a independência e o Eu particular, como argumentado por Triandis (2001), espera-se que demonstrem controle das emoções e cautela ao estabelecer novos contatos (Brökelmann *et al.*, 2012). Comparando brasileiros e alemães, Brökelmann *et al.* (2012) afirmaram que aqueles, normalmente, têm a impressão de que esses são frios, reservados e distantes. Por outro lado, os alemães perceberiam o entusiasmo, a impulsividade, o otimismo e a expressividade emocional brasileiros como pouco profissional e como falta de controle pessoal. Estando em um ambiente tipicamente alemão, falta aos latinos uma imprescindível fonte de relações sociais e companheirismo,

mencionados por Ardila-Espinel (1982) e Triandis (2001), o que pode ter um impacto sobre sua saúde mental e bem-estar (De Queiroz, 2017).

2.1.2 *High uncertainty avoidance vs. Low uncertainty avoidance*

Segundo Hofstede (2011), culturas programam seus membros a se sentirem confortáveis ou não em situações não estruturadas. O *Uncertainty Avoidance Index* (Índice de Evitação de Incerteza), dimensão cultural teorizada pelo autor, se revelaria no nível de estresse que uma sociedade pode sentir diante de futuros desconhecidos. As culturas latinas tendem a tolerar bem improvisos, espontaneidade e eventos inesperados, haja vista, por exemplo, o jeitinho brasileiro ou o *hacer a la creolla* peruano. As culturas com baixa tolerância à ambiguidade, como a alemã, buscam minimizar a incerteza através de leis e regulamentações, medidas de segurança e proteção, estritos códigos de comportamento, desaprovação de opiniões divergentes e uma crença numa suposta “verdade absoluta”, segundo Schroll-Machl (2016).

A Alemanha tem uma longa história que influenciou o seu padrão cultural de conformidade e aceitação das regras e regulamentos estabelecidos (Schroll-Machl, 2016). Segundo a autora, algumas dessas razões históricas, que têm impacto sobre o nível de *Uncertainty Avoidance Index*, seriam (a) tradição de Estado forte e centralizado – nascida no período medieval e aprimorada por séculos – que resultou numa cultura que valoriza a autoridade e a ordem e que tende a seguir as regras; (b) a influência do luteranismo, conhecido por enfatizar a importância da obediência e da disciplina; (c) a experiência traumática com o nazismo que levou a uma valorização da democracia e dos direitos humanos e que suscitou/reforçou a necessidade de se estabelecer uma estrutura que não pudesse ser dizimada por novos acontecimentos. Os valores gerados por esses e outros eventos históricos estão incorporados à cultura em geral e podem ser vistos na maneira como as pessoas interagem umas com as outras, incluindo a conformidade com as regras e regulamentos estabelecidos.

(a) *Low context vs. high context*

Com foco no contexto da comunicação, na percepção e no uso do tempo, Hall (1973) propôs o conceito de contexto na comunicação intercultural (De Queiroz, 2017). Como explicaram Soares, Farhangmehr e Shoham (2007), cada cultura tem a tendência de formular mensagens ou de forma explícita ou emaranhada no contexto. De acordo com

Cerda-Heger (2006), a cultura latina deve ser classificada como de alto contexto. Isso porque as pessoas estão intensamente envolvidas na comunicação e o conteúdo das mensagens não é muito codificado, explicitado ou transmitido (Reche, 2002). Grande parte das informações se encontra implícita nas entrelinhas da mensagem e nas relações entre os comunicadores. Elas devem, portanto, ser decifradas por meio da linguagem corporal, gestos, distância física, hierarquia etc. (Reche, 2002; Cerda-Hegerl, 2006; Burkert, 2014).¹³¹

A cultura alemã é considerada de baixo contexto (Reche, 2002; Laves, 2010; Thomas, 2010; Brökelmann *et al.*, 2012). Em culturas com esta configuração, segundo Reche (2002), os indivíduos tendem a concentrar-se no conteúdo da mensagem e no raciocínio lógico. Como contam com a possibilidade de que os receptores saibam pouco sobre o conteúdo da mensagem, os emissores se sentem no dever de fornecer explicitamente o máximo possível de informações. Ardila-Espinel (1982) afirmou que, quando pessoas de culturas de alto contexto vivem em uma cultura de baixo contexto, por exemplo, Latinos na Alemanha, elas tendem a perceber essa diferença cultural de forma negativa. A distância psicológica e a falta de comprometimento emocional da cultura anfitriã são percebidas, explicou, como interação social despersonalizada, bem como um comportamento desumanizador e egoísta. Tais sentimentos representam uma ameaça à autoestima e podem ter efeitos negativos sobre o Eu (Holmstrom & Kim, 2015) e sobre o bem-estar e saúde mental (De Queiroz, 2017).

2.1.3 *Tempo monocrônico vs. tempo policrônico*

O tempo é entendido, em algumas culturas, como um recurso precioso a não ser desperdiçado – monocrônico – e em outras como um recurso disponível e elástico – policrônico. A Alemanha é um típico exemplo de cultura monocrônica. Planejamento detalhados e a longo prazo, pontualidade (Hall, 2000), estrutura e regras (Schroll-Machl, 2016) são valores intrínsecos de sua cultura. Tarefas são executadas em sequência, o tempo é um passo a passo. Na América Latina, por outro lado, o foco está mais em pessoas e relacionamentos do que em planos ou horários (Ardila-Espinel, 1982; Hall, 2000). Pessoas de cultura policrônicas costumam fazer várias coisas paralelamente (Hall, 2014), até

¹³¹ “[...] habitual exposure to a particular discourse style reflecting cultural values may shape thought, and in turn, culture-specific behavioral patterns may be enhanced with culture-specific narratives, and further directs us toward the important possibility that language and culture bootstrap each other in forming culture-specific attention” (Imai, Kanero & Masuda, 2016: 70).

mesmo ter conversas em que várias pessoas falam paralelamente sem diminuir o entendimento geral (Brökelmann *et al.*, 2012).

Em resumo, culturas latinas podem ser categorizadas como coletivistas, de alto contexto e policrônicas. A cultura alemã, opostamente, como individualista, de baixo contexto e monocrônica. Quanto maior a diferença entre a cultura de origem e a do país de acolhimento, maior é o desafio da adaptação/integração intercultural, afirmaram Geeraert e Demoulin (2013), assim como Demes e Geeraert (2014). Quanto melhor o indivíduo percebe as diferenças como algo cultural, sem mal entendê-las como algo pessoal, mais fácil se torna manter sua saúde mental em equilíbrio na nova cultura e desenvolver aí seu bem-estar (De Queiroz, 2017).

2.2 MEDIDAS DE POLÍTICA PÚBLICA ALEMÃS QUE AFETAM O GRUPO ALVO

Como um país de imigração popular, a Alemanha conta com uma política de integração ativa. A República Federal da Alemanha oferece proteção aos refugiados e está empenhada em combater as causas de fuga em todo o mundo.
(Perfil da Alemanha, website, 2024)

A República Federal da Alemanha, um país de imigração popular (*Einwanderungsland*), reconhece oficialmente a contribuição significativa d@s imigrantes para seu desenvolvimento social e econômico e conta com uma política de integração ativa.¹³² Trata-se de um país cosmopolita, caracterizado pelo pluralismo dos estilos de vida. A população do país era de 84,3 milhões de habitantes, de acordo com o censo de 2022 do *Statistische Bundesamt (Destatis)*, sendo que cerca de 22,3 milhões de pessoas têm um passado migratório – seja por terem elas mesmas migrado para esse país ou por ser filho de migrante(s) – o que corresponde a 25% dos habitantes.¹³³ 55.710 brasileiros, por exemplo, estavam registrados legalmente como moradores da Alemanha nesse ano. “*Jeder ist Migrant, fast überall, fast immer – besonders die Deutschen*” (Plamper, 2019).¹³⁴

¹³² Embora não se possa dizer que a opinião seja unânime, haja vista, por exemplo, os insistentes ataques dos partidos de extrema direita à política de imigração, as manifestações neonazistas sobretudo no leste do país etc.

¹³³ Pessoa com passado migratório é uma expressão utilizada na Alemanha nos últimos anos para se referir a estrangeiros imigrantes nesse país ou a seus filh@s.

¹³⁴ “Todo mundo é imigrante, quase em toda parte, quase todo o tempo, especialmente os alemães”. Historiador Jan Plamper *Deutsche und Plusdeutsche*, na revista online *Deutschlandfunk Kultur*.

A Alemanha tem vivido, nos últimos anos, uma importante mudança de paradigma na política de imigração. Essa mudança beneficia o país, que necessita muito de mão-de-obra especializada, e determinados grupos de imigrantes, nomeadamente, aqueles profissionalmente qualificados. Esses migrantes são considerados uma contribuição significativa para o desenvolvimento social e econômico do país. “O futuro da Alemanha como local de negócios depende, em um grau decisivo, do sucesso em garantir e expandir nossa base de mão-de-obra qualificada” (*Die Bundesregierung*, s.d.).¹³⁵ Ao mesmo tempo, este país, assim como outros países europeus, caminha em direção a medidas mais rigorosas para o controle da entrada e permanência dos refugiados e imigrantes ilegais.¹³⁶

Devido ao milagre econômico pós-guerra, a República Federal da Alemanha passou a precisar de mais trabalhadores do que o mercado interno podia oferecer. Em 1955, o país celebrou um acordo de recrutamento com a Itália, seguido por acordos semelhantes com a Grécia e a Espanha (1960), Turquia (1961). Nesse tempo, entretanto, não se pensava – nem os alemães nem os próprios estrangeiros – que a força de trabalho recrutada ficaria permanentemente. No entanto, por muito tempo não se reconheceu a necessidade de uma política de integração eficaz e a necessidade de criar oportunidades iguais em prol da estabilidade da sociedade alemã, que é influenciada por muitas culturas. Hoje, até mesmo os políticos conservadores reconhecem o fato de que a República Federal da Alemanha é um estado com cidadãos de diferentes origens (*Planet Wissen*, website).¹³⁷

Em tempos de globalização, tornou-se um desafio inevitável para diversos países, entre eles a Alemanha,

[a] adoção de práticas, estratégias e políticas adequadas para fazer face a estas novas realidades políticas, sociais, culturais, educacionais, comunicacionais e sanitárias e implicam o desenvolvimento de competências para gerir a complexidade das relações entre pessoas e grupos de culturas diferentes.

(Ramos, 2013: 345)

O governo e a sociedade alemães têm reagido ao pluralismo cultural tomando medidas para apoiar a integração dos imigrantes ao novo meio – sobretudo os imigrantes com direito legal de permanência.¹³⁸ As orientações gerais de uma sociedade de acolhimento (*society of settlement*) e de seus cidadãos em relação à imigração e ao

¹³⁵ <https://www.bundesregierung.de>

¹³⁶ <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de>

¹³⁷ <https://www.planet-wissen.de>

¹³⁸ Pessoas com direito legal de permanência são aquelas que têm visto, por exemplo, para estudos, intercâmbio escolar, cursos de idioma, reunião familiar, casamento.

pluralismo é de extrema importância para a saúde física e mental d@s imigrantes (Berry, 2016).

Uma variedade de domínios de atividade diária na nova sociedade pode representar desafios e estresse para @s imigrantes, mas também pode trazer grandes vantagens para um indivíduo. Se a cultura de acolhimento tem condições concretas e uma política favorável aos imigrantes, ela lhes pode proporcionar boas condições de vida em geral, acesso a serviços básicos de boa qualidade, à escolaridade, à rede de saúde e à participação social, assim como ampliar suas possibilidades de liberdade de escolhas e decisão (Ramos, 2013). Esse é o caso dos imigrantes em situação legal regular na Alemanha.

A seguir destacar-se-ão leis, regulamentações e medidas nascidas do esforço do Estado alemão para a melhor integração d@s imigrantes, assim como outras direcionadas a todo e qualquer cidadão do país e que, por conseguinte, afetam a vida desses.

2.3 LEIS, REGULAMENTAÇÕES E MEDIDAS DO ESTADO ALEMÃO

2.3.1 *Recursos oferecidos pelo Estado alemão aos imigrantes*

(a) *Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados* (*Fachkräfteeinwanderungsgesetz*)

Há anos, a Alemanha necessita de mão de obra qualificada, o que torna necessário atrair trabalhadores bem qualificados de outros países, tanto graduados universitários, quanto funcionários com treinamento vocacional qualificado.¹³⁹ “*Human capital is the most important form of wealth for a modern nation and countries with the most intellectual resources are achieving the highest rates of economic growth*” (Iredale, 2005:1).

Uma primeira versão da Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados foi apresentada pelo governo em 2012. Teoricamente, ela traria uma grande mudança no cenário do reconhecimento de diplomas estrangeiros na Alemanha. Desde então, o governo tem trabalhado para facilitar e abreviar o processo de reconhecimento de diplomas estrangeiros (universitários ou não) através de medidas como, por exemplo, a multiplicação e fortalecimento de atores envolvidos no reconhecimento de diplomas. O *Bundesamt für Migration und Flüchtlinge* (BAMF) – Repartição Federal de Migração e Refugiados – e o

¹³⁹ <https://www.bmi.bund.de/>

Bundesministerium für Bildung und Forschung (BMBF) – Ministério de Educação e Pesquisa – são dois desses novos atores no cenário. Uma das medidas foi a construção de uma plataforma online interativa que permite que autoridades, empregadores e particulares se informem sobre a classificação de uma qualificação estrangeira, de acordo com o sistema educacional alemão.

Uma nova versão da lei entrou em vigor em 2020, trazendo novas perspectivas para trabalhadores qualificados de países não membros da EU.¹⁴⁰ A carga burocrática para os estrangeiros que tentavam entrar no mercado alemão seguia, todavia, alta, de acordo com *Deutschen Zentrum für Integrations - und Migrationsforschung* (DeZIM) – Centro Alemão de Investigação sobre Integração e Migração. Segundo essa nova versão, a partir de novembro de 2023, a entrada de trabalhadores qualificados se tornaria, paulatinamente, mais fácil, menos burocrática. Um dos pontos principais é o aceleramento do procedimento de reconhecimento de diplomas.^{141, 142}

2.3.2 Recursos oferecidos pelo Estado alemão aos estrangeiros legalizados no país

(a) Reconhecimento de diplomas estrangeiros (*Anerkennung ausländischer Abschlüsse*)¹⁴³

Esse recurso se limita aos que têm permissão de trabalho. O reconhecimento significa que uma qualificação profissional estrangeira é legalmente equivalente a uma alemã.¹⁴⁴ Ele é necessário para determinadas profissões e para outras, não, mas traz vantagens. Na Alemanha, o reconhecimento profissional é regulamentado pela *Berufsqualifikationsfeststellungsgesetz* (BQFG) – Lei Federal de Avaliação de Qualificações Profissionais, pelas leis profissionais especiais da área e pelas leis correspondentes dos estados.

Um diploma pode ser reconhecido na íntegra ou parcialmente. No caso de reconhecimento total, normalmente, a pessoa pode entrar no mercado de trabalho diretamente ou segundo as mesmas normas que regem a entrada de pessoas cuja formação profissional foi feita na Alemanha. As normas para profissionais, sobretudo de curso

¹⁴⁰ <https://www.tagesschau.de>

¹⁴¹ <https://www.anerkennung-in-deutschland.de>

¹⁴² Embora um dos critérios para participar da pesquisa desse estudo tenha sido migrar para Alemanha antes de 2020, a lei pode beneficiar mulheres respondentes cujo diploma ainda não tenha sido reconhecido.

¹⁴³ Essa informação se tornou importante nesse contexto porque quase dois terços das respondentes e entrevistadas vem da área biológica e sociais e parte delas trabalham no setor de saúde.

¹⁴⁴ <https://www.anerkennung-in-deutschland.de>

superior, divergem das de outros países, mesmo de outros membros da EU. A *Verordnung zur Regelung der Zuständigkeiten nach Rechtsvorschriften für Heilberufe* (Portaria sobre a regulamentação das responsabilidades de acordo com as disposições legais para as profissões de saúde) é um bom exemplo dessas divergências.¹⁴⁵ De acordo com essa portaria, as profissões de nível acadêmico da área de saúde (medicina, odontologia, psicologia clínica, veterinária e farmácia) só podem ser desempenhadas na Alemanha por pessoas que, após terminarem o curso universitário, se submeterem a um exame específico que se chama *Approbation*.

(b) *Curso de integração (Integrationskurs)*

Cada curso de integração tem duração entre 700 e 1000 horas-aulas e consiste em um curso de idioma e um curso de orientação completamente pagos pelo BAMF. O curso de idiomas abrange tópicos importantes da vida cotidiana, como trabalho, treinamento profissional, cuidados com crianças, consumo, lazer, contatos sociais e moradia. O curso de orientação trata das leis e cultura alemãs; temas que dizem respeito à vida na Alemanha, suas regras, princípios de convivência. Eles envolvem, por exemplo, o sistema jurídico, a história e a cultura da Alemanha e direitos e deveres dos cidadãos no país. Desde 2005, estrangeiros com autorização de residência que não sejam capazes de se comunicar em alemão de forma adequada, devem participar de um curso de integração. A obrigatoriedade de participação pode ser determinada pelas autoridades alemãs e a autorização de residência permanente pode depender da conclusão do curso.¹⁴⁶

2.3.3 *Recursos oferecidos pelo Estado alemão a todos os cidadãos*

Os sistemas sociais do Estado têm uma tradição que remonta ao tempo da industrialização da Alemanha (segunda metade do século XIX).¹⁴⁷ Atualmente, os cidadãos alemães contam com uma rede estreitamente interligada de seguro obrigatório de saúde, pensões, acidentes, cuidados de longa duração e desemprego, que os protege das consequências dos riscos e ameaças existenciais. Nos últimos 20 anos, sobretudo a proteção a mulheres – e suas famílias – e a idosos, vem melhorando significativamente na Alemanha.

¹⁴⁵ Lista de profissões que exigem a *Approbation* se encontra, por exemplo, em <https://recht.nrw.de>

¹⁴⁶ <https://www.bamf.de/DE/Themen/Integration>

¹⁴⁷ <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de>

(a) *Lei contra a discriminação (Antidiskriminierungsgesetz)*

A discriminação com base em raça ou origem étnica, gênero, religião ou crença, deficiência, idade ou identidade sexual, é proibida na Alemanha.¹⁴⁸ A Lei Geral de Igualdade de Tratamento (*Allgemeinen Gleichbehandlungsgesetz*), de 2006, é um conjunto de normas e tem por objetivo prevenir/eliminar a discriminação na vida profissional e em transações cotidianas.

(b) *Auxílio-desemprego (Arbeitslosengeld)*

O auxílio-desemprego é um benefício do seguro pago pelo Ministério do Trabalho alemão quando ocorre o desemprego. Normalmente, é pago por até um ano, ou até dois anos para desempregados mais velhos. Para ter direito a esse seguro, a pessoa deve ter trabalhado pelo menos 12 meses nos últimos 30 meses antes de entrar com o pedido para o mesmo.

(c) *Benefícios associados à família*¹⁴⁹

Como dito anteriormente, qualquer pessoa que viva legalmente na Alemanha tem direito aos benefícios oferecidos pelo Estado. No caso do grupo alvo deste estudo, mulheres que migraram para esse país devido a relações estáveis com cidad@s alem@s, pressupõe-se que todo – ou quase todo o grupo – esteja nessa categoria e, portanto, tenham direitos aos benefícios relacionados à família descritos abaixo.¹⁵⁰

I. *Lei de proteção à maternidade (Mutterschutzgesetz)*

A lei alemã de proteção à maternidade, revisada em maio de 2017, é uma proteção especial para as mulheres empregadas, estudantes ou em formação profissional e que estão grávidas ou amamentando. Tanto a mãe como a criança são protegidas, antes e depois do parto. Normalmente, esse período começa seis semanas antes da data prevista para o nascimento e termina 8 semanas após o nascimento. A proteção da maternidade inclui, entre outros aspectos: a) proteção da saúde no local de trabalho; b) proteção especial contra

¹⁴⁸ <https://www.antidiskriminierungsstelle.de/>

¹⁴⁹ <https://familienportal.de/>

¹⁵⁰ Devido à precariedade dos dados, não há como estimar qual o percentual de mulheres do grupo alvo que vive legalmente na Alemanha e o daquelas que não estão casadas oficialmente com uma pessoa alemã e tampouco se encaixam em casos de vistos para estudo, trabalho etc., o que as poria em situação de ilegalidade após 90 dias de estadia no país.

o demissão; c) proibição de trabalho nas semanas anteriores e posteriores ao parto; d) proteção dos rendimentos durante o período em que o trabalho é proibido.¹⁵¹

II. Subsídio parental (*Elterngeld*)

O subsídio parental é um benefício para pais de bebês e crianças pequenas. Seu objetivo é oferecer uma compensação para os pais que obtiverem menos renda por trabalharem menos horas, temporariamente ou não trabalharem, após o nascimento. Dessa forma, busca-se garantir a subsistência financeira das famílias. O subsídio parental também está disponível para pais que não tinham renda alguma antes do nascimento.

III. A abono de família (*Kindergeld*)

O abono de família busca garantir que as crianças recebam o suporte financeiro básico desde o nascimento e pelo menos até completarem 18 anos. As famílias com renda pequena e média são as principais beneficiárias do abono de família.

IV. Suplemento financeiro para crianças (*Kinderzuschlag*)

O suplemento financeiro para crianças é pago pelo Estado caso a renda familiar não seja suficiente para cobrir as despesas com a criança ou as necessidades básicas de sua família.

V. Salário e subsídio maternidade (*Mutterschutzlohn & Mutterschaftsgeld*)

Os benefícios de maternidade garantem a renda da mãe no caso de ela não poder trabalhar durante a gravidez ou após o nascimento do seu filho. Durante o período de proteção à maternidade, a mulher recebe um benefício de maternidade do seu fundo de seguro de saúde, caso tenha seguro, e uma contribuição do empregador para o benefício de maternidade, se seu salário líquido médio por dia for inferior a 13 euros. Antes e depois do período de proteção à maternidade, a mulher pode receber salário-maternidade se não puder trabalhar, por exemplo, devido a uma proibição médica.

VI. Licença parental (*Elternzeit*)

A licença parental, que pode durar por até 3 anos por criança, é um intervalo não remunerado da vida profissional para mães e pais que estão cuidando de seus filhos. Durante esse período, @ trabalhador@ não precisa trabalhar, mas também não recebe pagamento. Para compensar financeiramente, se pode solicitar o subsídio parental, por

¹⁵¹ <https://www.bmfsfj.de/>

exemplo. A licença pode ser 100% retirada antes da criança completar 3 anos ou, parcialmente, no período entre seu 3º e o 8º aniversário. Durante a licença parental, a pessoa está protegida contra demissão de uma maneira especial. Normalmente, é possível retornar ao antigo emprego após a licença.

VII. Criação de filhos e aposentadoria (*Kindererziehung & Rente*)

Para fins de cálculo de aposentadoria, considera-se como se o cuidador (pai ou mãe), apesar de ausente no local de trabalho, tivesse pago suas contribuições regularmente. Em alguns casos, pessoas que só se dedicaram a atividades classificadas como afazeres domésticos podem até mesmo receber uma pensão/aposentadoria sem nunca ter efetivamente contribuído para ela.

VIII. Manutenção (financeira) de crianças (*Unterhalt für Kinder*)

Manutenção é o que uma pessoa fornece para cobrir as despesas de vida de outra pessoa. A pensão alimentícia pode ser fornecida, por exemplo, na forma de dinheiro ou objetos, mas também por meio de educação, cuidados, enfermagem e atenção pessoal. A questão de quem paga qual pensão alimentícia é particularmente importante quando os cônjuges se separam. Os filhos menores de idade, normalmente, recebem pensão alimentícia de seus pais. Se ele ou ela não pagar a pensão alimentícia, por qualquer motivo, a criança poderá receber um adiantamento de pensão alimentícia do Estado.

IX. Auxílio (financeiro) em caso de doença da criança (*Kinderkrankengeld*)

Cada pai/mãe assegura@ no sistema de saúde obrigatório tem direito, anualmente, ao auxílio-doença para cada filho, por um período de, no máximo, 30 dias úteis (solteiros por 60 dias úteis).

3 OPÇÕES METODOLÓGICAS

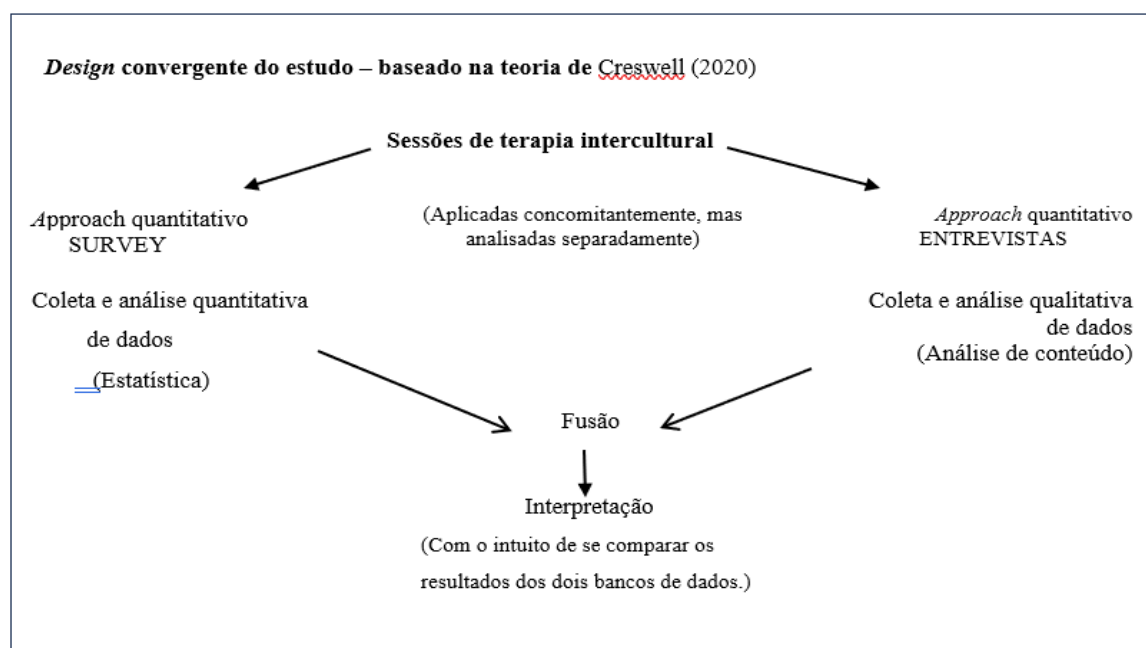
Apresentar-se-ão a seguir a abordagem metodológica que embasou a investigação, as formas de recrutamento utilizadas, o *design* e condução do inquérito online e a estratégia de análise dos dados coletados, assim como o *design* das entrevistas, sua forma de condução e análise.

O desenho de pesquisa proposto neste estudo inspirou-se na abordagem em métodos mistos descrita por J. Creswell (2009). Ele propõe uma análise integrada de teorias e explicações em três níveis analíticos: o micro, o macro e o meso. O “micro” refere-se às interações face a face, enquanto o “macro” diz respeito aos agregados mais abrangentes. O “meso”, por sua vez, refere-se à conexão entre o micro e o macro.

Na literatura sobre metodologia de investigação, a combinação de uma análise quantitativa com uma qualitativa é denominada, em geral, método misto, sendo a triangulação a estratégia mais divulgada (Creswell, 2009). “Supõe-se que as imperfeições de um método possam ser supridas pelas forças de outro e que a combinação entre eles leve o pesquisador à obtenção de resultados mais robustos” (Godoy, 2005: 84). Procedimentos plurimetodológicos são uma estratégia valiosa para elucidar um fenômeno em sua extensão e significado (Lalanda, 1998). Eles possibilitam ampliar e aprofundar a compreensão do fenômeno estudado, podendo, assim, aumentar a precisão do estudo (Ferreira, 2008; Carmo, 2013). Também buscam diminuir a dicotomia entre objetividade e, em ciências sociais, a segmentação entre a pesquisa qualitativa e quantitativa – associada à sempre demandada confiabilidade, credibilidade, “transferibilidade” e confirmabilidade das pesquisas (Abdalla *et al.*, 2018). Utilizam-se métodos mistos para integrar os dados e, dessa integração obter *insights* ou metainferências para além do que se pode a(a)prender dos/com os dados quantitativos e com os qualitativos separadamente (Creswell, 2020).

Nesta investigação, se construiu a triangulação a partir de uma combinação de métodos de coleta – inquérito online e entrevistas – assim como de análises – quantitativa e qualitativa. Os bancos de dados foram mantidos separados e analisados um após o outro. Os dados do inquérito passaram por tratamento estatístico e os das entrevistas, por análise de conteúdo. Tendo-se feito a análise de cada banco, procedeu-se à triangulação dos resultados. Como instruído por Creswell (2009), compararam-se os dados quantitativos e os qualitativos em busca de convergências, divergências, validação e corroboração. Triangular dados de diferentes fontes de informação, advogou o autor (Creswell, 2009), permite examinar evidências e compará-las para se construir uma justificativa coerente para os temas. Para além de tudo isso, a triangulação traz a perspectiva humana direta e as vozes dos participantes para a análise “fria” das estatísticas.

Figura 3.1. Design convergente em métodos mistos



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Creswell (2020: 23)

É importante esclarecer que a escolha da triangulação – abordagem convergente de métodos mistos – se deu, sobretudo, devido à forma como o tema, subtemas e hipóteses desta investigação surgiram. A investigadora é psicoterapeuta especializada em psicologia intercultural e, por mais de 15 anos, trabalhou, entre quatro países, mormente na Alemanha, em consultórios de psicoterapia.¹⁵² Das diversas sessões com cliente@s com formação acadêmica e casad@s com alemães que conduziu no consultório, surgiram vários questionamentos e os temas aqui investigados. Pareceu-lhe imperativo expandir tais questionamentos de maneira científica. Para tanto, usou-se a validação cruzada, que promove a confiabilidade de uma investigação, na busca de uma possível generalização das hipóteses iniciais e teorias aportadas pela literatura. A abordagem macro, quantitativa, realizada por meio da elaboração e aplicação de questionário online, permitiu alcançar um número maior de mulheres com o perfil estudado (n=205). Por outro lado, a abordagem micro (entrevistas individuais) serviu para aprofundar temas e problemas abordados de forma quantitativa. O material registrado por anos no consultório esteve na base, tanto da construção do inquérito online, como das entrevistas, estabelecendo, assim, um *approach* (abordagem) *top-down* para a investigação empírica.

¹⁵² Por uma questão de transparência e prevenção de vieses, como recomendado por Creswell (2009), esclarece-se aqui que a pesquisadora compartilha características de seu grupo de estudo (acadêmica, com experiência profissional no país de origem e migrada para a Alemanha devido a uma relação com uma pessoa alemã).

Nesse estudo, o *design* da triangulação foi convergente. A coleta de dados por meio de inquérito e entrevistas foi realizada em duas etapas, e a análise em três. Primeiramente, realizou-se a análise quantitativa do inquérito, depois, a análise qualitativa das entrevistas e, posteriormente, os resultados foram integrados e outra vez analisados de forma comparativa, triangulada. Ambos os instrumentos de coleta de dados se compuseram de temas que se entrelaçam e integram na realidade das participantes. Eles foram divididos em 4 blocos, nomeadamente, estudos e vida profissional, aculturação, identidade e maternidade. Enquanto o inquérito se limitou a esses blocos, as entrevistas semiestruturadas os enriqueceram com novos tópicos emergentes da liberdade oferecida por essa ferramenta.

A análise estatística tem como particularidade possibilitar a validação de generalizações (Creswell, 2009). Ela visa classificar e contar as características, semelhanças e diferenças, ocorrências e ausências e construir modelos estatísticos, num esforço de revelar padrões do fenômeno observado. Com ela, se busca detectar e isolar preditores e resultados específicos dentro do contexto do estudo (Park e Park, 2016). A pretendida objetividade da análise quantitativa, baseada em técnicas estruturadas, busca promover a independência entre o investigador e objeto de pesquisa, conduzindo a resultados mais fiáveis e válidos (Park e Park, 2016). Ela é capaz de indicar direções para se compreender indutivamente o fenômeno no contexto da população pesquisada como um todo. Para tanto, é imprescindível que, ao se organizar o plano amostral, se contemplem elementos de todo o universo estudado a fim de se obter uma amostra representativa. É parte do trabalho científico buscar resultados que se apliquem a ou que deem uma boa base de inferência sobre toda uma população alvo, advogou Field (2013). O campo da estatística inferencial, esclareceu o autor, permite que se faça uma confiável *educated guess* (suposição embasada) sobre as características de grandes grupos. Em outras palavras, partindo de um plano amostral bem elaborado, tenta-se chegar a uma resposta ou conclusão razoável, aplicável à população como um todo, considerando-se a evidência disponível, ressaltando-se que evidência não significa certeza. Neste estudo mediram-se, simultaneamente, diversas variáveis exploratórias, cujos resultados não possibilitam avaliar causalidade ou mudanças potenciais ao longo do tempo, mas são robustos o suficiente para apoiar inferências sobre associações.

A análise qualitativa, por sua vez, facilita a compreensão do fenômeno por dar conta da heterogeneidade individual e grupal. De fato, o valor da pesquisa qualitativa reside na descrição particular e detalhada de temas desenvolvidos em um contexto específico

(Creswell, 2009). Sua intenção é compreender uma situação social particular e seu foco são as percepções e experiências dos participantes (Creswell, 2009). O pesquisador é o agente primário da coleta de dados (Creswell, 2009), e seu instrumento é o roteiro da entrevista. A metodologia eleita para essa investigação foi a análise de conteúdo segundo Laurence Bardin (2018), aplicada com o apoio do *software* para análise qualitativa e métodos mistos MAXQDA.

Para a realização das coletas, organização e análises dos dados, houve um grande investimento financeiro, de tempo e de aprendizagem sobre ferramentas computacionais. O investimento culminou na combinação dos seguintes *softwares*.

Tabela 3.1. Programas e aplicativos utilizados

Software	Finalidade	
<i>GPower</i>	Programa de computador para a realização de testes estatísticos, especialmente testes de potência	Aberto
SOGO	Aplicativo para alocação de inquérito na Internet	Aberto
Jamovi	Programa de computador gratuito para análise de dados e realização de testes estatísticos	Aberto
<i>Amberscript</i>	<i>Software</i> para transcrição de áudios	Proprietário
MAXQDA	<i>Software</i> para análise de texto e dados qualitativos auxiliados por computador	Proprietário
<i>Google Meet</i>	Serviço de videoconferência	Aberto
SPSS	Programa de computador para a realização de testes estatísticos, especialmente testes de potência	Proprietário

Fonte: Elaborado pela autora

Essa sofisticada combinação de ferramentas provou ser útil sobretudo por permitir que um estudo de tal envergadura e complexidade pudesse ser empreendido por uma só pessoa. Além disso, a combinação de métodos, aliada ao uso de inventários e testes padronizados, são um importante instrumento metodológico para diminuir os riscos de enviesamento das análises.

3.1 ESTRATÉGIA DE RECRUTAMENTO E AMOSTRAGEM

O recrutamento para o inquérito online e para as entrevistas foi iniciado somente depois da aprovação do projeto de pesquisa pelo Conselho Científico da Universidade Aberta. Os critérios de inclusão de participantes foram:

Tabela 3.2. Critérios de inclusão de participantes para o inquérito online e entrevistas

Critérios de inclusão	Elegibilidade
Idade	Mais de 25 anos
Gênero	Feminino
Origem	Mulheres nascidas na América Latina ¹⁵³
Grau mínimo de escolaridade	Graduação universitária completa
Estado civil	Casada/Relação de conjugalidade com pessoa nascida e residente na Alemanha
Migração	Ter migrado para a Alemanha há, pelo menos, 2 anos
Motivo da migração	Relação de conjugalidade
Literalidade	Não ser fluente em alemão antes da migração
Vida laboral	Não ter emprego garantido na/vínculo empregatício com a Alemanha antes da migração

Fonte: Elaborado pela autora

O recrutamento foi realizado através de duas estratégias. A primeira foi a ampla divulgação aleatória, realizada por meio de propaganda na mídia social (Facebook, LinkedIn, Xing, Instagram, InterNations), contato com ONGs, instituições culturais e religiosas ligadas a países latinos e africanos, embaixadas e consulados, lojas de produtos latinos ou africanos, cabelereiros especializados em cabelo étnico, escolas de idiomas, escolas internacionais, consultórios de psicologia intercultural. A segunda estratégia foi a ampliação do universo por meio de contatos indicados por participantes. Essa técnica é conhecida pela expressão "bola de neve" (*snowball sampling*) e consiste em solicitar aos participantes que indiquem outras pessoas conhecidas que se adequem ao perfil necessário. Um dos benefícios da amostragem por bola de neve, é que ela ajuda a identificar participantes de estudos para os quais há múltiplos requisitos de elegibilidade, como no caso do atual estudo. Se uma pessoa elegível for identificada, essa pessoa pode, geralmente, identificar e recrutar outros de seu entorno para o mesmo estudo. A confiança inerente

¹⁵³ No início da investigação o grupo alvo englobava também mulheres imigrantes da África. Esse subgrupo foi retirado do estudo por motivos que serão aqui esclarecidos posteriormente.

gerada entre os participantes potenciais eleva a probabilidade de que a pessoa identificada concordará em participar da investigação, advogaram Sadler, Lee e Lim (2010). Por outro lado, ressaltaram, conclusões alcançadas por estudo cujo recrutamento se deu parcial ou inteiramente por bola de neve podem ser tendenciosas e restringir o potencial de generalização dos resultados, pois a amostra pode “incluir uma representação excessiva de indivíduos com numerosas conexões que compartilham características similares” (Sadler *et al.*, 2010: 3). Buscou-se, portanto, atingir um equilíbrio da amostragem por meio da seleção de uma longa e variada lista de grupos de Facebook e outras mídias, a fim de aumentar a diversidade.¹⁵⁴

O cálculo do tamanho da população do estudo só seria factível por meio de pesquisas censitárias amplas no país. Esse fato foi contemplado na estruturação do plano amostral, numa tentativa de se mitigar essa limitação e de garantir representatividade na amostra. Sendo o tamanho da população de pesquisa desconhecido, deve-se usar o tamanho esperado do erro amostral. No cálculo realizado com o GPower usou-se “tamanho infinito”. Para que os resultados estatísticos da investigação pudessem ser considerados robustos, o GPower indicou dois pontos importantes. a) Dever-se-ia usar *alpha* (α) 0,05 nos cálculos, o que é considerado típico em investigações científicas em estudos de psicologia em geral; b) O inquérito online deveria ser completamente preenchido por, pelo menos, 270 participantes.¹⁵⁵

Inicialmente, se tinha planejado a participação de imigrantes oriundas da América Latina e da África por dois motivos principais. Primeiramente, o maior número de obstáculos – sobretudo laborais – que se apresentam no processo imigratório de não europeus para a Alemanha; em segundo lugar, a diferente percepção que se tem na Europa dos imigrantes vindo do sul global, dada à imagem histórica de subdesenvolvimento e pobreza, ou seja, sua subalternidade histórica. Infelizmente, o grupo acabou por ser limitado apenas a mulheres latinas por algo que se revelou só por ocasião do inquérito online. Dois meses após a disponibilização do inquérito na *website*, apesar de muitos esforços, a participação de mulheres de países africanos estava tão pequena e discrepante da de latinas que poderia comprometer o estudo.¹⁵⁶ Entre as 214 respondentes, apenas nove

¹⁵⁴ Por exemplo, grupos de profissionais estrangeiros em geral ou de uma categoria profissional específica, grupo de profissionais latinos ou africanos ou de uma nacionalidade específica, grupos de pessoas de um determinado país, grupo de mães estrangeiras residentes na Alemanha, associações culturais etc.

¹⁵⁵ Usar 0.05 implica 95% de certeza de não se rejeitar acidentalmente uma hipótese nula verdadeira (Field, (2013).

¹⁵⁶ Assim que se tornou notória a baixa participação de mulheres africanas, contratou-se a agência de marketing *African Courier* (www.theafricancourier.de), cujo público é exclusivamente africano. Tal

eram imigrantes africanas. Dada a desproporção, o grupo de mulheres africanas acadêmicas residentes na Alemanha não seria significativamente representado dentro da amostra de investigação e, além disso, o resultado da análise estatística perderia em credibilidade. Decidiu-se, então, pela retirada das respostas das nove africanas.

3.2 INQUÉRITO ONLINE

Usou-se o *software SoGo* para construir e alocar o inquérito online. Para garantir a segurança dos dados, somente a pesquisadora teve acesso a eles. Todo o material para as participantes, inclusive o consentimento para o uso dos dados nessa investigação, foi disponibilizado em português, espanhol, inglês e francês, de início de abril a fins de junho de 2022. A participação foi voluntária e anônima. Entre a pergunta final do questionário e os agradecimentos pela participação, apresentou-se o *debriefing* e se perguntou pelo interesse da respondente em participar da entrevista semiestruturada. Das 205 mulheres, 109 se disponibilizaram. Os dados permanecerão 5 anos guardados pela pesquisadora em um arquivo protegido por senha.

O inquérito publicado teve um total de 40 itens divididos em duas partes, como se pode ver na tabela abaixo.

Tabela 3.3. . Composição do inquérito online

Parte	Tema	Número de Questões
1	Dados sociodemográficos	10 questões
	Dados biográficos	4 questões
2	Inventário sobre saúde mental e bem-estar <i>Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale</i> ¹⁵⁷	14 questões
	Escala para medição de estresse de aculturação das	12 questões

estratégia tampouco foi eficiente. Durante as seis semanas em que a agência fez a divulgação, apenas duas africanas responderam ao inquérito. O escasso resultado da campanha foi posteriormente analisado em conjunto com a diretora da agência. Uma causa provável é o típico coletivismo das culturas africanas, explicou a diretora. A única maneira de aumentar a participação das africanas, sugeriu, seria que a investigadora as conhecesse pessoalmente, talvez frequentando *workshops* e outros encontros dedicados a mulheres africanas, falando-lhes sobre a investigação e pedindo-lhes, individualmente, ajuda na divulgação. Infelizmente, essa sugestão era inexequível no escopo da investigação.

¹⁵⁷ Na Escócia e na Inglaterra o WEMWBS é recomendado pelo governo para monitorar o bem-estar mental em nível nacional como parte do novo Estrutura de Resultados em Saúde Pública (Stewart-Brown, 2013).

	participantes <i>Riverside</i> <i>Acculturation Stress Inventory</i>	
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora

Pesquisas baseadas em inquéritos são normalmente usadas para medir atitudes e testar hipóteses com a intenção de generalizar os resultados para a população de interesse. Dois elementos críticos do plano de análise devem receber especial atenção, ressaltou Groves *et al.* (2009). Esses elementos são, nomeadamente, a seleção de uma amostra representativa – como se buscou através do plano amostral – e o desenvolvimento de um questionário confiável e válido, o que se verá a seguir.

3.2.1 Instrumentos psicométricos

(a) *Riverside Acculturation Stress Inventory (RASI)*

Criado por Benet-Martínez e Haritatos (2005), o *RASI* é um instrumento breve e abrangente que explora diferentes domínios da experiência do imigrante, nomeadamente, habilidades linguísticas, desafios no trabalho, relações interculturais, discriminação e isolamento cultural (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Merced *et al.*, 2022). O inventário consiste em 12 itens que avaliam o estresse experimentado por imigrantes na nova cultura, nos domínios acima mencionados.¹⁵⁸ A análise fatorial das respostas de uma amostra de 793 participantes produziu cinco fatores que representam cada um desses domínios. Os alfas de Cronbach para cada fator variavam de .68 a .84 (Miller, Kim & Benet-Martínez, 2011).¹⁵⁹ De modo geral, os resultados do estudo sobre análise fatorial do *RASI* apoiam a estrutura hipotética do *RASI* e indicam que esse instrumento fornece escores de estresse de aculturação confiáveis e válidos (Miller *et al.*, 2011).¹⁶⁰

As respostas para o *RASI* são medidas em uma escala Likert de 5 pontos. A pontuação final pode, portanto, variar de 15 a 75 pontos, sendo que as mais altas refletem níveis mais altos de estresse de aculturação (Miller *et al.*, 2011; Merced *et al.*, 2022). O *RASI* foi traduzido para diversas línguas e (re)validado com populações culturalmente

¹⁵⁸ Exemplo de item: “I feel the pressure that what “I” do will be seen as representative of § people’s abilities”. O inventário completo se encontra no apêndice.

¹⁵⁹ A análise fatorial investiga os inter-relacionamentos entre as variáveis de um teste/inventário, buscando encontrar o menor número de fatores que exprima o mesmo conteúdo que as variáveis originais partilham em comum (Cooper, 2010).

¹⁶⁰ Cronbach (α) é a medida mais comum de confiabilidade em escala. Ele mede a consistência interna de uma escala e denota até que ponto as tarefas ou questões de uma escala estão relacionadas umas com as outras. Ele também indica se um instrumento se mantém consistente em diferentes situações (Field, 2000).

diversas. Uma de suas vantagens sobre outras escalas para medição de estresse de aculturação é sua natureza breve que reduz a carga de trabalho dos participantes, aumentando assim a possibilidade de que mais respondentes preencham o inventário de forma acurada (Miller *et al.*, 2011). O inventário foi estruturado de forma a refletir as pressões interpessoais, intelectuais, profissionais e estruturais associadas ao estresse de aculturação (Miller *et al.*, 2011). Diversos estudos para validação do RASI mostraram que sua pontuação total está positivamente associada à depressão e à ansiedade, isto é, quanto mais alto o *score* alcançado por uma pessoa ao responder ao teste, maior seu risco de ter uma depressão (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Merced *et al.*, 2022).

(b) *Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale (WEMWBS)*

A WEMWBS foi criada por Tennant *et al.* (2007) na Warwick-Edinburgh University, na Escócia. Ela é uma ferramenta psicometricamente robusta (Stewart-Brown & Janmohamed, 2008). Foi construída baseada em uma concepção ampla de bem-estar que compreende aspectos afetivo-emocionais, dimensões cognitivo-avaliativas e funcionamento psicológico (Tennant *et al.*, 2007). Seu objetivo não é medir a intensidade da depressão, senão o risco de depressão clínica experienciado pelo respondente no recorte de tempo das duas semanas anteriores ao teste.

A escala foi construída com cinco categorias de respostas que, somadas, fornecem uma pontuação única. Os itens são redigidos positivamente e cobrem os aspectos de sentimentos como os de funcionamento do bem-estar mental.¹⁶¹ Solicita-se ao respondente que indique, através de uma escala Likert de cinco pontos, a frequência em que, nas últimas duas semanas, pensou em cada uma das afirmações apresentadas. Teoricamente, quanto maior for a pontuação final, melhor é o estado de bem-estar mental da pessoa. Calcula-se a pontuação final somando as respostas dos itens. O resultado pode variar entre 14 e 70 pontos (Santos *et al.* 2015).

A WEMWS foi adaptada culturalmente para diversos grupos e vários estudos foram realizados para se avaliarem suas propriedades psicométricas e estrutura fatorial (Serrani-Azurra, 2014). Esses estudos indicaram que a WEMWS não incorpora a visão eurocêntrica individualista da vida, uma característica cultural que estorvaria a aplicação da escala em grupos de cultura latina (Stewart-Brown, 2013).

¹⁶¹ Exemplo de pergunta: “*I’ve been optimistic about the future*”. O inventário completo se encontra no apêndice.

A escala combina princípios eudemônicos e hedônicos do bem-estar psicológico e subjetivo (Stewart-Brown, 2013). O conceito de funcionamento psicológico positivo da WEMWBS inclui a "capacidade de autodesenvolvimento, relações positivas com os outros, autonomia, autoaceitação e competência" (Tennant *et al.*, 2007: 13). Todos estes aspectos são considerados cruciais na adaptação transcultural (Ali *et al.*, 2003; Black *et al.*, 1991).

Serrani-Azcurra (2014) indicou a WEMWBS como um bom instrumento a ser aplicado na pesquisa em saúde mental. Suas fortes propriedades psicométricas sugerem uma boa adequação para medir o bem-estar mental tanto em níveis populacionais amplos como em amostras locais, argumentou o autor. Além disso, o grau de viés de conveniência social da escala é baixo (Tennant *et al.*, 2007) e não há *ceiling or flooreffects* (Stewart-Brown & Janmohamed, 2008; Ikink, Lamers & Bolier, 2012).^{162, 163}

A confiabilidade da versão original em inglês, quando inicialmente testada, foi significativamente alta ($\alpha = .83$). A WEMWBS obteve .91 com uma amostra populacional na Escócia (Tennant *et al.*, 2007), a versão em espanhol apresentou $\alpha = .90$ (Lopez *et al.*, s.d.) e $\alpha = .89$ (Serrani-Azcurra, 2015) e a versão em português brasileiro, $\alpha = .89$ (Santos *et al.*, 2015).¹⁶⁴ A validação brasileira da escala, realizada por Santos *et al.* (2015), mostrou ser a versão em português de fácil aplicação e compreensão. Ela também apresentou alta consistência interna e sua validade de construção foi muito semelhante à da versão original. A pontuação média das mulheres respondentes da WEMWBS na validação brasileira foi de 51,8 (*idem*) e na validação argentina, 49.1 (Serrani-Azcurra, 2014).

(c) *Métodos de análise dos dados coletados através do inquérito*

A análise dos dados coletados no inquérito online foi feita com o uso dos *softwares* Jamovi e SPSS. Esses dados são, de fato, uma amostragem não probabilística (amostra por conveniência), dado a impossibilidade de acesso à toda a população do estudo devido à dispersão do grupo. Sabe-se, entretanto, que o uso dessa técnica limita a possibilidade de se fazerem afirmações gerais com rigor estatístico sobre a população (Field, 2013). Por essa

¹⁶² *Ceiling or flooreffects*: Situação na qual uma grande parte dos participantes desempenha muito mal (ou muito bem) a realização de uma tarefa ou a resposta a um inquérito, distorcendo, assim, a distribuição de pontuações, o que impossibilita a diferenciação entre os muitos indivíduos do grupo.

¹⁶³ Viés de conveniência social (*Socially Desirable Responding*) é, de acordo com Fowler e Cosenza (2009), um risco permanente quando respondentes preenchem um questionário de autorrelato. Por exemplo, respondem de uma forma que os faz parecer bons, ou na forma como pensam que outros responderão, ou como imaginam que o pesquisador quer que eles respondam.

¹⁶⁴ Como regra geral, qualquer instrumento psicométrico deve ser usado se se atingir um valor de $\alpha = .8$ ou, pelo menos, $= .7$ (Field, 2020).

razão, a fim de se buscar maior rigor metodológico e aprofundamento, a análise através da triangulação de dados mostrou ser a melhor alternativa.

3.2.2 Entrevistas

a. Coleta de dados e preparação do corpus

Devido à distância geográfica entre a pesquisadora e a maioria das participantes e às regras sanitárias decorrentes da pandemia do vírus Covid-19, as dez entrevistas foram realizadas através de videoconferência (*Google Meet*) com participantes do inquérito online que haviam se prontificado a participar dessa segunda etapa de coleta de dados.

O roteiro foi elaborado pela investigadora, revisado pela orientadora e, posteriormente, passou por teste piloto.¹⁶⁵ Antes de se iniciar a entrevista, cada participante foi instruída a escolher um lugar onde pudesse falar com discrição, sem ser interrompida, e assinou o formulário de consentimento para a coleta de dados e seu uso no estudo. As entrevistas foram realizadas em espanhol ou português, de acordo com a nacionalidade da entrevistada. As perguntas abertas buscaram captar informações sobre a trajetória profissional das entrevistadas, sua vinda para Alemanha, seu processo de adaptação à cultura alemã, sua relação com trabalho e maternidade. Somente os áudios foram gravados. Esses foram transcritos com o *software Amberscript*.

3.2.3 Análise de conteúdo

A análise das entrevistas se baseou na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2018) e foi conduzida usando-se o *software* MAXQDA. A análise de conteúdo foi escolhida por se compaginar adequadamente com a análise quantitativa estatística, uma vez que ela é um método de análise qualitativa com uma visão matemática (Cavalcante *et al.*, 2018). Essa técnica possibilita identificar as temáticas das entrevistas e as diferenças e semelhanças (por exemplo, nessa investigação, tipo de formação profissional, nível de adaptação à nova cultura, presença ou ausência da maternidade na vida das participantes etc.). Esses traços, foram usados para se formarem grupos para a análise.

A análise de conteúdo se centra na pertinência, na lógica e na coerência das respostas buscando tendências de resposta de maior frequência, padrões, coincidências e divergências para se estabelecerem padrões típicos de representações. Conforme Bardin

¹⁶⁵ Uma cópia do roteiro se encontra no apêndice.

(2018: 11), “vai do cálculo das frequências, que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos”. Trata-se de um instrumento polimorfo e polifuncional, com funções heurísticas e verificativas que, devido a suas etapas que muitas vezes são longas e repetidas, gera um tempo de latência e reflexão entre as hipóteses iniciais e as interpretações definitivas (Bardin, 2018).

O método, todavia, tem suas limitações, sobretudo relacionadas à habilidade do pesquisador em formular perguntas (Graneheim, Lindgren & Lundman, 2017), conduzir as entrevistas e analisá-las, assim como sua habilidade em lidar com as diversas situações peculiares que surgem ao se estudar um fenômeno humano (Cavalcante *et al.*, 2018).

A análise de conteúdo das entrevistas foi conduzida de acordo com as diretrizes de três etapas básicas propostas por Bardin (2018), como se pode ver na tabela a seguir.

Tabela 3.4. Etapas da análise de conteúdo

Etapa	Atividade
Pré-análise	Organização do material das entrevistas para efeito de observação e comparação das mensagens.
Descrição analítica	Descrição do conteúdo das respostas das entrevistadas que bem exemplifiquem o material coletado.
Interpretação referencial	Interpretações das respostas associadas aos conceitos que emergiram das entrevistas, tendo como pano de fundo a informação teórica advinda da literatura revisada.

Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, durante toda a análise procurou-se manter uma vigilância crítica, como sugerido por Bardin (2018), para evitar a compreensão espontânea dos dados

coletados. Afinal, o viés de confirmação – um termo típico da literatura psicológica – pode levar @ investigador@ a buscar ou interpretar provas de maneira parcial, adequadas às crenças existentes, expectativas ou uma hipótese que traz em suas mãos, assertou Nickerson (1998). O auxílio do *software* – nesse estudo, o MAXQDA – possibilita tornar a análise de conteúdo mais objetiva, por exemplo, aguçando a percepção dos investigadores sobre a maneira como participantes respondem diferentemente ao mesmo código (Creswell, 2009). Para uma avaliação final da qualidade dos resultados utilizaram-se critérios interpretativos de Denzin (2002 *apud* Ngulube, 2015), nomeadamente, a capacidade do material de iluminar (a) o fenômeno como experiência vivida dentro de seu contexto real e (b) suas facetas relacionais, interativas e historicamente fundamentadas que ajudam à maior compreensão desse fenômeno.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo, visou-se descobrir padrões de associações entre a situação profissional, bem-estar e saúde mental, construção da identidade bicultural e o estresse de aculturação de mulheres com nível de formação acadêmica que se mudaram para a Alemanha devido a uma relação com uma pessoa desse país. Além disso, foi investigada a importância da maternidade na vida das respondentes. Outros temas, como racismo, violência psíquica doméstica e dificuldade no contato com alemães emergiram das entrevistas e serão tratados posteriormente.

A abordagem pluriestratégica eleita – métodos mistos com plano de coleta e análise de dados convergente – gerou um grande e diversificado volume de resultados. Por essa razão, pareceu não ser adequado apresentar os resultados nem da forma tradicional de uma pesquisa quantitativa, tampouco na forma de uma qualitativa. Buscou-se aqui, portanto, uma nova maneira de apresentar, comparar e fundir os resultados do inquérito online e das entrevistas. Com o intuito de tornar mais claras as informações coletadas, os resultados e sua análise serão divididos em três seções. A primeira será dedicada à análise estatística dos dados do inquérito. Na segunda seção analisar-se-ão as informações obtidas através das entrevistas, como os temas que emergiram das conversas. Na terceira apresentar-se-ão as informações através da lente da triangulação, isto é, estabelecendo uma relação entre os instrumentos de coleta.

4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA DO INQUÉRITO

Essa seção será dividida em cinco partes. Na primeira, o foco será a descrição dos dados coletados. Ela será dividida em duas subpartes, nomeadamente, dados e discussão dos dados. Além disso, conterá informações de fundo relacionadas ao contexto social, leis e estatísticas alemãs, que são pertinentes para a análise dos dados do inquérito. Tais informações visam ajudar o leitor a manter em mente o conteúdo do capítulo “Alemanha: Fatos e dados e que afetam a vida das imigrantes acadêmicas”, assim como acrescentar conteúdo que possa facilitar a compreensão do leitor que não esteja familiarizado com o sistema social alemão. Na segunda parte do texto, explorar-se-ão possíveis correlações entre as variáveis – tomadas em par. Na terceira, utilizar-se-ão modelos de regressão – logística e linear – buscando-se modelar o relacionamento entre duas ou mais variáveis explicativas e uma variável de resposta. A quarta parte será o sumário das informações obtidas. Na quinta parte explicitar-se-ão as imitações do estudo estatístico.

4.1.1 Informações básicas

Ao todo, 205 mulheres (n=205) completaram o inquérito. Em virtude da clareza do texto, os resultados serão apresentados por temas e, quando parecer necessário, serão acompanhados de relevantes informações contextuais sobre a Alemanha referentes a esse tema. A maioria das variáveis do inquérito foram qualitativas, isto é, ou se tratava de uma questão de múltipla escolha ou de uma questão acompanhada de uma escala de *Likert*. Essas variáveis estão apresentadas nas tabelas ou descritas no texto em forma de frequência absoluta (n) e relativa (%).¹⁶⁶ As variáveis quantitativas idade e Riverside serão apresentadas separadamente.

(a) Idades das participantes/ano de imigração

I. Qual é sua idade atual?

A variável, por ser quantitativa, passou pelo teste de Shapiro Wilk. As idades, que variaram de 25 a 79 anos (média 39 anos), estão apresentadas na tabela abaixo como mediana e quartis, por não apresentarem distribuição normal. O primeiro quartil indica que 25% da amostra tem menos de 34 anos. O terceiro quartil indica que 25% da amostra tem mais de 47,8 anos. Os anos de chegada à Alemanha variaram de 1969 a 2021 (\bar{X} =2011).

Tabela 4.1. Média de idades das participantes (N=205)

	Média	DP	Mín – Máx
Idade mediana (Quartis 1 e 3)	39	34 – 47,8	23 – 79

Fonte: Elaborado pela autora (*software* SPSS)

(b) Diplomas acadêmicos

I. Qual era seu nível acadêmico ao chegar à Alemanha?

Tabela 4.2. Nível acadêmico ao chegar à Alemanha

		N	%
--	--	----------	----------

¹⁶⁶ A tabela com a totalidade dos dados da análise descritiva se encontra no apêndice.

Graduação		133	64,9%
Mestrado		61	29,8%
Doutorado		6	2,9%
Pós-doutorado		5	2,4%

Fonte: Elaborado pela autora (software SPSS)

(c) *Área de formação acadêmica*

I. Em que área você se formou no seu país de origem?

Tabela 4.3. Área de formação acadêmica

	N	%
Ciências Sociais/Ciências Humanas	125	61,0%
Ciências Biológicas/Ciências da Saúde	44	21,5%
Ciências Exatas e da Terra/Engenharia	36	17,6%

Fonte: Elaborado pela autora (software SPSS)

(d) *Rconhecimento de diploma*

I. Qual é sua experiência em relação à Diplomanerkennung (reconhecimento de diploma)?

Tabela 4.4. Experiência com o reconhecimento de diploma

	N	%
Nunca tentei ou não concluí o pedido de reconhecimento.	80	39,0%
O reconhecimento de meu estudo em meu país foi total, o que permite a entrada direta no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.	49	23,9%
O diploma foi reconhecido em alta porcentagem ou 100%, mas para exercer minha profissão na Alemanha tive/tenho que me submeter a uma complementação dos estudos/submissão a provas a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.	42	20,5%
O percentual reconhecido foi muito baixo. Em casos como esse a pessoa necessita repetir vários semestres numa universidade alemã a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui. ¹⁶⁷	20	9,8%
Meu diploma não foi reconhecido.	14	6,8%

¹⁶⁷ Na Alemanha, em casos assim, normalmente se considera que o diploma corresponde ao *Studienkolleg*, um curso que estrangeiros têm que frequentar como complemento do segundo grau feito fora da Alemanha, caso os anos de escolaridade (primária e secundária) somados sejam menos que treze anos. Após o *Studienkolleg* ou correspondente, a pessoa pode buscar uma vaga numa universidade.

Fonte: Elaborado pela autora (*software SPSS*)

Alguns resultados salientes são de grande importância. De acordo com o teste χ^2 (qui-quadrado), a distribuição das respostas foi muito significativa, sendo que o grupo de respondentes que nunca pediram o reconhecimento do diploma é proeminente ($n = 80$).¹⁶⁸ Das 91 imigrantes cujos diplomas foram (quase) 100% reconhecidos, 64 chegaram depois de 2012, ano da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*. Entre as autônomas que estão empregados abaixo do nível acadêmico, 33,33% são mulheres cujos diplomas não foram reconhecidos. Houve aparentes discrepâncias nos resultados relacionados ao reconhecimento do diploma de acordo com a área de formação.

4.1.2 Situação empregatícia

- (a) *Qual era sua situação empregatícia 18 meses após sua chegada à Alemanha?*
Qual é sua situação empregatícia atual?

Tabela 4.5. Reconhecimento de diploma e a *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* -1 (Diplomas reconhecidos para entrada no mercado)

Área	N (%) por Área	Imigração antes de 2012	Imigração depois de 2012
Ciências Biológicas (n=44)	6 (13,6%)	3	3
Ciências Sociais (n=125)	31 (24,8%)	8	23
Ciências Exatas e Eng. (n=36)	12 (33,3%)	2	10
Total: 205	49 (24%)	13 (6,4%)	36 (17,6%)

Fonte: Elaborado pela autora (*software SPSS*)

De acordo com a Tabela 4.5 acima, os grupos mais beneficiados pela lei de 2012 foram Ciências Sociais e Ciências Exatas e Engenharias. Em relação a diplomas reconhecidos, mas sem a permissão de integração imediata, os resultados são exatamente o contrário, percentualmente. Nessa categoria se destacam as imigrantes com curso acadêmico na área de Ciências Biológicas e Médicas, como se pode ver na Tabela 4.6.

¹⁶⁸ Em estatística inferencial, o teste do χ^2 serve para avaliar a potencial relação entre um resultado coletado e a distribuição que se espera do fenômeno, ou seja, com quanta certeza se pode inferir que o valor observado está, de fato, relacionado com a hipótese investigada.

Tabela 4.6. Reconhecimento de diploma e a *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* -2 (Diplomas reconhecidos para entrada no mercado – imediata ou após exame na Alemanha)

Área	N (%) por Área	Imigração antes de 2012	Imigração depois de 2012
C. Biológicas (n=44)	17 (38,6%)	3	14
C. Sociais (n=125)	21 (16,8%)	10	11
C. Exatas e Eng. (n=36)	4 (11,1%)	1	3
TOTAL: 205	42 (20,5%)	14 (6,8%)	28 (13,7%)

Fonte: Elaborado pela autora (*software* SPSS)

Os diplomas de 20 respondentes foram minimamente reconhecidos. Nesses casos, as pessoas deveriam voltar à universidade na Alemanha por vários semestres para complementar os estudos, se quisessem regularizar o grau que já haviam conquistado em seus países. Quatorze diplomas não foram reconhecidos nem parcialmente. Oitenta nunca tentaram o reconhecimento. Deve-se ressaltar que essas, em relação ao grupo de respondentes (n=205), representam cerca de 60% das desempregadas em busca de emprego e 40% das empregadas em posição abaixo de seu nível acadêmico. A situação empregatícia dessas imigrantes 18 meses após a chegada na Alemanha não era favorável. A Tabela 4.7 mostra que o maior grupo era de mulheres que se encontravam subempregadas.¹⁶⁹

Tabela 4.7. Imigrantes que nunca tentaram o reconhecimento de diploma – Situação empregatícia 18 meses após a chegada

	Situação empregatícia 18 meses após a chegada	Migração antes de 2012	Migração depois de 2012
Empregada em posição correspondente ao nível acadêmico	5	1	4
Autônoma em posição correspondente ao nível acadêmico	4	2	2
Empregada em posição abaixo de meu nível acadêmico	27	7	20
Autônoma em posição abaixo de meu nível acadêmico	2	1	1
Desempregada em busca de emprego	9	1	8

¹⁶⁹ É importante observar os números tendo em mente que a maioria das imigrantes chegaram após 2012, o que poderia justificar que os números da coluna da direita sejam claramente mais altos que os da esquerda para todos os grupos da Tabela 4.6. e Tabela 4.7.

Desempregada sem buscar emprego	24	6	18
Estudante	9	2	7
Total	80	20	60

Fonte: Elaborado pela autora (*software SPSS*)

Os números da situação empregatícia atual parecem mais positivos. Há uma diferença, ainda que discreta, na quantidade de mulheres trabalhando como autônomas ou empregadas em posições correspondentes a seu nível acadêmico.

Tabela 4.8. Imigrantes que nunca tentaram o reconhecimento de diploma

Situação empregatícia atual	Migração antes de 2012	Migração depois de 2012
Empregada em uma posição correspondente ao nível acadêmico (n=18)	7	11
Autônoma em uma posição correspondente ao nível acadêmico (n=7)	3	4
Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico (n=20)	7	13
Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico (n=4)	1	3
Desempregada em busca de emprego (n=9)	-	9
Desempregada sem buscar emprego (n=17)	3	14
Estudante (n=5)	-	5
TOTAL: 80	21	59

Elaborado pela autora (*software SPSS*)

Em resumo, em relação ao reconhecimento de diplomas, os dados revelaram que cerca de 40% das imigrantes nunca o pediram, 44% obtiveram reconhecimento total ou quase total, sendo que, aparentemente, as formadas nas áreas de Ciências Sociais e Ciências Exatas e Engenharias foram as beneficiadas pela lei de 2012. Além disso, no total, nota-se que depois de 2012 houve uma discreta melhora no tocante ao nível de emprego das imigrantes.

Tabela 4.9. 18 meses depois de sua chegada à Alemanha, qual era sua situação empregatícia? (n=205)

Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	56	27,3%
Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.	43	21,0%
Desempregada e sem buscar emprego.	34	16,6%
Desempregada em busca de emprego.	31	15,1%
Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	26	12,7%
Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	8	3,9%
Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	7	3,4%

Elaborado pela autora (*software* SPSS)

Para a pergunta sobre o nível de primeiro emprego ou atividade autônoma renumerada na Alemanha, escolheu-se o recorte temporal de 18 meses porque esse tempo é, geralmente, suficiente para que o estrangeiro alcance o nível B2 ou C1 de literalidade em alemão. Esse tempo seria igualmente suficiente para que a pessoa se inscrevesse junto ao *Bundesagentur für Arbeit* (Agência Nacional de Emprego) e, se desejasse, fizesse o pedido de reconhecimento de diploma junto a uma universidade ou ao ZAB.¹⁷⁰

Quanto ao tempo entre a data de chegada das imigrantes e seu primeiro emprego/atividade renumerada como autônoma, registrou-se que a maioria (45%) necessitou mais de 12 meses. Outras 32% precisaram entre 6 e 12 meses, enquanto 23% o conseguiram em menos de 6 meses.

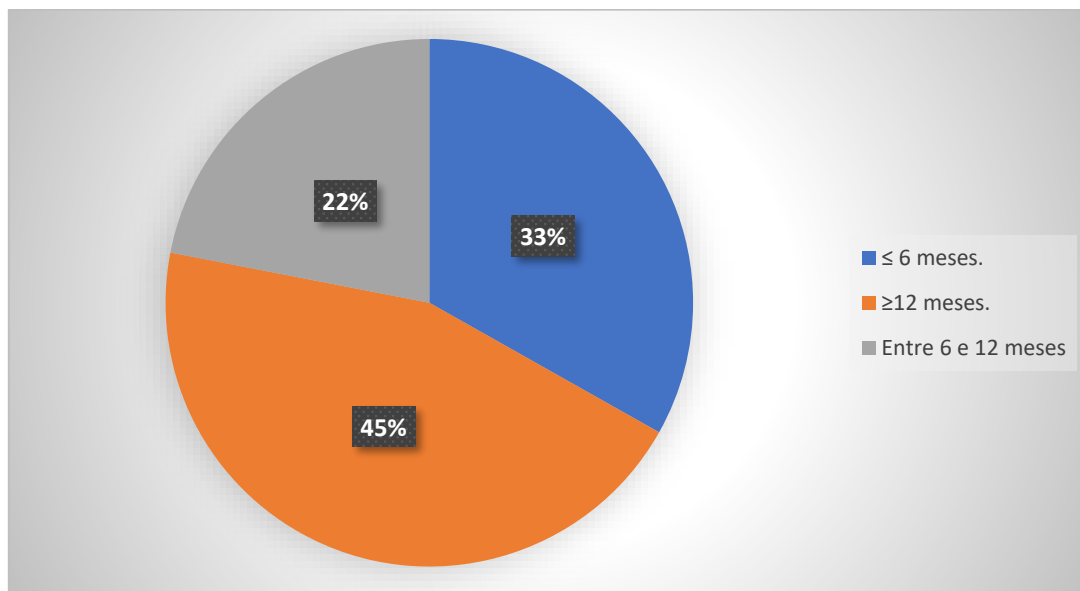
Como se pode ver na Tabela 4.9, a situação das mulheres dezoito meses após sua chegada era muito diversa. De acordo com o teste χ^2 (qui-quadrado), a distribuição das respostas foi significativa. Os grupos majoritários de respondentes são os de imigrantes empregadas abaixo de seu nível acadêmico e o de respondentes que voltaram à universidade/empreenderam nova formação profissional.

Em relação à atual situação empregatícia, os resultados coletados mostraram-se significativos quando analisados através do teste do χ^2 . Comparando-se a Tabela 4.9, onde se encontram os dados empregatícios das imigrantes 18 meses após sua chegada à Alemanha, com a Figura 4.1 abaixo, nota-se que houve uma clara melhoria no quesito nível de emprego, em se considerando o grupo como um todo. Após 18 meses da chegada, somente 33 imigrantes (16,6%) tinham uma posição correspondente a seu nível acadêmico,

¹⁷⁰ *Zentralstelle für ausländisches Bildungswesen (ZAB)* – Escritório Central de Educação Estrangeira

em contraste com os dados empregatícios atuais (83 mulheres – 33%). Embasando-se nos dados, é possível supor ser curto o recorte temporal de 18 meses, hipotetizado nesse estudo, como suficiente para se alcançar um nível de literalidade em alemão e organizar os documentos necessários para a entrada no mercado laboral.

Figura 4.1. Tempo entre a migração e o primeiro emprego/atividade profissional autônoma



Fonte: Elaborado pela autora (Excel)

Para serem capazes de executar seus trabalhos nesse primeiro emprego ou atividade autônoma o grau exigido de literalidade em alemão foi A1-A2 para 15% das respondentes, B1-B2 para 44% e C1-C2 para 21%. Os restantes 42% não precisaram de qualquer conhecimento do idioma. As respondentes formadas em cursos de Ciências Humanas e Sociais são, exacerbadamente, maioria tanto no grupo que cujo primeiro trabalho exigia literalidade A1-A2 (80%), como no que exigia C1-C2 (72%), níveis de conhecimento de idioma - dados muito discrepantes.

Tabela 4.10. Atualmente, qual a sua situação empregatícia? (n=205)

Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	61	29,8%
Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	52	25,4%
Desempregada e sem buscar emprego.	27	13,2%
Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	22	10,7%
Desempregada em busca de emprego.	17	8,3%
Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.	17	8,3%
Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	9	4,4%

Fonte: Elaborado pela autora

(b) *Emprego*

Duas perguntas foram elaboradas para se examinar a importância do emprego para as imigrantes.

I. Qual era a importância financeira do emprego em sua vida em seu país de origem e na Alemanha?

Tabela 4.11. Importância financeira de seu emprego/atividade autônoma em... (n=205)

	... seu país de origem?		... na Alemanha?	
Muito pouca	11	5,4%	15	7,3%
2	14	6,8%	26	12,7%
3	49	23,9%	28	13,7%
4	45	22,0%	44	21,5%
Muito alta	86	42,0%	92	44,9%

Fonte: Elaborado pela autora

O número de respondentes que julgavam ser muito pouca ou pouca a importância do trabalho para a situação financeira cresceu salientemente depois da imigração.

II. Importância do emprego ou atividade autônoma para a identidade pessoal

Comparando-se as respostas dadas sobre importância vida profissional para sua identidade no país de origem e na Alemanha, nota-se uma discreta variação. O número de

respondentes que marcaram “alta” ou “muita alta” reduziu em cerca de 10% na Alemanha em comparação com os países de origem. À primeira vista, os dados não apontam para uma possível explicação para essa redução.

Tabela 4.12. Qual a importância de seu emprego/atividade autônoma para sua identidade (n=205)

	... em seu país de origem?		... na Alemanha?	
Muito pouca	2	1,0%	8	3,9
2	17	8,3%	12	5,9
3	21	10,2%	42	20,5
4	35	17,1%	34	16,6
Muito alta	130	63,4%	109	53,2

Fonte: Elaborado pela autora

4.1.3 *Maternidade*

Uma das perguntas desse estudo é a importância da maternidade para o bem-estar mental e para a identidade das imigrantes acadêmicas. Uma vez que tal tema foi também discutido nas entrevistas e muitos dos aspectos revelados no inquérito se refletem nas entrevistas, ele será aprofundado posteriormente na triangulação.

A primeira variável sobre a questão da maternidade no inquérito foi “Você teve filh@ na Alemanha?” A aplicação do teste χ^2 (qui-quadrado) revelou que a distribuição das respostas foi significativa. Quando a resposta foi negativa, o questionário encaminhou a respondente para uma página em que se apresentavam sete possíveis justificativas para essa resposta.

Tabela 4.13. Não tive filho na Alemanha... (n=125)

devido à dificuldade de se conjugar maternidade e emprego na Alemanha.	14	9.8 %
mas já tinha tido anteriormente.	41	28.7 %
porque eu não posso/meu parceiro/minha parceira não pode e não adotamos uma criança.	16	11.2 %
porque meu parceiro/minha parceira não quer ter filhos.	2	1.4 %
porque nossa situação financeira não o permite.	5	3.5 %
porque não o desejei.	37	25.9 %
porque é cedo, mas quero ser mãe.	28	19.6 %

Fonte: Elaborado pela autora

A análise estatística, que revelou χ^2 significativo, destacou cinco resultados salientes em relação a essa variável.

- 1) De acordo com catorze participantes (9,8%), a dificuldade de conciliar trabalho e maternidade no país de acolhimento foi a razão principal pela qual decidiram não ter filhos. Nove dessas respondentes estão entre as que – em seus países e na Alemanha – consideram o trabalho importante ou muito importante para sua identidade.
- 2) O percentual de respondentes (n=37, 25,9%) que declararam não querer ter filho tanto foi corroborado nas entrevistas quanto espelha os dados estatísticos sobre taxa de natalidade na Alemanha.
- 3) 35 entre as 37 mulheres que afirmaram não ter tido filhos por não o desejarem, classificaram como 4 e 5 (alta e muita alta) a importância do trabalho para a identidade, tanto no país de origem como na Alemanha.
- 4) Somando-se os 36,3% de participantes que declararam não querer ter filho e os 12,6% que tampouco tiveram filhos, mas devido à dificuldade de compaginar

trabalho e maternidade na Alemanha, o número se torna bastante proeminente (n=52, 25.4%), um pouco superior à taxa alemã (atualmente 21%).¹⁷¹

- 5) As idades das 29 mulheres que desejam ter filhos, mas se consideram ainda jovens para a maternidade variam entre 25 e 37 anos, sendo que 50% dessas participantes têm 34 anos ou mais.

Em síntese, os aspectos idade *versus* maternidade, assim como decisão de não ter filh@s refletem estatisticamente os dados da Alemanha. Além disso, os resultados apontam que parte das respondentes deu prioridade a suas vidas profissionais, ou por considerá-la muito importante para suas identidades (n=35) ou por não conseguir compaginar trabalho e maternidade (n=14). Esses dois grupos juntos representam quase 25% do total. Também as entrevistadas tematizaram esse último aspecto.

Quando a resposta à “Você teve filh@ na Alemanha?” foi positiva, o programa encaminhou a respondente para uma página onde era perguntada por detalhes sobre esse fato em relação à vida laboral. A resposta mais escolhida (n=23) apontava para a importância do emprego – ou atividade autônoma – para a identidade da imigrante. Também é saliente o número de mulheres que tiveram que parar de trabalhar pela dificuldade de conjugar maternidade e emprego (n=16).

¹⁷¹<https://www.bpb.de>

Tabela 4.14. Quando tive filh@ na Alemanha (n=80)

preferi manter meu emprego, porque ele era importante para minha identidade.	23	11,2
decidi parar de trabalhar – definitivamente ou por um tempo – já que não dependia financeira e/ou emocionalmente de um emprego.	18	8,8
não trabalhava/nunca trabalhei na Alemanha.	18	8,8
tive que parar de trabalhar pela dificuldade de conjugar maternidade e emprego na Alemanha.	16	7,8
não parei de trabalhar porque dependia financeiramente do emprego.	5	2,4

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados também revelam que doze das oitenta mulheres que tiveram filhos na Alemanha nunca tentaram o reconhecimento do diploma na Alemanha e, ao mesmo tempo, pertencem ao subgrupo daquelas que afirmaram ter diminuído a importância da vida profissional para sua identidade depois da migração. Partindo do princípio do *educated guess* (suposição embasada), pode-se somar o número de mulheres que tiveram que parar de trabalhar devido à dificuldade de conjugar maternidade e emprego na Alemanha (n=16), as que não tiveram filhos por não conseguir compaginar trabalho e maternidade (n=14). Pelo menos 30 respondentes (14,7%) foram confrontadas com questionamentos e decisões entre a vida profissional e a maternidade.

4.1.4 Estresse de aculturação

Os resultados do Riverside (inventário de medição de estresse de aculturação) têm teor quantitativo. Aplicou-se o teste de Shapiro Wilk para analisá-los e os resultados estão apresentados na Tabela 4.15 como média e desvio padrão. Note-se que nenhuma participante apresentou pontuação máxima (75).

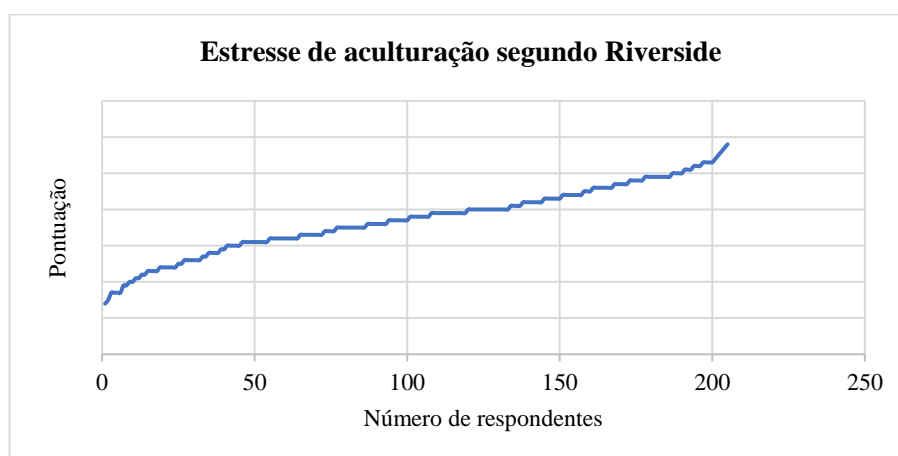
Tabela 4.15. Médias do Inventário Riverside (n=205)

	Média	DP	Mín – Máx
Riverside	37,2	9,5	15 – 58

Fonte: Elaborado pela autora

Uma vez que o inventário Riverside não possui pontos de corte na literatura, não é possível precisar que níveis de estresse de aculturação podem ser considerados altos, médios ou baixos.¹⁷² Dessa forma, as medidas coletadas servem apenas para se fazerem comparações com outras informações sobre cada participante e para apontar tendências. Para tanto se pode considerar a média do grupo como referência.

Figura 4.2. Estresse de aculturação segundo o teste Riverside



Obs: 93 respondentes abaixo da média; 104 respondentes acima da média.

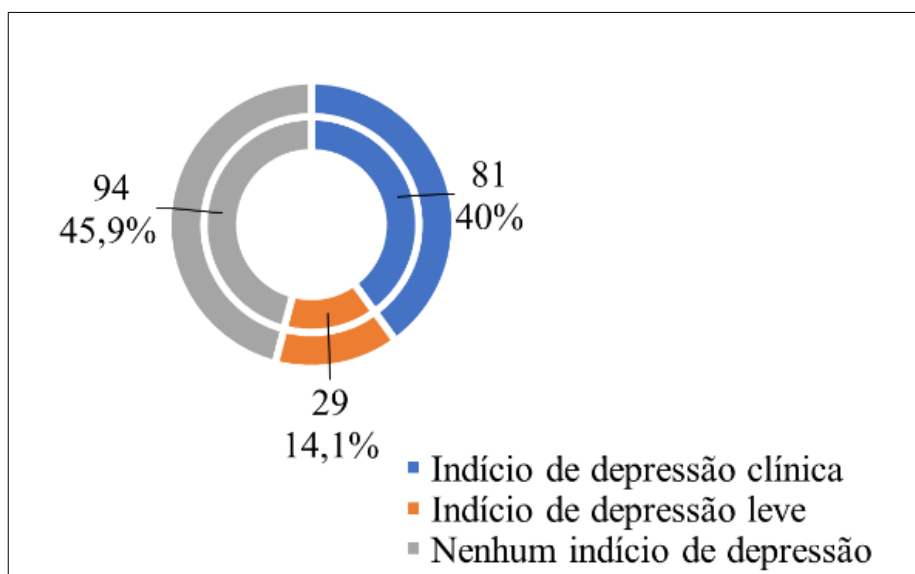
Fonte: Elaborado pela autora (Excel)

(a) *Bem-estar mental*

O número de respondentes cujos resultados do WEMWBS indicam risco de depressão, tanto “clínica” (n=81) quanto “leve” (n=29), é muito saliente (n=110, 54%).

¹⁷² O que foi confirmado por uma das autoras do inventário, Prof. Benet-Martinez, por e-mail em 17.01.2023.

Figura 4.3. Resultados do WEMWBS



Fonte: Elaborado pela autora

4.2 RESULTADOS SALIENTES DA ANÁLISE DESCRITIVA

4.2.1 Grande grupo de imigrantes que nunca pediu reconhecimento do diploma

Oitenta (39%) respondentes nunca pediram o reconhecimento do diploma. Infelizmente, não havia no inquérito uma pergunta específica sobre o motivo da não tentativa de reconhecimento de diploma. Essa pergunta tampouco se deixa responder satisfatoriamente pela análise estatística, uma vez que o inquérito não continha questões específicas sobre os motivos por detrás do pedido ou não de reconhecimento. Entretanto, com base nas informações coletadas nas entrevistas individuais e no inquérito, pode-se supor algumas razões para a não tentativa de reconhecimento.

I) A pessoa nunca foi (suficientemente) informada sobre essa possibilidade. Sobretudo antes de 2012, o acesso a informações, assim como as chances de receber respostas positivas dos órgãos responsáveis pelo reconhecimento, eram baixas;

II) A participante encontrou um emprego correspondente a seu nível acadêmico, mesmo sem ter pedido o *Diplomanerkennung*.

III) A respondente entrou com o pedido, mas não o concluiu devido à burocracia e/ou custos. O tempo de espera para o reconhecimento é de, no mínimo, três meses. Toda a documentação exigida (diploma, históricos escolares etc.) deve estar traduzida, o que pode se tornar muito dispendioso. A taxa atual para entrada de papéis é 200 euros para a primeira tentativa e 100 para a segunda.¹⁷³

IV) A pessoa não tinha legítimo interesse em fazê-lo, pois dedicar-se à vida profissional não era (mais) uma prioridade em sua vida. O percentual de respondentes que julgavam ser a carreira importante para sua identidade em seus países natais foi 80,5%. Esse percentual, entretanto, baixou para 68,9% na Alemanha;

V) tendo conhecimento do nível de dificuldade do processo, à pessoa pareceu ser uma melhor opção simplesmente retornar à universidade/formação profissional na Alemanha e perseguir outra carreira.¹⁷⁴

4.2.2 O impacto da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*

No início desse estudo, supôs-se que seria saliente o número de respondentes que chegaram após 2012 e obtiveram êxito total no reconhecimento do diploma. Isso devido à publicação da lei *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados), cuja primeira versão foi publicada no ano de 2012, que teoricamente traria uma importante mudança no cenário do reconhecimento de diplomas estrangeiros na Alemanha. De fato, das 91 imigrantes cujos diplomas foram 100% reconhecidos – com direito de entrada no mercado laboral em seu nível acadêmico – 64 chegaram depois de 2012. Aparentemente, Ciências Sociais e Ciências Exatas e Engenharias foram os grupos mais beneficiados. Em relação a diplomas reconhecidos, mas sem a permissão de integração imediata, os resultados foram, percentualmente exatamente o contrário. Nessa categoria se destacam as imigrantes com curso acadêmico na área de Ciências Biológicas e Saúde. Uma explicação possível seria a *Verordnung zur Regelung der Zuständigkeiten nach Rechtsvorschriften für Heilberufe*.¹⁷⁵

¹⁷³ Zentralstelle für ausländisches Bildungswesen - <https://www.kmk.org>

¹⁷⁴ Essa suposição baseia-se em dados revelados nas entrevistas.

¹⁷⁵ Portaria sobre a regulamentação das responsabilidades previstas na legislação relativa às profissões do setor da saúde – <https://recht.nrw.de/>

4.2.3 *Diminuição da importância da vida profissional*

Doze das oitenta mulheres que tiveram filhos na Alemanha nunca tentaram o reconhecimento do diploma no país e, ao mesmo tempo, pertencem ao subgrupo daquelas que afirmaram ter diminuído a importância da vida profissional para sua identidade depois da migração. Seis dessas doze participantes declararam abertamente ter parado de trabalhar ao terem filho porque não consideravam mais a vida profissional como prioridade para sua identidade. Esse dado aponta para a centralidade da maternidade na vida de parte das participantes. Como uma das questões iniciais da investigação foi se a maternidade serviu de compensação para a interrupção da vida profissional das imigrantes, esse dado, ainda que estatisticamente insignificante, ganha importância ao reverberar nas entrevistas. Voltar-se-á a ele na triangulação.

4.2.4 *Maternidade tardia*

A idade das respondentes que ainda não têm filhos (n=29, 19,6%) mas que desejam tê-los varia entre 25 e 37, sendo que 50% delas têm 34 anos ou mais. Supostamente, essas mulheres elegeram a chamada “maternidade tardia”, uma opção que vem se tornando comum nas últimas décadas, em várias regiões do mundo. Na Alemanha, por exemplo, conforme relatado em 2022 pelo Escritório Federal de Estatística, em 2020, a média de idade de mulheres no nascimento de primogênito foi 30,2 anos, sendo que 2,9% delas já tinham 40 anos de idade ou mais – um dado muito diferente do coletado dez anos antes.

4.2.5 *Importância da vida laboral ao se tornar mãe*

A análise descritiva mostrou que 23 (11,2%) das mulheres não pararam de trabalhar ao terem filhos devido à importância da vida laboral para suas identidades. Juntando-se a essas as 16 (7,8%) que tiveram que fazê-lo contra sua vontade, por não poderem conjugar vida laboral e maternidade na Alemanha, obtêm-se um total de 39 (19%). Em contraponto, ao terem filhos, 18 (8,8%) interromperam sua vida laboral por não lhe atribuir um alto valor para suas vidas emocionais, e 5 (2,4%) só não fizeram o mesmo por depender financeiramente do trabalho.

4.2.6 Estresse de aculturação

Baseado em estudos anteriores (Mercedes *et al.*, 2022) que comprovaram estar a pontuação total do Riverside (75 pontos) positivamente associada à depressão e ansiedade, esperava-se que também nesse estudo pontuações mais altas no Riverside coincidisse com níveis mais baixos de bem-estar mental. Essa potencial correlação foi analisada estatisticamente através da aplicação de um modelo de regressão, como se verá posteriormente.

4.2.7 Bem-estar e saúde mental

Também a escala para medição de bem-estar psicológico (e risco de depressão) *Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale* revelou detalhes salientes do grupo de estudo.¹⁷⁶ É importante ter em mente que, como a escala não foi projetada para identificar indivíduos com saúde mental nem excepcionalmente alta nem baixa, os autores não desenvolveram nenhum *cut off*. Diferente dos autores da Riverside, entretanto, eles indicaram uma forma de cálculo que permite dividir o grupo de estudo em subgrupos, nomeadamente, “risco de depressão clínica”, “indicativo de depressão leve” e “nenhum indicativo de depressão”. Para o cálculo, toma-se a pontuação média da população de estudo e a ela se acrescenta o desvio padrão, levando em conta uma confiança de 95%. Os resultados devem ser interpretados em comparação com resultados de outras populações (Stewart-Brown & Janmohamed, 2008).

A análise descritiva revelou que 110 das respondentes (54%) apresentaram “risco de depressão” ou “clínica” ou “leve. Esse número é alarmante, quando comparado aos dados da literatura. Aplicando-se a fórmula indicada, os pontos para se separar o grupo em três categorias são 44,4 e 49,1, a média, 46,75. Em diferentes artigos sobre a validação e aplicação da WEMWBS, as médias ficaram bem próximas ou acima de 50. Por exemplo, como já citado anteriormente, a pontuação média das mulheres respondentes da WEMWBS na validação brasileira foi de 51,8 (Santos *et al.*, 2015). A validação argentina teve média 49,1 (Serrani-Azcurra, 2014). Na Inglaterra, onde a escala está incluída na Pesquisa Nacional de Saúde desde 2010, as médias variaram, desde então, entre 50,9 e 52,4 (Tennant *et al.*, 2007). Nas validações escocesas, a média ficou em torno de 50,7. Uma média de escores tão baixa como a do grupo alvo desse estudo se encontrou somente na validação

¹⁷⁶ Às participantes se pede que respondam à escala considerando como se sentiram nas duas semanas anteriores.

francesa realizada por Trousselard *et al.* (2016), que trabalhou com grupo de pacientes psiquiátricos, cuja menor média foi 44,86.

De acordo com a OMS, a depressão é o mais prevalente dos problemas de saúde mental da população em geral, sendo mais comum entre mulheres.¹⁷⁷ O órgão estima que, globalmente, 5% dos adultos sofrem de depressão. No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde (2011) conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que 10,2% das pessoas com 18 anos ou mais receberam o diagnóstico de depressão.¹⁷⁸ Uma informação impactante desses resultados é que entre as 81 respondentes com provável depressão clínica, 41 marcaram grau alto ou muito alto para a importância do trabalho para a identidade na Alemanha. Exatamente essas mulheres estão atualmente, ou desempregadas ou em atividades profissionais abaixo de seu nível acadêmico ou voltaram a ser estudantes.

4.3 ANÁLISE DE CORRELAÇÕES

Com auxílio do *software* Jamovi, usando a técnica *qui*-quadrado (χ^2), foram exploradas diversas possibilidades de correlações duais entre as variáveis. Nessa análise estatística, seguiu-se a recomendação de Field (2000) e do *software* G*Power para investigações em Ciências Sociais, ou seja, considerar significativos somente os resultados com p-valor inferior a 0,05.¹⁷⁹ Alguns resultados contrariaram as hipóteses iniciais, outros as corroboraram. Ainda que, em estatística, em geral, se considerem somente os resultados significativos, aqui se fará referência a resultados não significativos que contradigam as expectativas.

4.3.1 *Literacidade em alemão e vida profissional*

A correlação entre as variáveis “Nenhum nível de idioma” e “Área de formação” (p=0,001), assim como a correlação entre “Nenhum nível de idioma” e “Nível de emprego” (p=0,001) apontaram para o fato de a falta de literacidade em alemão nem sempre constituir uma barreira à empregabilidade das imigrantes, independentemente de sua área de formação. Vinte e um por cento (n=43) das imigrantes não precisaram de conhecimento de

¹⁷⁷ <https://www.who.int/>

¹⁷⁸ IBGE: <https://www.ibge.gov.br/>

¹⁷⁹ P-valor – *probability value or significance* – refere-se ao *cutoff* (ponto de corte) eleito para se determinar a significância de resultados estatísticos. Na análise aqui apresentada, um valor de $p \leq 0,05$ indica que há uma pequena probabilidade de que a diferença observada seja resultado do acaso. Indica, portanto, que os resultados são estatisticamente significativos.

alemão para obter seu primeiro emprego/iniciar uma atividade profissional autônoma no país. A distribuição dessas participantes pelas áreas de estudo é bem regular. Cerca de quarenta e cinco por cento dessas mulheres logrou encontrar empregos em seu nível acadêmico ($p=0,001$). Tal p -valor sugere que a literacidade não foi barreira para que essas 20 mulheres encontrassem trabalho de acordo com sua qualificação. Supõe-se que essas mulheres podiam usar, em seus locais de trabalho, por exemplo, o inglês. Esse foi o caso de algumas entrevistadas.

4.3.2 *Vida profissional e reconhecimento de diploma*

O teste de Pearson realizado com o SPSS revelou uma correlação significativa entre essas variáveis ($p=0,000$).¹⁸⁰ Extraem-se desses resultados as seguintes informações: (a) entre as mulheres empregadas em posição correspondente a seu grau acadêmico, 40,98% obtiveram o reconhecimento total; (b) entre os autônomos que trabalham em atividades correspondente à sua formação acadêmica, 36,36% tiveram que se submeter a uma complementação dos estudos ou submeter-se a provas a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado no país; (c) entre os autônomos que estão empregados abaixo do nível acadêmico, 33,3% não obtiveram o reconhecimento do diploma; (d) entre as participantes que nunca pediram o reconhecimento do diploma estão 60% dos desempregados/em busca de emprego, 40% dos que estão empregados em posição abaixo de seu nível acadêmico e 29,4% das pessoas que voltaram à universidade ou se submeteram a nova formação profissional na Alemanha.

4.3.3 *Vida profissional e identidade*

A correlação entre importância da vida profissional para a identidade no país de origem e importância da vida profissional para a identidade na Alemanha obteve um p significativo (0,001). Também quando se limitou a análise apenas aos grupos que atribuíram valor mais alto a essa importância (4 e 5), obteve-se o mesmo p (0,001). Embora, aparentemente, se trate de dois fatores isolados, de fato identidade e poder financeiro não podem ser separados nesse estudo, cujo grupo alvo são mulheres com formação acadêmica que, ao migrar, arriscaram interromper suas carreiras. Como explicou Vieira (2005), o trabalho é uma das principais forças estruturantes da identidade feminina na modernidade.

¹⁸⁰ Aplica-se o teste de qui-quadrado de Pearson a conjuntos de dados categóricos para avaliar quão provável é que qualquer diferença observada entre os conjuntos tenha surgido por acaso.

Ele é a forma para se atingir a independência feminina, uma vez que essa só pode ser alcançada pelo poder econômico. Sendo assim, a vida profissional pode ser vista como forma de empoderamento e, no caso das mulheres, um meio de se buscar a igualdade de gênero.

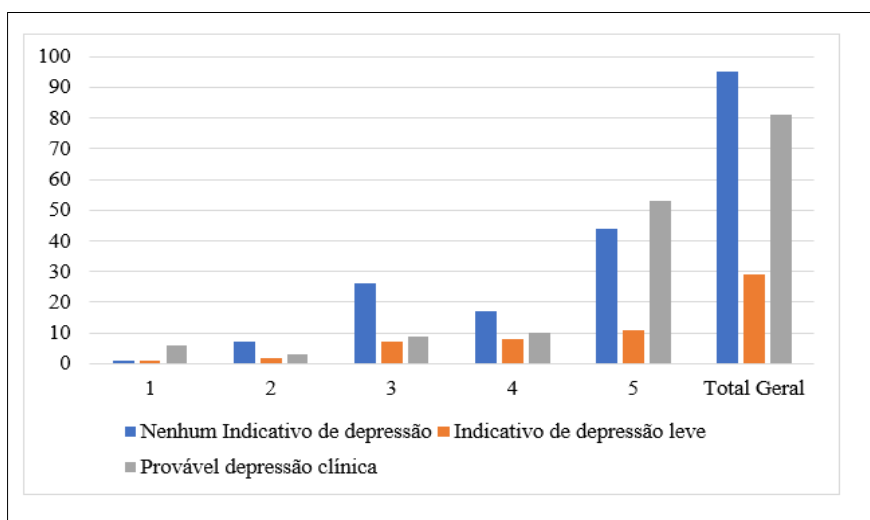
Por outro lado, como já dito, o percentual de respondentes que consideravam a vida laboral importante para sua identidade no país natal (80,5%) não se manteve. Na Alemanha ele reduziu a 69,8%. Uma das possíveis explicações para essa diminuição, também já mencionada, é que parte das mulheres que tiveram filh@s na Alemanha preferiram parar de trabalhar para cuidar da criança, o que, como anteriormente sugerido, aponta para uma centralidade da maternidade. Além disso, os benefícios oferecidos às famílias pelo Estado alemão são, geralmente, superiores aos oferecidos por países latinos.

4.3.4 Saúde mental e maternidade

O teste de Pearson revelou correlação significativa entre saúde mental e maternidade. Entre as imigrantes que tiveram filh@ na Alemanha, 62,5% têm bom nível de bem-estar mental e não apresentam risco de depressão. Por outro lado, entre as que não tiveram filh@ na Alemanha, a maioria, 53,6%, apresentaram pobre bem-estar mental, ou seja, risco de depressão clínica.

Considerando-se as mulheres que tiveram filhos, indiferente se na Alemanha ou anteriormente, também existe uma clara correlação significativa ($p=0,000$). Cerca de sessenta e dois por cento das mulheres sem filh@ apresentaram risco de depressão clínica. Por outro lado, 57,72% das mulheres com filh@ apresentaram alto nível de bem-estar mental, ou seja, nenhum indício de risco de depressão.

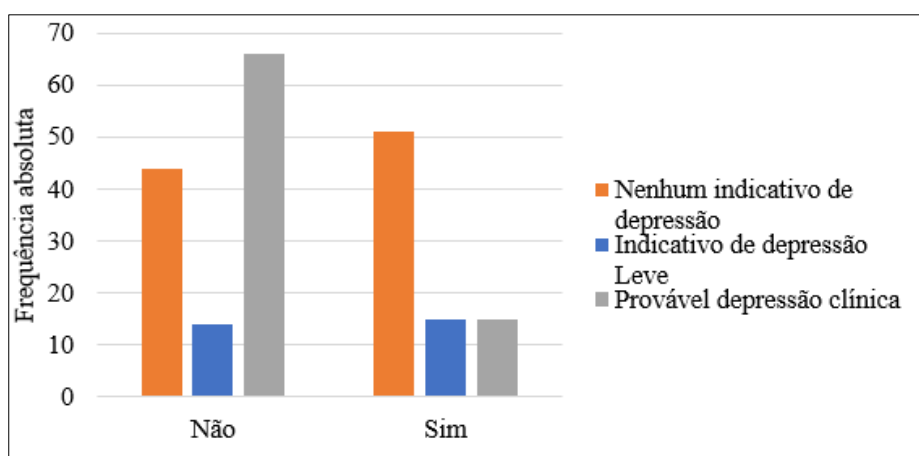
Figura (Gráfico) 4.4.: Imigrantes, maternidade e bem-estar/saúde mental!



Fonte: Elaborado pela autora

4.3.5 Saúde mental e importância da vida profissional na Alemanha

Figura (Gráfico) 4.5: Importância da vida profissional (1 a 5) e risco de depressão



Fonte: Elaborado pela autora (Excel)

Comparando-se os dados, vê-se que as respondentes que marcaram ≤ 3 e não apresentam risco de depressão, estão empregadas. Por outro lado, entre as 65 respondentes que marcaram 5 para a importância da vida profissional para sua identidade, 41 apresentam possível depressão clínica. Como já mencionado, entre as 82 respondentes com provável depressão clínica, 41 marcaram grau alto ou muito alto para a importância do trabalho para a identidade no país de acolhimento. Todas essas imigrantes se encontram atualmente ou

desempregadas ou em atividades profissionais abaixo de seu nível acadêmico, ou voltaram a ser estudantes. Esses dados revelam o risco para a saúde mental que representa a não realização profissional para pessoas para quem a vida laboral é muito significativa para a identidade e/ou financeiramente.

Por outro lado, há um dado que corrobora a suposição embasada anterior. Nenhuma das dezoito mulheres que ao terem filh@s decidiram parar de trabalhar, pois não dependiam nem financeira nem emocionalmente de um emprego, apresentou indício de risco de depressão. Tal resultado sugere ser um fator de proteção contra o risco de depressão a possibilidade de optar entre priorizar ou a maternidade ou a vida profissional, o que nem todas as mulheres têm.

4.3.6 *Saúde mental e nível de estresse de aculturação*

A análise de correlação entre essas duas variáveis foi significativa ($p=0.025$). Como se pode ver no gráfico abaixo, o maior número de respondentes com risco de depressão clínica se encontrava entre aquelas que, no momento do inquérito, experimentavam maiores níveis de estresse aculturativo. Embasado nos dados, pode-se supor que o grupo-alvo confirmou a expectativa apontada pela literatura, nomeadamente, altas pontuações do Riverside estão positivamente associadas à depressão e ansiedade e, portanto, com risco de depressão.

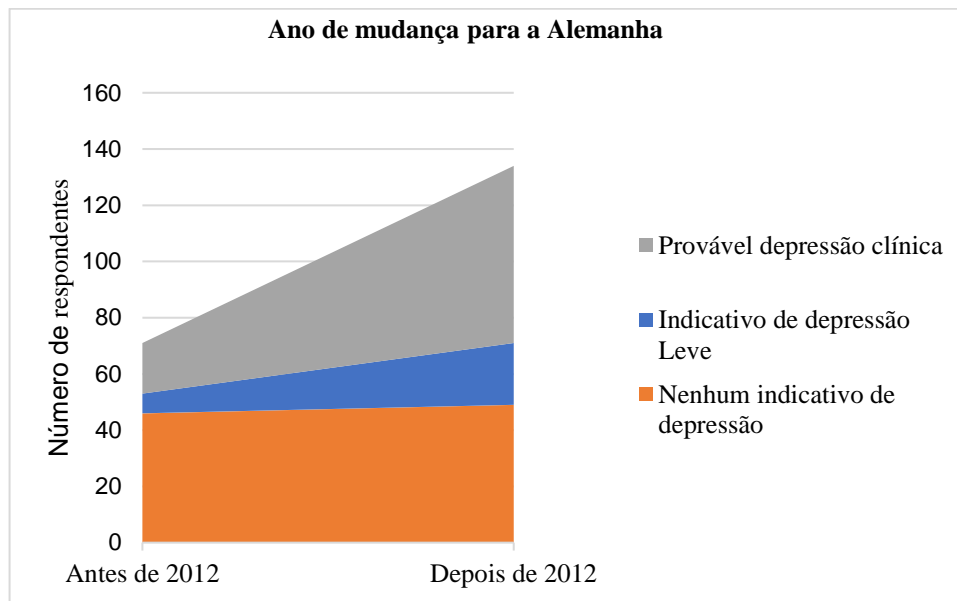
Figura 4.6. Níveis de estresse de aculturação e risco de depressão

Fonte: Elaborado pela autora

4.3.7 *Saúde mental e ano de imigração*

A correlação entre as variáveis saúde mental e ano de imigração não foi, estatisticamente significativo, porém saliente. O maior número de respondentes com provável depressão clínica, assim como com indícios de depressão leve, está entre aquelas que chegaram nos últimos anos. Ao mesmo tempo, o número de respondentes que não apresentam risco de depressão se manteve inalterado. Imigrantes que vivem há longo tempo na cultura de acolhimento podem alcançar um nível de ajustamento que os permita navegar entre as duas culturas, ou seja, tornar-se bicultural (Nguyen & Benet-Martínez, 2013). Como já discutido, a biculturalidade está associada a menores níveis de estresse aculturativo.

Figura 4.7. Ano de migração para a Alemanha



Fonte: Elaborado pela autora (Excel)

4.4 RESULTADO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA USANDO MODELOS DE REGRESSÃO

(a) Regressão logística

Assim como o teste χ^2 e a tabela de contingência, a regressão logística pode ser utilizada para a análise de resultados dicotômicos com 2 níveis mutuamente exclusivos. Essa regressão, muito usada nas investigações na área de saúde (Hu, Shao & Palta, 2006), além de permitir o uso de preditores contínuos, oferece a possibilidade de ajuste para múltiplos preditores. Para a análise desta regressão, considerou-se como variável resposta o bem-estar mental. A escolha das variáveis predictoras foi realizada com base nos resultados do teste χ^2 que verificou a associação entre amostras independentes.¹⁸¹ Na Tabela 4.16 abaixo se mostram apenas os valores das associações consideradas significativas. Nessa análise, usou-se o grau de liberdade de 10% de probabilidade.

Tabela 4.16. Variáveis selecionadas¹⁸²

Variável	X ²	gl	p-value
Ter tido filh@ na Alemanha	24,70	2	<0,001
Migração antes/depois de 2012	14,90	2	<0,001
Ter filh@	14,00	2	<0,001

¹⁸¹ Amostras independentes: cada entrevista é uma amostra e cada participante só foi entrevistada uma vez.

¹⁸² Teste de qui-quadrado (X²) realizado pela tabela de contingência com a variável Saúde Mental.

Emprego x Identidade na Alemanha	18,90	8	0,016*
Aculturação	8,26	4	0,083*

gl – Graus de Liberdade.

*Coeficientes significativos ao nível de 10% de probabilidade ($p < 0,10$) pela estimação de máxima verossimilhança.

Fonte: Elaborado pela autora

Para uma análise mais avançada foi proposto um primeiro modelo (modelo I) de regressão logística multcategórica, admitindo o bem-estar mental como variável dependente (ou resposta), em seus níveis ordinais: (a) nenhum indicativo de depressão, (b) indício de depressão leve e (c) risco de depressão clínica. As variáveis preditoras foram as que apresentaram associação significativa pelo teste de X^2 ($p < 0,10$) e que se veem na tabela acima. A idade das participantes foi incluída como covariável por ser contínua. O Pseudo R^2 de McFadden para o modelo I foi de 0,123 e a significância das estimativas dos coeficientes estão na Tabela 4.17.¹⁸³

Tabela 4.17. Teste de Wald para os coeficientes do modelo I

Preditor	χ^2	gl	p-value
Idade	6,21	1	0,013*
Trabalho X Identidade na Alemanha	9,72	4	0,045*
Ter filho na Alemanha	7,46	1	0,006*
Imigração antes/após 2012	0,05	1	0,815
Ter filhos	0,88	1	0,347
Aculturação	4,88	2	0,087*

gl – Graus de Liberdade

*Coeficientes significativos ao nível de 10% de probabilidade ($p < 0,10$) pela estimação de máxima verossimilhança.

Fonte: Elaborado pela autora

Os p-valores marcados com asterisco são os considerados significativos. Isso significa que, de acordo com o Teste de Wald, idade, importância do emprego para a identidade após a imigração, ter tido filho na Alemanha e nível de aculturação têm impacto sobre o bem-estar mental do grupo alvo. Com o intuito de simplificar o modelo e verificar os resultados obtidos na primeira versão do modelo de regressão logística, foi proposto um

¹⁸³ Pseudo R^2 de McFadden é uma *rule of thumb*. Num modelo de regressão linear, o coeficiente de determinação (R^2) resume a proporção de variância na variável dependente associada às variáveis prediais (independentes), indicando quanto dessa variância (máximo de 1) pode ser explicado pelo modelo (<https://www.ibm.com/docs/pt-br/spss-statistics/saas?topic=model-pseudo-r-square>)

segundo modelo (modelo II), composto somente com as variáveis predictoras do modelo I, cujos coeficientes foram significativos ($p < 0,10$). O Pseudo R^2 de McFadden para o modelo II foi de 0,120 e a significância das estimativas dos coeficientes estão na Tabela 4.18. Como se pode ver na tabela abaixo, o modelo II revelou resultados condizentes com os do modelo I, porém mais acurados.

Tabela 4.18. Teste de Wald para os coeficientes do modelo II

Preditor	χ^2	gl	p-value
Idade	11,65	1	< 0,001*
Importância do trab. p/ a identidade na Alemanha	8,93	1	0,003*
Ter tido filho na Alemanha	9,26	4	0,055*
Aculturação	5,46	2	0,065*

gl – Graus de Liberdade.

*Coeficientes significativos ao nível de 10% de probabilidade ($p < 0,10$) pela estimação de máxima verossimilhança.

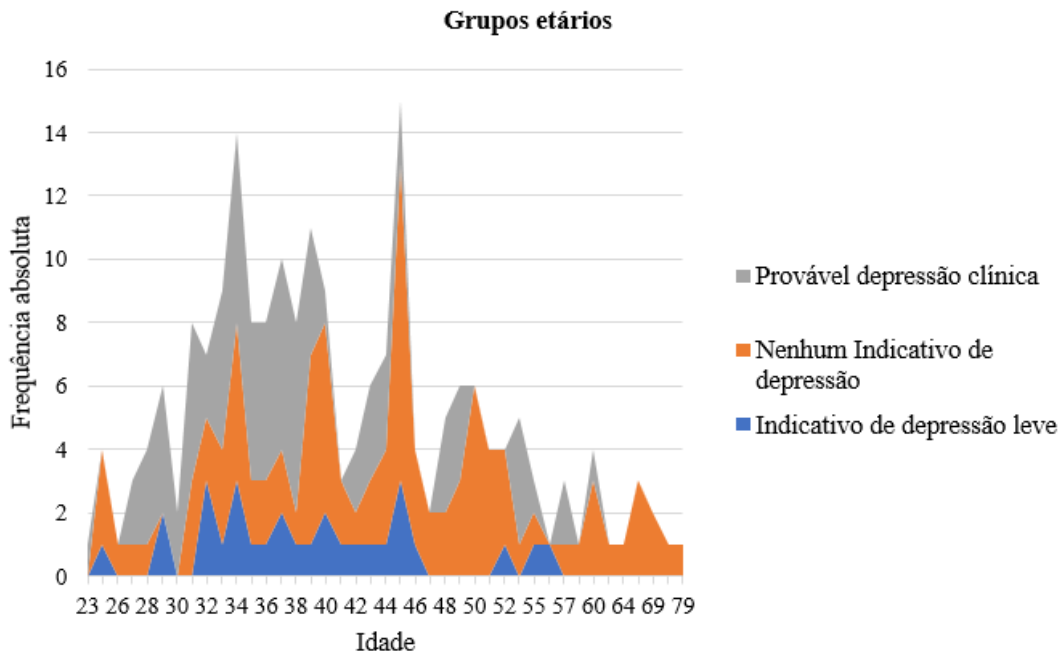
Fonte: Elaborado pela autora

4.4.2 *Interpretação dos Ors (odd ratio, razão de probabilidades)*

No que diz respeito ao provável risco de depressão clínica, os seguintes fatores de proteção são percebidos, observando-se os OR <1: (a) mulheres que tiveram filhos na Alemanha correm um menor risco de depressão clínica (0,348 vezes); (b) as participantes de maiores idades também apresentam menos riscos de depressão clínica (0,954 vezes); (c) quanto maior a importância dada pela participante à situação laboral/emprego para a sua identidade na Alemanha, maior o risco de depressão clínica.

Figura 4.8. Risco de depressão separado por idade

Fonte: Elaborado pela autora



Tomando-se em consideração as três categorias de estresse de aculturação (grau baixo, médio e alto), percebe-se que quanto mais alto o estresse, maiores são as chances de as participantes apresentarem indícios de depressão clínica. As chances são de 1,738 vezes maior se se compara a categoria baixa com a média, e 2,27 vezes quando se compara a baixa com a alta.

Tabela 4.19. Tabela de Contingência

Aculturação	SM (bem-estar/saúde mental)			Total
	NID	DL	PDC	
a	60	12	36	108
b	22	11	26	59
c	13	6	81	38
Total	95	29	81	205
a=baixa	NID	DL	PDC	
b=média	nenhum	depressão leve	provável	
c = alta	indício de		depressão	
	depressão		clínica	
Teste χ^2	gl	p		
$\chi^2 = 8.26$	4	0.083		
n = 205				

Fonte: Elaborado pela autora

4.4.3 Modelo linear tendo Riverside como variável resposta

Dada a importância do resultado sobre a correlação entre alto estresse de aculturação e maiores indícios de risco de depressão clínica fornecida pelo modelo de regressão logística, buscou-se verificar tal correlação uma vez mais. Para tanto, usou-se, dessa vez, um modelo linear e se estabeleceu a variável Riverside, da medição de estresse de aculturação, como preditora ou variável resposta.¹⁸⁴ Além da variável “bem-estar e saúde mentais, utilizaram-se como variáveis dependentes “importância de seu emprego/atividade autônoma para a identidade na Alemanha”, “situação emprego” e “ter filhos, antes ou depois da imigração”. As últimas três variáveis foram escolhidas com base em discretas variações dos resultados nas análises duais de potenciais correlações.

O modelo linear mostrou-se válido ($p=0,0007$), com capacidade de explicação de 9,18%. Os resultados mostram que a variável “situação do emprego” não tem influência sobre o resultado no Riverside ($p > 0,05$). Houve apenas uma exceção, nomeadamente, as autônomas exercendo atividade profissional em posição correspondente ao nível acadêmico ($p = 0,031$), que tiveram uma pontuação reduzida em comparação com as desempregadas. No entanto, a presença de filh@s (independentemente se a criança nasceu antes ou depois da imigração), revelou um efeito de redução da pontuação de Riverside ($p=0,048$). O mais importante, entretanto, foi que o modelo linear revelou que mulheres com “bem-estar e saúde mentais” médio (índice de depressão leve) têm, em geral, estresse aculturativo mais alto que as respondentes com bem-estar mental alto. Esse resultado corrobora o resultado do modelo logístico sobre a correlação entre maiores indícios de risco de depressão clínica e alto estresse de aculturação, o que está em linha com a literatura (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Merced *et al.*, 2022).

4.5 SUMÁRIO DAS DISCUSSÕES DOS RESULTADOS ESTATÍSTICOS

¹⁸⁴ A tabela gerada pelo SPSS com todos os coeficientes e p-valores pode ser vista no apêndice.

A análise estatística dos dados coletados – estatística descritiva até correlação, regressão – lançou luz sobre alguns aspectos dos resultados do inquérito que se relacionam com os objetivos dessa investigação.

4.5.1 Dificuldade de integração laboral no mercado alemão

A primeira pergunta era se o grupo alvo é confrontado com dificuldade de integração laboral no mercado alemão. Os resultados do inquérito mostram claramente que sim. Mesmo considerando-se que há respondentes que não buscam emprego (n=24), a porcentagem de imigrantes cujo emprego ou atividade profissional corresponde a seu nível acadêmico é muito baixa. Os dois grupos somados não passam de 40%. Além disso, entre as 125 mulheres que tentaram o reconhecimento do diploma, apenas 39% (n=49) obtiveram 100% de reconhecimento. Os dados sugerem, entretanto, ter havido uma melhora a partir de 2012, ano da publicação da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados).

(a) As respondentes e o bem-estar e saúde mentais

Entre todos os resultados da análise quantitativa, entretanto, os que mais se destacam são os relacionados à grande quantidade de respondentes que apresentaram indícios de risco de depressão, seja leve (n=29) ou clínica (n=81).

(b) Dificuldade de integração laboral no mercado alemão e o bem-estar e saúde mentais

Os modelos de regressão cuja variável preditora foi o bem-estar e saúde mentais mostraram uma clara correlação negativa entre essa variável e a variável importância da vida laboral para a identidade. Quando a análise se limitou apenas ao grupo de imigrantes que atribuíram valor mais alto a essa importância da vida laboral para a identidade na Alemanha, o p-valor encontrado foi 0,001. Em outras palavras, para as mulheres que atribuem valor alto à sua vida laboral, não ter uma vida profissional satisfatória no país de acolhida, é um fator de risco para o bem-estar e saúde mentais.

(c) Aculturação e saúde mental

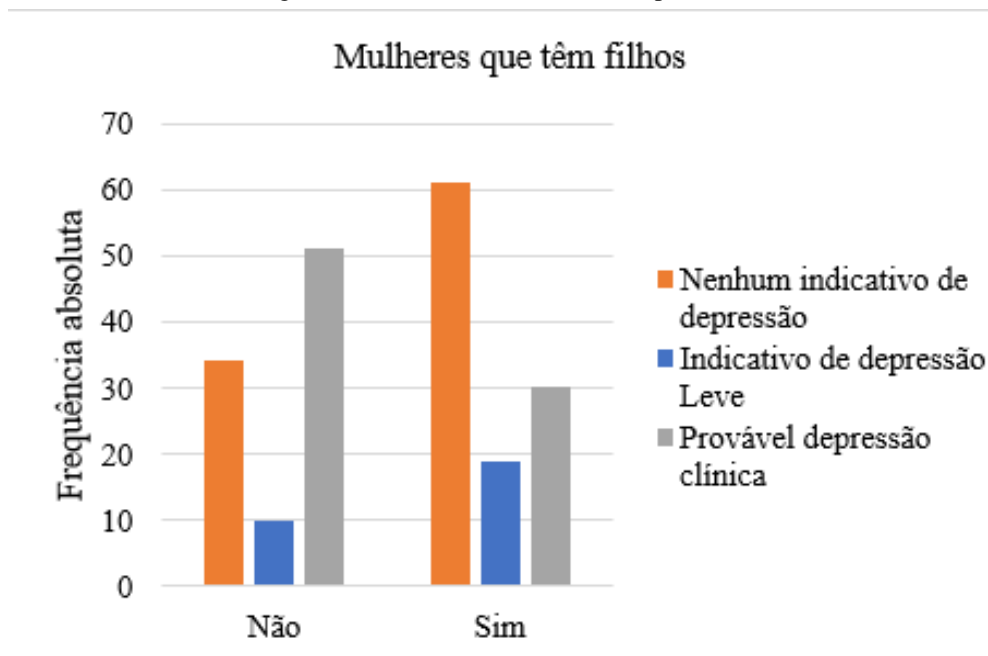
A análise estatística revelou, através de dois modelos de regressão diferentes, uma clara correlação positiva entre nível de aculturação alto e depressão clínica. Esse resultado, de fato, ressoa os pontos de vista de vários teóricos como, por exemplo, Berry, Benet-

Martínez e Bhugra, disseminados em diferentes artigos em que trabalham com diferentes colaboradores – como visto no capítulo XX. Uma vez que no *corpus* das entrevistas também se encontrou material associado a tal correlação, voltar-se-á a esse tema na triangulação.

(d) *Maternidade e bem-estar e saúde mental*

A importância da maternidade para o bem-estar e saúde mentais das respondentes era uma importante questão secundária dessa investigação, para a qual se obteve uma resposta evidente. Os resultados mostraram uma robusta correlação positiva indicando que, no grupo de respondentes, a maternidade funcionou como um fator protetivo contra a depressão. A tendência se provou tanto entre as mulheres que tiveram filh@s antes da imigração, quanto nas que tiveram já na Alemanha, sendo que, nesse segundo caso, os resultados estatísticos são ainda mais salientes. Também saliente é o fato de entre as 53,6% que não tiveram filh@ na Alemanha, a maioria apresentar pobre bem-estar mental e risco de depressão clínica.

Figura 4.9. Maternidade e risco de depressão



Fonte: Elaborado pela autora (Excel)

(e) *Fatores de proteção contra depressão entre as respondentes*

Os resultados mostram os três fatores de proteção contra o baixo nível de bem-estar e saúde mental, nomeadamente, ter filh@s no país de acolhimento, idades mais altas e menor importância dada pela participante à situação laboral/empregatória para a sua identidade na Alemanha.

(f) *Maternidade e imigração*

Um dos dados proeminentes surgidos na análise estatística descritiva foi o alto número de mulheres que já tinham filhos antes da imigração (20%). Pode-se questionar se a imigração tenha sido uma estratégia familiar. Esse tema voltará posteriormente.

(g) *Maternidade e importância da vida laboral para a identidade*

Trinta e nove respondentes (19%), ao terem filhos, decidiram não parar – ou não teriam parado, se fosse possível – de trabalhar. Esses dados evidenciam que para parte significativa das respondentes dar continuidade à sua vida laboral, à sua carreira na Alemanha é importante para sua identidade.

4.5.2 Limitações da análise estatística

Houve várias limitações para a análise estatística. A primeira está na base do recrutamento, realizado através de bola de neve. A segunda é o fato de não se ter alcançado o número amostral mínimo de participantes (270) que, teoricamente, garantiria uma maior robustez dos resultados. A terceira, que interfere ainda mais fortemente nos resultados, se relaciona com o alcance temporariamente limitado da escala WEMWBS, uma característica comum das escalas e inventários para medir tendência a depressão e/ou presença de sintomas de depressão. Esses instrumentos são capazes de avaliar somente de duas a quatro semanas anteriores à aplicação dos mesmos. Essa última limitação faz com que seja inexecutável correlacionar, de forma inquestionável, bem-estar mental com qualquer dos fatores investigados, uma vez que eles (*eg.* Aculturação, literalidade, maternidade) se estendem por longos e diferenciados períodos da vida de cada indivíduo.

Buscando superar as limitações da análise estatística se passará agora à análise de conteúdo das entrevistas e, posteriormente, à triangulação.

4.6 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO *CORPUS* DAS ENTREVISTAS

Dez entrevistas semiestruturadas foram realizadas com o intuito de captar informações sobre a trajetória profissional das entrevistadas, sua ida para a Alemanha, seu processo de aculturação e adaptação à cultura alemã, assim como sua relação com trabalho e maternidade. Primeiramente apresentar-se-á o método utilizado e, em seguida, discutir-se-ão os resultados.

4.6.1 *As entrevistas e o método de análise*

*Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico
e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar.*

(Bardin, 2018:16)

O *corpus* é composto por dez entrevistas realizadas pela pesquisadora, entre agosto e setembro de 2022, por meio de plataforma de videoconferência online (*Google Meet*). Na análise de conteúdo respeitou-se a regra de exaustividade, isto é, esgotar a totalidade da comunicação, sem omissões, como proposto por Bardin (2018). Além disso, se obedeceu às regras de representatividade (amostra representativa do universo), homogeneidade (tratou-se do mesmo tema usando-se a mesma técnica com todas as respondentes) e pertinência (os documentos resultam de um roteiro adequado ao conteúdo e objetivos da pesquisa).

Desde a leitura flutuante, iniciou-se a marcação de trechos relevantes dos textos. A estratégia para a construção dos códigos foi híbrida – dedutiva e indutiva. Fala-se de codificação dedutiva quando se aplica um conjunto pré-determinado de categorias, com base na estrutura teórica ou temática adotada para desenvolver-se o estudo. A codificação indutiva, por sua vez, parte do próprio *corpus*, isto é, as categorias emergem dos próprios dados, com base em padrões e características revelados pela análise. Segundo Godoy (2005), a análise indutiva leva à identificação de padrões recorrentes, temas comuns e categorias. O procedimento indutivo, típico das ciências sociais, busca uma visão da realidade filtrada pel@s entrevistad@s, afirmou Creswell (2009).

Os códigos usados na estratégia dedutiva vieram da estrutura inicial proposta pela pesquisadora, com base no inquérito realizado online, e replicado no roteiro das entrevistas, cujos motes, por sua vez, haviam surgido da literatura e da prática clínica da investigadora. Na estratégia indutiva, os códigos emergiram da fala das participantes que, como legítimas

donas do “lugar de fala”¹⁸⁵ – representantes das perspectivas das pessoas que compõem o universo de pesquisa – dos temas tratados, dissecaram, complementaram, reelaboraram e “transversalizaram” os motes propostos, rizomaticamente. Durante todo o trabalho de codificação assistida pelo *software* MAXDA, realizou-se a leitura atenta de cada entrevista repetidas vezes. Trata-se da fase exploratória para se ver o que o material traz, como aconselhado por Creswell (2009), e para se familiarizar com o *corpus*, como explicado por Bardin (2018). Essa estratégia permitiu (a) aprofundar o entendimento dos dados “como quem descasca uma cebola lâmina por lâmina” (Creswell, 2009: 183); (b) refletir sobre as informações extraídas; (c) (re)formular os códigos continuamente; (d) reconhecer mais trechos pertinentes e a similaridade entre eles e (e) detectar recorrências de temas.

Buscou-se, na medida do possível, exaurir as possibilidades de análise do conteúdo das entrevistas. Pesquisadores precisam aprender sobre o fenômeno através dos dados, advogou (Godoy, 2005), estar à escuta, cientificamente e com rigor, de palavras, imagens etc. (Bardin, 2018). Em linha, Godoy (2005) alertou que, para se manter uma pesquisa internamente válida, suas conclusões devem estar sempre apoiadas nos dados coletados. As posições de sujeito a partir de suas próprias falas constitui a centralidade da análise de texto. Dessa forma, pode-se julgar a validade da pesquisa considerando-se até que ponto a descrição e interpretação oferecidas pelo pesquisador são consistentes com os dados coletados.

4.6.2 Análise dos resultados

Ainda que o grupo de entrevistadas (n=10) corresponda apenas a 2,5% do grupo de respondentes online (n=205), ele tem algumas características muito semelhantes. Os dois grupos, por exemplo, apresentam percentuais parecidos nos quesitos “ter tido filh@s antes da imigração”, “não ter filh@s”, “estar trabalhando atualmente em uma atividade não correspondente ao nível acadêmico”.

Tabela 4.20. Informações básicas sobre as entrevistadas (nomes fictícios)

Participante	Idade atual	Ano de imigração	Estudos anteriores Alemanha	Situação empregatícia	Maternidade
Amapola	45	2017	Mestrado/Biologia	Subempregada	Não quis
Bruna	46	2006	Graduação/Direito	Estud./Desemp.	Sim

¹⁸⁵ Lugar de fala é um conceito usado por Djamila Ribeiro para reforçar a necessidade de se diferenciar discursos de acordo com a posição social de onde o sujeito fala. Essa ideia se relaciona com a (in)visibilidade de grupos minoritários ou pessoas cuja voz foi estruturalmente silenciada há séculos. (Ribeiro, 2020).

Carol	43	2015	50% doutorado/Ed. Física	Estud./Desemp.	Sim
Dorotea	28	2020	Mestrado/Biomedicina	Empregada	Talvez futuramente
Graciela	45	2006	50% doutorado/Direito	Subempregada	Sim
Jasmim	49	2002	Mestrado/Belas Artes	Empregada	Não quis
Clarice	48	2015	Mestrado/Biomedicina	Empregada	Anterior à migração
Rosa	55	2005	2 Mestrados/Sociologia	Desempregada	Anterior à migração
Sharon	40	2011	Graduação/Psicologia	Estudante	Sim
Solange	57	1993	Graduação/Serviço Social	Subempregada	Anterior à migração

Fonte: Elaborado pela autora

A partir das leituras iniciais já se podia afirmar que quatro das cinco hipóteses iniciais haviam sido confirmadas.

Tabela 4.21. Hipóteses iniciais

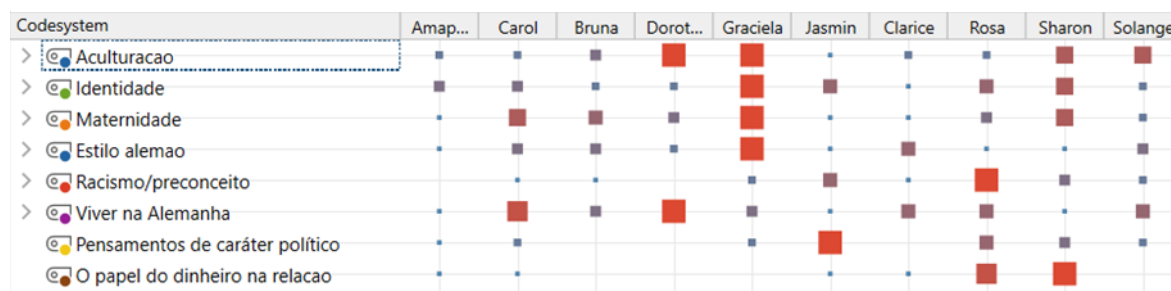
As mulheres entrevistadas tinham interesse em sua carreira profissional, no tempo da migração e buscaram dar continuidade a ela na Alemanha.	X
Apesar de se considerarem aculturadas, as entrevistadas têm/tiveram experiências interculturais que lhe causa(ra)m algum grau de estresse.	X
As entrevistadas que chegaram após 2012 tiveram mais facilidade com o reconhecimento do diploma.	X
Algumas das mulheres que têm filho reduziram sua carga horária de trabalho.	-
Devido ao problema com a carreira, algumas mulheres já questionaram sua decisão de migrar para a Alemanha.	X

Fonte: Elaborado pela autora

Procedeu-se, então, ao agrupamento de unidades dos códigos (dedutivos e indutivos), com base na similaridade temática entre eles, em categorias mais amplas e abrangentes. A análise dos trechos codificados e a abstração de suas propriedades permitiram a transformação dos nomes de códigos em conceitos. Os temas, que se espelham nos nomes dos códigos, estão registrados na Figura 4.10 a seguir, já organizados dentro das

categorias. A regra da enumeração aplicada através do *software* foi a frequência em que o tema – que corresponde ao índice referido por Bardin (2018) – foi explicitamente mencionado nas entrevistas. Iniciou-se então, os primeiros tratamentos estatísticos dos dados, sendo a primeira operação – contagem da frequência de aparição dos temas codificados – bastante básica. Na figura a seguir, os quadrados simbolizam a presença do tema na entrevista com cada participante.¹⁸⁶ Quanto maior o quadrado, maior foi o número de vezes que a pessoa se referiu ao tema indicado pelo código correspondente.

Figura 4.10. Frequência de temas por participante



Fonte: Elaborado pela autora com MaxQDA

Em seguida, passar-se-á à análise de cada um desses temas, estabelecendo-se um diálogo entre segmentos de fala codificados das entrevistas, inferências e interpretações da pesquisadora e textos teóricos.

4.6.3 As entrevistadas e as questões da identidade

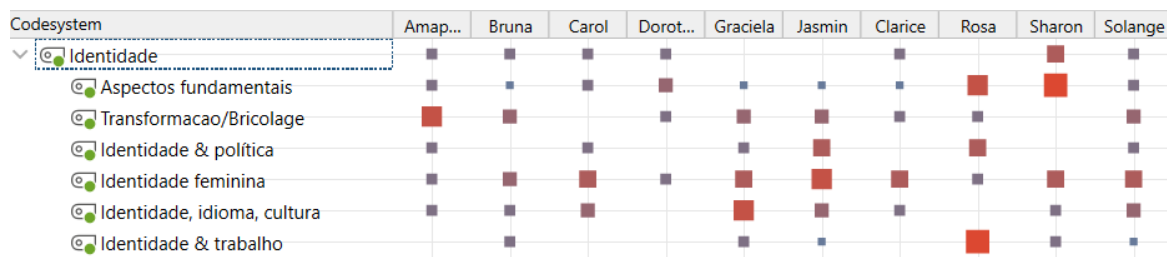
“E eu não nasci para ser só isso. Eu não quero ser só isso!” (Solange).

Questões ligadas à identidade das mulheres acadêmicas latino-americanas que migraram para a Alemanha devido a uma relação romântica estão no cerne dessa investigação. Do rizoma identidade serão tratadas aqui, primeiramente, as informações garimpadas na análise de conteúdo que dizem respeito à identidade de forma geral e à identidade feminina. Posteriormente, em outra sessão, analisar-se-ão as informações relacionadas ao processo de aculturação e à construção da identidade bicultural.

Foram selecionados 109 segmentos de fala das entrevistas que se referiam à identidade de modo geral. As diferentes facetas desses segmentos podem ser vistas na figura abaixo.

¹⁸⁶ Um quadro mais detalhado com os subcódigos se encontra no Apêndice.

Figura 4.11. Frequência de referências a diferentes aspectos do tema identidade



Fonte: Elaborado pela autora

(a) *Identidade e identidade feminina*¹⁸⁷

Muitas mulheres se referiram à sua própria identidade como multifacetada, ressoando as teorias desenvolvidas por teóricos modernos como Hall e Bauman. O segmento abaixo é paradigmático nesse sentido:

*No puedo presentarme como solamente como em... em sola escena (...). La idea de elegir em no es muy buena. Pero **estoy así, como em em etapa de cambio**. Porque tengo muchas... cualidades... o talentos que... No puedo enfocar em em sola, pues entonces está la parte de biología, la parte de joyería, hay la parte de que me gusta mucho escribir, me gusta la música... Como que todo eso soy yo... es parte de mi identidad.*

(Amapola)

Perguntou-se às entrevistadas que traços consideravam ser principais na definição da própria identidade e apresentou-se uma lista com doze aspectos diferentes, a fim de facilitar a reflexão. Os aspectos sugeridos foram: estudo, etnia, família, estilo verbal e comportamental, papel social, idioma, *hobby*, nacionalidade, valores morais, lazer, tradições, religião, profissão, posicionamento político e valores éticos. No quadro abaixo se apresenta entre parênteses a frequência da presença de cada um dos aspectos nas dez entrevistas, assim como um exemplo de segmento de fala no qual o aspecto foi mencionado.

¹⁸⁷ Falar de identidade e identidade de mulher, identidade feminina é somente uma estratégia didática simplista, mas necessária devido à clareza que se desejava encontrar nas respostas. De fato, não se trata de fenômenos separados.

Tabela (Quadro) 4.22. Exemplo de aspectos básicos da identidade apontados pelas entrevistadas

<p>Família(8) <i>“Sí, sí, sí, el rol de la familia para mí sí es algo que me define mucho”</i> (Dorotea)</p>	<p>Valores éticos e morais (6) <i>“¡Mis valores morales o éticos!”</i> (Rosa)</p>	<p>Papel social (5) <i>“La familia, valores. Los valores morales. Los estudios. Pero la opción política también”</i> (Graciela)</p>	<p>Estudo (4) <i>“Estudos! Isso é muito importante para mim”</i> (Sharon)</p>
<p>Estilo verbal e comportamental (4) <i>“E eu acho que para mim seria meu papel social e minha família valores morais, profissão, estudo e expressão verbal e comportamental”</i> (Clarice)</p>	<p>Posicionamento político (3) <i>“Y me parece muy importante mi elección política. ¡Soy de izquierda!”</i> (Rosa)</p>	<p>Lazer & hobby (2) <i>“Família e lazer. Estudo”</i> (Solange)</p>	<p>Nacionalidade (2) <i>“Nacionalidad, idioma... Origen étnico..”</i>. (Rosa)</p>
<p>Profissão (2) <i>“Es la ocupación o en el trabajo”</i> (Bruna)</p>	<p>Etnia (2) <i>“Bem, eu colocaria como base de minha identidade estudos, educação, a expressão verbal e comportamental, a etnia e minha escolha política”</i> (Jasmim)</p>	<p>Idioma (2) <i>“Para mi identidad lo más importante es el lenguaje, idioma, el rol en la familia, el rol social. Es otro de los valores morales también”</i> (Dorotea)</p>	<p>Tradição (1) <i>“La familia, los valores morales y las costumbres y tradiciones, la expresión verbal y de comportamiento, la ocupación, los estudios, todo eso es parte de mi identidad”</i> (Bruna)</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando se afunilou a pergunta sobre a base da identidade em geral para “Que considera que esteja na base de sua identidade feminina?” não se apresentou às entrevistadas qualquer lista, como se havia feito na pergunta anterior. A consequência foi

uma variedade não só de aspectos, mas também de matizes desses, como se pode ver nos subtítulos do quadro.

Tabela 4.23. Exemplo de aspectos básicos da identidade feminina apontados pelas entrevistadas

<p>Papel familiar (5) “O meu papel na família, porque eu sou a mãe, a sua esposa...” (Clarice)</p>	<p>Profissão, ocupação (4) <i>“La ocupación o en el trabajo, porque... Bueno, quizás eso es la manera como una mujer se puede desarrollar como ser humano y, bueno, también como mujer”</i> (Rosa)</p>	<p>Disciplina, coragem, garra (3) “Disciplina!” (Solange)</p>	<p>Cuidado, sororidade, acolhimento (3) “Lidar com o problema do outro, com as questões que eu estou vendo. Eu acho que talvez seria isso, essa questão de mulher” (Sharon)</p>
<p>Posicionamento político e papel histórico (3) “Sim, o papel da mulher é política, entenda-se aqui, não no sentido partidário, mas precisa sim, de atitude reflexiva e uma questão de atitude” (Jasmim)</p>	<p>Papel social (2) “Mulher... eu acho que é papel social” (Sharon)</p>	<p>Sexualidade e gênero (2) <i>“La parte de la sexualidad”</i> (Graciela)</p>	<p>Estilo estético (1) “Talvez também o estilo estético seja uma coisa que tenha a mulher” (Clarice)</p>
<p>Maternidade (10)</p>			
<p><i>“¡Pues la maternidade!”</i> (Amapola)</p>	<p><i>“De la identidad como mujer... Bueno, pues lo que pasa es que ahora como tengo familia... la maternidad.”</i> (Graciela)</p>	<p><i>“No tiene sentido, ser mamá no te hace más mujer”</i> (Dorotea)</p>	<p>“Isso do instinto maternal... Estou super, super, superagressiva com isso!” (Sharon)</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Embora o aspecto profissão só tenha sido citado duas vezes em relação à pergunta sobre a base da identidade em geral, ela apareceu quatro vezes – e intensamente – em relação a traços da identidade de mulher. Esse dado é consonante com a afirmação de Vieira (2005) de que, na modernidade, o trabalho é uma força estruturante da identidade feminina.

O fato de todas as entrevistadas se referirem – seis mulheres diretamente e quatro indiretamente – à maternidade é, por si só, um sinal de que o tema é central para essas mulheres. Como afirmaram Caixeta e Barbato (2004), a identidade das mulheres continua constituindo-se em múltiplas facetas, mas a maternidade permanece sendo uma fonte de identificação. Se se observam, entretanto, cada fala e sua enunciativa, a multiplicidade de combinações parece revelar uma fluidez de percepções diferentes em relação à maternidade. Sete entrevistadas explicitaram não crer que a maternidade seja parte constituinte da identidade feminina, ainda que cinco delas sejam mães *con gusto*; três mulheres a consideram parte integrante de sua identidade feminina, ainda que uma delas nunca tenha desejado filh@s antes de se tornar mãe. Discutindo a questão da identidade feminina, Sharon referiu-se a questões de *gender care gap*,¹⁸⁸ sua interferência na carreira das mulheres e na qualidade de vida matrimonial e familiar, depois chamou a atenção para o que considera *women power*: “Gostaria muito que as mulheres tivessem plena consciência do seu papel social para fazer... essa gangorra, um pouco mais para o outro lado, sabe? Acho que está muito pesado para a gente!” (Sharon).

(b) *Identidade bicultural e o estresse de aculturação*

“Me siento como un alebrije”

¹⁸⁸ A diferença na quantidade de tempo que homens e mulheres gastam em tarefas domésticas e cuidados infantis não remunerados. Segundo pesquisa do *Bundesministerium für Familie, Senioren, Frauen und Jugend* (Ministério da Família, Idosos, Mulheres e Jovens), atualmente, na Alemanha, as mulheres gastam 52,4%, em média, mais tempo por dia em trabalho de cuidado não remunerado do que os homens. Esse trabalho abarca criar filhos, cuidar de parentes, trabalho doméstico, trabalho voluntário. Uma das muitas consequências dessa desigualdade é que homens têm empregos de tempo integral com mais frequência do que as mulheres. Isso resulta em desvantagens econômicas para as mulheres, pois leva a rendas mais baixas ao longo de suas vidas e, conseqüentemente, a direitos de aposentadoria independentes mais baixos (www.bmfsfj.de).

Figura 4.12. Alejibre (Frank C. Müller)

Importantes teóricos como Edward T. Hall (1914-2009), Richard Lewis (1930-) e Geert H. Hofstede (1928-2020), por vezes citados ao longo desse estudo, estabeleceram relevantes modelos culturais descritivos baseados em seus estudos de campo. Se por um lado seus modelos são de grande valia para elucidar diferenças culturais, por outro, podem ser criticados, já que, ao se falar de fenômenos poliédricos e palimpsésticos, como as culturas, nenhuma categorização absoluta é possível, criando-se um alto risco de estereotipagem. É, pois, imprescindível manter em mente que as declarações sobre características culturais sempre dependem de um ponto de referência cultural do observador. Essa é uma das razões por que nesse capítulo sobre a análise das entrevistas usar-se-ão vários segmentos de fala codificados – trechos de teorias elaboradas por pessoas comuns, que compõem o grupo de interesse desse estudo. Esse recurso faculta um diálogo entre a teoria revelada pelas entrevistadas, seus saberes moldados por suas experiências, e a literatura, numa tentativa de se seguir os princípios do “conhecimento prudente para uma vida decente”, de Santos (1995).¹⁸⁹

Como anteriormente discutido, vários teóricos modernos abordaram a identidade moderna multifacetada, que corresponderia ao sujeito fragmentado e instável da pós-modernidade. Foram sugeridas metáforas como quebra-cabeça (Bauman, 2004), *Identkit* (Bauman, 2013), *patchwork* (Eickelpasch & Rademacher, 2004; Keupp, 2009 *apud* Orde, 2016), Frankenstein (Oliveira, 2012), camaleão social (Silva & Gama, 2019). Uma entrevistada, ao falar de sua identidade, usou uma imagem ainda mais poética para o mesmo



fenômeno: *alejibre!* Um *alebrije* é uma figura colorida de fantasia, de origem mexicana, em que se combinam partes/características de animais diferentes.

No núcleo da identidade cultural, enredam-se a imagem que a pessoa tem de si mesma, a imagem que tem de sua cultura e sua concepção da realidade (Kim, 2012). Por

¹⁸⁹ Princípios propostos por Santos (1995): Todo o conhecimento científico-natural: (a) É científico-social; (b) É local e, paralelamente, total; (c) É autoconhecimento; (d) Aspira a constituir-se em senso comum.

isso, pode-se dizer que a identidade cultural incorpora a visão do mundo, sistema de valores, atitudes e crenças de um grupo com o qual tais elementos são compartilhados. Pode-se dizer, portanto, o mesmo sobre a identidade intercultural, destacando-se que essa só pode ser desenvolvida por uma pessoa que, através de seu processo de aculturação, alcançou atributos mais abertos e cresceu para além dos parâmetros psicológicos de uma determinada cultura (Kim, 2001). Os parâmetros interculturais manifestam atitudes menos etnocêntricas e uma mentalidade mais aberta, adaptável e transformadora, apta a integrar-se à nova cultura (Kim, 2001).

Pero hay cosas que también he incorporado en mí y me doy cuenta de eso (...) No... es que también las he incorporado en mi manera de ser. (...). Tengo un poco de esa cultura alemana, no sé, yo tengo mucho de donde vine, de donde originalmente soy... (...) siento que todos estos lugares habitan en mí de alguna forma. (...) Pero, al mismo tiempo, todas esas experiencias de vida están ahí, latentes (...) Todas esas experiencias en estos lugares donde o he crecido o he vivido ya después de adulta se me atraviesan y me pregunto qué soy.

(Graciela)

Kim (2000) denominou essa nova personalidade *intercultural personhood* (personalidade ou pessoalidade intercultural). A pessoalidade intercultural, a saúde psicológica e a aptidão funcional são interligadas e básicas para um senso de identidade do imigrante. “Eu aprendi também a ser mais direta e não me excluir e não engolir muita coisa como antes eu fazia” (Solange).

A construção da identidade intercultural, segundo Kim, pode ser sutil e mesmo parcialmente inconsciente. Seu alicerce é o desenvolvimento de uma maturidade perceptiva e emocional, assim como uma compreensão mais profunda das condições humanas (Kim, 2010). “[Siempre vía que los alemanes] regañan [...] Después te das cuenta de que la interacción en esa cultura es interacción, o sea, que realmente no esperan, no es realmente que quieran que lo hagas diferente” (Bruna).

A capacidade de aprender e mudar por meio de novas experiências, conhecida como plasticidade neural,¹⁹⁰ na neurociência, é uma das características mais sofisticadas do cérebro humano. “Então são sete anos e eu comecei a ver as coisas por outro olhar, por outra perspectiva, não da perspectiva de eu sou brasileira, mas com uma outra perspectiva” (Clarice).

O cérebro, com sua alta capacidade de adaptação e resposta a estímulos, interage constantemente com o ambiente em que o indivíduo vive, diferindo ao longo do

¹⁹⁰ Também chamada “plasticidade neural”, “plasticidade neuronal” e “plasticidade sináptica, refere-se à capacidade adaptativa (biológica, física, cognitiva, mental, entre outras) do cérebro. (Costa, da Silva & Jacóbsen, 2019).

desenvolvimento, crescimento e envelhecimento, refletindo as experiências vivenciadas por cada um (Sant´Ana, 2020). Essa plasticidade, segundo Kim (2008), é a própria base do desenvolvimento da identidade e, para além disso, de sua transformação em personalidade intercultural. “*Entonces me tocó aprender a ese ritmo, a seguir con ese ritmo*” (Graciela).

O conceito de deculturação também foi observado por Kim (2008). A autora explicou que, à medida que uma pessoa se vai aculturando, adaptando-se à nova cultura, ela tende a desaprender alguns elementos da cultura original ou, pelo menos, elementos prévios passam a não ser mais evocados em situações em que uma nova aculturada resposta se adequa melhor ao contexto. “No Brasil dizem [de mim] “Virou um alemão!”” (Solange).

O conceito de deculturação de Kim mostra semelhanças com o argumento de Bauman (2011) de que as pessoas passam por muitas identidades ao decorrer da vida, por serem expostas a várias comunidades. Nesse processo de constantes mudanças, tão rizomático, partes de sua identidade que já não estão em sincronia com quem se é, tendem a ser suprimidas ou encobertas (Bauman, 2004).

Benet-Martínez e seus colaboradores (Benet-Martínez *et al.*, 2002), entretanto, não se referiram ao fenômeno de deculturação para explicar o menor uso – ou mesmo supressão – de elementos comportamentais advindos da cultura original. Ao invés disso, dirigiram seus estudos para a plasticidade mental que um indivíduo amplia ao desenvolver e integrar sua personalidade bicultural. Como já visto, eles propuseram o conceito *cultural frame switching*, com o qual um indivíduo bicultural seria capaz de, rapidamente, fazer uma mudança entre “sistemas de significado cultural em resposta a sinais culturais distintos” (Tadmor, 2009: 107).

Ya no se me hizo muy extraño el comportamiento de los demás, sino más bien pensando en por qué hacen las cosas como las hacen. [Cosas específicas de cada cultura] es lo que funciona. Hay cosas que funcionan muy bien aquí que no funcionarían en otro país, por la mentalidad.

(Amapola)

Um subproduto do processo de aculturação, que não necessariamente acontece para todo imigrante, é o estresse aculturativo. Se alguma questão que aparece durante a aculturação sequer chega a ser sentida como um risco pela pessoa, ela é capaz de ajustar-se a isso sem grandes esforços, explicou Berry (2016^a). Trata-se de um *behavioral shift* (mudança de comportamento) exitoso que resulta em estresse mínimo com consequências geralmente positivas para a pessoa, explanou.¹⁹¹ “*Fíjate que no, no me costó mucho trabajo en comparación con otras personas con las que he platicado*” (Amapola).

¹⁹¹ *Behavioral shift* na teoria de Berry significa, simplesmente, mudança de comportamento. Não corresponde a *Cultural Frame Switch* da teoria de Martínez apresentada anteriormente.

O estresse, como explicado por Berry *et al.* (1987: 492), é um estado fisiológico e psicológico generalizado do organismo que pode provocar níveis elevados de depressão (Berry, 2016^a).

Yo me enfadaba mucho y si quería aportar algo siempre estaba como y yo sentía que no era tomado en cuenta entonces, y esto era em poco frustrante. Y por más que yo trataba de... de ceder, de escuchar, de decir “Bueno, okay... lo haremos así y tal...”, yo sentía que por dentro pues estaba haciendo implosión. Yo llegaba de mal humor a casa.

(Graciela)

Também o comportamento dos membros da cultura de acolhimento e a forma como esses comportamentos são percebidos pelo imigrante podem afetar seu estado de saúde mental (Jurado *et al.*, 2017). Kim (2000) afirmou que, em particular nas fases iniciais pós imigração, diferentes distúrbios psíquicos têm sido detectados por diversos estudos de psicologia e psiquiatria. Esses distúrbios incluem autoimagem negativa, baixa autoestima, baixo moral, isolamento social, depressão, insatisfação com a vida em geral e um sentimento de ser uma vítima indefesa das circunstâncias. Todos esses distúrbios citados foram mencionados por diferentes entrevistadas, por exemplo: “Na Alemanha, às vezes a gente se sente muito só, muito só” (Solange); “E a parte psicoemocional da distância, da cultura do país, enfim...” (Clarice).

O resultado da dinâmica dialética *stress-adaptation-growth* seria a identidade/pessoalidade intercultural, descrita como uma identidade ampla, adaptável e transformadora, apta a integrar-se à nova cultura, ao mundo globalizado (Kim, 2000, 2008). “*Yo me considero más bien una persona global*” (Rosa).

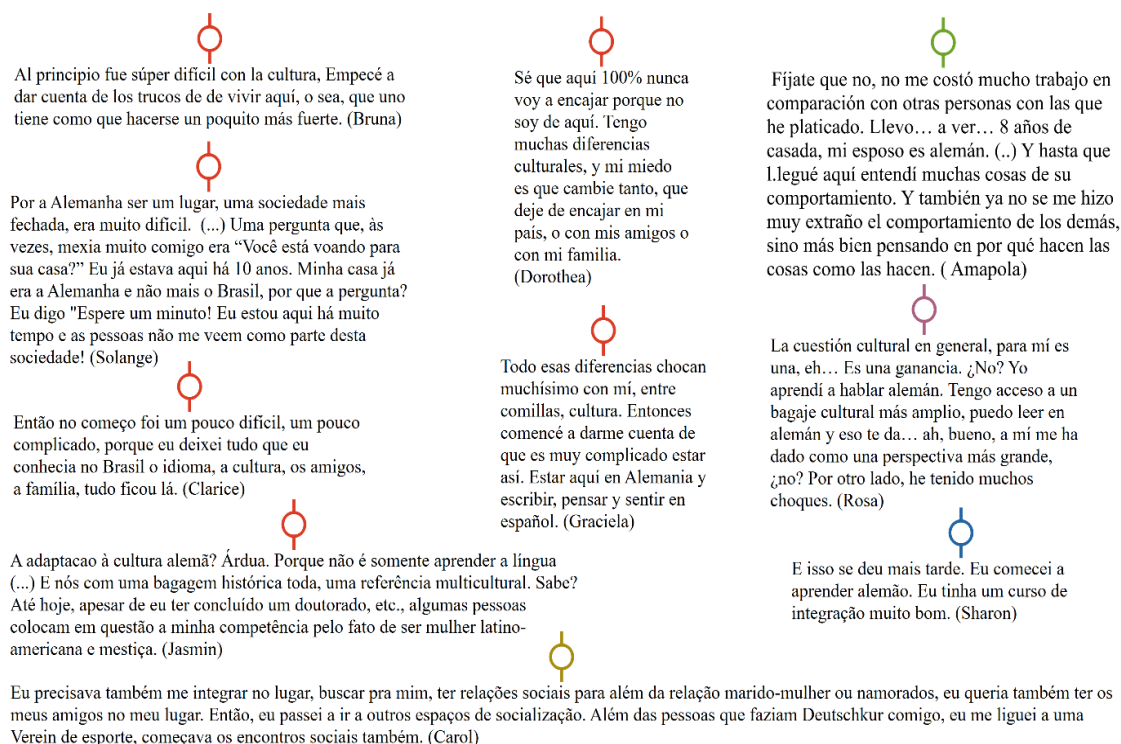
Ao processo de aculturação/construção de uma identidade bicultural pertencem também fatores como a vida profissional e a presença ou ausência da maternidade. Tais temas serão explorados separadamente a seguir, uma vez que são centrais tanto nesse estudo, o que se revela tanto nas entrevistas quanto no inquérito online.

(c) *As entrevistadas e o processo de aculturação*

Um tema central desse estudo é como se deu o processo de aculturação das imigrantes e, paralelamente, a construção de sua identidade bicultural. Como se pode ver na figura 4.13 abaixo, todas as dez entrevistadas consideraram-se bi ou multiculturais. Entretanto, somente duas pessoas se referiram a sua própria aculturação de forma mormente positiva; as outras discursaram, grande parte do tempo, sobre dificuldades e irritações experienciadas. Na figura, os trechos iniciados com o círculo vermelho tiveram uma

conotação negativa nas falas das entrevistadas. Os demais tiveram um tom claramente positivo (lilás) ou neutro, porém apontando para aspectos diferentes da aculturação.

Figura 4.13. Como as entrevistadas descrevem seu processo de aculturação



Fonte: Elaborado pela autora (*software MAXQDA*)

Da análise de conteúdo emergiram temas comuns interessantes: centralidade da aprendizagem do idioma no processo de aculturação, diferenças entre a cultura alemã e a cultura de origem, experiências de racialização e eurocentrismo, sentimentos divididos entre os dois países e a afetividade latina. Cada um desses temas será individualmente tratado à continuação por terem sido abordados por várias mulheres. Posteriormente, também apresentar-se-á um resumo de dois outros temas relevantes que emergiram – pensamentos políticos relacionados à imigração/situação feminina e o papel do dinheiro na vida do casal – mas foram tratados por poucas participantes. No contexto desse estudo, a questão relacionada ao papel do dinheiro ganha uma importância especial pelo fato das mulheres entrevistadas serem acadêmicas que, em sua maioria, não tiveram oportunidade de dar continuidade a suas vidas profissionais na Alemanha e, por isso, se tornaram financeiramente dependentes de seus parceiros alemães.

(d) *Como o processo de aculturação aconteceu, segundo as entrevistadas*

Falando sobre sua própria aculturação, algumas mulheres apresentaram sua “teoria” sobre como tal processo se deu. Amapola, por exemplo, falou sobre a necessidade de se “*cambiar el chip*”, mudar a forma de pensar, para libertar-se, por exemplo, da ideia de que o idioma alemão é muito difícil de se aprender, para sentir-se empoderad@ e permitir-se navegar na nova cultura. “*Se necesita ... tiempo y un algo que dispare ese cambio de mentalidad para poder decir “Okay. Sí, yo puedo.” Y entonces poder empoderarte y salir adelante*” (Amapola).

Bruna destacou a importância de se comparar culturas que se conhece para tomar decisões sobre o que uma pessoa deseja mudar ou não em si mesma. Sharon e Clarice apontaram a possibilidade de se discutir sobre a cultura alemã com outros imigrantes como via de desenvolvimento de uma compreensão e aceitação dessa. Dorotea discursou longa e diretamente sobre a centralidade do idioma no processo de aculturação, em consonância com as afirmações – mais curtas e menos diretas – das outras nove entrevistas sobre o tema. Rosa, cansada de comentários sobre sua “exótica” cultura mexicana, hesitou em classificar-se como bi ou multicultural. Não queria associar-se a uma nacionalidade:

A mí esas cuestiones de la identidad [cultural] no me preocupan mucho. Me considero más bien en persona global. Yo creo que las nacionalidades se manejan mucho en muchos espacios, pero yo pienso que hablar de nacionalidades siempre trae una jerárquia.

(Rosa)

Para manter alguma distância entre si e o estereótipo, Rosa preferiu teorizar sobre a hierarquia entre as culturas, algo que se interpôs múltiplas vezes em seu caminho, em seus dezoito anos na Alemanha, seja na vida profissional, no matrimônio ou nas relações sociais. Assim como Rosa, Sharon, Graciela e Jasmim discursam sobre a questão da hierarquia de culturas: “Por outro lado, eu também reconheço uma série de bairrismos, muitas vezes apoiados em estereótipos sobre a América Latina” (Jasmim). Jasmim apontou para o aspecto dialético e interativo da aculturação.

Vejo minha [biculturalidade], seja dentro da minha flexibilidade de, entre aspas, passear por essas áreas, seja numa necessária postura contra visões ou comentários que nós ouvimos. Acho que é uma questão de dialética.

(Jasmim)

Importante ressaltar que essa fala de Jasmim, mulher latino-americana mestiça, como se descreveu, consciente de seu lugar de fala, apareceu numa unidade de contexto em

que ela tematizava a hierarquia de saberes e racismo que tem confrontado há anos nos meios acadêmico e artístico na Alemanha.¹⁹²

Como alertou G. Spivak (*apud*. Dewulf, 2004) no caso de mulheres da periferia do mundo que querem ter voz no mundo globalizado a negação é dupla. Além de não estarem dentro de uma lógica europeia, estão dentro de uma lógica masculina. No caso de Jasmim, assim como de outras entrevistadas, todas subalternas, há ainda mais um elemento na interseccionalidade: a visível marca de “raça não branca” em seus corpos.

4.6.4 As entrevistadas e sua relação com a aprendizagem do idioma alemão

Cuando vine acá el idioma fue una gran... un gran impedimento, una gran barrera para poder expresarme.

(Graciela).

Tengo acceso a un bagaje cultural más amplio, puedo leer en alemán y eso te da... ah, bueno, a mí me ha dado como una perspectiva más grande, ¿no?

(Rosa)

“A migração implica a adaptação do indivíduo a uma cultura, língua e regras culturais de funcionamento diferente” (Franken, Coutinho & Ramos, 2012: 205). Em linha, também Schwartz *et al.* (2010) apontaram a fluência na língua do país de assentamento como uma das características principais do contexto interativo na qual se dá a aculturação.

“A language is a window into the culture of people speaking this language” (Saint-Jacques, 2010).¹⁹³

Há um elo intenso entre língua e cultura, fenômeno conhecido e estudado há décadas.¹⁹⁴ Por essa razão, a competência intercultural demanda uma consciência do papel de competências linguísticas em encontros interculturais (Barret *et al.*, 2014). Kim (2008) defendeu que a capacidade de se comunicar na nova cultura é central para a aculturação e formação da personalidade intercultural.

Ao discursar sobre seus processos de aculturação, todas as entrevistadas se referiram à aprendizagem do idioma. As nuances de seus relatos, entretanto, variaram de frustração à libertação, mas todas se referiram ao processo de aprendizagem como, no mínimo, um desafio.

¹⁹² “Até hoje, apesar de eu ter concluído um doutorado [na Alemanha] etc., algumas pessoas colocam em questão a minha competência pelo fato de ser mulher latino-americana e mestiça. (Jasmim, parágrafo 17 da entrevista com G.M. de Queiroz em 04.10.2022).

¹⁹³ Intercultural Communication in a Globalized World. (B. Saint-Jacques, 2010 *apud* Samovar *et al.*, 2014: 53).

¹⁹⁴ “The relationship between culture, language, and thought has long been one of the most important topics for those who wish to understand the nature of human cognition” (Imai *et al.*, 2016).

Otra expectativa que tenía también era que después del primer año yo iba a ser capaz de comunicarme en alemán fluido, lo que tampoco pasó (...). Ha sido mucho más difícil de lo que pensaba.

(Dorotea)

Para quase todas as entrevistadas, a aprendizagem demorou, por diferentes razões, mais que o esperado. Abaixo se apresentam e ilustram as razões mais comuns apontadas por elas. Primeiramente, as imagens que @ aprendiz traz imbuídas ao iniciar a aprendizagem de uma língua – e sobre a cultura – estrangeira podem interferir intensamente no processo de aquisição desse idioma (Rozenfeld & Viana, 2011). Ela é sempre a língua do Outro. Esse Outro é, normalmente, um “estranho” por seu tipo físico, costumes, exotismos ou qualquer ideia preconcebida que se tenha de sua cultura e história. As ideias sobre o Outro estarão presentes no processo de aprendizagem com nuances positivas ou negativas (Rozenfeld & Viana, 2011). No estudo conduzido por esses autores notou-se que muitos participantes traziam imagens que mostram o idioma alemão como “muito difícil”, “incompreensível”, “impronunciável” e “rípido”, assim como eram comuns as imagens do povo alemão como “frio e agressivo” (Rozenfeld & Viana, 2011: 271). *“Todo el mundo llegamos con la idea de que el idioma alemán es muy difícil.”* (Amapola)

Em contraste com a aprendizagem de outros idiomas cujas gramáticas são menos complexas ou menos inflexíveis, aprender o idioma alemão, afirmou Bausinger (2015: 3), implica “ver a gramática ao fundo, um sólido andaime de regras que não podem ser alteradas, uma estrutura estritamente fixa”. Para adultos falantes de línguas românicas como o português e o espanhol, o idioma alemão apresenta diferentes desafios cognitivos, entre eles as quatro declinações, os três gêneros, a pronúncia e o *Satzstellung*.¹⁹⁵ “[Até hoje, às vezes] um me fala, eu entendo gramaticalmente, mas eu não entendo qual é a intenção atrás daquilo” (Sharon).

Segundo Brede (2016), vir de uma região monolíngue, ser nativ@ de um idioma sem declinações gramaticais, não ter desenvolvido uma estratégia cognitiva para a aprendizagem de uma língua estrangeira como adulto, estar destreinado em relação a intensivos períodos de aprendizagem escolar, são fatores que dificultam a aprendizagem do idioma alemão.

Mas língua é mais que gramática. Brun (2004 *apud* Rozenfeld & Viana, 2011) explicou que aprender um idioma estrangeiro é sempre um processo complexo. Durante o

¹⁹⁵ *Satzstellung* é a ordem em que os termos gramaticais (sujeito, predicado, objeto etc.) devem ser organizados para se formar uma frase. Em espanhol e português, essa característica gramatical é muito flexível, mas em alemão, muito rígida.

processo de aquisição de um novo idioma, o sujeito deve desenvolver sua competência intercultural, dando-se conta – e mesmo apropriando-se – de saberes, valores e sentimentos que lhe são novos. “*Cuando yo aprendía alemán sentía como que era una obligación hablar alemán, pensar en alemán, soñar en alemán, etcétera...*” (Graciela)

Seis entrevistadas afirmaram que, inicialmente, o uso de um outro idioma comprometeu sua aprendizagem do idioma alemão. Mesmo que se dedicassem a estudá-lo, suas habilidades permaneceram passivas por longo tempo. Quatro das cinco brasileiras costumavam falar português com seus esposos e outras pessoas de seu convívio. Duas falantes do espanhol tiveram problema por falarem em inglês com seus parceiros e outras pessoas de seu ambiente.

Eu tinha o meu alemão passivo, eu aprendia na escola, mas em casa falava português com o meu marido. [...] Meu o contato com os alemães era um pouco restrito. E pôr a Alemanha ser um lugar, uma sociedade mais fechada, era muito difícil.

(Solange)

Como afirmado por Kim (2014), a comunicação é o veículo da adaptação intercultural, o que implica que mesmo o menor nível de adaptação só ocorre se o indivíduo estabelece alguma relação com o novo ambiente. Para estabelecer essa comunicação, o conhecimento do idioma local é crucial. Imigrantes que chegaram à Alemanha antes de 2005 não foram beneficiad@s pelo Regulamento para Estrangeiros e tinham que assumir os onerosos custos dos cursos de idioma, o que também pode atrasar a aprendizagem do idioma. Esse foi o caso de três participantes. “Naquele tempo [1993] ainda não existia “*Integrationskurs*”, a gente tinha que pagar do nosso bolso um curso de alemão” (Solange).

No caso de três entrevistadas, aprender o idioma concorria, em termos de energia e tempo demandados, com o avanço da carreira acadêmica/profissional. Elas tiveram que adiar o doutorado/nova graduação, por não conseguirem conciliar estudos e aprendizagem de idioma. “*Pero me di cuenta de que ya me absorbía demasiado el aprendizaje de alemán. Y era muy agotador (...) y no me quedaba energía para salir con el doctorado*” (Graciela).

Duas das entrevistadas, ambas moradoras da Baviera, tiveram que lidar paralelamente com o *Hochdeutsch* (idioma alemão padrão) e um dialeto.¹⁹⁶ Bausinger (2015) explicou que, na Alemanha, para além do *Hochdeutsch*, especialmente na linguagem falada, o idioma se manifesta diferentemente em pequenos grupos e em regiões limitadas. E esses pequenos grupos têm ou criam suas próprias normas linguísticas, seus

¹⁹⁶ Na região da Bavária, sul da Alemanha, são faladas três versões diferentes do *Bairisch* (dialeto bávaro).

dialetos. *“Y aquí en el sur se habla un dialecto bastante fuerte, entonces no era sólo entender alemán, era entender el dialecto.”* (Dorotea)

Finalmente, outra dificuldade sobre a qual as entrevistadas discursaram está associada à aprendizagem de qualquer língua estrangeira na idade adulta.

E foi muito difícil aprender alemão. Eu aprendia. As provas eu passo muito fácil, mas o falar era muito difícil. Também não conseguia me explicar. Eu estava o tempo todo meio que encapsulada na minha cabeça...

(Sharon)

Quando adultos aprendem um idioma estrangeiro, o desenvolvimento das habilidades linguísticas (as produtivas, ler e escrever, e as receptivas, ouvir e ler) não ocorrem de forma uniforme. Além de habilidades cognitivas e experiências individuais que modelam a aprendizagem, há o fato de que as habilidades ativas exigem atividades cognitivas especiais. Como explicou Richards (2008), na aprendizagem de língua estrangeira, a natureza dos processos de escuta, assim como as características do discurso falado colocam problemas para o processo de escuta.

O discurso falado tem características muito diferentes do discurso escrito, e essas diferenças podem acrescentar uma série de dimensões a nossa compreensão de como processamos a fala. Por exemplo, o discurso falado é geralmente instantâneo. O ouvinte deve processá-lo online e muitas vezes não há chance de ouvi-lo novamente.

(Richards, 2008: 3)

“Y aprendí el alemán yo muy lento para... para mi gusto, porque ya como adulta como que tardan más en aprender un idioma.” (Graciela)

Falar também é um grande desafio para os aprendizes, explicou Zhang (2009), já que se necessita dominar a pronúncia de fonemas desconhecidos, a prosódia, melodia e o uso adequado de expressões formais e informais. No caso de falantes de português e de falantes de espanhol, acrescentam-se a tais desafios a distância fonética e gramatical entre esses idiomas e o alemão.

Yo pronunciaba mal, o sea... o no se me entendía lo que quería decir. Algunas letras no las pronunciaba bien o algunas vocales en Rs tampoco, etcétera. Si me entendían, no se comprendía del todo, ¿no? Entonces me daba mucha vergüenza.

(Graciela)

Embora as duas últimas razões apresentadas acima sejam desafios linguísticos normais na aprendizagem de idiomas estrangeiros, aprendizes adultos, muitas vezes, se sentem sobrecarregados e frustrados quando algo assim lhes acontece. *“La verdad es que a veces no me siento cómoda ni siquiera hablándolo, porque siento que voy a cometer muchos errores y que me van a juzgar.”* (Dorotea)

Sentir-se insatisfeito com a própria performance ao usar o idioma estrangeiro, envergonhar-se e sentir-se julgado pelas contrapartes gera estresse e pode tornar a aquisição

do novo idioma ainda mais lenta e ineficiente. Roccas e Brewer (2002 *apud* Kotic, 2006: 118) descobriram que a ansiedade influencia negativamente o desempenho de tarefas que demandam atenção e o esforço deliberado, como a aprendizagem de uma língua estrangeira. Ao mesmo tempo, “a relutância ou inabilidade de alguns migrantes para aprender a língua do país ou região de acolhimento podem ser vistos, aos olhos de muitos membros da sociedade receptora, como desrespeito” (Schwartz *et al.*, 2010, p: 8). Nessa encruzilhada de fatores, para imigrantes com dificuldades em alcançar a literacidade, em cada situação de interação com falantes do idioma do país de acolhida, aflora o estresse de aculturação.

Em recente pesquisa sobre *speech discrimination* (discriminação na fala), K. Kinzler constatou, em linha com Schwartz *et al.* (2010), que a pessoa que fala um idioma do qual não é nativa pode ter a sensação de que ouvintes nativ@s a estão discriminando.¹⁹⁷ Para além disso, a professora afirmou que a discriminação às vezes permeia, de fato, esse diálogo, já que grande parte de nossa compreensão da comunicação é bidirecional. Quando alguém não gosta da maneira como a outra pessoa está falando ou julga que ela está falando da maneira errada, pode se fechar e não se esforçar para ouvir e entender, o que traz consequências muito negativas para @ falante. Por exemplo, se um entrevistador de uma empresa não faz bem seu trabalho de escuta, pessoas qualificadas podem ser ignoradas ou menosprezadas. O mesmo pode ocorrer nos mais diversos contextos da vida, porque quem ouve julga que o não nativo seria incapaz de fazer um bom trabalho de comunicação.

Apesar da centralidade do idioma no processo, aculturar-se vai muito além da literalidade, como advogou Jasmim, em concordância com Graciela.

Porque não é somente aprender a língua, é muito mais do que isso. Eu acho uma visão muito simplista... quando alguém diz assim: “Você fala alemão, você está integrada”. Gente, não é por aí... E nós com uma bagagem histórica toda, uma referência multicultural.

(Jasmim)

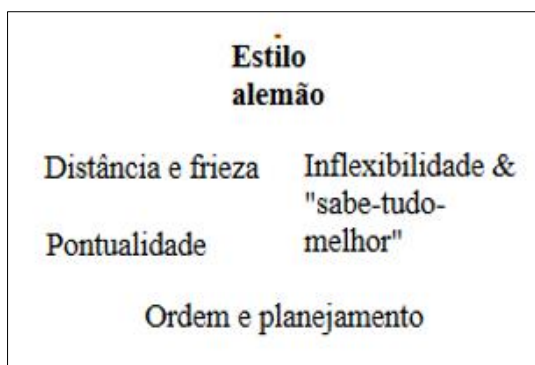
4.6.5 Estilo alemão

Às imigrantes entrevistadas se perguntou sobre suas experiências com a cultura alemã. Como se tratava de uma entrevista semiestruturada, cada uma delas teve liberdade para discursar sobre diferentes temas, que se concatenam como rizomas. Como era de se esperar, cada uma das mulheres colocou ênfase em aspectos especificamente importantes

¹⁹⁷ <https://www.npr.org/>

para si mesma, construindo seu próprio *patchwork*, o que gerou um *corpus* altamente interessante para esse estudo. Algumas diferenças entre os países de origem e o de acolhida foram vistas como engraçadas ou perturbadoras, outras, difíceis de se aceitar, outras, ainda, uma vantagem adquirida através da aculturação. Da leitura flutuante e das tantas leituras posteriores do *corpus* chegou-se à seguinte categorização dos temas que emergiram em associação à convivência com os alemães.

Figura 4.14. Aspectos apontados pelas entrevistadas sobre o estilo alemão



Fonte: Elaborado pela autora

Os pontos de vista apresentados pelas diferentes entrevistadas sobre a convivência com alemães coincidem com os de outros imigrantes, como se pode ver em blogs, páginas de Facebook etc. Uma das maiores revistas alemãs, *Der Spiegel*, por exemplo, publicou, em julho de 2023,¹⁹⁸ uma pesquisa encomendada pelo portal mundial para expatriados *InterNations*. Os vários entrevistados citaram a inflexibilidade, frieza, a distância emocional e a *Besserwisserheit* dos alemães como fatores que os fazem repensar se seria psicologicamente saudável para eles permanecer no país por longo tempo.¹⁹⁹

(a) *Distância, frieza e rigidez*

Três palavras, nomeadamente, distância, frieza e rigidez, apareceram interligadas ou como sinônimos na fala de nove das dez participantes. Elas foram sempre negativamente associadas a marcantes diferenças entre a cultura alemã e as culturas de origem. “[*El contacto social es] mucho más alejado, mucho más reservado también.*” (Dorotea)

A distância, considerada típica de alemães pela maioria das entrevistadas, se mostra, por exemplo, através do *proximics*,²⁰⁰ ou seja, como o espaço físico entre duas

¹⁹⁸ <https://www.spiegel.de/>. O artigo se encontra (em alemão) no apêndice.

¹⁹⁹ Die Leute hier sind mir zu unterkühlt, direkt und unfreundlich. <https://abo.spiegel.de/>

²⁰⁰ O termo *proximics* (proxímico) foi cunhado por Edward Hall (*The Hidden dimensions*, 1966)

peças é usado/mantido dentro do contexto da cultura. O *proxemic* nas culturas latinas é claramente diferente do *proxemic* alemão. “*Somos más cercanos, y como más nos gusta tocar. (...) esta distancia alemana con la gente no es para latino.*” (Graciela)

Na sociedade alemã, “a regulação da distância em situações de encontro é caracterizada pela diferenciação da distância”, explicou Barmeyer (2010: 112) citando o teórico/psicólogo intercultural alemão Alexander Thomas (1939-2023). Supõe-se que a proximidade física entre pessoas, sobretudo fora da esfera da vida privada, deve ser evitada na Alemanha (Ferres, Meyer-Belitz & Röhrs, 2005). Há um reflexo desse fenômeno também nos aspectos emocionais (Brökelmann *et al.*, 2012).

Três entrevistadas lamentaram o fato da distância também se refletir no ambiente de trabalho, lugar onde passam, provavelmente, um terço de seu dia. “*La relación con los colegas [de trabajo] alemanes era muy cordial y todo, pero nada personal.*” (Dorotea)

Parte das entrevistadas julga que mesmo dentro das famílias alemãs há uma distância maior do que a observada nas famílias latinas. Algumas veem reflexo desse fenômeno inclusive na convivência com a família dos parceiros: “*La distancia que tiene es grande...para mí eso no es familia, eso no es saludable. Es algo que a mí se me hace súper complicado de entender aún.*” (Dorotea) “Pedi alguma coisa a minha sogra (por causa das crianças) e meu marido falou “A gente está abusando dela!”” (Sharon). A diferença de como latinos e alemães se relacionam com suas famílias foi ressaltada por metade das entrevistadas. A fala de Dorotea é redundantemente esclarecedora: “*¡Porque en mi familia somos muy familiares!*”

A cultura influencia poderosamente as relações das pessoas com familiares imediatos, amigos e a comunidade em geral (Lo & Fung, 2003). De modo geral, na experiência dessas entrevistadas, típicas famílias latinas funcionam como uma rede social muito próxima e intrincada que oferece suporte prático no cotidiano, apoio psíquico e emocional, típico de culturas coletivistas. “*A América Latina le cabría el estilo orientado a la familia, algo que los historiadores, sociólogos y psicólogos han observado y siguen observando en el subcontinente.*” (Cerde-Hegerl, 2006: 329)

Famílias alemãs, por contraste, seriam caracterizadas por baixos níveis de contato, de suporte mútuo e de intimidade entre os parentes. Para exemplificar aspectos inerentes de “famílias alemãs pouco familiares”, coincidentemente, três mulheres citaram a expressão alemã “avós de Natal e aniversário”, que são aqueles que só estão disponíveis para filh@s e net@s nas poucas horas de festa durante o ano. Como alertado por Coutinho *et al.* (2012) e Granada *et al.* (2017), em concordância com Dias e Gonçalves (2007) e

Ramos (2014), a separação da família e redes de suporte, assim como o isolamento na nova sociedade, são potenciais estressores que podem levar à depressão, constituindo um fator de vulnerabilidade associado ao processo migratório.

Ao chegar em uma nova cultura, um indivíduo traz hábitos mentais adquiridos em sua enculturação – sua primeira entrada em uma cultura, na cultura de origem – afirmou Kim (2015). Ao dar-se conta de que lhe faltam conhecimentos para navegar e comunicar na nova cultura adequadamente, experiencia um conflito interno que o compele a apre(e)nder o novo sistema cultural (Kim, 2017). O jogo entre os hábitos mentais originais e os novos se repete várias vezes, levando a uma transformação de comportamentos, valores, crenças e visões de vida (Kim, 2017). Trata-se da dinâmica dialética *stress-adaptation-growth*. A diferença entre o *proxemics* latinos e alemão é um dos fatores apontados por essas entrevistadas que demandam tal mudança de hábitos mentais.

(b) *Inflexibilidade e Besserwisserei*

Esses exemplos revelam experiências das imigrantes com a rigidez dos alemães, suas regras culturais a serem seguidas por eles e estrangeiros que vivam no país, seu costume de comentar a atitude das outras pessoas para corrigi-las. As falas apontam para a palavra alemã *Besserwisserei* – muito usada inclusive por eles mesmos sobre outros alemães. *Besserwisserei* é um termo coloquial alemão que designa o fato de uma pessoa expressar sua opinião de maneira professoral e insistente, fazer declarações críticas baseadas na convicção de que ela “sabe tudo melhor”.^{201,202} Ao mesmo tempo em que a pessoa tem um comportamento opinativo e dá palestras a outras pessoas sem ser convidada, fecha-se às opiniões, argumentos e conhecimentos dos demais (Gumbrecht, 2010).²⁰³ Há uma razão para que o termo seja usado com frequência. Como comentou Gumbrecht (2010), raramente se fala com pessoas na Alemanha que sejam capazes de ver sua própria opinião no sentido de uma observação de segunda ordem. Sociedades com alto nível de intolerância à ambiguidade, como a Alemanha, tendem a ter pouca abertura para qualquer ideia ou pessoa desviante, segundo Hofstede (2011).

²⁰¹ *Besserwisser* poderia ser traduzido como sabe-tudo, sabichão, *sábelo todo*, *smarty-pants*, *know-it-all*.

²⁰² <https://de.wiktionary.org>

²⁰³ Trecho da entrevista de Mara Delius com o cientista cultural H.U. Gumbrecht, nascido na Alemanha e naturalizado americano (www.welt.de)

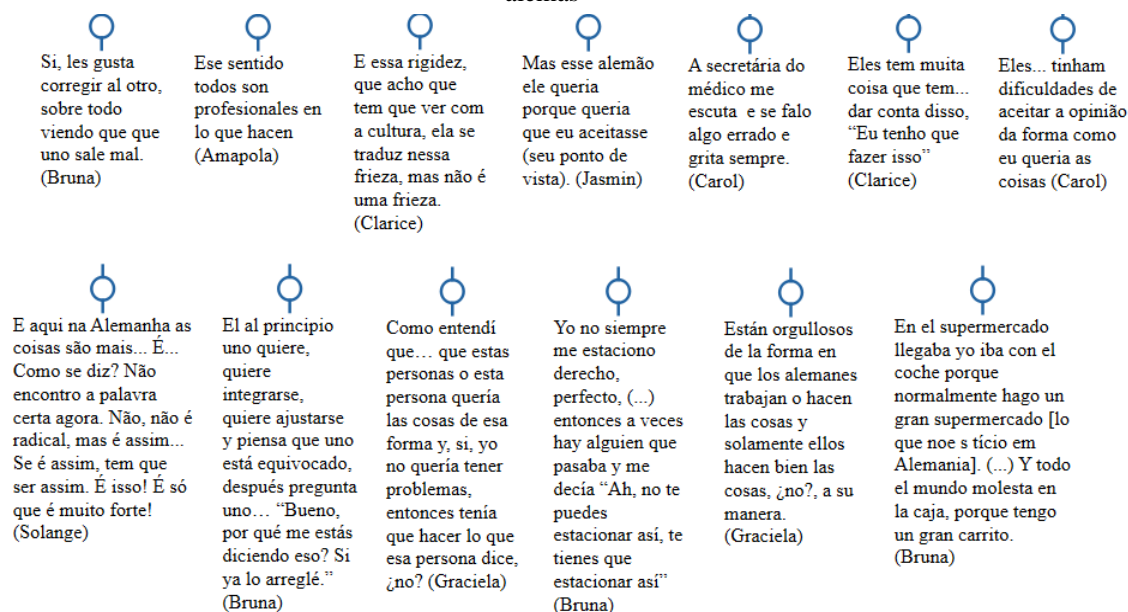
Fonte: Elaborado pela autora (*software* MAXQDA)

(c) *Ordem e planejamento*

Ao falarem de ordem e planejamento, algumas falas são positivas, ressaltando o resultado dessas características na sociedade, isto é, “*las cosas funcionan*”. Nas falas negativas nota-se, porém, que as entrevistas retomam o tema rigidez, uma vez que os três aspectos se complementam na cultura alemã. [...] “Que tem que ser assim. O caminho tem que ser assim... Assim: o caminho tem que ser direto e que não pode ter uma curva. No Brasil... no Brasil nós fazemos uma curva e chega no mesmo lugar” (Solange).

Ao conjecturar que a rigidez alemã tem raízes na história do país, Clarice (ver Figura 4.16. Exemplos de falas sobre ordem e planejamento) “dialoga” com Schroll-Machl

Figura 4.15. Exemplos de comentários das entrevistadas sobre inflexibilidade e *Besserwisserei* alemãs



(2016).²⁰⁴ Se a estruturação possibilita a positiva sensação de segurança aos membros da cultura alemã, admirada em suas diferentes facetas por grande parte das entrevistadas, ela também está na raiz de dificuldades e irritações experienciadas pelas imigrantes em relação à cultura de acolhimento. Aspectos como a frieza, rigidez, perfeccionismo, pontualidade,

²⁰⁴ Essa teoria foi apresentada no capítulo de revisão de literatura no tópico “Alemanha – Fatos e dados que afetam a vida das imigrantes acadêmicas”.

controle emocional interno, olhar controlador em relação aos demais, provavelmente, também são frutos da estruturação (Schroll-Machl, 2016).

Fonte: Elaborado pela autora (software MAXQDA)

(d) *Pontualidade e obsessão com o tempo*

Três participantes se referiram à pontualidade como “marca alemã”. Segundo Barmeyer, (2010) a crença nos *überpünktliche Deutsche* é comum a várias culturas.²⁰⁵

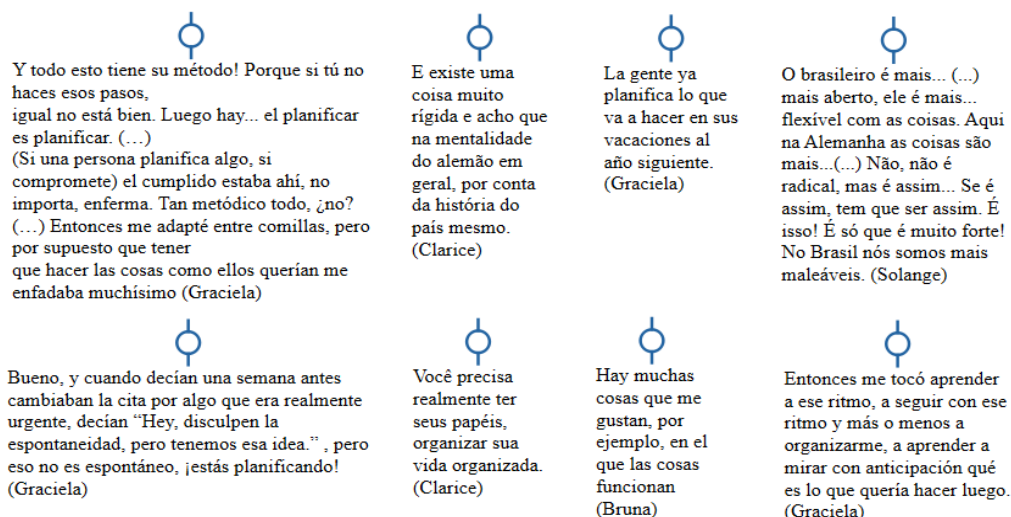
“5 Minuten vor der Zeit ist des Soldaten
Pünktlichkeit”²⁰⁶

(Ditado alemão)

Duas das entrevistadas discursaram longamente sobre a pontualidade, contando histórias pessoais sobre o tema. Ambas veem o processo de tornar-se pontual como uma necessidade, como meio de integrar-se e poder navegar adequadamente na cultura.

Understanding the German obsession with time is important. Nor only should you be at the meeting

Figura 4.16. Exemplos de falas sobre ordem e planejamento



on time, you`ve better not try to change plans, at the last minute. It violates the German love of precise scheduling, and it will throw everything out of kilter.

(Flippo, 1999: 126)

²⁰⁵ *überpünktliche Deutsche* em português significa “alemães extremamente pontuais”.

²⁰⁶ Tradução livre da pesquisadora: Cinco minutos antes do horário é a pontualidade de um soldado. (ditado alemão).

O comentário de Flippo se alinha com a teoria apresentado por Brökelmann *et al.* (2012) e Schroll-Machl (2016) sobre como o tempo é visto na cultura alemã – monocronicamente planejado.

Tanto Graciela como Solange associaram a pontualidade alemã com inflexibilidade e afirmaram que desenvolver a pontualidade lhes custou muito esforço mental e organizacional. Além disso, ressaltaram que agora têm problemas de tolerar atraso de outras pessoas quando estão de volta a seus países natais. Tornar-se pontuais foi um dos desafios do processo de aculturação que lhes causou mais estresse. O estresse aculturativo, sobretudo se associado à experiência de perda cultural e/ou a incerteza sobre como se deve viver na nova sociedade, pode levar a níveis elevados de depressão e de ansiedade (Berry, 2016^a).

Não se trata, entretanto, de que alemães, em geral, sejam extremamente pontuais. É, antes, provavelmente, a percepção de um padrão cultural alemão como exagerado. Servem de matéria para essa percepção, entre tantos exemplos, o ditado alemão acima e histórias que se (re)contam mundialmente sobre alemães e seus hábitos. Uma delas é sobre Immanuel Kant. “Reza a lenda” que o filósofo Kant saia todos os dias tão pontualmente para caminhar, que os vizinhos acertavam seus relógios pela hora que ele saía de casa.

(e) *Afetividade latina*

Como mexicana... tengo muchas más emociones, tengo mucho más, eh... intuición, ¡por ejemplo! (...) Soy mucho más cariñosa, porque soy latina, espero mucho más cariño, espero mucho más apertura, la música la siento en el corazón, para bailarla, para sufrirla, para lo que sea.

(Bruna)

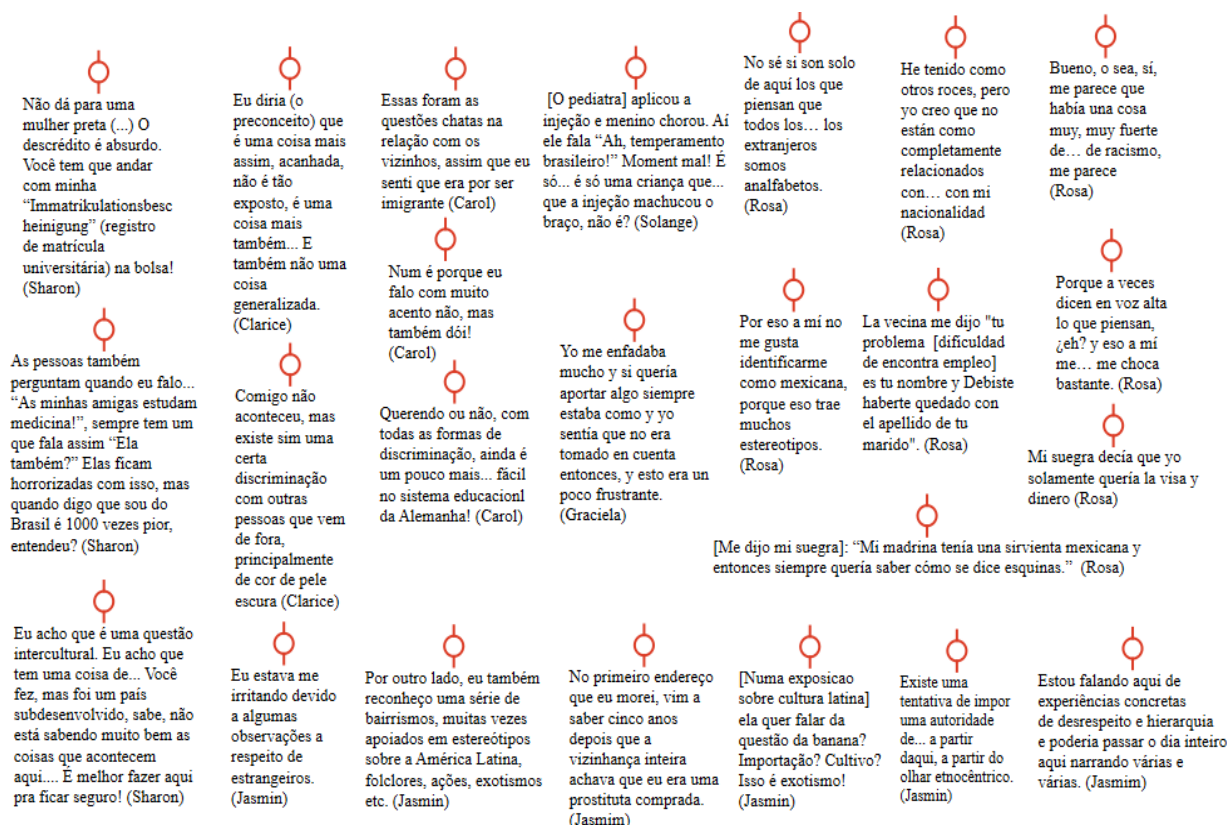
Ter um caráter expressivo, mostrar emoções é um comportamento bem aceito em ambientes latinos (Cerde-Hegerl, 2006). Em uma sociedade individualista como a Alemanha, entretanto, comentou Ardila-Espinel (1982), os mesmos comportamentos podem ser mal interpretados como falta de seriedade. Isso se dá porque os membros de sociedade individualistas, que priorizam o Eu privado, tendem a demonstrar controle das emoções, explicou Ardila-Espinel. “Para mim, nordestina, é a alegria, a alegria e a abertura do brasileiro. Isso foi uma coisa que me faltou muito aqui. (...) Pode tomar um café nesse caminho, sim. (Muitos risos)” (Solange).

Viver em uma cultura em que o controle das emoções é quase uma regra – não escrita – pode provocar nos imigrantes oriundos de *person oriented cultures* a sensação de isolamento e tédio, segundo Schroll-Machl (2016).

(f) *Racialização, eurocentrismo, hierarquia de culturas e outsider*

Temas ao redor da racialização emergiram com grande força. No total, 79 trechos, distribuídos em oito entrevistas, foram codificados como racismo, hierarquia de culturas ou *outsider*. O confronto com o preconceito, o estereótipo e a discriminação são fatores de risco para a saúde do imigrante (Coutinho *et al.*, 2012; Granada *et al.*, 2017).

Figura 4.17. Exemplos de experiências com racionalização, eurocentrismo etc.



Fonte: Elaborado pela autora (*software* MAXQDA)

Clarice, que tem pele clara, cabelo liso louro, olhos verdes, foi a única que nunca experienciou racismo ou outro tipo de preconceito na Alemanha, mas conhece outras pessoas que o viveram. Além disso, acrescentou que é percebida na Alemanha como uma nativa Sharon, Carol, Bruna e Solange têm pele morena e cabelos afro, crespos ou cacheados. Jasmin tem aspecto árabe. Graciela, Rosa, Dominique e Amapola têm traços indígenas. Com exceção de Clarice, todas as entrevistadas são racializadas. Aikins *et al.* (2020) explicaram que uma atribuição estrangeira é, geralmente, relevante para uma discriminação racista. Na Alemanha, exemplificaram, assim como turistas brancos podem ser percebidos como alemães, uma pessoa que é percebida como não-alemã, e sim como, por exemplo, árabe, pode experimentar islamofobia, mesmo que não tenha qualquer

envolvimento com a etnia ou a religião. Trata-se da atribuição – potencialmente afetada por racismo – que uma pessoa recebe do Outro.

Rosa, mexicana com seus traços indígenas, sofreu racismo não só no trabalho, mas também por parte do esposo e sua família, que a associavam a *muchacha* da limpeza. “Yo le pregunté varias veces a mi esposo si él trataría a una alemana de otra manera y él no quería hablar del asunto. O sea, realmente nunca supe si eso era... era una cuestión jerárquica o no, pero ...” (Rosa).

Num momento carregado de emoção – o que se pode notar, entre outras coisas, pela mudança repentina do idioma usado – Solange falou da dor de ser vista como *outsider*, apesar de estar legalmente na Alemanha, casada com um alemão, ter um filho alemão e falar o idioma.

Uma pergunta que, às vezes, mexia muito comigo era, “Você vai pra casa? *“Fliegst du zu deiner Heimat?” Ich war hier schon seit 10 Jahren. Meine Heimat war schon Deutschland und nicht mehr Brasilien, warum die Frage? Ich sage Moment mal! “Ich bin schon lang hier und die Leute sehen mich nicht als Teil dieser Gesellschaft”*.”²⁰⁷

(Solange)

Aparentemente, trata-se aqui, mais uma vez, de um exemplo concreto de *Othering*. Segundo Thomas-Olalde e Velho (2011), usa-se o termo *Othering*, tanto nas Ciências Sociais como no cotidiano, para se referir a fenômenos de estereotipagem e de racialização. O núcleo teórico e analítico do conceito de *Othering* consiste na dependência constitutiva do assunto. Não há construção do *self* e do não-*self* se não há a reflexão no “Outro”, explicaram os autores, referindo-se à teoria sobre a criação do oriente de Edward Said (1935-2003). A representação tradicional do Outro por parte dos europeus, advogou Spivak (1988), constituía uma construção integrante do sistema de repressão colonial.

Em momentos como o relatado acima, a entrevistada se sente rechaçada pela sociedade alemã. Ao mesmo tempo, em outra parte da entrevista, relata sobre o sentimento de não se encaixar mais na cultura brasileira. A identidade, mesmo na modernidade líquida, continua associada à ideia de se pertencer, ainda que, ao mesmo tempo, a muitos lugares e a nenhum lugar, explicou Bauman (2004). A fala de Solange ressoa a afirmação de Bauman. Ainda que não se possa pensar em causalidade entre as variáveis dos testes do inquérito online e que depressão, em geral, não tenha raiz monocausal, é interessante notar

²⁰⁷ Tradução livre da pesquisadora: “Você está voando para sua casa”? Eu já estava aqui há 10 anos. Minha casa já era a Alemanha e não mais o Brasil, por que a pergunta? Eu digo "Espere um minuto! Eu estou aqui há muito tempo e as pessoas não me veem como parte desta sociedade”” (Solange).

um detalhe: essa entrevistada teve pontuações altíssimas na *Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale*.

4.6.6 Reflexões das entrevistadas sobre suas vidas na Alemanha

Ao longo dos anos, diversos aspectos positivos e negativos, envolvidos tanto no período de aculturação como no cotidiano após esse período, levaram muitas das participantes a se sentirem emocionalmente divididas entre a pátria original e a nova. Há o enraizamento rizomático que se desenvolve em diferentes direções. Por um lado, os pais envelhecem nos países de origem, as amizades antigas nem sempre são bem substituídas por novas, e se renova o questionamento sobre a possibilidade de voltar a viver no país quando a aposentadoria chegar, quando os filhos estiverem independentes etc. Por outro lado, @ parceir@ e seu mundo estão, normalmente, mais enraizados na Alemanha. Para muitas entrevistadas, a segunda pátria é onde moram filhos, onde há novos afazeres e compromissos, assim como, paralelamente, onde cresce um sentimento de distanciamento do país de origem. Se por um lado as políticas sociais do *Deutscher Staat*, a segurança nas ruas, as possibilidades melhores de educação para os filhos fazem da Alemanha um lugar atrativo, as repetidas experiências de racismo, aberto ou velado, e a frieza alemã, o clima, entre outras coisas, as compele de volta a suas raízes.²⁰⁸ Elas pagam o preço de não se sentirem completamente em casa em nenhum lugar, de estar sempre “deslocadas”, como teorizado por Bauman (2001 e 2004).

(a) Razões para imigrar e avaliação atual da decisão tomada

A razão para imigrar comum a todas as respondentes foi um relacionamento romântico com uma pessoa nascida na Alemanha e residente desse país. “*Lo que provocó la decisión de venir a Alemania era algo bueno, es la buena relación con mi pareja...*” (Graciela).

As demais razões variam de acordo com interesses e necessidades pessoais, do casal ou da família. Duas respondentes colocaram como *conditio sine qua non* para a imigração e vida conjunta com seus parceiros, a possibilidade de se desenvolverem profissionalmente na Alemanha. Entre as dez, quatro lamentaram as perdas profissionais sofridas. “*Venir para Alemania no fue em buena decisión por mi trabajo, por mi carrera profesionalmente*” (Bruna).

²⁰⁸ *Deutscher Staat* = Estado alemão

Segurança pública, apoio governamental para a criação dos filhos e as chances escolares e acadêmicas para os filhos, motivaram a vinda e/ou permanência de cinco respondentes. Tratou-se de imigração como estratégia familiar. Como explicou Solange: “não só o amor, mas a maternidade foi o critério número um de ter chegado aqui na Alemanha. Se eu tivesse uma estabilidade financeira estável no Brasil, eu não teria saído de lá”.

Duas mulheres vieram para a Alemanha devido a projetos laborais de seus parceiros e suas estadias tinham prazo marcado. Os acordos dos casais foram feitos antes da migração, mas exatamente as questões laborais fizeram com que a permanência se prolongasse sem previsão de retorno à terra natal, mesmo a contragosto das imigrantes.

(b) *A visão do país de origem*

Seis das imigrantes refletiram sobre as diferenças entre a Alemanha e seus países. O ponto mais citado foram as vantagens das políticas sociais alemãs fomentadas pelo Estado alemão. Elas afirmaram crer que, em comparação com a América Latina, a Alemanha oferece muito mais e melhores apoios sociais e respeita mais os direitos trabalhistas garantindo, por exemplo, férias laborais longas, estabilidade de emprego, seguro-desemprego e possibilidades de *Ausbildung*.²⁰⁹

“Eu agora tenho os gêmeos na *Tagesmutter* [um tipo de babá] e é a cidade paga tudo. Eu pago o mínimo! E a qualidade disso... E isso não é sorte, sabe?” (Sharon).²¹⁰

Outros pontos considerados positivos foram a organização dos espaços públicos, a efetividade dos serviços públicos, ainda que, por vezes, burocrático, a limpeza das cidades, a segurança, a menor objetificação da mulher. Vistos em contexto, todos eles devem ser considerados como reflexo da cultura. Para Schroll-Machl (2016), estes pontos estão relacionados à valorização das regras, estruturas, planos e detalhes, *so typisch Deutsch*.²¹¹ Também outros países têm seus meios de regular a vida em comum da população, mas, na Alemanha, o preço a ser pago é alto quando se desrespeitam ou ignoram as regras e planos. Há um controle permanente, de civis e autoridades, que não está presente em outras culturas, explicou.

Duas respondentes ressaltaram vantagens culturais alemãs que as fazem sentir mais *a gusto* no novo país. Uma queria que o filho crescesse num ambiente menos machista

²⁰⁹ *Ausbildung* = Formação profissional seja inicial, continuada, para mudança de área laboral etc.

²¹⁰ *Tagesmutter* = uma babá que trabalha em sua própria casa com um grupo pequeno de crianças

²¹¹ *So typisch Deutsch* = tão tipicamente alemão

que o mexicano. Outra discursou sobre a ditadura estética brasileira que contrasta com a maior liberdade na Alemanha a respeito de padrões de apresentação estética: “No Brasil é impossível que eu não alise o cabelo, que eu não pinte unha, que eu não use maquiagem. Aqui isso já não é tão cobrado.” (Jasmim)

Apesar das dificuldades e irritações vivenciadas por todas, nenhuma entrevistada respondeu de forma negativa à pergunta direta que encerrava o trecho da entrevista dedicado à migração: O que a faz pensar se foi uma boa – ou não tão boa – ideia migrar para a Alemanha? Somente Solange, a que se sente muito dividida entre os países, fez uma ressalva:

Mas mesmo com a segurança aqui na Alemanha, às vezes a gente se sente muito só, muito só. (...) Meu comentário é que se você... se você tem condições, se você é brasileiro, mora no Brasil, tem um trabalho bom, tem condições financeiras boas... não sei se vale a pena sair de lá, não! Eu acho que alegria, alegria e felicidade são... E isso é uma coisa que ajuda na saúde também. Dinheiro não é tudo!

(Solange)

(c) *Sentimentos divididos*

“*Ya se partió mi cabeza y mi corazón en dos*” (Brenda).

Seis entre as dez entrevistadas, que se referiram ao sentimento de estar dividida entre a cultura de origem e a alemã, consideram ter agora duas pátrias, sentir-se confortável em ambas, mas não se identificam totalmente com nenhuma – como no conceito de *chez moi* de Bauman (2004). Nas palavras de Solange, “Eu tenho duas *Heimat*.”²¹²

Elas acreditam ser melhor buscar o que lhes parece mais adequado de cada cultura, uma estratégia que se aproxima da teoria da personalidade intercultural de Kim (2014), que aponta para uma dinâmica integrativa de estresse-adaptação-crescimento da adaptação transcultural. Um indivíduo com uma personalidade (identidade) intercultural é mais capaz de perceber, além dos pontos de diferença e contenção, os pontos de complementaridade e aceitação entre culturas e etnias (Kim, 2008). “E eu estou nesse meio, tentando tirar proveito do que é o que eu considero melhor e positivo de cada um dos lados.” (Solange)

Dorotea, que chegou à Alemanha há cerca de três anos, fala do medo de mudar-se tanto culturalmente, que não se sinta mais em harmonia com sua própria cultura, que não possa compreendê-la e/ou aceitá-la mais. Outras três imigrantes, que vivem há mais de dez anos no país, relataram situações em que, de visita a seu país natal, vivenciaram algo semelhante ao choque de retorno, ou mal-entendidos e irritações devido a diferenças

²¹² *Heimat* = pátria, terra natal

culturais entre as pessoas que se tornaram e o entorno do qual se ausentaram por tanto tempo.²¹³ Essas mulheres temem não serem mais capazes de viver em seu “universo” de origem, ideia que vai ao encontro ao temor de Dorotea. Como expressou Graciela, “[*En Perú*] me molestan ahora cuando llegan tarde, que me molesta cuando dicen que van a hacer una cosa y al final... nada!”

Por outro lado, vale recordar aqui a teoria do *cultural frame switching* (Martinez *et al.*, 2002; Benet-Martinez & Haritos, 2005). De acordo com essa teoria, indivíduos aculturados podem possuir identidades culturais duplas e alterná-las engajando-se em quadros culturais ativos, deslocando-se entre diferentes sistemas de significado cultural de acordo com os sinais vindos da situação vivida por esse indivíduo no momento – uma ideia que se afina com o conceito da identidade camaleônica da modernidade líquida Bauman (2004).

Para várias entrevistadas, aquilo que chamam de rigor ou frieza alemã está na base do sentimento de estar dividida entre as culturas. “Eu acho que a rigidez é a única coisa que me incomoda.” (Clarice).

Há também uma nostalgia da afetividade e proximidade – física e emocional – latinas que, em parte, lhes desperta uma relativa distância psicoemocional da cultura alemã e um sentimento de isolamento no cotidiano. Ardila-Espinel (1982) explicou que pessoas advindas de culturas de contexto elevado (*high-context culture*), quando inseridas em uma cultura de contexto baixo, como a Alemanha, tendem a perceber essa diferença cultural de forma negativa. A distância psicológica e a falta de compromisso emocional da cultura anfitriã, explanou, podem ser percebidas como interação social despersonalizada, como comportamento desumanizador e egoísta. Tais sentimentos desagradáveis, afirmaram Holmstrom e Kim (2015) são potenciais ameaças à autoestima e têm efeitos negativos sobre o Eu.

Al principio fue súper difícil en la cultura, me dio un shock cultural. Porque México no tiene nada que ver. México es ruido, movimiento, gente... y Bonn es ser muy notado, es muy pequeño, es muy, muy callado. Entonces fue muy complicado. Al principio, la verdad pensé que fue en súper mala decisión, que no debería de haberme mudado.

(Bruna)

Por outro lado, segundo Kim (2014), com a aculturação a pessoa vai desenvolvendo novas sensibilidades culturais, emocionais e estéticas. Espera-se que também mude sua forma de apreciar a beleza, o lazer e emoções como alegria, desespero,

²¹³ Pode-se definir o choque de retorno (*reverse culture shock*) definido como resultados psicológicos e psicossomáticos do processo de reajuste, reculturação e reassimilação à cultura primária depois de se ter vivido por um período significativo no exterior (Mnich & Mnich, 2017)

raiva etc. De todos os modos, cada imigrante, dependendo de suas experiências antes da migração, seu entorno e experiências na Alemanha experiencia a diferença da afetividade e proximidade entre sua cultura e a cultura alemã com “a dor e a delícia de ser o que é”.²¹⁴

4.6.7 A questão da maternidade

Um dos principais temas investigados nesse estudo é o papel da maternidade na satisfação pessoal e bem-estar mental das mulheres, sobretudo quando a satisfação laboral não pode ser encontrada, ou continuada, no país de acolhimento. Uma parte da entrevista foi dedicada especialmente a esse tema. Usaram-se perguntas abertas para incentivar cada entrevistada a discursar sobre desejo – ou ausência desse – e sobre a decisão de tornar-se ou não mãe. Buscou-se também compreender a importância do tema para sua identidade, sobretudo no que diz respeito aos aspectos “mulher” e “imigrante”. Ainda que a entrevista contivesse uma seção com foco em maternidade, sobretudo no caso das entrevistadas que têm filh@s, esse tema surgiu em diferentes seções.

Apesar do grupo de respondentes ser muito pequeno, ele reproduziu, assim como o grupo de respondentes do inquérito online, a tendência estatística sobre a postura das mulheres com cidadania alemã em relação à maternidade, isto é, cerca de 21% *childfree* parte das mulheres escolhendo ter filhos em idades mais elevadas.²¹⁵ Sete entrevistadas tinham filhos no momento da entrevista. Três se tornaram mães antes da imigração, sendo que duas delas tinham tido filho com um parceiro anterior à sua relação com o alemão. Outras quatro engravidaram de seus parceiros alemães já na Alemanha. Das três mulheres sem filh@s, uma talvez ainda se decida por tornar-se mãe. As três mulheres que já tinham filhos antes da imigração viram a possibilidade de morar na Alemanha como uma chance de oferecer um futuro melhor para seus filhos. “*Venir para Alemania fue la mejor decisión para la educación de mi hijo (...) Y los privilegios que te da tener un trabajo con el seguro médico...*” (Rosa). “Sempre tive essa preocupação com ela no Brasil e aqui é bem diferente, porque você não tem uma preocupação. É a segurança mesmo física da pessoa que tem, né?” (Clarice).

Sobretudo no caso de Solange e Rosa, a imigração foi uma estratégia familiar. Como afirmaram Peres e Baeninger (2016), as trajetórias migratórias de mulheres revelam motivações e estratégias utilizadas para planejar as etapas da migração em função de vários

²¹⁴ Trecho da música “Dom de iludir” (Caetano Veloso, em “Totalmente demais”, Phillips, 1986).

²¹⁵ <https://www.destatis.de>

fatores, especialmente ligados ao planejamento do ciclo de vida familiar. Ainda que esses aspectos sejam comuns a diferentes processos de migração, para as autoras, o aspecto ligado ao ciclo de vida familiar é saliente na migração feminina.

(a) *Razões para tornar-se ou não mãe*

Uma das perguntas sobre maternidade foi como a mulher se decidiu a favor ou contra ela. Segundo Badinter (2010), o instinto materno, renomeado nas últimas décadas como amor materno, vem sendo concebido há tanto tempo como segunda natureza mulher, que muitas vezes sequer é questionado, seja em nível pessoal ou social. Como esclareceram Figueiredo Souza e Polivanov, considerar a maternidade como algo natural, necessário e desejado faz com que desapareça do contexto todo “seu processo de construção que, ao longo dos séculos, reuniu um conjunto de valores e interesses das esferas políticas, econômicas e sociais” (2019: 45).

“[Con mujeres de mi generación, en la familia y amiga] hemos pensado que no sabemos si tenemos hijos por la presión social o porque de verdad teníamos ganas” (Rosa).

Os motivos que levaram as imigrantes a se decidirem positivamente foram bastante diversos. Nota-se que cada uma dessas mulheres lidou de sua forma com o enraizamento de valores pessoais e sociais que a questão da maternidade traz em si. A maternidade, afirmaram Emídio e Gígek, afeta e delimita a vida das mulheres. Cada mulher decide-se acerca da maternidade sempre a partir de seu próprio contexto permeado por uma “multiplicidade de sentidos e ressonâncias próprias da vida de cada uma” (2019: 196). A escolha, feita ao longo do percurso feminino multifacetado, dá abertura a diferentes destinos, afirmaram.

Duas imigrantes já haviam decidido conscientemente contra a maternidade mesmo antes de iniciarem seu relacionamento atual. Elas representam o que modernamente se chama *childfree women*. Escolher não ter filh@s, entretanto, ainda configura um questionamento do lugar socialmente delineado para a mulher, o qual é visto sempre vinculado à maternidade (Emídio & Gígek, 2019). Para ambas, contudo, esse aspecto era *conditio sine qua non* e integrou as conversas sobre a construção da vida conjunta com seus futuros esposos. Mulheres que se decidem pela não maternidade rejeitam e resistem aos apelos normativos pró-natalistas que colam identidade feminina e maternidade (Wood & Newton, 2006; Peterson & Engwall, 2013).

“A decisão de não ter filhos foi sempre, mais que circunstância, é uma escolha!” (Jasmim). A respondente mais jovem (29 anos), Dorotea, ainda não se decidiu se quer ou

não se tornar mãe. Está começando uma promissora carreira na Alemanha e quer permanecer, por enquanto, *childless*. Para apenas uma mulher o desejo de maternidade antecedeu até mesmo a relação com o parceiro, fazendo parte do projeto de vida traçado há tempos. A falta de filh@s foi uma razão para separar-se do primeiro esposo. “Eu queria fazer uma família de mamãe, papai, filho! Eu queria ter essa experiência de quebrar a cabeça com isso também (...) dividir com outra pessoa, como é que ia ser...” (Carol).

Carol é filha de pais que se separaram conflituosamente em sua infância. Foi criada por uma tia e seu esposo, que, apesar das dificuldades, mantiveram a família unida. Deles vem sua inspiração, explicou. Como explicaram Emídio e Gigek (2019), as ressonâncias da vida da mulher influenciam sua escolha em relação à maternidade. Carol parece ser um exemplo do que Badinter (2010) chamou de mãe-pelicano, a que abre as próprias entranhas para alimentar o filhote. Depois de anos tentando engravidar, parou o doutorado para concentrar-se na fecundação artificial antes que fosse tarde demais. Por mais de sete anos tem comprometido seus estudos e carreira para cuidar do filho; mesmo sem chances profissionais, permanece na Alemanha, entre outros aspectos, pelas facilidades que o país apresenta para futuro dele.

Somente Carol e outras duas não questionaram a maternidade como imprescindível para suas vidas. Sharon, por exemplo, mãe de três meninos, afirmou veementemente: “Isso do instinto maternal!? Sou super, super, superagressiva com isso!”.

Algumas mulheres especularam sobre o desejo de maternidade ser algo aprendido ou ser resultado de pressão social e familiar. Outras, sobre a aura sublime que cerca a ideia da mãe, da mulher grávida. Outras, sobre o impacto da escolha de ser mãe na carreira profissional e na liberdade da mulher. Além do instinto materno, o relógio biológico como marcador da decisão, antes que se tornasse tarde demais, apareceu na fala de duas entrevistadas. “[No caso do segundo filho] foi realmente assim... relógio biológico gritando “Gata, vai logo! Se for, tem que ser agora”” (Sharon).

Para duas mulheres foi a boa relação com o marido que as fez sair da ambiguidade e decidir por filh@s como forma de se estender a relação a um nível mais alto, o de “uma família completa”. Três outras estavam claramente decididas contra a maternidade, mas a boa relação com os parceiros as fez repensar essa possibilidade.

No quería tener hijos, pero en algún momento de nuestra relación, de nuestra vida em pareja, pensé que sería súper lindo tener un hijo ahora, entonces no sé perfectamente por qué este, pero en algún momento yo estaba, yo estaba como ... ¡como lista!

(Bruna)

Uma decidiu-se pela maternidade por amor ao parceiro, que muito o desejava: “*Mi esposo estaba súper claro que quería tener hijos. Pero bueno, lo veo como que retrasamos un poco la maternidad paternidad por mí. Porque yo tenía que estudiar, resolver varios temas, me sentía fatal*” (Gabriela).

Uma outra entrevistada, Clarice, optou pela maternidade como uma razão para seguir vivendo. A criança seria um novo destino para seu investimento afetivo. “O ser mãe veio de uma situação que foi dramática na minha vida, que foi a morte do meu pai, e naquele momento senti a necessidade de algo que realmente me desse sentido de viver”.

(b) *Maternidade como compensação para a insatisfação laboral*

“*Eso de tener una ocupación, siendo madre o no, es prioridad pues ¡como mujer no deberíamos de dejarlo en ningún momento!*” (Bruna).

Uma das perguntas iniciais desse estudo foi se a maternidade serviu para compensar a insatisfação com a vida profissional interrompida com a migração.

“Essa coisa de “Eu ficar com meu filho o tempo todo e isso me preenche!” Eu preciso fazer outras coisas também” (Sharon).

Entre as entrevistadas, a tendência foi que, em nível psíquico e emocional, a maternidade nem concorre com a vida profissional, nem compensa a insatisfação com a mesma. “[Tornei-me aqui] uma *Hausfrau* uma mãe...²¹⁶ Mulher, casada, mãe... E agora? E eu não nasci para ser só isso. Eu não quero ser só isso!” (Solange).

(c) *(In)compatibilidade entre maternidade e carreira*

A preocupação sobre a compatibilidade entre maternidade e carreira foi amplamente relatada por várias mulheres. Duas delas, observando em universidades alemãs a dificuldade de suas companheiras e professoras em conciliar profissão e maternidade ou mesmo decidindo-se contra a segunda em nome da primeira, afirmaram. “*He visto, también he hablado con compañeras universitarias, es que algunas mujeres (...) deciden como muy conscientemente no tener hijos para poder tener una carrera universitaria exitosa*” (Rosa). “*¡Mientras menos hijos, mejor! (...) Cuando mi amiga (...) decidió tener hijos, pues era como la oveja negra, ¿no?, ya los colegas la comenzaron a excluir*” (Graciela).

²¹⁶ *Hausfrau* = dona de casa

Outras mulheres também falaram ou de sua própria dificuldade de compaginar maternidade e trabalho ou de experiências de mulheres em seu ambiente social na Alemanha.

(d) *Maternidade e identidade feminina*

Perguntadas sobre como veem a maternidade e a identidade feminina, somente Carol se referiu a ambas como um binômio. Complementa sua identidade o fato de ser mãe. Todas as outras mulheres têm opinião semelhante à de Bruna: “*No veo la maternidad como parte de la vida de una mujer*”.

Em seu polêmico artigo *Regretting Motherhood*, Donath (2015) afirmou que, nas últimas décadas, muitos estudos têm questionado o fato de, nas sociedades ocidentais, feminilidade e maternidade serem consideradas como sinônimos, ignorando-se a essência cultural e histórica dessa construção. A consequência desse fenômeno é que as mulheres são tratadas como cuidadoras naturais que devem seguir um roteiro convencional como se pode ver nesse trecho:

Até que meu marido faz bastante. Mas aí, chega no final do dia, ele conta tudinho que ele fez, sabe? E ainda fala assim “Eu fiz tudo com os pés nas costas! Tranquilão!” Mas é a parada que eu faço todo dia, cara! (...) De onde saiu isso que é minha obrigação?

(Sharon)

Duas entrevistadas contaram cenas em que desmitificam a idealização da maternidade e o imperativo da felicidade arquitetado há séculos em torno da gravidez.

Eu fiquei uma pessoa insuportável, um ser humano assim... superagressivo. Gente, eu tenho que chegar no final do dia comigo! E aí, quando ele nasceu, eu olhava para as mulheres na rua, grávidas, e falava “Coitada, a gente, coitada!”

(Sharon)

Estaba embarazada yo pensaba, yo hablaba mucho de... de lo incómodo que era estar embarazada. (...) no quería atravesar el dolor del parto y no me gustaba tener la panza... O sea, todas esas cosas yo las decía ¿no? Y entonces la gente me veía horrorizada porque la gente pensaba que yo odiaba a mi hijo.

(Rosa)

A sociedade tende a reforçar as práticas regulatórias e repetitivas buscando uniformizar as performances do indivíduo que sejam coerentes com sua cultura, por exemplo, no que diz respeito a sexo, desejo e gênero (Figueiredo Souza e Polivanov, 2019). O indivíduo que repete o que foi regulado é validado como sujeito pertencente a esse ou aquele gênero, explicaram os autores referindo-se à teoria de J. Butler (2016). Pode-se concluir, então, que performatizar o amor materno, sacralizar a gravidez, exhibir “o sorriso da mulher grávida cuja barriga anuncia que todos devem se alegrar porque ela traz em si

um bebê”,²¹⁷ são formas socialmente estabelecidas para que a mulher se construa e seja reconhecido como um sujeito de identidade feminina.

(e) *Dificuldades e facilidades de se ter/criar filhos na Alemanha*

No quesito dificuldades e facilidades de se ter e criar filhos na Alemanha, os fatores positivos claramente superaram os negativos. Entre os positivos se encontram, por exemplo, diversos benefícios sociais, segurança pública, creches, escolas e universidades gratuitas.²¹⁸ Como explicou Ramos (2013), a imigração pode trazer mudanças positivas e negativas, sendo comum entre as positivas, a melhoria das condições socioeconômicas, de educação e de saúde. Nem todas as entrevistadas, porém, veem as ofertas governamentais de forma tão positiva. À Graciela, que enfrentou grande dificuldade para compaginar família e estudo/trabalho, as ofertas parecem poucas. Seu ponto de vista está, de fato, de acordo com as estatísticas sobre a carência de creches e jardins na Alemanha, um dos grandes temas sócio-políticos atuais. *“No me extraña [por la falta de red social de apoyo y las pocas ofertas del gobierno] que el índice de natalidad en Alemania sea tan bajo, sobre todo si quieres hacer carrera, ¿no?”* (Graciela).

Esse aspecto, apontado também por Bruna, Amapola e Jasmim, parecem servir de ilustração para a afirmação de Badinter (2010) sobre a questão da maternidade na Alemanha. A autora observou que nesse país muitas mulheres relutam em se tornarem mães ou se decidem contra isso, pois sentem que a maternidade as manteria “presas” em casa/à casa. Badinter salientou o baixo índice de natalidade na Alemanha, em grande contraste com, por exemplo, França, onde as mulheres, normalmente, se reinserem no mercado de trabalho integralmente poucos meses após o parto.

“Yo me vi más, más forzada a quedarme en casa, por ejemplo, y veo que... que esa... esa parte como que me ha costado mucho ahora para regresar a trabajar” (Bruna).

Com efeito, ter que permanecer em casa para cuidar dos filhos, deixando o trabalho em compasso de espera, foi uma preocupação de sete das mulheres, mães e não mães. Os pontos negativos de se ter filh@s na Alemanha se resumem em torno da limitação de alternativas que oferecem maior flexibilidade para se cuidar dos filhos. Segundo o *Demographie Portal* a decisão de muitas mulheres altamente qualificadas contra a

²¹⁷ Fala de uma paciente de psicoterapia no consultório da investigadora em dezembro de 2022. (A paciente autorizou a citação anonimizada nesse estudo.)

²¹⁸ Para um detalhamento desses benefícios, ver o capítulo “Alemanha: Fatos e dados que afetam a vida do grupo alvo”.

maternidade se deve principalmente às condições estruturais para conciliar família e carreira, um problema atual na Alemanha.²¹⁹ Para além da queixa de Graciela em relação à carência de alternativas oficiais, Bruna e outras duas entrevistadas lamentam a ausência de rede familiar e social de apoio para cuidar da criança e da casa. Nos diferentes países da América Latina, famílias expandidas estão, em geral, disponíveis para ajudar com tais tarefas. Além disso, é socialmente aceito e financeiramente viável pagar babás e empregadas domésticas, *nannies* y *muchachas*, a uma pessoa que não pertença nem à rede familiar, nem à social que execute parte das tarefas diárias.²²⁰

Mi familia, en México, quizás me ayudaría en algunas cosas, pero yo podría tener a alguien en casa trabajando todos los días, por ejemplo, haciendo toda la casa y yo podría regresar a trabajar, por ejemplo, en vez. (...) Aquí los primeros años son... Yo siento que están hechos para que alguien se quede en casa em los niños. (...) Pero siento que, la mujer, tienes que quedarte a fuerza.

(Bruna)

4.6.8 Estudos e vida profissional

Uma vez que o objetivo desse estudo é investigar o bem-estar mental de acadêmicas latinas que migraram para a Alemanha devido a uma relação romântica, são centrais as questões relacionadas à vida profissional dessas mulheres. Uma parte da entrevista, assim como uma do inquérito online, foi dedicada a esse tema. Ele é mais um rizoma que, nesse *corpus* de dez entrevistas, se entrelaça não só com o bem-estar, mas também com a identidade, o processo de aculturação, o estresse aculturativo, a maternidade, a vida de casal, os preconceitos contra estrangeiros, as políticas sociais do país de acolhimento. Das expressões-chaves – “estudos acadêmicos” e “vida profissional” – lançadas como motes pela entrevistadora, emergiram muitas narrativas. O tema foi aludido com diversas ramificações – que aparecem como subcódigos na Figura 4.18 – 335 vezes.

²¹⁹ <https://www.demografie-portal.de>.

²²⁰ No escopo dessa investigação, não se procederá a uma discussão sobre esse fenômeno social.

Figura 4.18. Frequência de referência a facetas do tema Estudos/Trabalho

Estudos/Trabalho	13
Vocacao_sonho-inicial	20
Motivos-escolha-carreira	14
Expectativas ao chegar à Alemanha	15
Desvalorizacao da/desinteresse por - experiê...	12
Desilusao/Frustracao	29
Desafios enfrentados	82
Busca de informacao/ajuda	14
Reconhecimento de diploma	11
Satisfacao pessoal	19
Desenvolvimento pessoal	16
Respeito pelo título?	15
Adequacao dos estudos ao mercado alemao	5
Novo estudo na Alemanha	10
Mudanca de área profissional	15
Trabalhos abaixo da qualificacao	23
Questao financeira/trabalho	22

Fonte: Elaborado pela autora (*software* MAXQDA)

Vê-se claramente na Figura 4.18 acima que “desafios enfrentados” sobressaiu como o subtema com maior número de referências (82). Em seguida vêm desilusões e frustrações associadas à vida profissional na Alemanha (29) e trabalhos abaixo da qualificação e trabalho (23).

Para se investigar se havia diferenças significativas entre a quantidade de referências a cada subtema e grupos específicos, foram explorados diferentes grupamentos de perfis com o *software* MAXQDA, por exemplo, falantes de espanhol *versus* falantes de português, imigrantes com idades abaixo de 50 *versus* com idade acima de 50, formadas em ciências sociais e humanas *versus* formadas em ciências biológicas. Uma diferença saliente foi encontrada ao se comparar as imigrantes que chegaram antes de 2012 com as

que chegaram em ou depois de 2012, o ano de promulgação da Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados (*Fachkräfteeinwanderungsgesetz*).

Figura 4.19. Frequência de referência a facetas de Estudos/Trabalho de acordo com data de chegada



Fonte: Elaborado pela autora (software MAXQDA)

Na figura acima, quanto maior o tamanho do quadrado, maior o número de vezes em que as entrevistadas se referiram ao tema dessa determinada ramificação.

(a) *Efeito da Fachkräfteeinwanderungsgesetz*

Entre as entrevistadas, assim como para as respondentes do inquérito online, a publicação da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados) foi, de fato, um divisor de águas. Pode-se notar na Figura 4.19 que o grupo das imigrantes que chegaram após 2012 se referiu mais vezes aos subtemas satisfação pessoal, desenvolvimento pessoal e questão financeira e trabalho; o outro grupo se concentrou nas desilusões e frustrações, desafios enfrentados na busca de emprego, respeito maior por título acadêmico conquistado na Alemanha, desvalorização e desinteresse por estudos feitos no estrangeiro, empregos abaixo da qualificação e busca de informação sobre como se integrar no mercado e reconhecimento do diploma.

(b) *Escolha da profissão*

Eu queria ajudar, mas não só no sentido de caridade, queria lutar, mudar a política, o sistema político. O que eu queria mobilizar? Eu queria mudar o mundo e eu queria que todo mundo tivesse direitos iguais e que todo mundo... Era um sonho muito alto.

(Solange)

Perguntadas sobre qual foi a motivação por detrás da escolha do curso acadêmico, as imigrantes entrevistadas apontaram motivos diferentes, mas sempre positivos e de grande valor para elas no momento da escolha. A socióloga, a artista plástica e a assistente social tinham a intenção de se preparar para trabalhar por um mundo melhor, mais justo. A bióloga e as biotecnólogas seguiram sua paixão por ciências naturais. As advogadas queriam estar na corte lutando por mulheres e pelo direito das famílias. A psicóloga queria cuidar das pessoas. A esportista queria se preparar para as Olimpíadas da forma mais profissional possível. Para oito das dez, a interrupção da carreira devido à migração ou adiou, ou impossibilitou a realização desses planos.

(c) *Expectativas e realizações*

Entre todas as entrevistadas, somente Solange teve uma expectativa negativa desde a chegada, e que se confirmou. Em mais de 20 anos morando na Alemanha, trabalhou a maior parte do tempo como faxineira e organizadora de prateleiras em mercado. Ambas as biotecnólogas já haviam se informado sobre o mercado laboral alemão e chegaram confiantes. Suas expectativas não foram contrariadas. Ambas encontraram em emprego suas áreas imediatamente. É mister ressaltar que há semelhanças significativas em seus trajetos profissionais na Alemanha. Ambas chegaram depois que a *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*, não necessitaram do reconhecimento do diploma para serem contratadas e trabalham em empresas cuja língua oficial é o inglês. Sobretudo, ambas têm formação em biomedicina, área em constante crescimento no mercado alemão.

Três imigrantes chegaram num momento em que lhes faltava apenas acabar de escrever suas teses de doutorado. Estavam certas de que poderiam fazê-lo na Alemanha. As advogadas estavam seguras de que conseguiriam emprego em suas áreas, ainda que fosse em inglês. A desportista aceitou vir com o esposo por ver no país uma possibilidade de ampliar seus conhecimentos e internacionalizar sua carreira em universidades alemãs. Todas se desiludiram.

Duas mulheres vieram baseadas num acordo de que seria só por poucos anos, então não criaram expectativas sobre suas vidas laborais. Acabaram ficando e se reinventando profissionalmente.

(d) *Desvalorização de/desinteresse por estudos feitos nos países de origem*

Eu acho que é uma questão intercultural. Eu acho que tem uma coisa de... Você fez, mas foi um país subdesenvolvido, sabe, não está sabendo muito bem as coisas que acontecem aqui.... É melhor fazer aqui para ficar seguro...

(Sharon)

Seis mulheres se referiram ao fato de serem subestimadas profissionalmente, apesar do diploma universitário e da experiência na área de estudo em seus países. Algumas viveram tais experiências em repartições públicas responsáveis por reconhecer seus estudos; duas, em ambientes acadêmicos onde estavam inseridas; outras o viveram durante a busca de emprego – seja junto ao *Arbeitsamt* (órgão do Ministério do Trabalho), seja nas empresas para nas quais se candidataram a empregos.

Yo hacía mis 3000 solicitudes de trabajo muchas veces, al principio no me llamaban para entrevista y mi vecina, que tiene nombre alemán, a ella siempre la llamaban. (...) Ella me dijo “Tu problema es tu nombre. Debiste haberte quedado em el nombre de tu marido.

(Rosa)

Essa experiência relatada por Rosa corrobora, indiretamente, o que foi narrado por Sharon. Ambos casos revelam *la jerarquía de culturas*. Nas palavras de Graciela, “*es como si uno viniera sin... sin nada, como lo que uno tiene que aportar no es válido*”.

(e) *Desafios enfrentados, desilusões e algum êxito ao longo do caminho*

O tema mais explorado pelas respondentes foram os desafios enfrentados na tentativa de entrar no mercado de trabalho na Alemanha. Rosa – dois doutorados, um deles na Alemanha, imigração em 2005 – fala com tristeza sobre sua situação precária. “*No tengo un trabajo estable, ahorita estoy buscando trabajo (...) No he encontrado en todo este tiempo como imponerme en el mercado laboral alemán*”.

As biotecnólogas trabalham desde o início em sua área. Entre as outras oito imigrantes, duas, depois de muita luta, trabalham atualmente em suas áreas. A assistente social conseguiu ser contratada *part time* pela organização onde havia trabalhado como voluntária. A artista plástica, depois de 12 anos tentando que uma universidade aceitasse seu mestrado brasileiro em Artes e Restauração, conseguiu cursar um doutorado em linguística. Atualmente é docente de português numa universidade, mas sua função ainda está abaixo de sua qualificação.

O que mais pesava realmente foi o fato de eu ter deixado uma vida profissional que já estava engatilhada. Tinha terminado o meu mestrado e já estava com o trabalho reconhecido em duas universidades (...) E aqui vindo comecei do zero.

(Jasmim)

Das três mulheres que vieram com o doutorado quase terminado, uma, a advogada, não encontrou uma universidade que quisesse aceitá-la como doutoranda. Além disso, não tinha nem tempo, nem energia para fazer algo além de aprender o idioma alemão. Por fim, fez um novo mestrado no país de acolhida, o que também resultou infrutífero. *“Entonces cada vez era como más lejano esta persona que fue abogada en su momento se iba desvaneciendo”* (Graciela).

A socióloga, depois de lutar por cinco anos com os problemas para aprender o idioma enquanto vivia problemas de violência com o marido, dedicou-se a um novo doutorado. A esportista tinha que seguir o esposo de uma cidade para outra devido ao seu doutorado. Depois de dois anos, deliberou com o marido que ela, além de se dedicar a aprender alemão e tentar engravidar, assumiria os afazeres da casa e ele se concentraria em sua própria tese primeiro. Treze anos depois da imigração ainda não concluiu seu doutorado nem conseguiu emprego.

Nenhuma das duas advogadas teve o diploma devidamente reconhecido nem conseguiu emprego em sua área até o momento, mais de quinze anos depois. A advogada mexicana, dezenove anos após a imigração, como os filhos estão mais independentes, voltou a estudar no Reino Unido. A psicóloga descobriu que a trajetória desde o diploma em psicologia até a licença para trabalhar como psicoterapeuta na Alemanha, o que já fazia no Brasil, é um caminho moroso, longo e caro. Decidiu estudar medicina, que lhe tomaria o mesmo tempo. A bióloga que imigrou devido a um projeto de dois anos do trabalho do esposo fez cursos de alemão e se dedicou a fazer joalheria, seu *hobby*. De um projeto a outro, vivem há mais de cinco anos no país. Quando percebeu que permaneceriam por tempo indeterminado, sentindo-se *muy oxidada* profissionalmente, buscou somente empregos abaixo de seu nível acadêmico.

(f) *Busca de informação e reconhecimento de diploma*

“Como no sabía exactamente hacia donde ir, preguntaba de em lado...preguntaba em lado. Me acerqué y pregunté a la Cámara de Abogados, al Ministerio de Justicia...”(Graciela.).

Com exceção da bióloga, todas as entrevistadas buscaram informações sobre como entrar no mercado laboral alemão ou como avançar com estudos acadêmicos numa universidade alemã. Cada uma buscou, por suposto, em um determinado tempo e dentro de sua própria área. As respostas recebidas parecem refletir frutos da lei de 2012, a *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*. Essa lei visou, como explicado, facilitar e abreviar o

processo de reconhecimento de diplomas estrangeiros, a multiplicação e fortalecimento de atores envolvidos no processo, assim como difusão de informações sobre como entrar no mercado laboral.

O negócio de reconhecer seu estudo é uma coisa muito demorada. Mesmo quando a gente consegue fazer isso, já perdeu muitos anos. (...) Naquela época não tive essa história de reconhecer diploma. Teria que entrar numa faculdade do zero.

(Solange, imigração em 1993)

A insuficiência de rede social de apoio ou suporte governamental para a busca de informações precisas sobre as oportunidades para estrangeiros no mercado laboral alemão foi um fator que marcou as histórias de várias entrevistadas que migraram antes de 2012. Depois da publicação da lei, entretanto, algumas delas, que tiveram conhecimento das mudanças causadas pela lei, buscaram e obtiveram respostas mais precisas junto aos órgãos responsáveis. Munidas dessas informações, tomaram diferentes decisões: (a) retomar o processo de candidatura para doutorado; (b) fazer nova graduação ou pós-graduação na Alemanha ou em outro país europeu; (c) desistir completamente da carreira e dar-se por satisfeita com um subemprego; (f) buscar trabalho em sua própria área – o que só funcionou para as biotecnólogas. “E foi um obstáculo muito grande o reconhecimento do diploma aqui. (...) É então que eu consegui o reconhecimento do mestrado e da minha especialização e resolvi então encarar um doutorado” (Jasmim, imigração em 2003).

Em resumo, nenhuma das imigrantes que chegaram antes de 2012 e buscaram informação e reconhecimento de diploma antes dessa data teve seu diploma e experiência profissional reconhecidos totalmente, pelo menos não antes da publicação da lei. Em contrapartida, as que chegaram após a publicação, nem sequer tentaram o reconhecimento e já estavam empregadas em sua área e nível acadêmico. Analisando-se o *corpus* de entrevistas, parece claro que a lei surtiu efeito positivo nas trajetórias profissionais das imigrantes.

(g) *Satisfação no trabalho e desenvolvimento pessoal*

Entonces, para mí, tener un trabajo no es simplemente tener algo que te dé para vivir, sino de verdad, tener algo que te haga feliz, que te haga cumplir objetivos, metas, te haga llegar a algún lado en la vida.

(Dorotea)

Todas as entrevistadas veem o trabalho como um fator importante de suas vidas, crucial tanto para a satisfação pessoal como para o desenvolvimento pessoal. Nove delas investiram tempo e energia para dar continuidade a suas carreiras na Alemanha, duas o lograram 100%. A única que pareceu dar menor importância à sua carreira foi Amapola.

Não lhe doeu nunca exercer sua profissão na Alemanha. Mesmo assim, para ela o trabalho está fortemente associado à questão do desenvolvimento social e dos conhecimentos do idioma, assim como é a fonte que financia sua independência e a possibilita investir em seus *hobbies*, sua principal fonte de satisfação.

(h) *Diferenças nas atitudes de respeito em relação a títulos acadêmicos*

“Yo me di cuenta cuando empecé el doctorado que la gente me trataba completamente diferente (...) Tengo experiencia em el Trabajo desde 1980, ahora me llaman más porque tengo em doctorado ¿no?”

(Rosa)

Rosa narrou várias situações em que percebeu ser tratada com mais atenção e respeito na Alemanha quando descobriam que ela tem um título de doutorado alemão. Seu doutorado feito no México não parecia causar o mesmo efeito nas pessoas. Jasmim narrou sua experiência num debate da universidade. Todos os convidados eram doutores. Ela discordou da opinião de um alemão. Ele desqualificou seu argumento e se dirigiu a ela com a palavra *Schatz*, usada normalmente entre casais ou com crianças.²²¹ Posteriormente, em outro argumento, a entrevistada mencionou uma investigação científica que realizou para seu doutorado numa renomada universidade alemã. “Então a pessoa, depois de saber de meu doutorado na Alemanha, tomou um susto e mudou o tom da conversa” (Jasmim). Segundo a percepção de Jasmim, o episódio envolveu dois componentes já mencionados anteriormente, nomeadamente, racismo, pelo fato de ela ser estrangeira e mestiça, e eurocentrismo, porque a pessoa que a destratou supôs que ela havia feito seu doutorado no Brasil. O estresse gerado pelas experiências com racismo (ou atitude semelhante) por parte do entorno alemão irmana os relatos de Rosa e Jasmim. Clarice, por outro lado, tem outra impressão sobre as atitudes dos alemães em relação ao título acadêmico.

[Acho os alemães acolhedores] por aceitar que você tem um nível profissional que é equivalente ao mesmo nível profissional de uma pessoa daqui. Então eles têm um certo respeito, claro. (...) quando a pessoa tem uma formação [universitária], sabe falar inglês.

(Clarice)

Tendo chegado depois da publicação da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*, a entrada de Clarice no mercado de trabalho não teve percalços. Sua formação universitária em biomedicina foi considerada equivalente a alemã, ela falava inglês e, como ela mesma acrescentou a seguir, é uma “pessoa de pele branca”. De estrangeiros de pele escura disse já ter ouvido histórias menos afortunadas.

²²¹ *Schatz* = tesouro

(i) *Formas heterodoxas de entrar no mercado*

“Aprendi aqui a não olhar a profissão, tem que pegar o que o mercado tem, né?
(...) Eu vi muitos exemplos de pessoas que tiveram um pouco mais de facilidade
quando vão pra outra área aqui” (Carol).

Na tentativa de melhorar sua empregabilidade, seis entrevistadas buscaram formas de se adaptar ao mercado alemão. Cinco voltaram a uma universidade para ampliar seus estudos anteriores ou cursar outro cuja aceitação na Alemanha é superior à de seu curso anterior. Outra abandonou a Biologia e fez uma formação profissional básica em *marketing* online.

Carol, baseada em conversas com diferentes organizações e pessoas, entre elas o esposo que é líder sindicalista, não tem expectativa de encontrar emprego na área de Educação Física, quando terminar seu doutorado. Desde já considera a possibilidade de terminar o doutorado e depois buscar uma formação em outra área que ofereça mais empregos. Essas estratégias confirmam a afirmação de Berry (1994) sobre as mudanças econômicas oriundas da imigração advindas do afastamento das atividades econômicas anteriores. Segundo o autor, elas tendem a empurrar @ imigrante em direção a novas formas de emprego/subemprego ou desemprego.

Tinha amigas que eram super qualificadas, fizeram mestrado e a coisa e tal... E viram uma vaga (...). Não tinha nada que ver com sua formação, mas (...) pegou a vaga e foi só subindo de cargo. (...) As coisas mudaram assim. (...) vi mais exemplos de pessoas que tiveram um pouco mais de facilidade quando vão pra outra área aqui.

(Carol)

(j) *Trabalhos abaixo da qualificação acadêmica*

E eu precisava realmente trabalhar. Eu tenho que dizer que meu marido era enfermeiro e a minha situação financeira não era nada boa, o dinheiro não chegava para tudo e isso faz uma diferença muito grande.

(Jasmim)

Seis das imigrantes entrevistadas aceitaram trabalhos abaixo de seu nível acadêmico, fora de sua área de estudo, temporários, pouco valorizados e mal remunerados. Devido a questões financeiras, a artista plástica foi babá e faxineira; a trabalhadora social foi faxineira e estocadora de prateleira; a psicóloga foi estocadora e atendente de *shopping*; a socióloga trabalhou como atendente na Agência Nacional de Empregos. Para além da questão financeira, aceitar um trabalho, mesmo abaixo de seu nível acadêmico, foi para

Amapola uma forma de socializar e melhorar seu conhecimento do idioma. Ela trabalhou em turnos numa fábrica de filtros. *“Desde que llegué mi esposo me em mantenido. Yo quería ya tener mis propios ingresos. Quería tener contacto con gente y hablar alemán en otro contexto”*.

O caso de busca de emprego com mais tentativas e mais frustrações talvez seja o de Graciela.²²² Entre outras tentativas, fez serviços de escritório numa firma de *relocation* por se tratar de uma empresa que precisava de advogados, onde talvez ela tivesse uma chance. Não teve. Trabalhou como *hostess* e intérprete em feiras internacionais. Fez uma formação de *Beistand vor Gericht*, mas só teve um caso em anos. Trabalhou traduzindo termos legais de espanhol e alemão para uma tradutora juramentada.²²³ Atualmente, é professora de iniciação musical para crianças. Cada fracasso a deprimia mais, abaixando seu nível de bem-estar mental. Chegou a ter problemas na relação com o esposo.

No porque era como él. Tomé en mala decisión... No debía haber venido. Ahí que comienza como el reproche “¿Por qué diablos estoy aquí? Tenía esto o tenía lo otro. Em mi país no se gana mucho, pero por lo menos podía haber sobrevivido. Etcétera, etcétera.

(Graciela)

Perguntada como essas experiências e o distanciamento de sua carreira de direito a afetam sua resposta, Graciela apontou para a questão da perda de identidade:

Una parte de la identidad que uno construyó a lo largo de su vida... Y eso es doloroso también porque no es voluntario. Es algo que tú quieres, tú pones toda la energía, tú tomas las decisiones que tienes que tomar para impulsar eso. Y al final de todo sacrificio no encuentran la recompensa, porque supuestamente después del sacrificio encuentras una recompensa. ¿no?

(Graciela)

4.6.9 Pensamentos políticos sobre imigração e situação feminina

Os temas relacionados a política, imigração e situação da mulher emergiram das falas das entrevistadas. Quatro imigrantes se posicionaram claramente em relação a suas orientações políticas, declarando-se de esquerda e associando a isso suas escolhas de estudo e de vida profissional. Como ressaltou Jasmim: “[...] é política, entenda-se aqui, não no sentido partidário, mas precisa sim, de atitude reflexiva e uma questão de atitude” (Jasmim). Uma entrevistada se classificou como “apolítica”: *“Digamos, dejando a los demás, a las demás personas, ser y creer lo que quiere”* (Amapola).

De modo geral, os pensamentos com conotações políticas emergiram enredados com temas diversos como o sistema social alemão, as escolhas profissionais, o papel da

²²² Graciela foi a pessoa que mais falou de sua trajetória laboral na Alemanha.

²²³ *Beistand vor Gericht* = acompanhante de tribunal

mulher na família e sociedade. As seis imigrantes que destacaram suas opiniões políticas como parte de sua identidade se classificaram como “de esquerda”. As demais ou não se referiram ao tema em geral ou se referiram, mas não o consideraram central em sua identidade.

Figura 4.20. Pensamentos de caráter político



Fonte: Elaborado pela autora (software MAXQDA)

4.6.10 *Papel do dinheiro na vida do casal*

Outro tema emergente foi a relação dinheiro e vida conjugal. No caso de quatro entrevistadas, o aspecto financeiro teve um papel importante em suas decisões sobre a imigração ou sobre a vida profissional no país de acolhida, normalmente com consequências pessoais e familiares. Todas elas estavam empregadas em seus países em posições compatíveis com seus níveis acadêmicos. Medeias, de Eurípedes, trocaram a pátria e carreiras pela vida em comum com um@ estrangeir@.

Solange estava empregada como trabalhadora social numa grande ONG no Brasil, porém não ganhava o suficiente para manter a si e o esposo alemão desempregado. A situação ficou mais complicada com a gravidez, então decidiram mudar-se para a Alemanha, onde ele poderia encontrar trabalho mais fácil e a família poderia contar com os apoios socioeconômicos do governo. Em nível pessoal, ela teve que “começar do zero”.

Por não saber a língua e ter que começar do zero, eu não tinha muita expectativa em relação à minha profissão. Eu cheguei aqui como... como uma *Hausfrau* como uma mãe... Mulher, casada, mãe... E agora? E eu não nasci para ser só isso. Eu quero ser só isso!²²⁴

(Solange)

A artista plástica era professora numa Faculdade de Artes da Universidade Federal de seu estado no Brasil quando se mudou para a Alemanha por ter casado com um enfermeiro – profissão mal remunerada nesse país.

Minha situação financeira não era nada boa, o dinheiro não chegava para tudo e isso faz uma diferença muito grande. (...) tive que fazer coisas assim, por exemplo, a limpeza, trabalho de faxina, cheguei a trabalhar cuidando de criança!

(Jasmim)

A socióloga, que trabalhava como investigadora na área de sociologia no México, casou-se com um alemão e foi surpreendida pela forma como ele e sua família a trataram depois da imigração. A sogra exigiu um acordo pré-nupcial. O marido a proibia de usar o próprio dinheiro ganhado em seus trabalhos na universidade mexicana.

[La discusión sobre dinero] ocupaba el 80% de mi tiempo, porque en el lugar donde vivíamos, mi hijo no tenía cama, no teníamos mesa, no teníamos sillón (...) Y entonces realmente mi tiempo se ocupaba en discutir con esta persona sobre la necesidad de comprar ciertos productos que yo no tenía. He aprobado comprar ni siquiera em mi dinero, de la beca del Estado mexicano.

(Rosa)

A psicóloga estava terminando seu curso de medicina quando foi entrevistada. Ainda que tenha recebido bolsa de estudos do governo, era o esposo que se encarregava, até então, das contas da família. Segundo ela, ele tentava controlar suas compras, exigia que assumisse cem por cento o cuidado dos filhos sempre que ela estivesse perto deles (ainda que, em sua ausência atuasse como um bom pai cuidadoso) e fantasiava que ela, assim que obtenha um cargo bem remunerado como médica, vá abandoná-lo.

Sobre as nossas finanças a gente conversa quando estiver formada porque aí isso não está mais em jogo com relação ao casamento. Cada um tem o seu dinheiro e a gente não vai ter mais esse peso. Aí a conversa vira e ele fala assim “Porque você falou que quando você se formar, você vai se separar de mim!” Eu falei “São duas coisas diferentes. Eu falei que a gente vai falar sobre o dinheiro lá, porque é onde você não pode mais fazer esse jogo de poder, né? (...) E nem é que eu estou gastando dinheiro que você ganha, mas na verdade só pode ganhar dinheiro porque estou aqui cuidando dos seus filhos.

(Sharon)

²²⁴ *Hausfrau* = dona de casa

Partindo dos objetivos propostos para esse estudo, construiu-se um roteiro de entrevista semiestruturado. O roteiro provou ser eficiente para conduzir e acompanhar as entrevistadas em suas narrativas e reflexões e, ao mesmo tempo, coletar material para investigar se há, entre as migrantes profissionalmente qualificadas, uma relação entre a interrupção da carreira, a minoração do sentimento de identidade e a saúde mental. Buscou-se analisar o grau de importância da profissão na construção da identidade dessas mulheres imigrantes profissionalmente qualificadas e se as entrevistadas foram confrontadas com dificuldade de integração laboral. Todas mostraram ser alta a importância de seus estudos e de sua profissão, tanto nos países natais como na Alemanha. Oito das dez entrevistadas experienciaram grandes dificuldades na busca de trabalhos renumerados em seu nível acadêmico no país de acolhimento. As únicas que tiveram êxito rapidamente trabalham em inglês numa área científica em constante expansão no país e chegaram depois de 2012, ano da publicação da *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*.

O estudo buscou verificar também se a dificuldade em dar continuidade à carreira profissional provocou insatisfação nessas mulheres e se teve impacto sobre sua identidade e sua saúde mental. Nota-se como as imigrantes que não puderam se colocar adequadamente no mercado laboral falaram de como se distanciaram das áreas profissionais que haviam escolhido em seus países de origem e dos sonhos dos tempos de estudo.²²⁵ A advogada peruana, por exemplo, relatou como, frustração após frustração, foi se dando conta da impossibilidade de exercer sua profissão na Alemanha e se despedindo de parte de si, de sua identidade. Também foi claro que há um impacto do fracasso da carreira sobre a saúde e bem-estar mental de muitas mulheres. O simples fato de as mulheres sentirem que, devido à imigração, perderam algo importante para sua identidade, como a carreira, já pode ser considerado um fator de risco para sua saúde e bem-estar mental. Além disso, o fato de não terem seus estudos e experiências profissionais reconhecidas no novo país levou, em alguns casos, a sentimento de menos-valia, autoimagem negativa, baixa autoestima, baixo moral, isolamento social, depressão, insatisfação com a vida em geral e um sentimento de ser uma vítima indefesa das circunstâncias. Do rizoma bem-estar e saúde mental participam, no entanto, outros fatores

²²⁵ Os resultados dessa investigação se alinharam com os de Girona (2016: 92), que afirmou “muchas de nuestras protagonistas dejaron por amor una buena posición laboral y, en todos los casos, la empeoraron con su emigración, condicionando su carrera profesional. (...) es un proceso de transformación de una profesional cualificada en un ama de casa, y de una mujer autónoma financieramente a una dependiente de su marido.”

de risco como o confronto com o preconceito, o estereótipo e a discriminação, também experienciados por muitas na Alemanha.

Outra questão investigada foi o papel da maternidade no grau de satisfação pessoal e bem-estar daquelas mulheres cuja satisfação laboral não pode ser encontrada – ou continuada – no país de acolhimento. Revelou-se que, no caso das entrevistadas, a opção pela maternidade não compensou a insatisfação com a vida profissional. Aparentemente, os sentimentos ligados a cada área – profissão e maternidade – não são nem concorrentes, nem complementares, nem intercambiáveis.

Das hipóteses iniciais confirmaram-se quatro, a recordar:

- As entrevistadas tinham grande interesse em suas carreiras profissionais no país natal e nove delas o mantiveram no novo país. Isso se pode notar em seus esforços para entrar no mercado de trabalho alemão.
- As imigrantes experimentaram estresse de aculturação. Uma grande parte desse estresse foi devido ao desafio de aprender o idioma alemão, outra, devido ao estilo alemão de ser;
- Aquelas que chegaram após 2012 tiveram mais facilidade com o reconhecimento do diploma. Provavelmente, essa facilidade se deveu à *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados);
- Ainda que apenas durante um tempo específico, algumas mulheres já questionaram sua decisão de migrar para a Alemanha. Em todos os casos, devido a problemas com a carreira/profissão.

4.7 TRIANGULAÇÃO: O DIÁLOGO DOS DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Nesse estudo seguiu-se a recomendação de Creswell (2009) para discutir e apresentar as interpretações da triangulação. A coleta dos dados quantitativos e a dos qualitativos foram, parcialmente, simultâneas. A análise quantitativa (estatística) e a qualitativa (análise de conteúdo) tiveram o mesmo peso (importância) na triangulação, os resultados das análises foram integrados para corroborar um ao outro e buscar possíveis discrepâncias, a fim de se alcançar uma *crossvalidation* (validação cruzada). Além disso, como sugerido pelo autor, usam-se aqui trechos das entrevistas para corroborar os resultados estatísticos mencionados.

4.7.1 *Vida laboral na Alemanha*

(a) *Literacidade em alemão e vida profissional*

Os resultados estatísticos apontaram que a falta de literacidade em alemão nem sempre constitui uma barreira à empregabilidade das imigrantes, independentemente de sua área de formação. Quarenta e cinco por cento das imigrantes estão atualmente empregadas ou trabalham como autônomas em seu nível acadêmico, sem ter que comprovar conhecimentos do idioma. O mesmo pode ser afirmado também sobre os dados qualitativos. Duas das entrevistadas encontraram emprego em seu nível acadêmicos onde trabalham somente em inglês. “[*Trabajo solo*] en inglés. Bueno, ahora soy técnico. Hablo mucho mejor alemán que antes. Sí, sin duda, pero tampoco me siento cómoda trabajando en él” (Dorothea). “Acho que isso conta muito quando a pessoa tem uma formação na graduação, sabe falar inglês e o mestrado e já vem para cá com essa, com esse conhecimento, então já consegue se adequar mais, mais facilmente.” (Clarice).

(b) *Reconhecimento de diploma*

Como se viu nos resultados da estatística descritiva, 49 imigrantes obtiveram 100% de reconhecimento do diploma; dessas, 39 chegaram depois da entrada em vigor da lei *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados). Entre as dez entrevistadas, duas também obtiveram 100% de reconhecimento. Ambas chegaram depois de 2012, não necessitaram pedir o reconhecimento junto a um órgão oficial antes de começar a trabalhar, tampouco precisaram de literalidade em alemão para serem empregadas em seu nível e área acadêmicos. Tanto os resultados dos dados quantitativos quanto dos qualitativos apontam para um efeito positivo da lei que pretende facilitar a integração laboral de imigrantes.²²⁶ “Eu diria que os alemães são muito acolhedores (...) por aceitar que você tem um nível profissional que é equivalente ao mesmo nível profissional de uma pessoa daqui” (Clarice).

Outro indicativo que sugere ter tido a lei de 2012 efeito sobre a integração de imigrantes no mercado laboral alemão, é o fato de que entre as 66 mulheres imigrantes que precisaram de menos de 6 meses para começar num primeiro emprego, 49 chegaram depois de 2012. As entrevistadas Clarice (imigração em 2015) e Dorothea (ano de chegada 2020),

²²⁶ A lei *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* foi reforçada em 2023 com detalhes que pretendem dinamizar o processo de integração laboral de imigrantes. Os efeitos dessa mudança, entretanto, não cabem no escopo do atual estudo.

em contraponto com as outras oito que chegaram antes de 2012, encontraram emprego em sua área e nível poucos meses após a migração.

(c) *Situação empregatícia atual*

Tanto no grupo do inquérito, como no de entrevistadas, é clara a diferença entre as áreas de formação. Em ambas as imigrantes formadas em cursos da área biológica e de saúde tiveram melhores chances no mercado laboral.²²⁷ No inquérito, 18,2% (n=38) das formadas em ciências biológicas e da saúde estão empregadas em seu nível acadêmico; as demais não chegam a 5% em cada área.²²⁸ Entre as entrevistadas, as duas formadas em biológicas estão empregadas em sua área e nível. Há de se reforçar aqui que ambas são as únicas do grupo que chegaram após 2012. Além disso, segundo o *Bundesministerium für Wirtschaft und Klimaschutz* os grupos profissionais acadêmicos mais demandados no mercado de trabalho na Alemanha atual são os profissionais da área de medicina, engenharias e informática.²²⁹

(d) *Vida profissional e identidade*

No inquérito notou-se uma redução de 10% da importância da vida profissional para a identidade depois da migração para a Alemanha. Infelizmente os dados recolhidos não permitem descobrir-se a razão dessa diferença. Ela poderia estar relacionada, entretanto, a diferentes aspectos, como a decisão pela maternidade, a baixa da importância da vida profissional para a situação financeira, a desilusão experienciada em relação à carreira etc. A redução pode também estar associada às barreiras - no nível micro (família) e nível macro (leis e empresas) - para que as mulheres possam trabalhar em suas áreas e se realizarem enquanto pessoas. De todos os modos, essa parece ser uma pergunta que só pode ser respondida em nível individual. No grupo de entrevistadas, uma das participantes relatou como sua percepção da vida profissional mudou após a imigração. No seu caso, não se tratou exatamente de uma diminuição da importância da vida profissional, mas de perda da prioridade. Ela preferiu adiar seus estudos e esforços para alcançar nova vida profissional para priorizar a maternidade. “Aí o filho não veio, o processo começou a prolongar e a

²²⁷ Interessante notar que, em termos de reconhecimento e diploma, os grupos mais privilegiados foram os de Ciências Sociais e o de Ciências exatas e Engenharias. Esse dado aponta para uma discrepância entre os resultados dos processos de legalização de diplomas e o mercado.

²²⁸ Vale ressaltar que profissões como psicologia e educação física são consideradas por algumas pessoas, mas não todas, como da área de saúde. Esse detalhe mostra como a divisão “didática” para a realização do estudo cria algumas limitações.

²²⁹ Ministério Federal da Economia e Proteção Climática (<https://www.bmwk.de>)

gente falou “Então isso é importante para a gente. A gente vai precisar se dedicar à gestação” (Carol). Por outro lado, assim como 28,4% das respondentes que decidiram manter seu emprego, porque ele era importante para sua identidade, quatro das entrevistadas preferiram não interromper sua vida profissional pela importância da mesma e para seu bem-estar mental. Para seguir trabalhando, valeram-se de recursos providenciados pelo Estado. “Além das creches, os *Horten*, têm o espaço que o esposo tem que ocupar”(Solange).²³⁰

“O espaço que o marido pode ocupar” significa, aqui, a possibilidade que ambos os progenitores têm de pedir licença de seus trabalhos por meses ou mesmo anos, como se viu no capítulo “Alemanha: Fatos e dados que interferem na vida das imigrantes”.

Fato saliente é que, entre as mulheres que marcaram no inquérito 4 ou 5 para o grau de importância da vida profissional para a identidade na Alemanha, 46% estão trabalhando em sua área e nível acadêmico. Infelizmente os dados recolhidos não permitem descobrir-se se e como essas duas variáveis estão correlacionadas. Levaria a importância da vida profissional a um esforço maior para se alcançar o nível de emprego desejado ou os percalços de se encontrar um emprego, como desejado, afeta o nível de importância da vida profissional? Outra vez, essa é uma pergunta que só pode ser respondida em nível individual. No caso de Jasmim, os percalços a fizeram mais perseverante.

[Depois de 12 anos tentando] eu consegui o reconhecimento do mestrado e da minha especialização e resolvi então encarar um doutorado, porque para mim estava muito claro que quando se trata de discussões sobre a América Latina, e isso para mim realmente é muito claro, sem título, você é calado.

(Jasmin)

Solange, por outro lado, optou por não continuar tentando:

Já fiz quatro anos de universidade no Brasil, não vou começar, não vou fazer novamente”, pensei. Eu não queria perder quatro anos da minha vida repetindo o curso. Mas talvez isso foi uma coisa não muito boa que eu fiz para mim nesse momento.

(Solange)

4.7.2 Saúde mental das respondentes

Um dado saliente do inquérito foram os resultados associados a bem-estar e saúde mental medidos através da escala WEMWS. Das 205 respondentes, 110 tiveram pontuações que indicam que elas se encontravam em risco de depressão (risco de depressão clínica = 81, risco de depressão leve = 29). Avaliando-se as respostas das dez entrevistadas no inquérito online encontrou-se que uma delas alcançou pontuação relacionada a “possível

²³⁰ *Horten*: creches

depressão clínica” e duas tiveram pontuações relacionadas a “índice de depressão leve”. No tocante ao percentual de imigrantes em risco de depressão, a microanálise corroborou os resultados da macro.

(a) *Saúde mental e importância da vida profissional na Alemanha*

Entre as 81 respondentes com provável depressão clínica, 41 marcaram grau alto ou muito alto para a importância do trabalho para a identidade na Alemanha. Um resultado que se soma a esse é que todas as respondentes que marcaram ≤ 3 e não apresentaram risco de depressão, estão empregadas. Ainda que a intenção da triangulação seja fusionar os resultados quantitativos e qualitativos, aqui parece demasiado ousado cruzarem-se esses dados quantitativos diretamente com as informações sobre as entrevistadas que apresentaram risco de depressão no inquérito. Entretanto, deve-se ressaltar que seis das entrevistadas descreveram como a impossibilidade – ou dificuldade – de seguir com a vida laboral na Alemanha lhes custou energia psíquica e as prejudicou. Uma das advogadas, por exemplo, falou longamente sobre sua busca de informações e soluções e o prejuízo dessas atividades infrutíferas para seu bem-estar mental.

Estuve así como un poco mareada... Como no sabía exactamente hacia donde ir, preguntaba de un lado... preguntaba de otro lado. Me acerqué y pregunté a la Cámara de Abogados, al Ministerio de Justicia. En asesoramiento para migrantes (...) De 2006 a 2009, donde yo estaba buscando información y preguntándome qué es lo que puedo hacer. Y... y me era super frustrante. (...) me fui viendo como perdida (...) Entonces cada vez era como más lejano esta persona que fue abogada en su momento se iba desvaneciendo.

(Graciela)

A experiência das outras cinco entrevistadas relacionadas a desafios para dar continuidade à vida laboral na Alemanha varia em termos de área de estudo, fontes de informações procuradas, mas não destoam do conteúdo da fala de Graciela.

(b) *Saúde mental e nível de estresse de aculturação*

O estresse é um importante aspecto da aculturação por seu potencial de afetar a saúde mental e bem-estar dos imigrantes. De acordo com a literatura, altas pontuações do Riverside, inventário para a medição de estresse de aculturação, estão positivamente relacionados à depressão e ansiedade e, portanto, ao risco de depressão. Os resultados da análise estatística corroboraram essa relação. É importante lembrar que o Riverside mede a situação atual do estresse aculturativo, sem indicações sobre quão alto ou baixo ele pode ter sido durante o processo de aculturação propriamente dito. Por essa razão, embora nenhuma das entrevistadas tenha obtido alta pontuação no inventário Riverside, todas se

referiram intensamente ao estresse aculturativo ao responderem à questão “Como foi seu processo de aculturação na Alemanha?”.

Tabela 4.24. Processo de aculturação e estresse

<p>“<i>Bueno, okay... lo haremos así y tal... </i>”, <i>yo sentía que por dentro pues estaba haciendo implosión. Yo llegaba de mal humor a casa</i>” (Graciela)</p>	<p>“Árdua” (Jasmim)</p>	<p>“<i>Me dio un shock cultural. Un shock me dio cuando llegué</i>” (Bruna)</p>	<p>“Fiquei um pouco atrevida e comecei a falar isso porque eram coisas que me incomodavam” (Solange)</p>
	<p>“<i>He tenido muchos choques. El primer choque fue precisamente con mi exesposo</i>” (Rosa)</p>		

Fonte: Elaborado pela autora

Todas as falas acima são de mulheres que chegaram na Alemanha há mais de 10 anos, que atualmente se consideram biculturais e, de alguma forma, encontraram alguma satisfação de viver no país de acolhida – seja pela relação de casal ou pelo bem-estar social que podem oferecer a suas crianças, seja pela via da vida profissional ou intelectual. Mesmo assim, na escala WEMWS, duas delas pontuaram indícios de depressão leve e uma, possível depressão clínica.

4.7.3 Maternidade

(a) O desafio de conjugar maternidade e vida profissional

Do total de respondentes, 9,8% (n=14) se decidiram contra a maternidade pela dificuldade de compaginar trabalho e maternidade. Entre as entrevistadas, nenhuma fez o mesmo, mas uma delas pospôs a gravidez na expectativa de regularizar sua vida laboral antes de ter filhos.

Todavía no, aquí en Alemania no quería llegar y ya tener hijos. Hubiera sido la catástrofe para mí, porque quería sentir que era independiente, no estar siempre pidiéndole a mi esposo que me traduzca las cosas, no porque me acompañe al médico, que me acompañe a donde sea.

(Graciela)

Graciela e Rosa também destacaram o que lhes pareceu uma tendência entre as mulheres no meio acadêmico alemão. “*Algunas mujeres (...) deciden como muy conscientemente no tener hijos para poder tener una carrera exitosa*” (Rosa). “*¡Mientras menos hijos, mejor!*” (Graciela).

Bruna não pospôs a maternidade devido à dificuldade de conjugá-la com a vida profissional, mas sofreu posteriormente os efeitos dessa dificuldade, ainda que o esposo tenha tido licença paternidade de um ano: “*Yo me vi más, más forzada a quedarme en casa, por ejemplo, y veo que... esa parte como que me ha costado mucho ahora para regresar a trabajar*” (Bruna).

(b) *Migração como estratégia familiar*

Entre as mulheres que responderam ao inquérito, 20% já tinham se tornado mães antes da imigração. Também entre as entrevistadas, três chegaram à Alemanha acompanhadas de seus filh@s e consideraram viver na Alemanha uma melhoria da qualidade de vida para el@s.

Tabela 4.25. Benefícios para filh@s

<p>“Eu só vim para a Alemanha por conta da situação financeira, porque eu quis oferecer mais ao meu filho” (Solange)</p>	<p>“<i>Fue la mejor decisión para la educación de mi hijo (...) Quería vivir en Europa para poder sacar a mi hijo de ese entorno [machista mexicano] y educarlo de otra manera. Ese también era uno de mis objetivos</i>” (Rosa)</p>	<p>“Independente da idade da minha filha, eu sempre tive essa preocupação com ela no Brasil e aqui é bem diferente, porque você não tem uma preocupação” (Clarice)</p>
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

(c) *Mulheres childfree*

Entre as respondentes, 37 (25.9%) decidiram pela não maternidade. Entre as entrevistadas, duas (20%) fizeram a mesma decisão. Como mencionado, esse percentual está próximo ao percentual alemão de mulheres que optaram por ser *child free*.

4.7.4 Resumo da triangulação

Embora o grupo de entrevistadas tenha sido pequeno (n=10, 4,9%) do grupo do inquérito), ele refletiu claramente muitos dos resultados do grupo de respondentes (n=205). Em outras palavras, os dados qualitativos cumpriram a função esperada na triangulação, ou seja, servir de validação cruzada (*crossvalidation*) para os dados quantitativos. Através da triangulação, muitos resultados do inquérito foram corroborados pelos resultados da análise

das entrevistas, isto é, quatro hipóteses exploratórias foram fundamentadas, sobretudo os temas ligados à vida laboral, maternidade e saúde mental.

Em relação à vida profissional, a triangulação confirmou que a literalidade em alemão, em algumas situações, não é imprescindível para se encontrar um emprego. Os resultados também apontam para um efeito positivo da lei *Fachkräfteeinwanderungsgesetz* (Lei de Imigração de Trabalhadores Qualificados) de 2012. A triangulação também corroborou a correlação entre a importância da vida laboral para a identidade e a saúde mental das imigrantes.

Quanto ao bem-estar mental, além da correlação com a vida laboral, os resultados confirmaram uma correlação positiva já apontada por diversos estudos anteriores entre a saúde mental e o estresse aculturativo (Berry *et al.*, 1987, 1994; Bhugra & Jones, 2001).

Em relação ao tema maternidade, a triangulação corroborou os resultados sobre a dificuldade de se compaginar maternidade e vida laboral, a migração como uma estratégia familiar para beneficiar @s filh@s e a opção consciente de algumas mulheres pela não maternidade, que vem crescendo nos últimos anos.

Antes finalizar esse capítulo, entretanto, há de se retomar uma informação que se mostrou extremamente saliente tanto nos dados quantitativos, quanto nos qualitativos. Trata-se do grande número de imigrantes com indícios de risco de depressão. Não há como se apontar uma causa única para esse fenômeno preocupante. Entre tantos aspectos que podem ser considerados causa do aumento de risco de depressão – histórico familiar, estresse, ansiedade, medicamento, transtornos psíquicos correlacionados, disfunção hormonal, menopausa, traumas físicos ou psicológicos, diversos *life events* (Vivian-Taylor & Hickey, 404) – há de se recordar o fato de que tanto o inquérito quanto as entrevistas foram conduzidas durante a pandemia do Covid-19. As circunstâncias especiais durante a pandemia representaram um evento crítico de vida (*life event*) e um estressor (duradouro) para muitas pessoas (Strauß, Berger & Rosendahl, 2021).

Devido à restrição sanitária e ao confinamento impostos pelo discurso médico, os laços sociais foram afetados de maneira radical. (...) A precarização que vinha se produzindo desde 2008 foi intensificada pelo atual contexto social que trouxe desemprego e a ruptura das relações sociais. Os efeitos também caíram sobre as subjetividades, na medida em que a vida de todos foi colocada em risco.

(Birman, 2021: 44)

Os efeitos psicológicos do *lockdown* na população na Alemanha tem sido objeto de estudo científico nos últimos dois anos. Entringer e Hannes (2021), por exemplo, encontraram em sua investigação que as mulheres, em comparação com os homens, relataram com maior frequência índices mais baixos de bem-estar afetivo e satisfação,

assim como sentimentos de solidão e isolamento durante a pandemia. O aparecimento/fortalecimento de sofrimento psíquico e de sintomas como angústia, depressão, somatizações e estresse foram observados por diversos pesquisadores ao redor do mundo (Strauß *et al.*, 2021). Também Mauz *et al.* (2021) afirmaram que o número de casos de depressão aumentou significativamente durante a pandemia. Além disso, consequências da pandemia como o isolamento social e a crise financeira podem resultar muito adversos para a saúde mental (Prout *et al.*, 2020).

De todos os modos, a questão sobre as causas na raiz da baixa qualidade da saúde e bem-estar mental das imigrantes parece ser rizomática e só poderia ser respondida individualmente, o que ultrapassa o escopo dessa investigação.

5 CONCLUSÃO

O objetivo central deste estudo foi investigar se mulheres latinas academicamente qualificadas que migraram para a Alemanha devido a uma relação conjugal com uma pessoa nascida e residente nesse país foram confrontadas com eventuais dificuldades de integração laboral e como reagiram a isso. Em outras palavras, buscou-se verificar se – e como – a interrupção da carreira impactou sua percepção da própria identidade, seu bem-estar e saúde mental.

Para aprofundar a análise dessa potencial correlação entre interrupção de carreira, identidade e bem-estar e saúde mental, foram delineadas duas questões complementares. A primeira refere-se à construção da identidade, da identidade bicultural e da identidade feminina. Indagou-se qual é o papel e a importância da vida profissional para a construção de identidade dessas mulheres. A segunda questão complementar referiu-se ao papel da maternidade nesse contexto. Indagou-se se, no caso das imigrantes que não lograram encontrar satisfação profissional no novo país, a maternidade poderia servir de compensação emocional.

A migração é um fenômeno antigo, complexo e dinâmico, impulsionado por diversos fatores e que se tem acelerado nas últimas décadas devido a avanço tecnológicos, globalização, crises humanitárias e climáticas. Por ser um fenômeno crescente e ininterrupto, tornou-se um dos maiores desafios sociais e políticos da atualidade, que exige das sociedades civis e internacionais, e governos de maneira geral, respostas eficientes. Destacou-se que o termo imigrante, entretanto, deve ser entendido como uma hiponímia. Populações de imigrantes são marcadas pela diversidade (Ramos, 2008). Nelas se encontram refugiados, migrantes econômicos, expatriados, estudantes etc. Grupos diferentes implicam necessidades diferentes, por suas especificidades, demandam e fazem jus a uma atenção particular por parte dos estudiosos, profissionais da área de saúde, políticos, legislador etc. Aos pesquisadores recomenda-se manter em mente que investigações sobre migração e aculturação devem ser sempre desenvolvidas com base no contexto cultural em que o fenômeno acontece (Belly *et al.*, 1987). Políticas e estratégias com focos em migrantes devem ser sensíveis à diversidade cultural e ao *background* do indivíduo (Guerra, 2002; Dias & Gonçalves, 2007).

Grande parte da literatura sobre imigrantes tem como foco aqueles em situação de maior vulnerabilidade. O presente estudo, por sua vez, se concentrou em imigrantes latinas com formação acadêmica, que se mudaram para a Alemanha a fim de se unirem-se a um@ cônjuge alem@. Esse grupo apresenta várias idiosincrasias. Trata-se de mulheres com curso universitário completo, muitas com mestrado e/ou doutorado, cuja vida profissional

já estava bem estabelecida em seus países antes da emigração. A situação de permanência no país anfitrião está legalizada, por isso têm os mesmos direitos que um cidadão nascido no país. Podem, por exemplo, receber benefícios do sistema de assistências governamentais, participar do sistema de saúde, inserir-se legalmente no mercado laboral etc. Entretanto, isso não significa que, na prática, a vida no país anfitrião funcione para essas imigrantes como para nativ@s. Estrangeiros, muitas vezes, têm que se submeter a leis específicas, por exemplo, em relação à entrada no mercado de trabalho, nível de literalidade do idioma para alcançar alguns direitos – como o de residência, por exemplo – potencial xenofobia e racionalização etc.

A manutenção do senso de identidade de imigrantes passa por um processo de ampliação do *self*, devido ao necessário processo de aculturação (Dantas *et al.*, 2020). A construção da personalidade intercultural configura-se, pois, como uma expansão do *self*; A constante redefinição da identidade, como postulado por Bauman (2011), também o é. Para o autor, um indivíduo passa toda sua vida redefinindo sua identidade em face às mudanças de estilos de vida em cada fase e contexto. A migração, a maternidade, a interrupção da vida laboral foram mudanças de vida que, certamente, impeliram as participantes a reformular, outra e outra vez, sua identidade.

Como já exposto, o objetivo principal desse estudo foi verificar o impacto da interrupção da carreira das mulheres imigrantes. Sabe-se que uma interrupção desse tipo pode impactar o bem-estar e a saúde mental de qualquer pessoa (Coutinho *et al.*, 2007; Lima, 2007; Santos, 2011). No caso das mulheres do grupo-alvo, esse *life event* tem lugar em um contexto especialmente rizomático por dar-se paralelo ao processo migratório – com todas as suas consequências para um indivíduo – devido à conjugalidade.

Construção da identidade bicultural foi outro tema desse estudo. Para além do desenvolvimento da identidade vivido por qualquer indivíduo, essas mulheres, passaram pelo desenvolvimento de uma adaptação intercultural e, provavelmente, desenvolveram uma “identidade bicultural” – termo proposto por Berry (2006) e Benet-Martínez (Benet-Martínez *et al.*, 2002) – ou uma “personalidade intercultural” – termo moldado por Kim (2012). Buscou-se compreender como se deu a construção da identidade bicultural dessas imigrantes, tendo em vista também os aspectos “identidade feminina” e “identidade profissional”.

5.1 SOBRE OS RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS, QUALITATIVAS E TRIANGULAÇÃO

Utilizou-se uma abordagem de métodos mistos e, posteriormente, aplicou-se a técnica de triangulação para comparar os resultados da análise estatística do questionário eletrônico online (N=205) e os da análise de conteúdo, segundo Bardin, dos resultados da entrevista em profundidade (N=10). A preparação tanto do inquérito online quanto da entrevista semiestruturada teve como ponto de partida a literatura científica e a experiência de duas décadas da pesquisadora em consultório de psicoterapia especializado em interculturalidade. Participantes potenciais foram mulheres latinas com curso universitário completo cuja vida profissional já estava bem estabelecida em seus países antes da emigração e que se deslocaram para a Alemanha, país de seus cônjuges/parceiros.

A triangulação seguiu o modelo convergente de Creswell e desempenhou bem seu papel de *crossvalidation* (validação cruzada) e apresentou resultados pertinentes e robustos. Segundo Creswell (2009), a triangulação a estratégia mais divulgada de método misto. Por oferecer o grau máximo de integração da abordagem quantitativa com a qualitativa, ela permite uma melhor aproximação de um mesmo aspecto social (Gómez, 2015). A técnica de triangulação permitiu revelar evidências convergentes sobretudo relacionados à vida laboral, maternidade e saúde mental.

No tocante à vida profissional, a triangulação revelou que grande parte das imigrantes se submeteram, temporária ou permanentemente, a trabalhos abaixo de seu nível acadêmico. (resultados compatíveis com os encontrados por Coutinho, Franken & Ramos, 2010 e Riaño, 2003). A técnica também mostrou que a literalidade em alemão não é imprescindível para se encontrar um emprego no país. Os resultados indicaram um efeito positivo moderado da Lei de Imigração de Trabalhadores (*Fachkräfteeinwanderungsgesetz*) cuja primeira versão começou a ser utilizada em 2012. O mais importante, entretanto, é que a triangulação corroborou a centralidade da correlação entre a importância da vida laboral para a identidade e bem-estar e saúde mental das imigrantes. Além disso, os resultados confirmaram uma correlação positiva, já apontada por diversos estudos anteriores, entre o bem-estar mental e o estresse aculturativo (Berry *et al.*, 1987, 1994; Bhugra & Jones, 2001).

Em relação ao tema maternidade, a triangulação mostrou claramente como se espelharam e reiteraram os resultados da análise quantitativa e da qualitativa sobre a dificuldade de se compaginar maternidade e vida laboral na Alemanha, a migração como uma estratégia familiar para beneficiar @s filh@s e a opção consciente de algumas mulheres pela não maternidade, que vem crescendo ao redor do mundo nos últimos anos

(Badinter, 2010; Lima & Togni, 2012, 2013; Patias & Buaes, 2012; Shapiro, 2014; Joaquim & Barros, 2019; Harrington, 2019).

Há também, entretanto, resultados não convergentes, isto é, encontrados nas análises quantitativa ou na qualitativa que não se espelharam na triangulação. Por exemplo, a análise estatística indicou uma robusta correlação positiva entre as variáveis maternidade e o bem-estar e saúde mentais, evidenciando que, no grupo alvo, a maternidade funcionou como um fator protetivo contra a depressão. Foram revelados outros três fatores protetivos contra o baixo nível de bem-estar e de saúde mental. O primeiro foi ter filh@s no país de acolhimento. Note-se que ser mãe teve um impacto positivo estatisticamente significativo, mas ter filh@s no país de acolhimento obteve um grau de significância ainda mais alto como fator protetivo. O segundo fator foi ter idade acima de 45 anos. O terceiro fator protetivo foi atribuir menor importância atribuída à situação laboral como aspecto integrante de sua identidade na Alemanha.

Há três evidências da análise quantitativa que, apesar de serem consistentes e estatisticamente significantes, não foram corroboradas pela análise de conteúdo. Primeiramente, a escolha pela maternidade tardia. 50% das participantes do inquérito online que desejam ter filhos, mas ainda se consideram jovens para tanto têm 34 anos de idade ou mais. Entre as entrevistadas as que tiveram filh@s o fizeram ao redor dos 30 anos de idade. A segunda evidência estatística é a diminuição da importância da vida profissional após a migração para a Alemanha. Na contramão, entre as entrevistadas essa diminuição não ocorreu. Durante as entrevistas, todas elas dedicaram significativa parte de suas narrativas à vida acadêmica e laboral. Além disso, pode-se supor, devido ao tempo e energia necessários para participar dessa parte do estudo, que as imigrantes que se propuseram a serem entrevistadas são pessoas para as quais a questão laboral, a identidade e o processo migratório, temas do estudo, têm alto grau de importância.²³¹ A terceira evidência revelada pela análise quantitativa e que, devido à sua natureza metodológica, não se deixa ratificar pela análise qualitativa são as correlações entre variáveis. Note-se que busca de correlações é uma possibilidade que uma análise estatística oferece, mas as entrevistas, não.

Da mesma forma, houve resultados da análise qualitativa não replicados pelos da análise quantitativa. Trata-se, outra vez, de uma questão técnica. A entrevista semiestruturada abre possibilidades que a análise quantitativa não pode oferecer. Além

²³¹ Esses eixos da investigação foram mencionados várias vezes desde a propaganda para o recrutamento até o formulário online para se disponibilizar para a entrevista.

disso, os instrumentos de medida de bem-estar e saúde mental (*Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale*) e o de estresse aculturativo (*Riverside Acculturation Stress Inventory*) usados no inquérito para a análise estatística, têm alcance temporal muito curto. Ambos consideram somente os acontecimentos e sentimentos das últimas semanas antes do teste.

Um aspecto salientado por oito das dez entrevistadas foi o impacto psíquico negativo causado pelo fato de seus estudos e experiências profissionais não terem sido valorizados no país anfitrião. Em alguns casos, isso levou a sentimentos de menos valia, autoimagem negativa, baixo moral, sentimentos depressivos, problemas com @ cônjuge e insatisfação com a vida. Como alertou Santos (2011), a perda de determinada identidade social, como a identidade profissional, tem uma forte repercussão na concepção do Eu e dos Outros. O indivíduo se vê obrigado a reconstruir sua história de vida e relações sociais, o que tem forte influência sobre sua identidade.

Além do impacto das dificuldades associadas à vida laboral, faz-se mister recordar outros fatores de risco para a identidade e bem-estar e saúde mental como o confronto com o *othering* e/preconceito, o estereótipo e a discriminação sofridos no país anfitrião, conforme narrado por muitas das entrevistadas ao se tratar do tema biculturalidade. Como afirmou Jurado *et al.* (2017), os comportamentos dos membros da cultura de acolhimento e os modos como são percebidos pel@ imigrante podem afetar seu estado de saúde mental. “*Perceptions of cultural conflict appear to be a product of (...) perceived contextual pressures, mainly stress in the linguistic, intercultural relations, and discrimination domains*” (Benet-Martínez & Haritatos, 2005: 1040). Das entrevistas emergiram vários outros temas como a centralidade da aprendizagem do idioma no processo de aculturação, as diferenças entre a cultura alemã e a cultura de origem, o eurocentrismo, os sentimentos divididos entre os dois países e a falta da afetividade latina. Todos esses aspectos apareceram em diferentes narrativas, em diferentes graus, associados ao estresse aculturativo e seus efeitos para cada entrevistada.

Embora nem tod@ imigrante vivencie estresse aculturativo (Berry, 2016a), ele foi experienciado por todas as entrevistadas e muito enfatizado em suas narrativas. Como explicado por Berry *et al.* (1987, 2016a), em consonância com a definição da OMS, o estresse aculturativo é um estado fisiológico e psicológico generalizado do organismo. Ele pode levar a níveis elevados de depressão e de ansiedade ligados à incerteza sobre como se deve viver na sociedade de acolhimento (Berry, 2016a). O estresse, por outro lado, como advogado por Berry (2006) e Kim (2021) desempenha um importante papel na adaptação

do indivíduo à nova cultura.²³² Conforme teorizado por Kim (2000, 2017), uma adaptação bem-sucedida na sociedade anfitriã resulta da “dinâmica estresse-adaptação-crescimento”. A gradual transformação da identidade para tornar-se uma personalidade intercultural seria fruto da disputa de forças entre desejo de manter valores, comportamentos e atitudes mentais da cultura original e o desejo e/ou necessidade de desacoplar-se deles para melhor adaptar-se ao novo *milieu* (Kim, 2008), ideia em linha com a de Berry (Berry & Kim, 1987). As entrevistadas que vivem na Alemanha há mais de cinco anos parecem ter passado pelo estágio do estresse aculturativo e avançado rumo à personalidade intercultural, como teorizado por Kim (2000).

Como explicou Kim (2000, 2008), a personalidade intercultural é um dos elementos básicos para um senso de identidade do imigrante. As entrevistadas parecem também ter alcançado o nível do cultural *frame switching* (mudança de quadros) teorizado por Benet-Martínez e seus colaboradores (Benet-Martínez *et al.*, 2002). Trata-se da habilidade que um indivíduo bicultural desenvolve de, rapidamente, mudar entre “sistemas de significado cultural em resposta a sinais culturais distintos” (Tadmor, Tetlock & Peng, 2009: 107). Presume-se que conviver com culturas diferentes leve à flexibilidade social e cognitiva (Benet-Martínez *et al.*, 2006), complexidade e comportamento social (Kim, 2000, 2017; Nguyen & Benet-Martínez, 2012). Essa é uma habilidade que só se pode construir se se tem um bom nível de plasticidade neural. Quando @ imigrante adquire conhecimentos sobre seu ambiente cultural atual tem melhores chances de perceber os novos aspectos culturais de maneira mais acurada e de se sentir confortável nesse ambiente. Isso advém da possibilidade que se desenvolve de discernir melhor se comportamentos de outros em relação a el@ estão ou não ligados a um aspecto cultural local, se são resultado de uma situação específica daquele momento, se são fruto de discriminação etc. (Flynn, 2015; De Queiroz, 2017). O desenvolvimento intercultural pessoal baseado em abertura, autoconhecimento e auto segurança é fundamental para a homeostase e saúde mental em ambientes multiculturais (Kim, 2009).

A questão da maternidade foi aprofundada por todas as dez entrevistadas. Somente três – entre as sete – mães consideraram a maternidade como um fenômeno central e imprescindível para sua própria vida. Esse dado está consonante com as ideias de Ireland (1993) e Friedan (2010) que apontaram para uma diminuição do histórico papel da

²³² Berry utilizou o termo *stress-coping-adaptation* (Berry, 2006), Kim, *stress-adaptation-growth dynamic* (Kim, 2021).

maternidade como pilar da identidade feminina. Houve unanimidade em relação à maternidade não ser considerada um elemento indispensável para a identidade feminina (mesmo entre as entrevistadas que são mães), resultado que vai ao encontro de ideias de autoras como Badinter (2010), Mosmann (2013), Shapiro (2014), Joaquim e Barros (2019) e Harrington (2019). Para duas delas, claramente, a decisão de migrar foi tomada com base nos benefícios – segurança, escola de melhor qualidade, universidades gratuitas, bom sistema de saúde etc. – que suas crianças poderiam ter. Tanto as entrevistadas que optaram por ser mães quanto as que optaram por não o ser parecem satisfeitas com suas escolhas.

A decisão acerca da maternidade, afirmaram Emídio e Gigeck (2019), é normalmente feita pelo indivíduo a partir de seu próprio contexto, permeado por uma “multiplicidade de sentidos e ressonâncias próprias da vida de cada uma” (Emídio & Gigeck, 2019: 196). Para as que se tornaram mães, a opção nem foi tomada devido à insatisfação com a vida profissional no país de acolhida, como um meio de compensação, nem serviu para compensar a dita insatisfação. Aparentemente, seus sentimentos ligados a cada área – profissão e maternidade – não são concorrentes, complementares ou intercambiáveis. Embora todas as dez mulheres tenham se referido às vantagens – desde segurança nas ruas e qualidade de escolas, até os benefícios do Estado – que a Alemanha oferece a uma família, somente três optaram pela migração como uma estratégia familiar. Para essas mulheres a decisão de migrar foi tomada com base nos benefícios que suas crianças, nascidas em seus países natais, poderiam ter na sociedade anfitriã.

5.1.1 Saliência dos indicativos de depressão entre as imigrantes acadêmicas

Há uma informação que se mostrou extremamente saliente tanto nos dados quantitativos quanto nos qualitativos e que merece maior atenção.

As evidências quantitativas e qualitativas indicaram altos índices de mulheres imigrantes com indícios de depressão clínica. De acordo com a OMS, a depressão é o mais prevalente dos problemas de saúde mental da população em geral, atingindo cerca de 5%, sendo mais comum entre mulheres. Entretanto, no grupo alvo a porcentagem chegou a 30% (81 das 205) entre as participantes do inquérito online e 30% (3 das 10) entre as entrevistadas. Além disso, a média de escores do grupo de respondentes no *Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale* (escala para medição de bem-estar e risco de depressão) no inquérito online foi muito baixa. Apenas 46,75. Em diferentes estudos experimentais com aplicação a mesma escala, as médias ficaram bem próximas ou acima de 50. Na

validação realizada no Brasil somente com mulheres, por exemplo, a pontuação média foi de 51,8 (Santos *et al.*, 2015). Somente na validação francesa realizada por Trousselard *et al.* (2016) com pacientes de um hospital psiquiátrico encontrou-se uma média mais baixa do que a do inquérito online do atual estudo.

Não há como se apontar uma causa única para esse fenômeno preocupante. Muitos são os fatores que podem causar o aparecimento ou agravamento da depressão. Histórico familiar, estresse, ansiedade, diversos *life events* etc. Na literatura (Delara *et al.*, 2016), foram identificados como sendo significativos alguns determinantes específicos para a saúde mental de imigrantes, tais como a conexão social, a ausência de discriminação e violência e participação econômica. Todos esses determinantes apareceram, sobretudo nas entrevistas, como aspectos precários na vida de muitas das participantes. Há de se manter em mente também que tanto o inquérito quanto as entrevistas foram conduzidas ainda durante a pandemia mundial do Covid-19, cujas circunstâncias especiais representaram um evento crítico de vida, um estressor (duradouro) para muitas pessoas (Strauß *et al.*, 2021). De todos os modos, o alto número de imigrantes em risco de depressão, assim como a média atingida no inquérito online, são informações muito salientes baseadas em dados robustos e significativos. Um resultado tão significativo demanda uma investigação mais ampla do fenômeno, assim como medidas para lidar com ele e prevenir sua repetição no futuro.

5.2 LIMITAÇÕES, QUESTÕES ÉTICAS & LIÇÕES APRENDIDAS

All research work unavoidably has some limitations.

[...]

Knowledge and discussion of limitations are essential for genuine scientific progress: they are useful for understanding a research finding, translating the importance of the potential errors involved, placing the current work in context, and ascribing a credibility level to it.

(Ioannidis, 2007)

Este estudo, “Imigrantes acadêmicas, suas carreiras interrompidas & construção de identidades e saúde mental – tudo em nome de um amor”, foi realizado no enquadre de um doutorado em relações interculturais. A amplitude e pertinência dos temas investigados,

contudo, de fato merecem ainda mais aprofundamento e investimento intelectual de mais pesquisadores que tragam diferentes pontos de vista e *expertises* para a investigação. Tal empreendimento ajudaria a reiterar e retificar os resultados, superando limitações e tornando-os mais robustos.

A primeira limitação foi o viés potencial associado ao caráter de autorrelato tanto do inquérito online, quanto do questionário da entrevista. Autorrelatos de comportamentos e as atitudes, alertou Schwarz (1999), são frequentes ameaças à validade das pesquisas, pois podem ser facilmente influenciados, por exemplo, por pequenas mudanças no contexto em que os participantes se encontram quando o fazem. Nickerson (1998) destacou as pressões de desejabilidade social como outro fator que pode influenciar os autorrelatos. Também Groves *et al.* (2009) alertaram que uma resposta tendenciosa é uma das maiores desvantagens em pesquisas. Até mesmo uma amostra estatisticamente representativa pode revelar-se tendenciosa, afirmaram.

A segunda limitação envolve desafios relacionados à representatividade e enviesamento potencial da amostra de mulheres latino-americanas. O grupo alvo é uma população difícil de alcançar, o que fez da busca de potenciais participantes um desafio. Populações difíceis de se alcançar, segundo definição de Faugier e Sargeant (1997), são aquelas para as quais não existem listas adequadas com detalhes de contato. Segundo esses autores, no caso de tais populações, o único método viável para alcançar respondentes elegíveis é a amostragem intencional em “bola de neve”, que podem ser fortemente tendenciosas. O ponto frágil do método é que a bola de neve é ampliada a partir de um participante que contacta, em seu ambiente pessoal, profissional etc., outros potenciais participantes. Redes de contatos numa bola de neve formam-se, praticamente, num “pequeno mundo” devido aos nexos em comum, o que implica que as experiências de participantes ser semelhantes. De todos os modos, para diminuir o risco de enviesamento, buscou-se variar o máximo possível os meios de contactar potenciais respondentes. Assim, foram considerados, por exemplo, diversificados grupos do Facebook, escolas de idioma, escolas internacionais, médicos e terapeutas que trabalham em idiomas estrangeiros, lojas online, cabeleireiros, festas folclóricas internacionais, ONGs que trabalham com estrangeiros etc.

O número de respondentes (205) foi a terceira limitação desse estudo. Ainda que o plano amostral tenha sido bem elaborado, não se logrou alcançar o número amostral indicado pelos cálculos do G*Power para análises de grupo de tamanho desconhecido. Segundo o software, para garantir a confiabilidade dos resultados, o n-amostral deveria

ser superior a 270. Se se houvesse alcançado esse número de participantes, aumentar-se-ia a possibilidade de se fazer um confiável *educated guess* (suposição embasada). Em outras palavras, poder-se-ia, baseado nos princípios da estatística inferencial, indicar os resultados desse trabalho científico como aplicáveis a toda a população-alvo, conforme ensinado por Field (2013).

“When men wish to construct or support a theory, how they torture facts into their service!” (Mackay, 1852/1932 *apud* Nickerson, 1998: 175).

O maior desafio ético desse estudo foi, no entanto, o potencial risco de enviesamento por parte da investigadora na realização das entrevistas e na fase de interpretação de dados qualitativos (erro inferencial). Isso se deve ao fato da investigadora, assim como grande parte de sua clientela em seu consultório de psicologia clínica em Bonn, pertencer ao grupo alvo da investigação. Como exortou Rennie (2012), a separação entre o pesquisador e o objeto sob observação deve ser enfatizada em um estudo. O (pre)conceito de confirmação, que acontece, de forma consciente ou inconsciente, talvez seja a noção mais conhecida e mais amplamente aceita de erro inferencial na literatura sobre raciocínio humano (Evan, 1989). Nenhum cientista pode negar absolutamente a existência de preferência de interpretação ou mesmo a presença despercebida de preconceitos em um estudo (Neves, 1996; Nickerson, 1998).

Por outro lado, é importante ressaltar que a experiência pessoal de pesquisadores não são somente um possível viés, mas também uma fonte importante de (in)formação. Visando garantir uma maior fiabilidade e validade do estudo, buscou-se recursos de vigilância epistemológica para prevenir possíveis enviesamentos causados por essa similaridade biográfica entre investigadora e participantes e o risco de se projetar no Outro a própria experiência. Esses recursos foram (a) o olhar atencioso da orientadora e (b) o uso dos softwares SPSS para a análise estatística e do MAXQDA para a análise de conteúdo. Uma abordagem quantitativa com questões de escala fechada, como as do inquérito online, ajuda a manter a objetividade necessária, pois traz dados apresentados de forma padronizada por cada participante que são, posteriormente, estatisticamente – padronizadamente – analisados. As técnicas estruturadas quantitativas promovem a independência entre o investigador e objeto de pesquisa, possibilitando resultados mais fiáveis e válidos (Rennie; 2012; Park & Park, 2016). Também a abordagem de método mistos como a usada nessa investigação, finalizada com a triangulação, foi uma estratégia

metodológica para reduzir a possibilidade de enviesamento e aumentar a robustez e confiabilidade dos resultados.

Futuros estudos deveriam aumentar os esforços para se alcançar um número maior de participantes para que os resultados obtidos sejam mais robustos no que diz respeito à confiabilidade. Além disso, manter a abordagem metodológica eleita para esse estudo – análise quantitativa, análise qualitativa e triangulação – parece primordial. Entretanto, dado o grande volume de trabalho inerente a tal metodologia, seria aconselhável que futuras investigações sejam conduzidas por mais de um@ pesquisador@.

5.3 PALAVRAS FINAIS

As evidências trazidas por esse estudo apontam para a necessidade imperativa de se cuidar mais e melhor do bem-estar e saúde mental d@s imigrantes profissional e academicamente qualificad@s. Claramente, no caso do grupo alvo, bem-estar e saúde mental estão diretamente ligados à interrupção da vida laboral e, em muitos casos, aos reflexos dessa descontinuidade na identidade do indivíduo. Os indivíduos têm necessidade de um senso de pertencimento e segurança, afirmaram Bauman (2004) e Keupp (2013). A identidade profissional é, geralmente, uma pertença central na vida do indivíduo e desempenha um importante papel no reconhecimento pelo Outro (Santos, 2011) e um papel central na constituição e consolidação das identidades individuais e coletivas (Coutinho *et al.*, 2007; Lima, 2007). A perda de determinada identidade social, como a identidade profissional, irremediavelmente repercute na concepção do Eu e dos Outros e impele o indivíduo a reconstruir sua história de vida e relações sociais, o que tem forte influência sobre a base matriz da individualidade (Santos, 2011). Por isso, a interrupção da vida laboral pode impactar negativamente o bem-estar e a saúde mental (Coutinho *et al.*, 2007; Lima, 2007; Santos, 2011). Não surpreendem, portanto, os resultados apontados pela investigação sobre o bem-estar e a saúde mental das participantes, uma vez que muitas delas nunca conseguiram reconstruir adequadamente suas vidas no mercado laboral alemão, como evidenciado no inquérito online e nas entrevistas.

Embora o grupo-alvo seja pequeno em comparação ao número total de imigrantes na Alemanha, ele apresenta idiossincrasias e necessidades específicas que podem ser relevantes para o entendimento do impacto da satisfação profissional na saúde mental e bem-estar desses imigrantes profissionalmente qualificados, sobretudo das mulheres. Os

esforços já empregados pela Alemanha para atender às necessidades desse grupo (por exemplo, a *Fachkräfteeinwanderungsgesetz*) ainda não são suficientes.

As evidências robustas e salientes trazidas por essa investigação podem ajudar a fomentar a discussão de novas políticas e práticas de integração de imigrantes na Alemanha e em outros países membros da União Europeia e contribuir para a criação e implementação de estratégias – políticas, econômicas, sociais, clínicas – que visem à restauração e manutenção da saúde mental e bem-estar desses imigrantes. Trata-se de um conhecimento científico local e, paralelamente, total e científico-social que aspira a constituir-se em senso comum, como exortado por Santos (1995).

BIBLIOGRAFIA

- Alder, P. S. (1998). *Beyond cultural identity: Reflections on multiculturalism. Basic concepts of intercultural communication: Selected reading*, ed. MJ Bennett. Yarmouth: Intercultural.
- Almeida, M. V. (1996). Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, 20(1), 161-189. Retirado em em 27.11.2023 de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7413304.pdf>
- Aikins, J. K., Gyamerah, D., Matysiak, J., & Piezunka, A. (2020). Wer nicht gezählt wird, zählt nicht. Empirische Forschung zu Schwarzen Menschen in Deutschland. *WZB Mitteilungen*, 169(9), 18-21. Retirado de <https://bibliothek.wzb.eu/artikel/2020/f-23315.pdf>
- Almeida, M. V. (2018). O gênero do gênero: Para uma teoria da masculinidade. Em *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Etnográfica Press. Pp. p. 127-155. Retirado em 27.11.2023 de <https://books.openedition.org/etnograficapress/459?lang=de>
- Ang, I. (2000). Identity blues. In Hall, S. (2000). *Without guarantees in honour of Stuart Hall*. Verso. Retirado em 12.12.2022 de https://books.google.de/books/about/Without_Guarantees.html?id=RsW4AAAAIAAJ&redir_esc=y
- Angulo, R. D. C. F., Sañudo, J. E. P., Hoyos, O., Madariaga, C. (2014). Proceso de aculturación y adaptación del inmigrante: características individuales y redes sociales. *Psicología desde el Caribe*, 557-576. http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-417X2014000300009&script=sci_arttext
- Appiah, K. A. (2018). *The lies that bind: Rethinking identity*. Londres, UK: Profile Books.
- Ardila-Espinel, N. (1982). Criterios y valores de la cultura anglo-saxo-americana y de la cultura latina: Sus implicaciones para la psicología transcultural. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 14(1). Retirado em 02.01.2023 de <https://www.redalyc.org/pdf/805/80514106.pdf>
- Arruda, Â. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de pesquisa*, (117), 127-147. Retirado <https://www.scielo.br/j/cp/a/T4NRbmqpmw7ky3sWhc7NYVb/?lang=pt>
- Abdalla, M. M. (2013). A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. *Anais do 4º Encontro de Ensino e Pesquisa em Contabilidade*, 13-31. Retirado em 04.04.2023 de https://www.researchgate.net/profile/Marcio-Abdalla-2/publication/281285824_A_Estrategia_de_Triangulacao_Objeticos_Possibilidades_Limitacoes_e_Proximidades_com_o_Pragmatismo/links/55df61df08aecb1a7cc1a103/A-Estrategia-de-Triangulacao-Objeticos-Possibilidades-Limitacoes-e-Proximidades-com-o-Pragmatismo.pdf
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (pp. 370-370). Retirado em 14.08.2023 de https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/30._um_amor_conquistado_o_mito_do_amor_materno_-_elisabeth_badinter.pdf
- Badinter, E. (2010). *Der Konflikt: Die Frau und die Mutter*. München, Alemanha: CH Beck.
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Record.

- Balthazart, J. (2011). Minireview: Hormones and human sexual orientation. *Endocrinology*, 152(8), 2937-2947. Retirado em 14.11.2023 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3138231/>
- Bardin, L. (2018). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 5a Edição
- Barker, G. G. (2015). Choosing the best of both worlds: The acculturation process revisited. *International Journal of Intercultural Relations*, 45, 56-69. Retirado em 13.07.2023 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0147176715000024>
- Barmeyer, C. (2010). Kulturdimensionen und Kulturstandards. Interkulturelle Kommunikation und Kulturwissenschaft. Grundbegriffe, *Wissenschaftsdisziplinen, Kulturräume*, 1, 87-118. Retirado em 03.15.2023 de https://www.researchgate.net/publication/281069158_Kulturdimensionen_und_Kulturstandards
- Bastone, P. (2020). Ser mulher segundo Freud: um caminho para a feminilidade? *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 9(2), 276-291. Retirado em 11.09.2023 de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/viewFile/51328/35717>
- Bauman, Z. (2004). *Identity*. Cambridge, UK: Polity Press
- Bauman, Z. (2007). *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água
- Bauman, Z. (2011). Migration and identities in the globalized world. *Philosophy & Social Criticism*, 37(4), 425-435. Retirado em 27.02.2023 de <https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011002.pdf>
- Bauman, Z. (2013). Prólogo. In: *Amor líquido. Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Retirado em 26.02.2023 de <https://www.redalyc.org/pdf/269/26940608.pdf>
- Bausinger, H. (2015). Einlating: Deutsche Sprache - deutsche Sprachen. In *Deutsch für Deutsche: Dialekte, Sprachbarrieren, Sondersprachen*. S. Fischer Verlag. Retirado em 14.03.2023 de [https://books.google.de/books?hl=de&lr=&id=mL2OCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Bausinger,+H.+\(2015\).%C2%A0Einlating:+DeutscheIn+Deutsch+f%C3%BCr+Deutsche:+Dialekte,+Sprachbarrieren,+Sondersprachen.+S.+Fischer+Verlag.&ots=CkN0AWY1kg&sig=C4PRo2HSIbgaoKNEG0LXw3ADy9c&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.de/books?hl=de&lr=&id=mL2OCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Bausinger,+H.+(2015).%C2%A0Einlating:+DeutscheIn+Deutsch+f%C3%BCr+Deutsche:+Dialekte,+Sprachbarrieren,+Sondersprachen.+S.+Fischer+Verlag.&ots=CkN0AWY1kg&sig=C4PRo2HSIbgaoKNEG0LXw3ADy9c&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Beauvoir, S. (1993). A narcisista. Em *The second sex*. NY: Evryma's Library. 2a edição
- Benet-Martínez, V., Leu, J., Lee, F., & Morris, M. W. (2002). Negotiating biculturalism: Cultural frame switching in biculturals with oppositional versus compatible cultural identities. *Journal of Cross-cultural psychology*, 33(5), 492-516. Retirado em 23.03.2023 de https://www.researchgate.net/publication/247723656_Negotiating_BiculturalismCultural_Frame_Switching_in_Biculturals_with_Oppositional_Versus-Compatible_Cultural_Identities
- Benet-Martínez, V., & Haritatos, J. (2005). Bicultural identity integration (BII): Components and psychosocial antecedents. *Journal of personality*, 73(4), 1015-1050. Retirado em 18.04.2023 de <https://escholarship.org/content/qt4vh6z3s2/qt4vh6z3s2.pdf>

- Benet-Martínez, V., Lee, F., & Cheng, C.-Y. (2021). Bicultural identity integration: Components, psychosocial antecedents, and outcomes. In M. J. Gelfand, C.-y. Chiu, & Y.-y. Hong (Eds.), *Handbook of advances in culture and psychology* (pp. 244–284). Retirado em 18.04.2023 de [https://books.google.de/books?hl=en&lr=&id=CPUTEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA244&dq=Benet-Mart%C3%ADnez,+V.,+Lee,+F.,+%26+Cheng,+C.-Y.+\(2021\).+Bicultural+identity+integration:+Components,+psychosocial+antecedents,+and+outcomes.+In+M.+J.+Gelfand,+C.-y.+Chiu,+%26+Y.-y.+Hong+\(Eds.\)+Handbook+of+advances+in+culture+and+psychology+\(pp.+244%E2%80%93284&ots=GY_IszZ-KR&sig=EIBNf7crg56m9qpDG9H5V0YFne0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.de/books?hl=en&lr=&id=CPUTEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA244&dq=Benet-Mart%C3%ADnez,+V.,+Lee,+F.,+%26+Cheng,+C.-Y.+(2021).+Bicultural+identity+integration:+Components,+psychosocial+antecedents,+and+outcomes.+In+M.+J.+Gelfand,+C.-y.+Chiu,+%26+Y.-y.+Hong+(Eds.)+Handbook+of+advances+in+culture+and+psychology+(pp.+244%E2%80%93284&ots=GY_IszZ-KR&sig=EIBNf7crg56m9qpDG9H5V0YFne0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Benjamin, J. (2012). Intersubjectivity, Recognition and the Third. In Judith Butler: *Pädagogische Lektüren* (pp. 283-301). VS Verlag für Sozialwissenschaften. Retirado de <https://www.researchgate.net/>
- Benjamin, J. (2007). Intersubjectivity, Thirdness, and Mutual Recognition. *A talk given at the Institute for Contemporary Psychoanalysis*. Los Angeles, CA. 2007. Retirado de <https://terapia.co.uk/wp-content/uploads/2020/05/Reading-14-Jessica-Benjamin-Intersubjectivity.pdf>
- Benjamin, J. (1988). The first bond. In *The bonds of love: Psychoanalysis, feminism, and the problem of domination*. Pantheon Books. New York. Retirado em 03.04.2023 de https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Benjamin_First.pdf
- Bernal, G., & Rodríguez, M. M. D. (2009). Advances in Latino family research: Cultural adaptations of evidence-based interventions. *Family process*, 48(2), 169-178. Retirado em 20.10.2022 de https://www.academia.edu/14458127/Advances_in_Latino_Family_Research_Cultural_Adaptations_of_Evidence_Based_Interventions
- Berry, J. W. (1994). Acculturation and psychological adaptation: An overview. In Bouvy, A., Van de Vijver, R. R., Boski, P., & Schmitz, P. (1994) In *Journeys into cross-cultural psychology* (222-249). Retirado em 23.03.2022 de https://www.researchgate.net/profile/Fons-Van-De-Vijver/publication/235661060_Journeys_into_cross-cultural_psychology/links/58999a4292851c8bb681af8d/Journeys-into-cross-cultural-psychology.pdf#page=127
- Berry, J. W. (1976). Acculturative stress in Northern Canada: Ecological, cultural and psychological factors. *Circumpolar Health*, 74. Retirado em 23.03.2022 de <https://www.degruyter.com/document/doi/10.3138/9781487579876-084/html>
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International migration*, 30, 69-69. Retirado em 26.03.2022 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/>
- Berry, J. W. (1994). Acculturation and Psychological Adaptation: An Overview. S. 129–141 in: A. *Journeys into Cross-cultural Psychology*. Liège: Swets & Zeitlinger. Retirado em 12.08.2022 de https://www.researchgate.net/profile/Fons-Van-De-Vijver/publication/235661060_Journeys_into_cross-cultural_psychology/links/58999a4292851c8bb681af8d/Journeys-into-cross-cultural-psychology.pdf#page=127

- Berry, J. W. (1998). Social psychological costs and benefits of multiculturalism: A view from Canada. *Trames*, 2(3), 209-233. Retirado em 23.03.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=WIEoX4BtD6YC&oi=fnd&pg=PA209&dq=Berry,+J.+W.+ \(1998\).+Social+psychological+costs+and+benefits+of+multiculturalism:+A+vie w+from +Canada.+Trames,+2\(3\),+209-233.+&ots=bA2uqurKxQ&sig=2SXrMLaujrLU-yAC3Xp0jVmp2Oo](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=WIEoX4BtD6YC&oi=fnd&pg=PA209&dq=Berry,+J.+W.+ (1998).+Social+psychological+costs+and+benefits+of+multiculturalism:+A+vie w+from +Canada.+Trames,+2(3),+209-233.+&ots=bA2uqurKxQ&sig=2SXrMLaujrLU-yAC3Xp0jVmp2Oo)
- Berry, J. (2006). Contexts of on acculturation. In *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Ed. Sam, D. L. & Berry, J. W. ". 2. Edition. Cambridge: UK. Cambridge University Press, p. 27-42.
- Berry, J. (2011). Positive acculturation: Successful engagement with two cultures. In *Second World Congress on Positive Psychology Invited Speaker Abstracts* (Vol. 1). Retirado em 14.12.2022 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>
- Berry, J. (2006). Stress perspectives on acculturation. In *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Ed. Sam, D. L. & Berry, J. W. ". 2. Edition. Cambridge: UK. Cambridge University Press, p. 43-57.
- Berry, J. (2006). Stress perspectives on acculturation. Em *The Cambridge handbook of Acculturation Psychology*. Ed. Sam, D. L. & Berry, J. W. ". 2. Edition. Cambridge: UK. Cambridge University Press, p. 43-.51
- Berry, J. W. (2019). *Acculturation: A personal journey across cultures*. Cambridge University Press. Retirado em 12.09.2022 de <https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/>
- Berry, J.W. (2017). Acculturation. Reference Module. Em *Neuroscience and Biobehavioral Psychology*, Elsevier. Retirado 17.01.2022. de <https://www.sciencedirect.com/topics/psychology/acculturative-stress>
- Berry, J. W. (2017). Theories and models of acculturation. *Oxford handbook of acculturation and health*, 15-27. Retirado em 17.01.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=gl0vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA15&dq=Berry,+J.+W.+ \(2017\). +Theories+and+models+of+acculturation.+Oxford+handbook+of+accultura-tion+and+ health,+15-27&ots=t4i5YubbFP&sig=WTFp0EcJFniP4osdBwmDmnbGhHo](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=gl0vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA15&dq=Berry,+J.+W.+ (2017). +Theories+and+models+of+acculturation.+Oxford+handbook+of+accultura-tion+and+ health,+15-27&ots=t4i5YubbFP&sig=WTFp0EcJFniP4osdBwmDmnbGhHo)
- Berry, J. W., & Hou, F. (2016). Immigrant acculturation and wellbeing in Canada. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 57(4), 254-264. Retirado em 10.07.2022 de <https://psycnet.apa.org/fulltext/2016-51980-003.pdf>
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). Acculturation and intercultural relations. *Cross-Cultural Psychology. Research and Applications*, 345-382. Retirado em 14.12.2022 de https://www.researchgate.net/publication/245817518_Berry_J_W_Poortinga_Y_H_Segall_M_H_Dasen_P_R_2002_Cross-cultural_psychology_research_and_applications_Second_revised_edition
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative Studies of Acculturative Stress. *The International Migration Review*, 21(3), 491-511. Retirado em 14.12.2022 de <https://doi.org/10.2307/2546607>
- Berry, J. W., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied psychology*, 38(2), 185-206. Retirado em 14.12.2022 de <https://www.researchgate.net/>

- Berry, J. W., Sam, D. L., Rogers, A. (2006). Conclusions. In *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (p. 525-528). Berry, J. W., Sam, D. L., Rogers, A (Ed.). New York, NY, USA: Cambridge University Press.
- Berry, J. W. (2009). A critique of critical acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 33(5), 361-371. Retirado em 24.03.2022 de https://www.researchgate.net/profile/John-Berry-8/publication/223335999_A_Critique_of_Critical_Acculturation/links/5e8dc74792851c2f52888aec/A-Critique-of-Critical-Acculturation.pdf
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International migration*, 30, 69-69. Retirado em 14.03.2022 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/>
- Bhugra, D., Gupta, S., Schouler-Ocak, M., Graeff-Calliess, I., Deakin, N. A., Qureshi, A., ... & Till, A. (2014). *EPA guidance mental health care of migrants*. *European Psychiatry*, 29(2), 107-115. Retirado em 22.03.2022 ede <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/>
- Bhugra, D., & Jones, P. (2001). Migration and mental illness. *Advances in psychiatric treatment*, 7(3), 216-222. Retirado m 14.12.20016 de <https://www.cambridge.org/core/journals/>
- Birman, Joel. "Trauma, angústia e melancolia na pandemia do Coronavírus. *La Revista de la Pátria Grande* (2021). Retirado em 20.08.2023 de <http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2021/06/0170a.pdf#page=45>
- Bittencourt, R. N. (2014). Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. *Revista Espaço Acadêmico*, 13(154), 129-138. Retirado em 01.06.2022 de https://www2.unifap.br/gde/files/2015/05/Stuart-Hall-e-os-Signos-Cultural-na-P%C3%B3s-Modernidade_Bittencourt.pdf
- Black, J. S., Mendenhall, M., & Oddou, G. (1991). Toward a comprehensive model of international adjustment: An integration of multiple theoretical perspectives. *The Academy of Management Review*, (2). 291. Retirado de 03.10.20216 <https://www.researchgate.net/>
- Brede, J. C. (2016). Warum ist Deutsch lernen so kompliziert? Online Magazine *Deutschland-Welt*. Retirado em 15.02.2021 de <https://www.shz.de/14798986>
- Brökelmann, S., Thomas, A., Fuchs, C. M., & Kamhuber, S. (2012). *Beruflich in Brasilien: Trainingsprogramm für Manager, Fach-und Führungskräfte*. Vandenhoeck & Ruprecht.
- Bundesministerium des Innern und für Heimat (2018, 27,11). Das Fachkräfteeinwanderungsgesetz. <https://www.bmi.bund.de/SharedDocs/gesetzgebungsverfahren/DE/fachkraefteeinwanderungsgesetz.html>
- Butler, J. (2002). Subjects of Sex/Gender/Desire. Em *Gender trouble*. routledge. Pp.3-33. Retirado em 04.06.2023 de https://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Psychology Press. Retirado em 06.06.2023 de https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-undoing_gender.pdf

- Caixeta, J. E., & Barbato, S. (2004). Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 14, 211-220. Retirado em 03.03.2021 de <https://www.scielo.br/j/paideia/a/k7N97NMTq5LRFRNd6hxZxq/>
- Castel, R. (2012). Die Dynamik der Entkollektivierung. Em *Die Krise der Arbeit: Neue Unsicherheiten und die Zukunft des Individuums*. Hamburg: Hamburger Edition HIS Verlagsges. mbH. Retirado em 20.11.2023 de https://www.ciando.com/img/books/extract/3868545247_lp.pdf
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & sociedade: estudos*, 24(1). Retirado em 03.06.2022 de https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Cavalcante/publication/329399124_Analise_de_Conteudo_consideracoes_gerais_relacoes_com_a_pergunta_de_pesquisa_as_possibilidades_e_limitacoes_do_metodo/links/5c06757492851c6ca1fd4eec/Analise-de-Conteudo-consideracoes-gerais-relacoes-com-a-pergunta-de-pesquisa-as-possibilidades-e-limitacoes-do-metodo.pdf
- Cecília Meireles (2001). Motivo. Em *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Nova Fronteira, 2001.
- Cerda-Hegerl, P. (2006). Dimensiones centrales de la cultura y la comunicación en América Latina hoy. *Actas del Programa de Formación para Profesorado de Español como Lengua Extranjera 2005-2006*. Instituto Cervantes de Munich. Retirado em 23.02.2017 de https://cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones Centros/PDF/munich_2005-2006/05_cerda-hegerl.pdf
- Chan, M. (2010). Mental health and development: targeting people with mental health conditions as a vulnerable group. *World Health Organization*, 3(1), 111-21. Retirado e, 02.05.2021 de <https://books.google.pt/>
- Cherry, K. (2022). What Is Resilience? Retirado em 02.05.2021 de <https://www.verywellmind.com/what-is-resilience-2795059>.
- Chies, P. V. (2010). Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, 18(02), 507-528. Retirado em 20.01.2021 de <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v18n02/v18n02a13.pdf>
- Cohen, F., Süß, J. (2015) Identität im Spiegel der Interdisziplinarität: Sprach-, Literatur- und Sozialwissenschaften im *Dialog*. Retirado em em 28.09.2021 de <https://www.hsozkult.de/conferencereport/id/tagungsberichte-6461>
- Colling, A. M. (2015). A construção histórica do corpo feminino. *Caderno espaço feminino, Uberlândia*, 28(2), 1981-3082. Retirado em 23.08.2023 de <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/34170/18208/139131>
- Cooper, C. (2010). Factor analysis. Em *Individual differences and personality*. (3 ed.). London: Hodder Education
- Cornish, A. (2020, 01.09). Often, It's Not What You Say, But 'How You Say It. <https://www.npr.org/2020/09/07/909224971/often-its-not-what-you-say-but-how-you-say-it>
- Costa, A. R., da Silva, P. L. O., & Jacobsen, R. T. (2019). Plasticidade cerebral: conceito (s), contribuições ao avanço científico e estudos brasileiros na área de

- Letras. *Entrepalavras*, 9(3), 457-476. Retirado em 11. 10.2023 de <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/1445/653>
- Côté, J. E. (2006). Acculturation and identity: The role of individualization theory. *Human Development*, 49(1), 31. Retirado em 10.10.2022 de https://www.researchgate.net/profile/James-Cote/publication/247701729_Acculturation_and_Identity_The_Role_of_Individualization_Theory/links/0046352519b6ea22cd000000/Acculturation-and-Identity-The-Role-of-Individualization-Theory.pdf
- Coutinho, A. R. (2000). Relações de gênero no mercado de trabalho: uma abordagem da discriminação positiva e inversa. *Revista da Faculdade de Direito UFPR*, 34. Retirado em 24.10.2021 de <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/1826/1522>
- Coutinho, M. D. P. D. L., Rodrigues, I. F., & Ramos, N. (2012). Transtorno mentais comuns no contexto migratório internacional. *Psico*, 400-407. Retirado em 10.05.2022 de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10512>
- Coutinho, E. C., Rodrigues, E. C., Carvalho, A. C., & Parreira, V. C. (2018). A competência cultural em enfermagem e a mediação intercultural preventiva. *Rev Migrações [Internet]*, 66- 81. Retirado em 02.03.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=NRa3DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA66&dq=Coutinho,+E.+C.,+Rodrigues,+E.+C.,+Carvalho,+A.+C.,+%26+Parreira,+V.+C.+\(2018\).+A+compet%C3%A2ncia+cultural+em+enfermagem+e+a+media%C3%A7%C3%A3o+intercultural+preventiva.+Rev+Migra%C3%A7%C3%B5es+%5Bin-ternet%5D,+66-+81&ots=Dx_-pFVcmA&sig=NEozn8dBiY0eM4G6YIBDMI_IV_Q](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=NRa3DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA66&dq=Coutinho,+E.+C.,+Rodrigues,+E.+C.,+Carvalho,+A.+C.,+%26+Parreira,+V.+C.+(2018).+A+compet%C3%A2ncia+cultural+em+enfermagem+e+a+media%C3%A7%C3%A3o+intercultural+preventiva.+Rev+Migra%C3%A7%C3%B5es+%5Bin-ternet%5D,+66-+81&ots=Dx_-pFVcmA&sig=NEozn8dBiY0eM4G6YIBDMI_IV_Q)
- Coutinho, M. C., Krawulski, E., & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19, 29-37. Retirado em 22.10.2022 de <https://www.scielo.br /j/psoc/ a/nN9wNGSfzdr9VxZkRSJqjmk/>
- Coutinho, M. D. P. D. L., Franken, I., & Ramos, N. (2010). Gênero e qualidade de vida no contexto da imigração internacional. *Seminário Internacional Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 1-11. Retirado em 10.05.2021 de <https://repositorioaberto.uab.pt/>
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage publications. Retirado em 07.08.2023 de <http://www.ceil-conicet.gov.ar/wp-content/uploads/2015/10/Creswell-Cap-10.pdf>
- Cuche, D. (1999). Cultura e identidad. In Cuche, D., & Mahler, P. (1999). *La noción de cultura en las ciencias sociales* (p. 60-68). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. Retirado em 03.09.2022 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/>
- Curiel Pichardo, R. Y. O. (2009). Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe. *Teoría y pensamiento feminista*. Retirado em 03.09.2023 de <https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/75231/ochycuriel.2009.pdf.pdf?sequence=1>
- d'Andrade, R. G., Shweder, R. A., & Le Vine, R. A. (1984). Cultural meaning systems. Adams, Robert McC, Ed.; *And Others Behavioral and Social Science Research: A National*, 197. Retirado em 21.04.2023 de [https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED228114 .pdf #page=204](https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED228114.pdf#page=204)

- Dantas, S. D., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiur, M. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(34), 45-60. Retirado em 02.02.2016 de <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/download/208/191>
- Darwish, A. F. E., & Huber, G. L. (2003). Individualism vs collectivism in different cultures: a cross-cultural study. *Intercultural education*, 14(1), 47-56. Retirado em 10.10.2016 de <http://learncloud-content.s3.amazonaws.com/files/1657ec10a27f033590067631ba7958bff911973f.pdf>
- De La Garza, A. T., & Ono, K. A. (2015). Retheorizing adaptation: Differential adaptation and critical intercultural communication. *Journal of International and Intercultural Communication*, 8(4), 269-289. Retirado em 11.05.2023 de https://www.researchgate.net/profile/Antonio-De-La-Garza/publication/2<82776699_Retheorizing_Adaptation_Differential_Adaptation_and_Critical_Intercultural_Communication/links/5d7886c04585151ee4ae03a7/Retheorizing-Adaptation-Differential-Adaptation-and-Critical-Intercultural-Communication.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail
- Del Bel, H. (2013). Construção e desconstrução da identidade feminina a partir de uma leitura de obras de autoajuda. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 3(2), 291-306. Retirado em 02.07.2023 de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/index.php/ecos/article/viewFile/1211/894>
- Deleuze, G. (1994). *Difference and Repetition*. UK: London. Columbia University Press
- Delius, M. (2010, 27.10). Die Deutschen nerven mit ihrer Rechthaberei. Welt. https://www.welt.de/print/die_welt/kultur/article10561175/Die-Deutschen-nerven-mit-ihrer-Rechthaberei.html
- Demografie Portal (n. d.). Kinderlosigkeit. <https://www.demografie-portal.de/DE/Fakten/kinderlosigkeit.html#:~:text=Fast%20die%20H%C3%A4lfte%20der%20heute,es%20im%20Westen%202022%20Prozent.>
- De Queiroz, G. M. (2017). Latino expatriate spouses' adjustment in Germany: their perceptions of the effects of cultural differences on their wellbeing. (Tese de mestrado). University of Liverpool, Liverpool, UK.
- Dewulf, J. (2004). A representação do Outro: Reflexões sobre o ensaio 'Can the subaltern speak?' de Gayatri Chakrovorty Spivak. *Cadernos de Literatura Comparada*, (10/11), 123-137. Retirado em 03.02.2023 de <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/download/647/678>
- Dias, S., Gonçalves, A. (2007). Migração e Saúde. In Dias, S. (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde*, setembro 2007, n.º 1, Lisboa: ACIDI, pp. 15-26. Retirado em 20.03.2022 de https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/migracoes1_art1.pdf
- Donath, O. (2015). Regretting motherhood: A sociopolitical analysis. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 40(2), 343-367. Retirado em 11.02.2023 de https://www.academia.edu/download/35996186/Regretting_Motherhood_-_A_Sociopolitical_Analysis.pdf
- Dua, Y. (2021). Identity in the Globalizing World. Retirado em 26.08.2021 de <https://thesocialtalks.com/world/identity-in-the-globalizing-world/>

- Eickelpasch, R., Rademacher, C. (2004). *Identität*. Retirado em 04.10.2021 de https://www.degruyter.com › 9783839402429_Leseprobe
- Emídio, T. S., & Gígek, T. (2019). Elas não querem ser mães: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 11(2), 186-197. Retirado em 03.03.2022 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912019000200007&script=sci_arttext
- Emidio, T. S., & Hashimoto, F. (2008). Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. In *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207 (Vol. 5, No. 2, pp. 27-36). Retirado em 03.03.2022 de <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/download/289/586>
- Entringer, T. M., & Kröger, H. (2021). Psychische Gesundheit im zweiten Covid-19 Lockdown in Deutschland (No. 1136). *SOE Papers on Multidisciplinary Panel Data Research*. Retirado em 10.08.2023 de <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/235757/1/.pdf>
- Erikson, E. H. (1968). Identity: Youth and crisis (No. 7). WW Norton & company. Retirado em 04.08.2022 de https://www.academia.edu/37327712/Erik_H_Erikson_Identity_Youth_and_Crisis_1_1968_W_W_Norton_and_Company_1_
- Erikson, E. (1973). *Identität und Lebenszyklus* Frankfurt, Alemanha: Suhrkamp Verlag. 29. Edition.
- Erikson, E. H., & Erikson, J. M. (1998). The ninth stage. In *The life cycle – completed* (extended version). New York, USA: WW Norton & Company. Retirado em 04.08.2022 de Retirado em de [https://books.google.de/books?hl=en&lr=&id=SKidSuluprgC&oi=fnd&pg=PP2&dq=Erikson,+E.+H.,+%26+Erikson,+J.+M.+\(1998\).+The+ninth+stage.+&ots=E8-fBzLiHJ&sig=9Tcen7pJ0jnfyIFQNGQb5x6chas&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.de/books?hl=en&lr=&id=SKidSuluprgC&oi=fnd&pg=PP2&dq=Erikson,+E.+H.,+%26+Erikson,+J.+M.+(1998).+The+ninth+stage.+&ots=E8-fBzLiHJ&sig=9Tcen7pJ0jnfyIFQNGQb5x6chas&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Faugier, J., & Sargeant, M. (1997). *Sampling hard to reach populations*. Journal of advanced nursing, 26(4), 790-797. Retirado em 09.05.2021 de https://www.researchgate.net/profile/Jean-Faugier/publication/227638887_Sampling_Hard_to_Reach_Populations/links/5cf38534299bf1fb184fde35/Sampling-Hard-to-Reach-Populations.pdf
- Fazito, D. (2010). Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25(72), 89-176.
- Ferres, R., Meyer-Belitz, F., & Röhrs, B. (2005). *Beruflich in Mexiko: Trainingsprogramm für Manager, Fach-und Führungskräfte*. Göttingen, Alemanha: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, (42), 122-135. Retirado em 05.02.2022 de <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/aletheia/article/download/3287/2468>
- Field, A. (2013). *Discovering Statistics Using IBM SPSS* (2nd ed.). London: Sage.
- Figueiredo Souza, A. L., & Polivanov, B. (2019). Ninguém fala do lado assustador de ser mãe: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade. *Revista fronteiras*, 21(1). Retirado 30.03.2022 de <https://>

www.academia.edu/download/60386268/Ninguem_fala_do_lado_assustador_de_ser_mae_testemu20190824-20135-eksnhj.pdf

- Fiorini, L. G. (2009). Las mujeres en el contexto y el texto freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 121-135. Retirado em 25.07.2023 de <http://apa.opac.ar/greenstone/collect/revapa/numeros/REVAPA20066302.pdf#page=81>
- Flippo, H. (1999) *The German way*, 1999, Editora Passport Books, segunda edição,
- Flynn, C. F. W. (2015). *Understanding how voluntary expatriates working in SMEs in Germany, perceive, make sense of and respond to their new cultural context* (Doctoral dissertation, Nottingham Trent University). Retirado em 20.04.2023 de <https://irep.ntu.ac.uk/id/eprint/27895/1/Clive.Flynn-2015.pdf>
- Fowler Jr, F. J., & Cosenza, C. (2009). Design and evaluation of survey questions. *The SAGE handbook of applied social research methods*, 375-412. Retirado em 02.02.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=m4_MAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA375&dq=Fowler+Jr,+F.+J.,+%26+Cosenza,+C.+\(2009\).+Design+and+evaluation+of+survey+questions.+The+SAGE+handbook+of+applied+social+research+methods,+375-412.+&ots=ZWSHTqJZyq&sig=ITiriwgg4aSZDjb2z99eWAQmBXk](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=m4_MAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA375&dq=Fowler+Jr,+F.+J.,+%26+Cosenza,+C.+(2009).+Design+and+evaluation+of+survey+questions.+The+SAGE+handbook+of+applied+social+research+methods,+375-412.+&ots=ZWSHTqJZyq&sig=ITiriwgg4aSZDjb2z99eWAQmBXk)
- Franken, I., Coutinho, M. D. P. D. L., & Ramos, M. N. P. (2012). Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 202-219. Retirado em 03.03.2021 de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PQYkfTZgXX5zDV3k6KT49pB/?lang=pt>
- Freud, S. (1914). Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse. *Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften V* (1917), p. 1–7. Retirado em 10.04.2023 de https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/imago1917_1919
- Freud, S. (2013). Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos* (1914–1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2013 Pg. 13–50. Retirado em 02.02.2021 de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-76495>
- Freud, S. (1935). Die Weiblichkeit: Em Freud - *Gesammelte Werke*. Retirado em 02.02.2021 de <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf>
- Freund, A. M. (2022). Die Entwicklung der Identität: Wer ich bin, und wenn ja, wann. Retirado em 10.09.2022 de https://www.psychologie.uzh.ch/dam/jcr:2fb856ec-cb5e-48da-a28b-0614993753cc/causa_freund.pdf
- Friedan, B. (2010). *The feminine mystique*. WW Norton & Company. Retirado em 17.08.2023 [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Xg6NEVBTM6IC&oi=fnd&pg=PA11&dq=Friedan,+B.+\(2010\).+The+feminine+mystique.+&ots=n0JhWZiV51&sig=UiaRm8f2HUNmapbPNatCB3LmmVQ](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Xg6NEVBTM6IC&oi=fnd&pg=PA11&dq=Friedan,+B.+(2010).+The+feminine+mystique.+&ots=n0JhWZiV51&sig=UiaRm8f2HUNmapbPNatCB3LmmVQ)
- Frosh, S., Baraitser, L. (2009). Goodbye to identity. Em *Identity in question*, 158-169. Retirado em 12.20.2021 de <https://www.torrossa.com/gs/resourceProxy?an=4912692&publisher=FZ7200#page=181>
- Furnham, A., & Marks, J. (2013). Tolerance of ambiguity: A review of the recent literature. *Psychology*, 4(09), 717-728. Retirado 04.05.2023 em de <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10078871/1/Tolerance%20of%20Ambiguity.pdf>

- Girona, J. R. (2016). De Sur a Norte, De Norte a Sur: El Balance Laboral De Mujeres Cualificadas Migrantes Por Amor From South To North, From North To South: the Work Balance of Qualified Love-Migrant. *Revista Andaluza de Antropología*, 11, 92-120.
- Godoy, A. S. (2005). Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Gestão. org*, 3(2), 80-89. Retirado em 01.03, 2021 de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7882368.pdf>
- Granada, D., Carreno, I., Ramos, N., & Ramos, M. D. C. P. (2017). Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 21, 285-296. Retirado em 14.03.2021 de <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10078871/1/Tolerance%20of%20Ambiguity.pdf>
- Graneheim, U. H., Lindgren, B. M., & Lundman, B. (2017). Methodological challenges in qualitative content analysis: A discussion paper. *Nurse education today*, 56, 29-34. Retirado em 24.05.2021 de <https://www.researchgate.net/>
- Groves, R. M., Fowler Jr, F. J., Couper, M. P., Lepkowski, J., Singer, E., & Tourangeau, R. (2009). *Survey Methodology* (2nd). Hoboken: John Wiley and Sons, 97-98. Retirado em 14.03.2021 de https://download.ebookshelf.de/download/0000/8065/21/L-G-0000_806521-0002312179.pdf
- Guattari, F., & Deleuze, G. (1994). *Rizoma*. Ed. Diálogo Abierto, Ciudad de México. Retirado em 03.07.2022 de <https://www.elortiba.org/old/pdf/rizoma.pdf>
- Hall, E. T. (2014). Monochronic and polychronic time. In Samovar, L. A., Porter, R. E., McDaniel, E. R., & Roy, C. S. (Ed.) *Intercultural communication: A reader*, 9, 280-286. Cengage Learning. Retirado em 26.06.2021 de <https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id=557f38556225ff20628b45d0&assetKey=AS:273797146447876@1442289734624>
- Hall, E. T., & Hall, M. R. (2001). Key concepts: Underlying structures of culture. *International HRM: managing diversity in the workplace*, 24-40. Retirado em 26.06.2021 de <https://www.csun.edu/~sm60012/Intercultural/Key%20Concepts%20-%20Hall%20and%20Hall%20-%201.pdf>
- Hall, S. (1992). Introduction: Identity in question. *Modernity and its futures*. Cambridge: *Polity*. Retirado em 11.07.2021 de https://is.muni.cz/el/1421/jaro2006/PH1215/um/Hall_Concepts_of_identity.pdf
- Hall, S. (1996). Raça, o significante flutuante. *Revista Z Cultural*, UFRJ, online. Retirado em 19.07.2021 de <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br>
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & realidade*, 22(2). Retirado em 11.07.2021 de <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>
- Hall, S. (2000). Who needs identity. In *Questions of cultural identity*. Hall, S., & Du Gay, P. (Eds.). Retirado em 26.06.2021 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>
- Hall, S. (2006). Identity in question. Em Hall, S., & Du Gay, P. (Eds.). *Questions of cultural identity* (pp. pp-273). Crane Resource Centre. Retirado em 26.06.2021 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>

- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora. 11 edição. Retirado em 26.06.2021 de https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/49184704/IDENTIDADE_CULTURAL_E_POS_MODERNIDADE_-_Stuart_Hall-libre.pdf?1475080427_
- Harrington, R. (2019). Childfree by choice. *Studies in Gender and sexuality*, 20(1), 22-35. Retirado em 20.04.2023 de https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/15240657.2019.1559515?casa_token=hARROgSn5pAAAAAA:JOQIWm4faT4lh0UFlnQHfE1iOBy6T2MllgCKUo9AIYQUhDG-ITDG4_5-d1Th-XU11u4DrycZRqZfw
- Heinrich Heine Universität Düsseldorf (n.d.). Statistical Power Analyses for Mac and Windows. HHU. <https://www.psychologie.hhu.de/arbeitsgruppen/allgemeine-psychologie-und-arbeitspsychologie/gpower>
- Hoare, C. H. (2002). *Erikson on development in adulthood: New insights from the unpublished papers*. New York: Oxford University Press. Retirado em 02.09.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=URJnDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR15&dq=Hoare,+C.+H.+\(2002\).+Erikson+on+development+in+adulthood:+New+insights+from+the+unpublished+papers.+New+York:+Oxford+University+Press&ots=Y4ysxgL7oZ&sig=SfXmWwF4osS2-hXVhhRQwskIQ70](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=URJnDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR15&dq=Hoare,+C.+H.+(2002).+Erikson+on+development+in+adulthood:+New+insights+from+the+unpublished+papers.+New+York:+Oxford+University+Press&ots=Y4ysxgL7oZ&sig=SfXmWwF4osS2-hXVhhRQwskIQ70)
- Hoffmann, D. (2008). Review: D. Jean-Claude Kaufmann (2005). *Die Erfindung des Ich. Eine Theorie der Identität*. FQS, volume 9, no. 1, art. 27 – Januar 2008. Retirado em 29.03.2023 de <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/359>
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. *Online readings in psychology and culture*, 2(1), 2307-0919. Retirado em 18.08.2016 de <https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=orpc>
- Holmstrom, A. J., & Kim, S. (2015). The mediating role of cognitive reattribution and reappraisal in the esteem support process. *Communication Research*, 42(1), 60-86. Retirado em 01.09.2022 de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0093650212449015>
- Hong, Y. Y., Morris, M. W., Chiu, C. Y., & Benet-Martinez, V. (2000). Multicultural minds: A dynamic constructivist approach to culture and cognition. *American psychologist*, 55(7), 709. Retirado em 08.01.2024 de https://www.researchgate.net/profile/Veronica-Benet/publication/265021850_How_Cultures_Move_Through_Minds_A_Dynamic_Constructivist_Approach_to_Culture_and_Cognition/links/5474bcd90cf245eb436df907/How-Cultures-Move-Through-Minds-A-Dynamic-Constructivist-Approach-to-Culture-and-Cognition.pdf
- Horney, K. (1932). Die Angst vor der Frau: Über einen spezifischen Unterschied in der männlichen und weiblichen Angst vor dem andern Geschlecht. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 18(1), 5-18. Retirado em 02.09.2023 de https://dn790007.ca.archive.org/0/items/InternationaleZeitschriftFuumlrPsychoanalyseXviii1932Heft1/IZ_XVIII_1932_Heft_1.pdf
- Hu, B., Shao, J., & Palta, M. (2006). Pseudo-R 2 in logistic regression model. *Statistica Sinica*, 847-860. Retirado em 22.11.2022 de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>
- Huynh, Q.L., Nguyen, A.M. D., & Benet-Martínez, V. (2011). Bicultural identity integration. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of*

- identity theory and research* (pp. 827-844). New York, NY: Springer. Retirado em 25.01.2022 de https://www.academia.edu/download/36742869/Huynh_BII_ID-hndbk2011.pdf
- IBM (2022, 13.09). Pseudo R Quadrado. SPSS Statistics. <https://www.ibm.com/docs/pt-br/spss-statistics/saas?topic=model-pseudo-r-square>
- Ikink, J. G., Lamers, S. M., & Bolier, J. M. (2012). De Warwick-Edinburgh Mental Well-being Scale (WEMWBS) als meetinstrument voor mentaal welbevinden in Nederland. Universiteit Twente: Enschede, The Netherlands. Retirado em 01.04.2022 de [https://essay.utwente.nl/63228/1/Ikink,_J.G.M._-_s1056719_\(verslag\).pdf](https://essay.utwente.nl/63228/1/Ikink,_J.G.M._-_s1056719_(verslag).pdf)
- Imai, M., Kanero, J., & Masuda, T. (2016). The relation between language, culture, and thought. *Current Opinion in Psychology*, 8, 70-77. Retirado em 18.05.2023 de https://cogpsy.sfc.keio.ac.jp/imaib/Downloads/imai_et_al_2015_current_opinion_psychology.pdf
- Ippolito, E. (2019, 20.12.). Rowlings simpler Reflex. Spiegel. <https://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/j-k-rowling-die-dementorin-unter-den-feministinnen-a-1302365.html>
- Iredale, R. (2005). Gender, immigration policies and accreditation: Valuing the skills of professional women migrants. *Geoforum*, 36(2), 155-166. Retirado em 13.08.2023 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0016718504000673>
- Ireland, M. S. (1993). *Reconceiving women: Separating motherhood from female identity*. US, New York, The Guilford Press.
- Irigaray, L. (1985). Psychoanalytic Theory: Another Look. In *This sex which is no one*. Retirado em 18.10.2023 de <https://caringlabor.files.wordpress.com/2010/11/irigaray-this-sex-which-is-not-one.pdf>
- Joaquim, T. (1998). Social citizenship and motherhood. Shifting bonds, shifting bounds: women, mobility and citizenship in Europe, 77-83. Retirado em 15.10.2023 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5033/1/textoshifting%20bonds%20%20shifting%20bounds.PDF>
- Joaquim, T. (1999). Criação de humanos e/ou de conceitos a questão da maternidade n' O Segundo Sexo. *cadernos pagu*, (12), 165-202. Retirado em 09.08.2022 de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/download/8634894/2793>
- Joaquim, T. (2019). Posfácio: Dar à Luz ou a visualização de um rosto. Etnográfica Press. Retirado em 02.04.2021 de <https://books.openedition.org/etnograficapress/4626?lang=de>
- Joaquim, T., Barros, M. (2019). Os percursos da escolha: contextos e condições da decisão sobre a maternidade e não maternidade. In: *Estudos sobre as mulheres: conhecimentos itinerantes, percursos partilhados*. Publicado pela Universidade Aberta. Retirado em 03.04. 2023 de https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9765/1/E-book%20-%20Estudos%20sobre%20as%20Mulheres%20-%20Conhecimentos%20itinerantes%20%20percursos%20partilhados_final.pdf

- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. Retirado em 13.01.2024 de <http://www.personality-project.org/revelle/syllabi/classreadings/john.pdf>
- Judith, B. (1999). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge New York. Retirado em 06.03.2023 de https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-gender_trouble.pdf
- Jurado, D., Alarcón, R. D., Martínez-Ortega, J. M., Mendieta-Marichal, Y., Gutiérrez-Rojas, L., & Gurpegui, M. (2017). Factors associated with psychological distress or common mental disorders in migrant populations across the world. *Revista de Psiquiatria y Salud Mental* (English Edition), 10(1), 45-58. Retirado em 20.10.2017 de https://manuelgurpegui.es/wp-content/uploads/2015/11/Jurado_17rpsm_Factors-assoc-with-CMD-across-the-world.pdf
- Kaufmann, J. C. (2004). *A invenção de si: uma teoria da identidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Keupp, H. (2013). Subjektgenese, Enkulturation und Identität. Em *Kulturelle Bildung Online*. Retirado em 22.04.2023 de <https://www.kubi-online.de/artikel/subjektgenese-enkulturation-identitaet>
- Keupp, H. (2013). Identitätsarbeit heute: Befreit von Identitätszwängen, aber ein lebenslanges Projekt. *Zukunftsfeld Bildungs-und Berufsberatung II. Das Gemeinsame in der Differenz finden*, 49-69. Retirado em 04.07.2022 de https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/51989/ssoar-2013-hammerer_et_al-Zukunftsfeld_Bildungs-_und_Berufsberatung_II.pdf?sequence=1#page=51
- Kim, B. S. (2007). Acculturation and enculturation. *Handbook of Asian American psychology*, 2, 141-158. Retirado em 10.02.2022 de https://www.researchgate.net/publication/331233432_Acculturation_and_Enculturation_A_Review_of_Theory_and_Research
- Kim, Y. Y., & Gudykunst, W. (2005). Adapting to a new culture. Em *Theorizing about intercultural communication*, 375400. Retirado em 03.02.2022 de [https://www.academia.edu/download/62960090/Managemen_Makna_Terkordinas_i20200414-85186-ufpvkk.pdfbooks?hl=en&lr=&id=E12VSljBmvAC&oi=fnd&pg=PA375&dq=Kim,+Y.+Y.,+%26+Gudykunst,+W.+\(2005\).+Adapting+to+a+new+culture.+Theorizing+about+intercultural+communication,+375400.+&ots=FzOENMAW 3g&sig=iPwTy9dLo2YMx0N6TvasITel3W8](https://www.academia.edu/download/62960090/Managemen_Makna_Terkordinas_i20200414-85186-ufpvkk.pdfbooks?hl=en&lr=&id=E12VSljBmvAC&oi=fnd&pg=PA375&dq=Kim,+Y.+Y.,+%26+Gudykunst,+W.+(2005).+Adapting+to+a+new+culture.+Theorizing+about+intercultural+communication,+375400.+&ots=FzOENMAW 3g&sig=iPwTy9dLo2YMx0N6TvasITel3W8)
- Kim, Y. Y. (2000). *Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation*. Sage Publications. Retirado em 05.02.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=3WU48VkOOvIC&oi=fnd&pg=PP13&dq=Kim,+Y.+Y.+\(2000\).+Becoming+intercultural:+An+integrative+theory+of+communication+and+cross-cultural+adaptation.+Sage+Publications.+&ots=A-zvo3ZPhi&sig=q2UzzS64cUB4nga4x6icl-tTYZE](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=3WU48VkOOvIC&oi=fnd&pg=PP13&dq=Kim,+Y.+Y.+(2000).+Becoming+intercultural:+An+integrative+theory+of+communication+and+cross-cultural+adaptation.+Sage+Publications.+&ots=A-zvo3ZPhi&sig=q2UzzS64cUB4nga4x6icl-tTYZE)
- Kim, Y. Y. (2008). Intercultural personhood: Globalization and a way of being. *International journal of intercultural relations*, 32(4), 359-368. Retirado em

11.02.2022

de

<https://>

www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0147176708000278

- Kim, Y. Y. (2010). Theory reflections: Cross-cultural adaptation theory. *Cross-Cultural Adaptation*. Retirado em 05.07.2022 de https://www.nafsa.org/sites/default/files/ektron/files/underscore/theory_connections_crosscultural.pdf
- Kim, Y. (2014). Globalization and intercultural personhood. Intercultural communication: A reader, 83-94. In Samovar, L. A., Porter, R. E., McDaniel, E. R., & Roy, C. S. (org.). *Intercultural communication: A reader*. Cengage Learning. Retirado de <https://www.researchgate.net/>
- Klein. M. (1945). The Oedipus Complex. Retirado em 11.09.2013 de <https://p-c-c.org/wp-content/uploads/2016/07/KLEIN-The-Oedipus-Complex.pdf>
- Knipper, M., & Bilgin, Y. (2009). *Migration und Gesundheit*. Sankt Augustin, Berlin: Konrad-Adenauer-Stiftung. Retirado em 13.02.2022 de https://www.uni-giessen.de/fbz/fb11/institute/histor/downloads/archivdownloads/migration-gesundheit/@@download/file/kas_16451-544-1-30.pdf
- Köhler, A. A. (2005). Migration der Muslime in Deutschland. Em Assion, H. J. (2005). *Migration und seelische Gesundheit*. Heidelberg, Alemanha: Springer Medizin Verlag Heidelberg.
- Kosic, A. (2006). Individual and personality dimensions in acculturation: risk and protective factors. Em Sam, D. L., & Berry, J. W. (Eds.). (2006). *The Cambridge handbook of acculturation psychology*. Cambridge University Press, pp. 113-128. Retirado em 30.05.2023 de <https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/PPP101/%CE%92%CE%B9%CE%B2%CE%BB%CE%B9%CE%BF%CE%B3%CF%81%CE%B1%CF%86%CE%AF%CE%B1/The%20Cambridge%20handbook%20of%20acculturation%20psychology%20%28Sam%20%26%20Berry%2C%202006%29.pdf#page=138>
- Kristiansen, M., Razum, O., Tezcan-Güntekin, H., & Krasnik, A. (2016). Aging and health among migrants in a European perspective. *Public Health Reviews*, 37(1), 1-14. Retirado em 16.03.2022 de <https://publichealthreviews.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40985-016-0036-1>
- Kroger, J. (2007). Why is identity achievement so elusive? *Identity: An international Journal of Theory and research*, 7(4), 331-348. Retirado em 01.05.2022 de https://www.researchgate.net/publication/233354262_Why_Is_Identity_Achievement_So_Elusive
- Lacan, J. (1962). *Book X-Anxiety*. Retirado em 15.05.2023 de https://www.valas.fr/IMG/pdf/THE-SEMINAR-OF-JACQUES-LACAN-X_1_angoisse.pdf
- Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise social*, 871-883. Retirado em 20.05.2020 de <https://www.jstor.org/stable/41011346>
- Larrauri, M. (2017). *Deleuze/Rizoma*. Vídeo da série Filosofia para Profanos [Video]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=4h9DZs9cwE0>
- Lassance, M. C. P. (1997). A construção de gênero e a formação da identidade profissional feminina. *Revista Tecnologia & Humanismo*, (17), 13-19. Retirado em 02.06.2023 de <http://revistas.utfpr.edu.br/rth/article/view/6507>

- Layes, G. (2010). Cultural dimensions. In Thomas, A., Kinast, E. U., & Schroll-Machl, S. (Eds.). *Handbook of Intercultural Communication and Cooperation: Basics and Areas of Application*. Vandenhoeck & Ruprecht. Retirado em 03.05.2023 de [https://books.google.de/books?id=WJnkEAAAQBAJ&pg=PA342&dq=Thomas,+A.,+Kinast,+E.+U.,+%26+Schroll-Machl,+S.+\(Eds.\).+Handbook+of+Intercultural+Communication+and+Cooperation:+Basics+and+Are-as+of+Application.+Vandenhoeck+%26+Ruprecht.&hl=de&newbks=1&newbks_redir=1&sa=X&ved=2ahUKEwjK0LCn38GDAXn-QIHHTXnCbQQ6AF6BAgHEAI](https://books.google.de/books?id=WJnkEAAAQBAJ&pg=PA342&dq=Thomas,+A.,+Kinast,+E.+U.,+%26+Schroll-Machl,+S.+(Eds.).+Handbook+of+Intercultural+Communication+and+Cooperation:+Basics+and+Are-as+of+Application.+Vandenhoeck+%26+Ruprecht.&hl=de&newbks=1&newbks_redir=1&sa=X&ved=2ahUKEwjK0LCn38GDAXn-QIHHTXnCbQQ6AF6BAgHEAI)
- Leal, D., & Antunes, M. A. M. (2015). Compensação e deficiência no pensamento de Alfred Adler (1870-1937). *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 29, 13-33. Retirado em 20.07.2023 de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6503/4086/>
- León, E. A. (2010). Gilles Deleuze y el psicoanálisis. El psicoanálisis en Latinoamérica, 163. Retirado em 03.05.2023 de <http://apa.opac.ar/greenstone/collect/revapa/numeros/REVAPA20106712.pdf#page=151>
- Leroy, A. (2023). A face feminina das migrações globais. Outras palavras. Retirado em 07.10.2024 de <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=6591:a-face-feminina-das-migracoes-globais&catid=587>
- Lima, M. E. A. (2007). Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. *Educação & Tecnologia*, 12(3). Retirado em 05.07.2022 de <http://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/download/107/109>
- Lima, M. A., & Togni, P. (2012). Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. *IPOTESI—Revista de Estudos Literários*, 16(1), 135-144. Retirado em 04.06.2023 de <http://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25749/14668>
- Lipovetsky, G. (2013). La mujer en el trabajo. Em *La tercera mujer: permanencia y revolución de lo femenino*. Barcelona, Espanha: Editora Anagrama. 7ª edição, p. 201-208.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco. 3ª edição
- Liu, S. (2017). 20 Cross-cultural adaptation: An identity approach. *Intercultural communication*, 9, 437. Retirado em 05.08.2022 de https://www.researchgate.net/profile/Shuang-Liu-100/publication/320094332_Cross-cultural_adaptation_An_identity_approach/links/5f8528b0299bf1b53e22fb7e/Cross-cultural-adaptation-An-identity-approach.pdf
- Lo, H. T., & Fung, K. P. (2003). Culturally competent psychotherapy. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 48(3), 161-170. Retirado em 05.08.2022 de <https://jounls.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/070674370304800304>
- Lusografias (n. d.). Plural como o universo. <http://lusografias.lusofrances.pt/exposicao-fernando-pessoa-plural-como-o-universo/>
- Macedo, A: (2018). A importância da terminologia. Em *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*. Lisboa, Portugal: Editora Silabo. Pg 19-22.
- Machleidt, W., & Heinz, A. (2011). Dynamische Modelle der Migration. Praxis der interkulturellen Psychiatrie und Psychotherapie. Migration und psychische

- Gesundheit. Pp. 36-38. Retirado em 02.09.2023 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=6_DQDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA31&dq=Machleidt,+W.,+%26+Heinz,+A.+\(201\).+Dynamische+Modelle+der+Migration.+Praxis+der+interkulturellen+Psychiatrie+und+Psychotherapie.+Migration+und+psychische+Gesundheit&ots=5-pikc-jbB&sig=ozETnAPBKV0xdFc6kNGZtFTDcOU](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=6_DQDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA31&dq=Machleidt,+W.,+%26+Heinz,+A.+(201).+Dynamische+Modelle+der+Migration.+Praxis+der+interkulturellen+Psychiatrie+und+Psychotherapie.+Migration+und+psychische+Gesundheit&ots=5-pikc-jbB&sig=ozETnAPBKV0xdFc6kNGZtFTDcOU)
- Maluf, V. M. D. (2009). Women, work and motherhood: a contemporary view. Retirado em 8.11.2021 de <https://tedeantiga.pucsp.br/handle/handle/15879>
- Mauss, M. (1935). *A noção da técnica do corpo*. Em *Sociologia e antropologia*. Pp. 401-408 Retirado em 14.11.2023 de https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf
- Mauz, E., Eicher, S., Peitz, D., Junker, S., Hölling, H., & Thom, J. (2021). Psychische Gesundheit der erwachsenen Bevölkerung in Deutschland während der COVID-19-Pandemie. *Ein Rapid-Review*. Retirado em 10.10.2023 de https://edoc.rki.de/bitstream/handle/176904/8995/JoHM_S7_2021_Psychische_Gesundheit_Erwachsene_COVID-19.pdf?sequence=4
- Mélio, R. P., & Di Paolo, A. F. (2007). Subjetivações, identidades e o linguajar. Retirado em 02.04.2022 de https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3485/1/2007_Art_RPMelloAFDPAolo.pdf
- Merced, K., Ohayagha, C., Grover, R., Garcia-Rodriguez, I., Moreno, O., & Perrin, P. B. (2022). Spanish Translation and Psychometric Validation of a Measure of Acculturative Stress among Latinx Immigrants in the USA. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(5), 2808. Retirado em 10.09.2021 de <https://www.mdpi.com/1660-4601/19/5/2808>
- Midway, S. (n.d.). Random Effects- Em Data Analysis in R. Retirado em 14.01.2024 de https://bookdown.org/steve_midway/DAR/random-effects.html
- Miller, M. J., Kim, J., & Benet-Martínez, V. (2011). Validating the riverside acculturation stress inventory with Asian Americans. *Psychological Assessment*, 23(2), 300. Em 10.09.2021 de https://www.researchgate.net/profile/Veronica-Benet/publication/50303030_Validating_the_Riverside_Acculturation_Stress_Inventory_With_Asian_Americans/links/5474be7b0cf245eb436dfa2a/Validating-the-Riverside-Acculturation-Stress-Inventory-With-Asian-Americans.pdf
- Miranda, J. (2009). A feminização da imigração. Em *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Vol. 35. Observatório da Imigração, ACIDI, IP, 2009. p. 22-31. Retirado em 12.08.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=wIyA-prFO9YC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Miranda,+J.+\(2009\).+A+feminizacao+da+imigracao.+Em+Mulheres+imigrantes+em+Portugal:+mem%C3%B3rias,+dificuldades+de+integra%C3%A7%C3%A3o+e+projectos+de+vida.+Vol.+35.+Observat%C3%B3rio+da+Imigra%C3%A7%C3%A3o,+ACIDI,+IP,+2009.+p.+22.31&ots=zCRRmlN3-d&sig=YYXAvGz6V_Mf8tpg2gTad0jSHx4](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=wIyA-prFO9YC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Miranda,+J.+(2009).+A+feminizacao+da+imigracao.+Em+Mulheres+imigrantes+em+Portugal:+mem%C3%B3rias,+dificuldades+de+integra%C3%A7%C3%A3o+e+projectos+de+vida.+Vol.+35.+Observat%C3%B3rio+da+Imigra%C3%A7%C3%A3o,+ACIDI,+IP,+2009.+p.+22.31&ots=zCRRmlN3-d&sig=YYXAvGz6V_Mf8tpg2gTad0jSHx4)
- Mitchell, J. (2000). Introduction. Em *Psychoanalysis and feminism: A radical reassessment of Freudian Psychoanalysis*. New York, US: Penguin Books, 4a edição. Retirado

em em 13.11.2023 de <https://archive.org/details/psychoanalysis-and-feminism-a-radical-reassessment-of-freudian-psychoanalysis-by/page/n3/mode/2up>

- Mnich, K., & Mnich, K. (2017). Der Rückkehrschock. Em *Reintegrationsschwierigkeiten von Expatriates: Untersuchung des Rückkehrschocks nach dem internationalen Personaleinsatz*, 35-40. Retirado em 10.08.2023 de [https://books.google.com/books?en&lr=&id=_UUiDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR5&dq=Mnich,+K.,+%26+Mnich,+K.+\(2017\).+Der+R%C3%BCckkehrschock.+Em+Reintegrationsschwierigkeiten+von+Expatriates:+Untersuchung+des+R%C3%BCckkehrschocks+nach+dem+internationalen+Personaleinsatz,+35-40.+&ots=Ob4q4dHMR_&sig=8tDQRll4KrNZoEYwfsXmrfX5W8k](https://books.google.com/books?en&lr=&id=_UUiDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR5&dq=Mnich,+K.,+%26+Mnich,+K.+(2017).+Der+R%C3%BCckkehrschock.+Em+Reintegrationsschwierigkeiten+von+Expatriates:+Untersuchung+des+R%C3%BCckkehrschocks+nach+dem+internationalen+Personaleinsatz,+35-40.+&ots=Ob4q4dHMR_&sig=8tDQRll4KrNZoEYwfsXmrfX5W8k)
- Moreira, J. O. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 9(1), 233-247. Retirado em 12.06.2023 de <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844628018.pdf>
- Moresco, M. C., & Ribeiro, R. (2015). O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 14(27). Retirado em 02.05.2022 de <https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/download/13570/pdf>
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2011). Identidade de lugar. *Temas básicos em Psicologia ambiental*, 208-226. Retirado em 08.07.2022 de <https://psiambiental.files.wordpress.com/2016/03/mourao-cavalcante-2011-identidade-de-lugar.pdf>
- Murji, K., Solomos, J. (2005). Racialization. Em *International Encyclopedia of the social & behavioral sciences* (Second Edition), 2015. Retirado em 17.01.2024 de <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/racialization>.
- Myers, D. G., & Twenge, J. M. (2013). Genes, culture, and gender. Em *Social psychology* (11th ed.). New York, US: McGraw-Hill.
- Navas, M., Rojas, A. J., García, M., & Pumares, P. (2007). Acculturation strategies and attitudes according to the Relative Acculturation Extended Model (RAEM): The perspectives of natives versus immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 31(1), 67-86. Retirado em 02.06.2022 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0147176706000617>
- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism unpacked: Components, measurement, individual differences, and outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 101-114. Retirado em 02.02.2023 de https://www.academia.edu/download/49837491/Biculturalism_Unpacked_Components_Measur20161024-11155-u7b0dt.pdf
- Nguyen, A.-M. T. D., & Benet-Martínez, V. (2012). Biculturalism and Adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(1), 122–159. Retirado em 02.02.2023 de https://www.researchgate.net/publication/258144013_Biculturalism_and_Adjustment_A_Meta-Analysis
- Nickerson, R. S. (1998). Confirmation bias: A ubiquitous phenomenon in many guises. *Review of general psychology*, 2(2), 175-220. Retirado em 23.07.2022 de <https://www.donchristoff.com/wp-content/uploads/2022/11/nickerson1998.pdf>

- Noack, J. (2006). A idéia de identidade sob uma perspectiva semiótica. *Galáxia*, (12), 103-113. Retirado em 03. 06.2021 de <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641238008.pdf>
- Noack, J. (2010). Eileitung -Erik H. Erikson: Identität und Lebenszyklus. In *Schlüsselwerke der Identitätsforschung* (pp. 37-53). VS Verlag für Sozialwissenschaften. Retirado em 05.05.2023 de https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-531-92196-9_3
- Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais (23.06.2011). *Entrevista exclusiva Zygmunt Bauman* [Video]. Retirado em 27.08.2021 de YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM> (2011)
- Oliveira, J. M. (2010). Os feminismos habitam espaços hifenizados: a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. *Ex aequo*, 22, 25-39. Retirado em 12.11. 2023 de <https://scielo.pt/pdf/aeq/n22/n22a05.pdf>
- Oliveira, A. (2012). Identidade de Zygmunt Bauman. *Revista Linguasagem*, 19(1). Retirado em 13. 07. 2022 de <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/download/1226/738>
- Orde, H. (2016). Perspectives on identity. An overview of identity concepts from psychoanalysis, sociology and psychology. Retirado em 04.10.2021 de <https://www.semanticscholar.org/paper/Perspectives-on-identity-AN-OVERVIEW-OF-IDENTITY-%2C-Orde/7e667ea0cae01ec54e0ddbace9e10cb60eaa6531>
- Pant, S. (2022). *Home is where the Heart is? Experiences, Expectations and Struggles of Highly Qualified Female Love Migrants* (Doctoral dissertation). Retirado em 09.10.2024 de <https://kobra.uni-kassel.de/bitstream/handle/123456789/14432/DissertationSaumyaPant.pdf?sequence=3>
- Park, J., & Park, M. (2016). Qualitative versus quantitative research methods: Discovery or justification? *Journal of Marketing Thought*, 3(1), 1-7. Retirado em 10.08.2021 de <https://kiss.kstudy.com/Detail/Ar?key=3560136>
- Peck, S. C. (2018). Revisiting Erikson's neglected concepts of ego-identity and self-identity: Hidden persuaders in the twilight zones of awareness. *Archives of Psychology*, 2(1). Retirado em 02.04.2022 de <https://www.archivesofpsychology.org/index.php/aop/article/view/39>
- Penner-Goeke, S., & Binder, E. B. (2019). Epigenetics and depression. *Dialogues in clinical neuroscience*, 21(4), 397-405. Retirado em 10.10.2023 de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.31887/DCNS.2019.21.4/ebinder>
- Pereira, H. R. (2004). A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, 2(2), 87-98. Retirado em 02. 06.2023 de <https://www.redalyc.org/pdf/420/42000207.pdf>
- Pereira, G.T.L. (2021, 13.05). *Especial Karl Marx 01 – Alienação*. Retirado em 17.07-2021 de <https://www.youtube.com/watch?v=4a4XBSaNTBQ>. [Video]
- Peres, R. G., & Baeninger, R. (2016). Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. *Anais*, 1-16. Retirado em 10.08.2021 de http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386697149_ARQUIVO_RobertaGuimaraesPeres.pdf
- Perez, A. V., Ventura, H. R., da Silva, J. M., Martins, M. E. S., & Barros, J. (2022). Identidade e trabalho: Mulheres em contexto de pandemia e home office. *Revista*

- Espirales*, 6(1), 78-94. Retirado em 01.09. 2023 de <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/download/3812/3185>
- Perfil da Alemanha (n.d.) Migração e integração. <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt-br/migracao-e-integracao>
- Pessoa, F. (1944). Lisboa revisitada. Em *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa, Portugal: Ática, 1944
- Peterson, H., & Engwall, K. (2013). Silent bodies: Childfree women's gendered and embodied experiences. *European Journal of Women's Studies*, 20(4), 376-389. Retirado em 10.09.2023 de https://www.academia.edu/download/37183703/European_Journal_of_Womens_Studies-2013-Peterson-376-89.pdf
- Phinney, J.S. (2016). Foreword. Em *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Ed. Sam, D. L. & Berry, J. W. ". 2. Edition. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Phinney, J. S., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of social issues*, 57(3), 493-510. Retirado em 30.03.2022 de https://www.academia.edu/download/48204352/Ethnic_Identity_Immigration_and_WellBein20160820-21684-13af86m.pdf
- Pioli, E. (2011). Sofrimento e reconhecimento: o papel do trabalho na constituição da identidade. *Revista USP*, (88), 172-182. Retirado em 07.08.2023 de <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13861/15679>
- Plamper, J. (2019, 16.03). Einwanderungsland Deutschland: Deutsche und Plusdeutsche. Deutschlandfunk. <https://www.deutschlandfunkkultur.de/einwanderungsland-deutschland-deutsche-und-plusdeutsche-100.html>
- Polderman, T. J., Kreukels, B. P., Irwig, M. S., Beach, L., Chan, Y. M., Derks, E. M., ... & International Gender Diversity Genomics Consortium. (2018). The biological contributions to gender identity and gender diversity: bringing data to the table. *Behavior genetics*, 48, 95-108. Retirado em 16.10.2023 de https://www.researchgate.net/profile/IsabelEsteva/publication/323261652_The_Biological_Contributions_to_Gender_Identity_and_Gender_Diversity_Bringing_Data_to_the_Table/links/5c66cecca6fdcc404eb43ad5/The-Biological-Contributions-to-Gender-Identity-and-Gender-Diversity-Bringing-Data-to-the-Table.pdf
- Poletto, J., & Kreutz, L. (2014). Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. *Conjectura: filosofia e educação*, 19(2), 199-203. Retirado 04.05.2022 de http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2515/pdf_251
- Pöttsch, O. (2021, 10.03). Langjähriger Trend. Kurz & Knapp. <https://www.bpb.de/kurzknapp/zahlen-und-fakten/datenreport-2021/familie-lebensformen-und-kinder/329599/langjaehriger-trend/>
- Prout, T. A., Zilcha-Mano, S., Aafjes-van Doorn, K., Békés, V., Christman-Cohen, I., Whistler, K., ... & Di Giuseppe, M. (2020). Identifying predictors of psychological distress during COVID-19: a machine learning approach. *Frontiers in Psychology*, 11, 586202. Retirado em 14.08.2023 de <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.586202/full>

- Pulcini, E. (2012). Introduction. Em *Care of the world. Fear, responsibility and justice in the global age*. Dordrecht, NL: Springer. Retirado em 15.05. 2022 de <https://www.researchgate.net/>
- Ramos, N., & Franken, I. (2018). Cidadania e direitos aprisionados de brasileiros imigrantes ilegais na Suíça: Implicações na saúde e qualidade de vida. *Revista Ambivalências*. Retirado em 13.10.2020 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7611/1/natalia%20ramos%20e%20ieda%20franken%209938-28239-1-PB%20%283%29.pdf>
- Ramos, N. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. *Revista Portuguesa de pedagogia*, 155-178. Retirado em 13.10.2020 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7611/1/natalia%20ramos%20e%20ieda%20franken%209938-28239-1-PB%20%283%29.pdf>
- Ramos, N. (2006). Migração, aculturação, stresse e saúde: perspectivas de investigação e de intervenção. *Psychologica*, 41, 329-350. Retirado de em 20.08.2022 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6833/1/Psychologica-2006-41-329-350.pdf>
- Ramos, N. (2008). Comunicação e saúde em contexto multicultural. *IV ENECULT-Encontros de estudos Multidisciplinares em Cultura*, 1-14. Retirado em 20.10.2022 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6833/1/Psychologica-2006-41-329-350.pdf>
- Ramos, N. (2012). Migração, maternidade e saúde. *Repertório: teatro & dança*, 84-93. Retirado em 10.09.2022 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3128/1/maternidade%20e%20migra%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Ramos, N. (2013). Interculturalidade (s) e mobilidade (s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. *The Overarching Issues of the European Space*. Porto, Portugal: Faculdade Letras Universidade do Porto, 343-360. Retirado em 20.10.2020 de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7707/4/2013%20interculturalidades%20e%20mobilidades.pdf>
- Ramos, N. (2015). Famílias migrantes nas cidades interculturais: acolhimento, solidariedade e saúde. In *Livro de Atas do I. o Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa* (pp. 2956-2968). Retirado em 13.10.2020 de <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/download/15157/8026/45331>
- Razum, O., Wenner, J., & Bozorgmehr, K. (2016). Wenn Zufall über den Zugang zur Gesundheitsversorgung bestimmt: Geflüchtete in Deutschland. *Das Gesundheitswesen*, 78(11), 711-714. Retirado em 23.10.2022 de <https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/html/10.1055/s-0042-116231>
- Reche, M. I. O. (2002). Comunicacni3n intercultural: “Comunicándonos con mujeres de otras culturas”. *Matronas Profesi3n*, 9, 21-27. Retirado em 01.09.2023 de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-23034>

- Reinhardt, W. (produtor) & Huston, J. (diretor) (1962). Freud, Além da Alma <filme>. USA: Universal-International. Retirado em 12.08.2023 de <https://www.youtube.com/watch?v=TzfWe5CdwvA>
- Rennie, D. L. (2012). Qualitative research as methodical hermeneutics. *Psychological Methods*, 17(3), 385. Retirado em 11. 12. 2021 de <https://www.researchgate.net/>
- Ribeiro, D. (2020). O lugar da fala. São Paulo, Brasil, Editora Jandaíra, 7ª edição
- Ribeiro, C. V. S. & Léda, D. B. (2004). O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(2) Retirado em 03.06.2023 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300006 & lng=pt&tlng=pt
- Rich, A. (2020). The "sacred calling". Em *Of woman born: Motherhood as experience and institution*. WW Norton & Company. Retirado em 21.08.2023 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=4x_0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=Rich,+A.+\(2020\).+The+%22sacred+calling%22.+Em+Of+woman+born:+Motherhood+as+experience+and+institution.+WW+Norton+%26+Company.+&ots=o3Gdt0Ah-Q&sig=UKntAHyjIEMSssA_3OvAwBQQ4LA](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=4x_0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=Rich,+A.+(2020).+The+%22sacred+calling%22.+Em+Of+woman+born:+Motherhood+as+experience+and+institution.+WW+Norton+%26+Company.+&ots=o3Gdt0Ah-Q&sig=UKntAHyjIEMSssA_3OvAwBQQ4LA)
- Richards, J. C. (2008). Introduction. In *Teaching listening and speaking* (Vol. 35, No. 4). Cambridge: Cambridge university press. Retirado em 23.06.2023 de <https://www.academia.edu/download/31209080/NF259470.pdf>
- Roca, J. (2016). De sur a norte, de norte a sur: el balance laboral de mujeres cualificadas migrantes por amor. *Revista Andaluza de Antropología*, 11, 92-120. Retirado em 07.01.2023 de <https://idus.us.es/handle/11441/87065>
- Roselli, C. E. (2018). Neurobiology of gender identity and sexual orientation. *Journal of neuroendocrinology*, 30(7), e12562. Retirado em 10.010.2023 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6677266/?fbclid=IwAR1nkrIZ6ByuNSQjXcbJ9g-HvXRQffJuaNrXTh9wQzB2Hhaxaraf5lL4gw>
- Rozenfeld, C. C. de F., & Viana, N. (2011). O desestranhamento em relação ao alemão na aprendizagem do idioma: um processo de aproximação ao "outro" sob a perspectiva da competência intercultural. *Pandaemonium Germanicum*, (17), 259-288. Retirado em 06.06.2023 de <https://www.scielo.br/j/pg/a/Npnc8r46k6Pf6RKC4jVLMgG/?lang=pt>
- Rudmin, F., Wang, B., & de Castro, J. (2017). Acculturation research critiques and alternative research designs. Retirado em 25.09.2022 de https://www.academia.edu/download/51138448/Rudmin_et_al._final_version.pdf
- Sacco, R. G. (2013). Re-envisaging the eight developmental stages of Erik Erikson: the Fibonacci life-chart method (FLCM). *Journal of Educational and Developmental Psychology*, 3(1), 140-146. Retirado em 23.18.2022 de
- Sadler, G. R., Lee, H. C., Lim, R. S. H., & Fullerton, J. (2010). Recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. *Nursing & health sciences*, 12(3), 369-374. Retirado de https://www.academia.edu/download/54785428/2013-Re-Envisaging_the_Eight_Developmental_The_Fibonacci_Life-Chart_Method_FLCM.pdf

- Safdar, S., & Van de Vijver, F. J. R. (2019). Acculturation and its applications: A conceptual review and analysis. *The SAGE handbook of applied social psychology*, 3-22. Retirado em 01.02.2022 de [https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=ZzKBDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA3&dq=Safdar,+S.,+%26+Van+de+Vijver,+F.+J.+R.+\(2019\).+Acculturation+and+its+applications:+A+conceptual+review+and+analysis.+The+SAGE+handbook+of+applied+social+psychology,+3-22.+&ots=tfwqVgYekX&sig=0Tb7uTI75k73q_sMsIiuGb2kaLE](https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=ZzKBDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA3&dq=Safdar,+S.,+%26+Van+de+Vijver,+F.+J.+R.+(2019).+Acculturation+and+its+applications:+A+conceptual+review+and+analysis.+The+SAGE+handbook+of+applied+social+psychology,+3-22.+&ots=tfwqVgYekX&sig=0Tb7uTI75k73q_sMsIiuGb2kaLE)
- Saint-Jacques, B. (2010). Intercultural Communication in a Globalized World. In Samovar, L. A., Porter, R. E., McDaniel, E. R., & Roy, C. S. (2014). *Intercultural communication: A reader*. Cengage learning. p. 53. Reirado em 17.09.2022 de <https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id=557f38556225ff20628b45d0&assetKey=AS:273797146447876@1442289734624>
- Sam, D.L. (2016). Acculturation: conceptual background and core components. Em *The Cambridge handbook of Acculturation Psychology*. Ed. Sam, D. L. & Berry, J. W. ". 2. Edition. Cambrigde: UK. Cambridge University Press, p. 11-26. Retirado em 12.05.2022 de <https://www.academia.edu/download/87260545/cc2b1d9ffd41b72f2299084726a1e433df59.pdf>
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2010). Acculturation: When individuals and groups of different cultural backgrounds meet. *Perspectives on psychological science*, 5(4), 472-481. Retirado em 28.07.2022 de <https://www.academia.edu/download/87260545/cc2b1d9ffd41b72f2299084726a1e433df59.pdf>
- Sanday, P. R. (1980). Margaret Mead's view of sex roles in her own and other societies. *American Anthropologist*, 82(2), 340-348. Retirado em 12.10.2023 de https://www.researchgate.net/profile/Peggy-Sanday/publication/264736155_Margaret_Mead%27s_View_of_Sex_Roles_in_Her_Own_and_Other_Societies/links/568d14d708aeecf87b210764/Margaret-Meads-View-of-Sex-Roles-in-Her-Own-and-Other-Societies.pdf
- Santos, B. D. S. (2013). Pela mão de Alice-o social e o político na pós-modernidade. *Leya*. Retirado de <https://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/01/Pela-M%C3%A3o-de-Alice-o-social-e-o-pol%C3%ADtico-na-p%C3%B3s-modernidade.pdf>
- Santos, C. C. (2011). A construção social da identidade profissional. Em *Profissões e identidades profissionais*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press. Retirado em 02.19.2023 de [https://www.academia.edu/download/27525068/profissooes_e_identidadesprofissionais\(2011\).preview.pdf](https://www.academia.edu/download/27525068/profissooes_e_identidadesprofissionais(2011).preview.pdf)
- Santos, J. J. A. D., Costa, T. A. D., Guilherme, J. H., Silva, W. C. D., Abentroth, L. R. L., Krebs, J. A., & Sotoriva, P. (2015). Adaptation and cross-cultural validation of the Brazilian version of the Warwick-Edinburgh mental well-being scale. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 61, 209-214. Retirado de <https://www.scielo.br/j/ramb/a/kJ3TRRrVHZVQnDTvP7cdDsm/?lang=en>
- Santos, B. D. S. (2016). Epistemologies of the South and the future. From *The European South: a transdisciplinary journal of postcolonial humanities*, (1), 17-29. Retirado de <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/35377/1/Epistemologies%20of%20the%20South%20and%20the%20future.pdf>

- Sauer, M., & Halm, D. (2005). Integration versus Segregation bei türkischen Migranten. In *Migration und seelische Gesundheit* (pp. 67-82). Springer, Berlin, Heidelberg.
- Schneider, M. (2010). Le corps masculin: une production culturelle? *Le corps des hommes*, (3), 15-29. Retirado em 15.11.2023 de <https://www.cairn.info/revue-champ-psy-2011-1-page-15.htm>
- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: implications for theory and research. *American Psychologist*, 65(4), 237. Retirado em 14.08.2022 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3700543/>
- Schwartz, S. J., Montgomery, M. J., & Briones, E. (2006). The role of identity in acculturation among immigrant people: Theoretical propositions, empirical questions, and applied recommendations. *Human development*, 49(1), 1-30. Retirado em 10.02, 2022 de https://www.researchgate.net/profile/Marilyn-Montgomery-2/publication/247701498_Toward_an_Interdisciplinary_Study_of_Acculturation_Identity_and_Culture/links/0c96052628e5c44146000000/Toward-an-Interdisciplinary-Study-of-Acculturation-Identity-and-Culture.pdf
- Schwarz, N. (1999). Self-reports: How the questions shape the answers. *American Psychologist* [serial online]. February 1999;54(2):93-105. Retirado em 10.08.2021 de <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=efae4f3e1558c298017fe02dbd59af91544a9113>
- Schwarzer, A. (2015, 24.06). Warum ich keine Kinder habe. *Emma*. <http://www.aliceschwarzer.de/thema/alice-schwarzer-schreibt-311600>
- Schubert, N. (2020, 07.07). Verloren in der Weltirrelevanz. Deutschlandfunkkultur. <https://www.deutschlandfunkkultur.de/identitaet-und-beruf-verloren-in-der-weltirrelevanz-100.html>
- Serrani Azcurra, D. (2015). Traducción, adaptación al español y validación de la escala de bienestar mental de Warwick-Edinburgh en una muestra de adultos mayores argentinos. *Acta colombiana de psicología*, 18(1), 79-93. Retirado em 13.10.2027 de http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552015000100008&script=sci_arttext
- Shearer, H. D. (2004). Intercultural Personhood: A 'mainstream' Australian Biographical Case Study. Griffith University. (Tese de doutorado) Retirado em 10.10.2021 de <https://research-repository.griffith.edu.au/bitstream/handle/10072/365871/02Whole.pdf?sequence=1>
- Silva, T. C. M., & Amazonas, M. C. L. D. A. (2009). Identidade feminina: engendrando espaços e papéis de mulher. *Revista de Psicologia da IMED*, 1(2), 192-200. Retirado em 02.08.2021 de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5155030.pdf>
- Silva, T. G. (2014). Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Retirado de https://www.academia.edu/download/51789089/TEODORO_identidade_1.pdf
- Silva, T. C. M. D., Amazonas, M. C. L. D. A., & Vieira, L. L. F. (2010). Família, trabalho, identidades de gênero. *Psicologia em estudo*, 15, 151-159. Retirado em 10.07.2022 de <https://www.scielo.br/j/pe/a/KyyxdNYcZgpDsXCqRqcq3Wq/?format=pdf>

- Silva, D. Q. D., & Folberg, M. N. (2008). De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de psicanálise*, (31), 50-59. Retirado em 12.05.2023 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372008000100007&script=sci_arttext
- Silva, A. C. & dos Santos, K. A. (2017). O feminino e a perspectiva lacaniana de superação da lógica fálica. *Reverso*, 39(74), 39-46. Retirado em 12.09.2023 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, J. S., & Gama, L. A. A. S. (2019). O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. *Sociologias Plurais*, 5(1). Retirado em 12.06.2022 de <https://ojs.homologa.ufpr.br/sclplr/article/download/68207/39074>
- Šimkovic, M & Träuble, B. (2019). Robustness of statistical methods when measure is affected by ceiling and/or floor effect. Retirado em 19.01.2024 de <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0220889>
- Smith, P.S & Bond, M. H. (2020). Cultural Dimensions Theory. Em *Encyclopedia of Personality and Individual Differences*. Springer. Kindle Edition. Pp 970–976. Retirado em 10.01.2024 de https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/978-3-319-24612-3_302029.pdf
- Spitz, S., Wolf, C., Rudloff, M., Otwinowski, M., Hafner, A. Biel, C. (2021, 29.09). Mehr Abgeordnete mit Migrationshintergrund. Mediendienst. <https://mediendienst-integration.de/artikel/mehr-abgeordnete-mit-migrationshintergrund-1.html>
- Soares, A. M., Farhangmehr, M., & Shoham, A. (2007). Hofstede's dimensions of culture in international marketing studies. *Journal of business research*, 60(3), 277-284. Retirado em 11.10.2016 de <https://www.academia.edu/download/62448113/j.jbusres.2006.10.01820200323-3430-9s0cyd.pdf>
- Sokol, J. T. (2009). Identity development throughout the lifetime: An examination of Eriksonian theory. *Graduate journal of counseling psychology*, 1(2), 14. Retirado em 105.07.2022 de <https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1030&context=gjcp>
- Sorell, G. T., & Montgomery, M. J. (2001). Feminist perspectives on Erikson's theory: Their relevance for contemporary identity development research. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1(2), 97-128. Retirado em 13.07.2022 de <https://www.gestaltassociates.org/s/SorellandMontgomery.pdf>
- Sovik, L. (2011). Pensando com Stuart Hall. Em *IMM Comunicação e Estudos Culturais* (Cap. 3 pp. 49-62). Salvador: EDUFBA. Retirado em 12.07.2021 de http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5_liv_sovik.pdf
- Spivak, G. C. (1988) Can the Subaltern Speak? In Cary Nelson & Lawrence Grossberg (eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, pp. 271-313. Retirado em 12.08.2020 de <http://users.uoa.gr/~cdokou/TheoryCriticismTexts/Spivak-Subaltern.pdf>
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of*

- personality and social psychology*, 84(5), 1041. Retirado em 07.07.2022 de <https://www.psicopolis.com/boxtesti/devpers.pdf>
- Stewart-Brown, S., & Janmohamed, K. (2008). *Warwick-Edinburgh mental well-being scale. User guide*. Version, 1. Retirado em 13.10.2021 de <http://www.mentalhealthpromotion.net/resources/user-guide.pdf>
- Stewart-Brown, S. (2013). The Warwick-Edinburgh Mental Wellbeing Scale (WEMWBS): performance in different cultural and geographical groups. In *Mental Wellbeing* (pp. 133-150). Springer Netherlands. Retirado em 13.10.2021 de https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-5195-8_7
- Stogianni, M., Bender, M., Slegers, W. W. A., Benet-Martinéz, V., & Nguyen, A. (2021, March 31). Sample Characteristics and Country Level Indicators Influencing the Relationship Between Biculturalism and Adjustment: An Updated Meta-Analysis. Retirado em 20.19.2022 de <https://psyarxiv.com/8qymv/download?format=pdf>
- Strauß, B., Berger, U., & Rosendahl, J. (2021). Folgen der COVID-19-Pandemie für die psychische Gesundheit und Konsequenzen für die Psychotherapie–Teil 1 einer (vorläufigen) Übersicht. *Psychotherapeut*, 66(3), 175. Retirado em 11. 08.2023 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7988381/>
- Supik, L. (2005). Dezentrierung des Subjektes. In *Dezentrierte Positionierung: Stuart Halls Konzept der Identitätspolitik*. Kapitel I. transcript Verl. Retirado em 29.06.2021 de https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/39359/ssoar-2005-supik-Dezentrierte_Positionierung__Stuart_Halls.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Tadmor, C. T., Tetlock, P. E., & Peng, K. (2009). Acculturation strategies and integrative complexity: The cognitive implications of biculturalism. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(1), 105-139. Retirado em 29.10.2021 de http://culcog.berkeley.edu/Publications/2009JCCP_Tadmoretal.pdf
- Tagesschau (2023, 29.03.). Weniger Hürden für ausländische Fachkräfte. <https://www.tagesschau.de/inland/fachkraefte-einwanderung-kabinett-103.html>
- Tennant R, Hiller L, Fishwick R, Platt S, Joseph S, Weich S, Parkinson J, Secker J, Stewart-Brown S. (2007). The Warwick-Edinburgh Mental Well-being Scale (WEMWBS): development and UK validation. *Health Qual Life Outcomes*. Retirado em 13.10.2021 de <https://hqlo.biomedcentral.com/articles/10.1186/1477-7525-5-63?report=reader>
- Then & Now (2018). Introduction to Deleuze: Difference and Repetition [Video] Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=AUQTYICTfek>.
- Tilio, R. C. (2009). Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, 1(1), 109-119. Retirado em 12.05.2022 de <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/529/530>
- Töpfer, V. (2023, 11.07). Die Leute hier sind mir zu unterkühlt, direkt und unfreundlich. Spiegel. https://www.spiegel.de/karriere/warum-deutschland-auslaendische-fachkraefte-ungluecklich-macht-umfrage-unter-expat-a-2951872a-0505-4a0a-85aa-55bbc4475420?sara_ref=re-xx-cp-sh#Inhalt.
- Trost, G., Linde, M. (2020, 18.05). Gastarbeiter. Planet Wissen. https://www.planet-wissen.de/geschichte/deutsche_geschichte/geschichte_der_gastarbeiter/index.html#Notwendigkeit

- Trousselard, M., Steiler, D., Dutheil, F., Claverie, D., Canini, F., Fenouillet, F., ... & Franck, N. (2016). Validation of the Warwick-Edinburgh mental well-being scale (WEMWBS) in French psychiatric and general populations. *Psychiatry research*, 245, 282-290. Retirado em 09.08.2022 de https://www.lesmotivations.net/IMG/pdf/trousselard_2016.pdf
- United Nations. (2017). *International migration report*. Retirado em 13.09.2022 de <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/index.asp>
- United Nations (15.01.2021). International Migration 2020 Highlights. <https://www.un.org/en/desa/international-migration-2020-highlights>
- United Nations (n.d.) Moving Forward to Tackle Migration and Displacement in a Changing Climate. United Nations Network on Migration. <https://migrationnetwork.un.org/hub/discussion-space/climate-change>
- Unterberger-Probst, C. (2008). Stuart Hall: Die Frage der Kulturellen Identität. GRIN Verlag. Retirado em 23.06.2021 de https://www.academia.edu/25370464/Kulturelle_Identit%C3%A4t_bei_Stuart_Hall
- Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. *Psicologia: ciência e profissão*, 17, 20-27. Retirado em 07.05.2023 de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/X6bTF9RCnSzQhhDbDFLHsyz/?lang=pt>
- Van der Zee, K., Benet-Martínez, V., & Van Oudenhoven, J. P. (2016). Personality and acculturation. *The Cambridge handbook of acculturation psychology*, 5070. Retirado em 10.10.2022 de Van der Zee, K., Benet-Martínez, V., & Van Oudenhoven, J. P. (2016). Personality and acculturation. *The Cambridge handbook of acculturation psychology*, 5070.
- Vanheule, S., & Verhaeghe, P. (2009). Identity through a psychoanalytic looking glass. *Theory & Psychology*, 19(3), 391-411. Retirado em 12.02.2023 de https://www.academia.edu/download/42725013/Identity_through_a_Psychoanalytic_Looking_glass_20160216-4821-3ny94d.pdf
- Vázquez, G. (2014). Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Trilhas da História*, 3(6), 167-181. Retirado em 03.06.2023 de <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/download/472/273>
- Vecchi, B. (2004). Introduction. In: Bauman, Z. (2013). *Identity: Conversations with Benedetto Vecchi*. John Wiley & Sons, p. 1-8
- Verband Binationaler Familien und Partnerschaften (n.d.). Zahlen und Fakten: Top ten der Ehepartnerwahl. <https://www.verband-binationaler.de/verband/presse/zahlen-fakten/top-ten-der-ehepartnerwahl>
- Vieira, J. A. (2005). A identidade da mulher na modernidade. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 21, 207-238. Retirado em 23.10.2023 de <https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/?lang=pt>
- Vivian-Taylor, J., & Hickey, M. (2014). Menopause and depression: is there a link? *Maturitas*, 79(2), 142-146. Retirado 23.10.2023 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378512214001789>
- Ward, C. (2013). Probing identity, integration and adaptation: Big questions, little answers. *International journal of intercultural relations*, 37(4), 391-404. Retirado

- em 02.07.2022 de <http://course.sdu.edu.cn/Download2/ed1e6f0d-af99-4a06-aa87-59d82acac8ee.pdf>
- Ward, C., & Kus, L. (2012). Back to and beyond Berry's basics: The conceptualization, operationalization and classification of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), 472-485. Retirado em 03.03.2022 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014717671200020X>
- White, A. (2020, 20.07). How the way we talk both unites and divides us. Uchicago News. <https://news.uchicago.edu/story/how-way-we-talk-both-unites-and-divides-us>
- Wood, G. J., & Newton, J. (2006). Childlessness and women managers: 'Choice', context and discourses. *Gender, Work & Organization*, 13(4), 338-358. Retirado em 10.07.2023 de https://www.researchgate.net/profile/Janice-Newton-2/publication/227794109_Childlessness_and_Women_Managers_%27Choice%27_Context_and_Discourses/links/5e9e5f0f4585150839ef47e5/Childlessness-and-Women-Managers-Choice-Context-and-Discourses.pdf
- World Health Organization (2013, 31.03). Depressive disorder (depression). <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>
- World Health Organisation, 2004. Promoting Mental Health: Concepts Emerging Evidence and Practice. *Summary report*, World Health Organisation, Geneva. Retirado em 12.10.2019 de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42940/9241591595.pdf>
- Yoon, E., Cabirou, L., Galvin, S., Hill, L., Daskalova, P., Bhang, C., ... & Baltazar, B. (2020). A meta-analysis of acculturation and enculturation: Bilinear, multidimensional, and context-dependent processes. *The Counseling Psychologist*, 48(3), 342-376. Retirado em 10.07.2022 de <https://osf.io/7rbju/download>
- Zaumseil, M. (2006). Beiträge der Psychologie zum Verständnis des Zusammenhangs von Kultur und psychischer Gesundheit bzw. Krankheit. Em *Transkulturelle Psychiatrie— Interkulturelle Psychotherapie* (pp. 3-50). Springer, Berlin, Heidelberg. Retirado em 09.10.2020 de https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-540-32776-9_1
- Zentralstelle für ausländisches Bildungswesen (n.d.). Gebühren und Zahlung. <https://www.kmk.org/zab/zeugnisbewertung/gebuehren.html>
- Zirbel, Ilze (2021). "Ondas do feminismo." *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia* 7, no. 2 (2021): 10-31. Retirado em 09.10.2024 de <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>
- Zourabichvili, F., & Goldstein, V. (2004). *O vocabulário de Deleuze*. Retirado em 19.10.2023 de <https://www.redehumanizasus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>

ANEXOS

I. CARTA A COLABORADORES POTENCIAIS

Dear Sir or Madam,

I would like to ask for your support in a scientific study. I am preparing my Ph. D. thesis at the Uab – Lisboa on Intercultural Relations focused on the mental health of Latinos African, and Caribbean high educated women living in Germany. The title of my study is “Highly educated immigrants, their interrupted careers, identity construction, and mental health”.

I would highly appreciate it if you could help me to find potential participants who – if willing – would be invited to fill in an online questionnaire anonymously. This procedure would take about 12 minutes. The study could be advertised by:

- (a) passing on an invitation to potential participants by E-Mail,
- (b) posting a note in the newsletter or announcement board of your organization, and
- (c) placing flyers in an accessible place within your organization or
- (d) sending the flyer together with a product to be delivered to your clients.

In the latter case, the flyers would be provided by the researcher. Please be aware that this recruitment process of the participants provides no means to identify any person you could contact as a potential participant. The survey can be found here:

If you have any questions or concerns, please do not hesitate to let me know. Thank you very much for your attention. It would be great if you decide to help me.

Yours sincerely,

Gláucia Maria de Queiroz - 1900472@estudante.uab.pt

II. FLYER PARA RECRUTAMENTO EM PORTUGUÊS

Você é latina, caribenha ou africana?



Já havia completado a universidade antes de se mudar para a Alemanha?

Veio para a Alemanha por causa de seu parceiro/a alemão/ã?

Então seria ótimo se você pudesse nos apoiar nesta pesquisa científica sobre as oportunidades de carreira das mulheres acadêmicas migrantes!

Tese: Imigrantes acadêmicas, suas carreiras interrompidas, construção de identidades e saúde mental - Tudo em nome do amor.

O objetivo é investigar como mulheres acadêmicas que se mudaram por amor para a Alemanha experienciam a interrupção de suas carreiras e o desenvolvimento de suas identidades biculturais.

Todas as informações fornecidas serão mantidas estritamente confidenciais. Seus dados pessoais não serão exigidos.

Como funciona? Entre no site <https://survey.sogosurvey.com/r/50AvWD> ou simplesmente escaneie este código QR e preencha a pesquisa (cerca de 12 minutos).

Muito obrigada desde já!

Gláucia Maria de Queiroz
(Pesquisadora e doctornda da Uab/Portugal, MSc Mental Health pela University of Liverpool/ UK)



III. FOLHA INFORMATIVA PARA POTENCIAIS PARTICIPANTES

FICHA INFORMATIVA PARA A PARTICIPANTE

Tese: Imigrando em nome do amor: imigrantes acadêmicas, suas carreiras interrompidas, construção de identidades e saúde mental.

Fevereiro de 2022

Estimada candidata a participante,

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa científica para uma tese de doutorado. Antes de decidir se vai participar, por favor, use o tempo necessário para ler as informações a seguir cuidadosamente. Sinta-se à vontade para nos perguntar por mais informações ou esclarecimentos. Obrigada, desde já, por ler este folheto!

Qual é o propósito deste estudo? O objetivo é investigar como mulheres acadêmicas que se mudaram por amor para a Alemanha experienciam a interrupção de suas carreiras e o desenvolvimento de suas identidades biculturais. Os resultados do estudo podem (a) contribuir para o aprimoramento de aconselhamentos psicológicos interculturais para estrangeiros na Alemanha e (b) ser usados para a formulação de novas estratégias de suporte laboral (por ongs, governo etc.) aos mesmos.

Por que fui escolhida para participar? Por ser nativa de um país latino, caribenho ou africano, ser acadêmica e ter se mudando para a Alemanha por causa de um/a cônjuge alemão/alemã.

Tenho mesmo que participar? Sua participação é inteiramente voluntária e você é livre para se retirar a qualquer momento sem explicação e sem que incorra em qualquer desvantagem.

O que acontecerá se eu participar? A participação envolve o preenchimento de um questionário *online* em português (cerca de 10 minutos).

Incorrerão despesas e / ou pagamentos? Não haverá qualquer despesa ou remuneração para você.

Quais são os riscos de participar? Você não será exposta a riscos ou efeitos adversos. De qualquer forma, caso se sinta, de alguma forma, incomodada pelas perguntas feitas, lhe será oferecida 1 hora de aconselhamento com um/psicólogo/a intercultural experiente.

Quais são os benefícios de participar? Não há benefícios imediatos para você, mas sua participação proporcionará uma visão útil das práticas existentes em relação à psicologia intercultural.

E se eu estiver insatisfeito ou tiver um problema com o questionário? Nesse caso, por favor, entre em contato com a pesquisadora Gláucia Maria de Queiroz (1900472@estudante.uab.pt).

Minha participação será mantida confidencial? Todas as informações fornecidas serão mantidas estritamente confidenciais. Seus dados pessoais não serão exigidos. A plataforma usada para o questionário será desativada após o período de recolha de dados. Os dados serão guardados em arquivos protegidos por 5 anos e somente a investigadora e sua orientadora terão acesso aos mesmos.

O que acontecerá com os resultados do estudo? Os resultados do estudo podem ser estatisticamente analisados para a tese de doutorado. Posteriormente, podem ser utilizados para outras pesquisas, mas você nunca será identificável.

O que acontecerá se eu quiser desistir de participar? Você é livre para se retirar a qualquer momento durante o estudo, sem explicação. Usando o código que lhe for atribuído, você poderá pedir acesso às informações que forneceu, assim como para solicitar a destruição de tais informações, se assim o desejar.

IV. QUESTIONÁRIO ONLINE – EM PORTUGUÊS

I – Informação sociodemográficas

1) Qual é sua idade atual?

_____ anos

2) Qual é sua região de origem?

() África: África do Sul, Angola, Lesoto, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Cabo Verde, Camarões, Chade, Comores, Costa do Marfim, Djibuti, Egito, Eritreia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Libéria, Líbia, Madagascar, Malawi, Maláui, Marrocos, Maurício, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Niger, Nigéria República Centro-Africana, Quênia República do Congo, República Democrática do Congo, Ruanda, Swaziland, Sahara Ocidental, Senegal, Serra Leoa, Somália, Seicheles, **Sudão**, Sudão do Sul, Uganda, Tanzânia, Togo, **Tunísia** Zâmbia, Zimbábue.

() América Latina e Caribe: Antigua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Equador, Granada, Guatemala, Guiana, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Uruguai e Venezuela.

3) Em que ano se mudou para a Alemanha?

4) Em que área você se formou no seu país de origem?

() Ciências Exatas e da Terra / Engenharia

() Ciências Biológicas / Ciências da Saúde

() Ciências Sociais / Ciências Humanas

Curso: _____

5) Qual é seu nível acadêmico?

() Graduação

() Mestrado

() Doutorado

6) Qual é sua experiência em relação à *Diplomanerkennung* (reconhecimento de diploma)?

() Nunca tentei.

() O reconhecimento de meu estudo em meu país foi total, o que permite a entrada direta no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.

() O diploma foi reconhecido, mas para exercer minha profissão na Alemanha tive/tenho que se submeter a uma complementação dos estudos/ submissão a provas a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.

() O percentual reconhecido foi muito baixo. Em casos como esse a pessoa necessita repetir vários semestres numa universidade alemã a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.

() Meu diploma não foi reconhecido.

7) 18 meses depois de sua chegada à Alemanha, qual era sua situação empregatícia?

() Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.

() Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.

() Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.

() Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.

() Desempregada em busca de emprego.

() Desempregada e sem buscar emprego.

() Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.

8) Em caso de ter conseguido emprego / ter se tornado autônoma, quanto tempo teve que procurar por isso? (Considere sua primeira ocupação profissional na Alemanha)

() Menos de 6 meses.

() Entre 7 e 12 meses.

() Mais de 12 meses.

9) Qual o nível de conhecimento de alemão foi exigido para esse emprego/atividade autônoma? (Considere sua primeira ocupação profissional na Alemanha)

() Nenhum, o idioma alemão não é importante nesse trabalho.

() A1 ou A2

() B1 ou B2

() C1

10) Atualmente, qual a sua situação empregatícia?

() Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.

() Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.

- Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.
- Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.
- Desempregada em busca de emprego.
- Desempregada e sem buscar emprego.
- Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.

II – Informação biográficas

1) **Qual era a importância financeira do emprego em sua vida em seu país de origem?** (1 = muito pouca, 5 = muito alta)

- muito pouca
- pouca
- média
- alta
- muito alta

13) **Qual era a importância de seu emprego para sua identidade em seu país de origem?**

- muito pouca
- pouca
- média
- alta
- muito alta

2) **Qual é a importância financeira de seu emprego em sua vida na Alemanha?**

- muito pouca
- pouca
- média
- alta
- muito alta

3) **Qual é a importância emprego para sua identidade em sua vida atual?**

- muito pouca
- pouca
- média
- alta
- muito alta

4) Por favor, atenção para o fato de haver aqui duas perguntas. A primeira pergunta (A) está dirigida a mulheres com filhos, e a segunda (B), a mulheres sem filhos.

Depois de ler todas as alternativas relacionadas a sua questão (A ou B), marque aquela que melhor completa a frase de acordo com sua situação (ter ou não filhos).

A) Quando tive filho/a/s...

- não parei de trabalhar porque dependia financeiramente do emprego.
- preferi manter meu emprego, porque ele era importante para minha identidade.
- decidi parar de trabalhar - definitivamente ou por um tempo - já que não dependia financeira e/ou emocionalmente de um emprego.
- tive que parar de trabalhar pela dificuldade de conjugar maternidade e emprego na Alemanha.
- já não trabalhava/nunca trabalhei na Alemanha.

B) Não tenho filhos pois...

- não o desejei.
- ainda é cedo, mas quero ser mãe.
- meu/minha parceiro/a não quer ter filhos.
- não posso/meu parceiro ou minha parceira não pode ter filhos devido a questões biológicas e nem adotamos uma criança.
- decidi não tê-los pela dificuldade de se conjugar maternidade e emprego na Alemanha.

II - Informação sobre bem-estar e saúde mental (Escala Warwick-Edinburgh de Bem-Estar Mental - WEMWBS)

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Frequentemente
- Sempre

Abaixo estão algumas declarações sobre sentimentos e pensamentos. Por favor, marque a afirmação que melhor descreva sua situação com cada um nas últimas 2 semanas.

1. Tenho me sentido otimista sobre o futuro.
2. Eu tenho me sentido útil.
3. Tenho me sentido relaxado.
4. Tenho me sentido interessado por outras pessoas.
5. Eu tenho tido energia de sobra.
6. Tenho lidado bem com os problemas.
7. Tenho pensado claramente.
8. Tenho me sentido bem comigo mesmo.
9. Eu tenho me sentido próximo de outras pessoas.
10. Tenho me sentido confiante.
11. Tenho sido capaz de tomar minhas próprias decisões sobre as coisas.
12. Eu tenho me sentido amado.
13. Tenho me interessado por coisas novas.
14. Tenho me sentido alegre.

(Warwick-Edinburgh Mental Well-Being Scale (WEMWBS) © University of Warwick 2006, all rights reserved.)

III- Riverside Acculturation Stress Inventory

Às vezes negociar mais de uma orientação ou identidade cultural pode ser difícil. Como isso é para você? Abaixo estão algumas declarações que podem ou não descrever sua experiência. Por favor, para cada declaração, marque seu grau de concordância. Esteja ciente de que § significa sua nacionalidade original.

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não sei	Concordo parcialmente	Concordo completamente
1. Por causa de meu <i>background</i> § tenho que trabalhar mais do que a maioria dos alemães.	1	2	3	4	5
2. Sinto a pressão de que o que “eu” faço é visto como representativo do que as pessoas em minha cultura original fazem.	1	2	3	4	5
3. Ao procurar um emprego, sinto às vezes que meu <i>background</i> § é uma limitação.	1	2	3	4	5
4. Para mim é difícil ter uma boa performance profissional devido a meus conhecimentos de alemão.	1	2	3	4	5
5. Frequentemente me sinto mal entendido em situações diárias por causa de meus conhecimentos de alemão.	1	2	3	4	5
6. Incomoda-me que eu tenha um sotaque em alemão.	1	2	3	4	5
7. Tenho tido desacordos com outros § (por exemplo, amigos ou família) por gostar dos costumes ou modos de fazer as coisas na Alemanha.	1	2	3	4	5
8. Tenho tido desacordos com os alemães por gostar dos costumes ou das formas de §fazerem as coisas.	1	2	3	4	5
9. Sinto que minhas práticas culturais (§ ou alemãs) têm causado conflitos em minhas relações.	1	2	3	4	5
10. Já fui tratada de forma rude ou injusta por causa do meu <i>background</i> §.	1	2	3	4	5

11. Eu me senti discriminado pelos alemães por causa do meu <i>background</i> §.	1	2	3	4	5
12. Sinto que as pessoas muitas vezes interpretam meu comportamento com base em seus estereótipos de como os § são.	1	2	3	4	5

Atenção: Caso esteja disposta a ser entrevistada pela pesquisadora (pessoalmente ou por Skype/Zoom), deixe aqui seu nome e email/número de Whats App para que saibamos que temos seu consentimento para contactá-la.

Nome:

Contato:

V. ROTEIRO DA ENTREVISTA

There are some specific topics that I would like to cover, but at the same time, I want to hear their stories (Rabionet, 2011)

Parte I

Escolher um ambiente inclusivo e discreto.

Armazenamento e confidencialidade dos dados

Introduzir-se para a entrevistada.

Explicar que as perguntas são só uma orientação, que a entrevistada deve sentir-se à vontade para contar sua história.

Obtenção de consentimento informado!

- a) Nome
- b) Idade
- c) Quando se mudou para a Alemanha

Parte II

- a) Que lhe dá a sensação de que foi (ou não foi) uma boa decisão vir para a Alemanha?
- b) Como descreveria sua adaptação à cultura alemã? (idioma, clima, estilo de comunicação, alimentação, amigos...)
- c) Que experiências viveu aqui que supõe estarem relacionado com diferenças culturais?
- d) Essas experiências provocaram alguma mudança em você, em seu comportamento?
- e) Há – ou já houve - algo que lhe estresse ou irrite na vida / na cultura aqui?
- f) Como lidou /lida emocionalmente com as diferenças culturais?
- g) Considera-se bicultural? Que aspectos vê em si mesma que a fazem pensar assim?

Parte III

- a) Que estudou na universidade? Quais critérios tinha em mente quando escolheu seu curso universitário? (Melhor possibilidade de inserção no mercado? Talento?)
- b) Com que normalmente associa trabalho /emprego? (obrigação social, dinheiro, prazer, realização, independência, identidade...)
- c) Que importância teve e que importância tem o trabalho profissional para você particularmente?
- d) Que expectativas tinha em relação ao trabalho quando veio para a Alemanha? Elas se cumpriram?
- e) Como foi sua trajetória profissional aqui? Buscou emprego? Encontrou? Como? É na sua área de formação? Quanto tempo precisou? Precisou de ampliar seus estudos?

Parte IV

Poderia citar 5 ou mais aspectos que considera básicas na definição de sua identidade?

uma imagem de si mesma

(Aspectos biológicos, psicológicos, sociais)

- Nacionalidade
- Idioma
- Etnia
- Papel social
- Família,

- Identidade de gênero
- Religião
- Escolha política
- Valores morais
- Costumes e tradições
- Estilo estético
- Expressão verbal e comportamental
- Tipo de lazer
- Profissão
- Estudos

- a) Destacaria aspectos que considere básicos para sua identidade de mulher?
- b) Tem filhos? Como vê a questão da maternidade em sua vida? Por que - ou como - decidiu ser / não ser mãe?
- c) Na sua opinião - e talvez, experiência, é mais fácil ter filhos e cuidá-los aqui ou em seu país?
- d) Como, na sua opinião - e talvez, experiência - uma mulher pode(ria), na Alemanha combinar maternidade e profissão?

VI. MAPA DE CÓDIGOS CRIADOS COM O MAXQDA PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Codesystem	Amap...	Bruna	Carmen	Doris	Gisela	Jandira	Lara	Rosa	Sharon	Solange
Maternidade										
Rede de apoio em LA ou latina em D										
Bom, mas preciso (emoc) trabalhar										
Decisao_ter/nao ter crianca										
Dificuldades - maternidade										
Facilidades na Alemanha										
Rede de apoio DE										
Trabalho e estudos										
Expectativas										
Busca de informacao/ajuda										
Desafios enfrentados										
Desilusao/Frustracao										
Vocacao_sonho-inicial										
Com-titulo-mais-respeito										
Desenvolvimento pessoal										
Novo estudo na Alemanha										
Satisfacao pessoal										
Adequacao dos estudos ao mercad										
Questao financeira/trabalho										
Motivos-escolha-carreira										
Mudanca de área profissional										
Trabalhos abaixo da qualificacao										
Reconhecimento de diploma										
Racismo/preconceito										
Outsider										
Hierarquia de culturas										
Identidade										
Identidade & política										
Identidade feminina										
Identidade, idioma, cultura										
Identidade & trabalho										
Viver na Alemanha										
Relacionamentos sociais-Alemanha										
Desvantagens										
Vantagens										
Vinda para Alemanha										
Boa ou má ideia										
Migracao: estratégia familiar										
Aculturacao										
Idioma										
Bi/Multiculturalidade										
Sentimentos divididos										
Diferencas: país de origem/Aler										
Visao da pátria										
Estilo alemao										
Comunicacao direta										
Ordem e planejamento										
Inflexibilidade & "sabe-tudo-me										
Pontalidade										

VII. CORRESPONDÊNCIA COM PROF. BENETT-MARTÍNEZ SOBRE O PONTO DE CORTE DO
TESTE RIVERSIDE

Ütz das Festlegen von Outlook im Web als standardm... Jetzt ausprobier... Später erneut fragen Nicht mehr anzeigen

e Filter

Pregunta sobre RASI

No la tenemos.
El powerpoint lo he enviado en error

Veronica Benet-Martinez / [ICREA](#) Professor / Department of Political and Social Sciences / [Universitat Pompeu Fabra](#) / Ramon Trias Fargas 25-27 / Barcelona 08005 / Spain

President | [European Association of Personality Psychology](#)

[Publications](#) / [CV](#) / [RECSM](#)

...

From: Gláucia Queiroz [mailto:1900472@estudante.uab.pt]
Sent: Tuesday, January 17, 2023 3:58 PM
To: VERONICA BENET-MARTINEZ <veronica.benet@upf.edu>
Subject: AW: Pregunta sobre RASI

Estimada profesora:

Gracias por la respuesta y por el material, que ya conocía, con excepción del Power Point.

Perdón que le moleste otra vez. Es que en mi bibliografía hasta ahora tengo muchísimos artículos en que se discuten las propiedades estadísticas del RASI y nada encuentro sobre clasificación del nivel de estrese de acuerdo con el "score" del respondiente.

Trabajo actualmente con otras escalas e inventarios que tampoco tienen *cutoffs*, pero presentan una fórmula o sugerencia de cómo hacer, dentro de la población estudiada, la clasificación (ejemplo: alto, medio, bajo /salud mental, bien estar, que sea...) Usarlas permítenos mantener el rigor científico. Me preguntaba si Uds., las autoras, también tienen alguna indicación para el RASI....

Saludos.

VIII. E-MAIL DA DIRETORA DA AGÊNCIA DE MARKETING *THE AFRICAN COURRIER*

Suchen [redacted]

Ansicht Add-ins Hilfe In Kürze verfügbar Jetzt testen

Relevant Sonstige

Claudia Cuadra
Re: contato Brasilertag
Quêrda Gláucia, Sempre bom
20.07.2022

corpora-confirm+5fd...
Your confirmation is needed t...
Email Address Registration
19.07.2022

Gláucia Queiroz
Senha - Wiley Online Library
Senha: U482022usbos <Ende>
05.07.2022

wileyonlinelibrary@wil...
Wiley Online Library password...
05.07.2022

Älter

Teresa Maria da Conc...
Fw: Convite para Simpósio BIL...
Teresa Joaquim Professora
27.06.2022

Gláucia Queiroz
Sogo - senha
19044lemaha
06.05.2022

THE AFRICAN COURIER
New Contact
Hallo Gláucia, I am sorry to
25.04.2022

THE AFRICAN COURIER
AW: INVOICE
Hallo Gláucia, I am surprised
06.04.2022

Instagram
uab_taxis, see Thiago Alcantar...
05.04.2022

New Contact

TA THE AFRICAN COURIER <info@theafricancourier.de>
An Gláucia Queiroz
Mo 25.04.2022 11:53

Antworten Allen antworten Weiterleiten

! Sie haben am 07.06.2022 13:26 auf diese Nachricht geantwortet.

Hallo Gláucia,

I am sorry to learn that you have not been able to reach many people.

We have posted the call on social media - on many Facebook groups in the African community in Germany.

We have written an article and also posted on social media and our weekly newsletter.

I would advise that you contact Ms Joy Zenz, she's the founder of African Women in Europe and she lives in Germany.

Her phone number is +49 173 8396949 (also on WhatsApp).

I think she might be able to help you further.

Best wishes,

Femi

African Courier Media
Flankenschanze 4,
13585 Berlin,
Germany

Office Phone: +49 - 30 - 2300 7440
Mobile Phone: +49 - 162 - 104 6039
Fax: +49 - 30 - 2300 7441
E-Mail: info@theafricancourier.de
Web: www.theafricancourier.de

On 25-04-2022 10:59, Gláucia Queiroz wrote:

Hello, Femi!

Alle Ordner sind auf dem neuesten Stand. Verbunden mit Microsoft Exchange

IX. REGRESSÃO LOGÍSTICA

Com o intuito de simplificar o modelo, foi proposto um segundo modelo (modelo II) composto somente com as variáveis preditoras do modelo I cujos coeficientes foram significativos ($p < 0,10$). O Pseudo R^2 de McFadden para o modelo II foi de 0,120 e a significância das estimativas dos coeficientes estão na que segue.

Tabela 1 – Coeficientes do modelo II, razão de chances (OR) e os intervalos de confiança.

Preditor	Estimativas	p-value	OR	Intervalo de Confiança a 90%	
				Lim. Inferior	Lim. Superior
Teve filho na Alemanha:					
Sim – Não	-1,0556	< 0,001*	0,348	0,2069	0,580
Idade	-0,0470	0,004*	0,954	0,9282	0,979
Identidade na Alemanha:					
2 – 1	-1,6035	0,115	0,201	0,0324	0,984
3 – 1	-1,8720	0,035*	0,154	0,0295	0,601
4 – 1	-1,5386	0,083*	0,215	0,0414	0,837
5 – 1	-0,9865	0,245	0,373	0,0754	1,352
Aculturação:					
Média – Baixa	0,5526	0,096*	1,738	1,0075	3,012
Alta – Baixa	0,8216	0,038*	2,274	1,1913	4,402

*Coeficientes significativos ao nível de 10% de probabilidade ($p < 0,10$). A variável Saúde Mental tem a seguinte ordem: nenhum indicativo de depressão; indício de depressão leve; provável depressão clínica.

X. TABELA DO MODELO LINEAR TENDO RIVERSIDE COMO VARIÁVEL RESPOSTA

Source	SS	df	MS	Number of obs	=	205
Model	2318.8677	8	289.858462	F(8, 196)	=	3.58
Residual	15883.6884	196	81.0392265	Prob > F	=	0.0007
				R-squared	=	0.1274
				Adj R-squared	=	0.0918
Total	18202.5561	204	89.2282162	Root MSE	=	9.0022

Riverside	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
SitEmpreg						
Autônoma em uma posição corresponden..	-5.131293	2.363468	-2.17	0.031	-9.792385	-.4702007
Autônoma em uma posição abaixo do me..	5.819747	3.337943	1.74	0.083	-.7631472	12.40264
Empregada em uma posição abaixo de m..	.8957428	1.852075	0.48	0.629	-2.756811	4.548297
Empregada em uma posição corresponde..	-.2187624	1.800662	-0.12	0.903	-3.769923	3.332398
Estudante complementando / atualizan..	-2.637017	2.642234	-1.00	0.319	-7.847877	2.573842
Filhos						
Sim	-3.68954	1.410745	-2.62	0.010	-6.471728	-.9073514
WEMWBS_cat						
Bem-estar mental médio	5.956311	2.024313	2.94	0.004	1.96408	9.948542
Bom bem-estar mental	.0528432	1.49813	0.04	0.972	-2.901681	3.007367
_cons	38.91326	1.61558	24.09	0.000	35.72711	42.09941

*APÊNDICE 11: ANÁLISE DESCRITIVA DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO ONLINE –
DADOS COMPLETOS*

Tabela - Descritiva das variáveis qualitativas (n = 205)		
<i>Em que área você se formou no seu país de origem?</i>	n	%
Ciências Sociais / Ciências Humanas	125	61,0
Ciências Biológicas / Ciências da Saúde	44	21,5
Ciências Exatas e da Terra / Engenharia	36	17,6
<i>Qual era seu nível acadêmico ao chegar à Alemanha?</i>		
Graduação	133	64,9
Mestrado	61	29,8
Doutorado	6	2,9
Pós doutorado	5	2,4
<i>Qual é sua experiência em relação à Diplomanerkennung (reconhecimento de diploma)?</i>		
Nunca tentei.	80	39,0
O reconhecimento de meu estudo em meu país foi total, o que permite a entrada direta no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.	49	23,9
O diploma foi reconhecido, mas para exercer minha profissão na Alemanha tive/tenho que se submeter a uma complementação dos estudos/ submissão a provas a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.	42	20,5
O percentual reconhecido foi muito baixo. Em casos como esse a pessoa necessita repetir vários semestres numa universidade alemã a fim de poder entrar no mercado da mesma forma que um profissional formado aqui.	20	9,8
Meu diploma não foi reconhecido.	14	6,8
<i>Dezoito meses depois de sua chegada à Alemanha, qual era sua situação empregatícia?</i>		
Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	56	27,3
Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.	43	21,0
Desempregada e sem buscar emprego.	34	16,6
Desempregada em busca de emprego.	31	15,1
Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	26	12,7
Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	8	3,9
Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	7	3,4
<i>Em caso de ter conseguido emprego / ter se tornado autônoma, quanto tempo teve que procurar por isso? (Considere sua primeira ocupação profissional na Alemanha)</i>		
Menos de 6 meses.	66	32,2
Entre 6 e 12 meses.	47	22,9
Mais que 12 meses.	92	44,9
<i>Qual nível de alemão foi exigido nesse primeiro emprego/atividade autônoma?</i>		
A1 ou A2	30	14,6
B1 ou B2	89	43,4
C1 ou C2	43	21,0
Nenhum.	43	21,0
<i>Atualmente, qual a sua situação empregatícia?</i>		
Empregada em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	61	29,8

Empregada em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	52	25,4
Desempregada e sem buscar emprego.	27	13,2
Autônoma em uma posição correspondente a meu nível acadêmico.	22	10,7
Desempregada em busca de emprego.	17	8,3
Estudante complementando / atualizando estudos acadêmicos feitos no país de origem ou em nova formação profissional.	17	8,3
Autônoma em uma posição abaixo de meu nível acadêmico.	9	4,4
<i>Qual era a importância financeira de seu emprego/atividade autônoma em seu país de origem?</i>		
Muito pouca	11	5,4
2	14	6,8
3	49	23,9
4	45	22,0
Muito alta	86	42,0
<i>Financeiramente, quão importante é para você um emprego/atividade autônoma na Alemanha?</i>		
Muito pouca	15	7,3
2	26	12,7
3	28	13,7
4	44	21,5
Muito alta	92	44,9
<i>Em seu país de origem, qual era a importância de seu emprego para sua identidade?</i>		
Muito pouca	2	1,0
2	17	8,3
3	21	10,2
4	35	17,1
Muito alta	130	63,4
<i>Qual é a importância de um emprego/atividade profissional autônoma para sua identidade na Alemanha?</i>		
Muito pouca	8	3,9
2	12	5,9
3	42	20,5
4	34	16,6
Muito alta	109	53,2
<i>Você teve filho/a/s na Alemanha?</i>		
Não	125	61,0
Sim	80	39,0
<i>Você tem filhos?</i>		
Não	82	40,0
Sim	123	60,0
<i>Quando tive filho/a... (n = 80)</i>		
preferi manter meu emprego, porque ele era importante para minha identidade.	23	11,2
decidi parar de trabalhar - definitivamente ou por um tempo - já que não dependia financeira e/ou emocionalmente de um emprego.	18	8,8
não trabalhava/nunca trabalhei na Alemanha.	18	8,8

tive que parar de trabalhar pela dificuldade de conjugar maternidade e emprego na Alemanha.	16	7,8
não parei de trabalhar porque dependia financeiramente do emprego.	5	2,4

	n	%
Pobre bem-estar mental	82	40,0
Bem-estar mental médio	29	14,1
Bom bem-estar mental	94	45,9
Total	205	100,0

	Média	DP	Mín - Máx
Riverside	37,2	9,5	14 - 58
Idade (Mediana (Q1 - Q3))	39	34 - 47,8	23 - 79

XI. POSTER DA *VERBAND BINATIONALER FAMILIEN UND PARTNERSCHAFTEN IAF E.V*

Crítica às medidas tomadas pelo ministério do trabalho alemão para ajudar estrangeiros qualificados a entrarem no mercado laboral do país



XII. ARTIGO DA REVISTA *DER SPIEGEL*

Ausländische Fachkräfte über Deutschland

»Die Leute hier sind mir zu unterkühlt, direkt und unfreundlich«

Deutschland fehlen Fachkräfte, daher sollen 1,5 Millionen Talente angeworben werden. Viele Expats, die schon hier sind, wollen offenbar lieber wieder weg, zeigt eine Umfrage. Was sie genau stört.

Von **Verena Ripper**
11.01.2023, 09:34 Uhr

Artikel zum Hören • 7 Min

anhören



Expats in Deutschland: «Das Leben hier kann sehr stressig sein» Foto: HJ Trüb / Getty Images

»Ich finde die Diskriminierung hier wirklich schlimm. Ich werde als Person an meinen Sprachkenntnissen gemessen und schreibe als eine Art Bürger zweiter Klasse zu gelten, obwohl ich eine sehr erfolgreiche Karriere habe und mit einer EU Blue Card ins Land gekommen bin.«

»Ich empfinde die Deutschen als sehr abweisend.«

»Es ist sehr schwer, hier Freundschaften zu schließen. Sogar nach drei Jahren hier ist es so gut wie unmöglich, in Kontakt mit den Einheimischen zu kommen. Einen internationalen Freundeskreis zu haben ist okay, zumindest, bis jedes halbe Jahr oder so jemand wieder wegzieht. Das Leben hier kann sehr einsam sein.«

Die Zitate stammen von einem Südafrikaner, einer Kanadierin und einem Omaner, die an einer Umfrage unter ausländischen Fachkräften in Deutschland teilgenommen haben. Insgesamt 979 Menschen machten mit, darunter gleich viele Frauen wie Männer. Im Schnitt sind die Befragten 42 Jahre alt. Fast alle haben einen akademischen Abschluss (87 Prozent) - wenig verwunderlich, denn die Umfrage fand unter Mitgliedern von InterNations statt, einem Netzwerk für Akademiker, die als Expats fern der Heimat leben.

InterNations zählt weltweit rund 4,8 Millionen Mitglieder. Einmal im Jahr werden diese Mitglieder aufgefragt, Auskunft über ihr Leben im Gastland zu geben: Wie wohl fühlen sie sich vor Ort? Wie einfach oder schwer war die Wohnungssuche? Wie mühsam war es, Visum, Internetanschluss oder Bankkonto zu organisieren? Und wie leicht fällt das Schließen von Freundschaften?

[Mehr zum Thema](#)

servicesnow

KOSTEN REDUZIEREN ODER SERVICES VERBESSERN?

JA.

Wohin Sie beides möglich. Mit einer intelligenten digitalen Plattform.

THE WORLD WORKS WITH SERVICESNOW

Fonte: <https://www.spiegel.de/karriere/warum-deutschland-auslaendische-fachkraefte-ungluecklich-macht-umfrage-unter-expat-a-2951872a-0505-4a0a-85aa-55bbc4475420>

**XIII. TABELA DO BAMF (2012) COM A INFORMAÇÕES SOBRE AS TOP 20 NACIONALIDADES
MAIS FREQUENTES ENTRE OS ESTRANGEIROS CASADOS COM ALEMÃES**

“A integração dos cônjuges de imigrantes na Alemanha”, Büttner & Stichs

(2014)

cônjuges na Alemanha

Einleitung

43

Tabelle 1-2: TOP 20 der Herkunftsländer nachziehender Ehegatten im Jahr 2012 nach Geschlecht

Nachzug von	Ehefrauen zu Deutschen	Ehemännern zu Deutschen	Ehefrauen zu Ausländern	Ehemännern zu Ausländern	Ehegatten-nachzug gesamt
Türkei	1.175	2.012	1.898	795	5.880
Russische Föderation	2.031	327	426	65	2.849
Indien	130	129	2.025	61	2.345
Kosovo	369	473	995	343	2.180
Vereinigte Staaten von Amerika	392	622	671	121	1.806
China	611	53	671	96	1.431
Ukraine	997	100	248	48	1.393
Marokko	621	430	242	45	1.338
Thailand	979	50	30	8	1.067
Serbien (inkl. ehem. Serbien und Montenegro)	155	200	425	212	992
Japan	132	12	813	12	969
Tunesien	272	452	107	10	841
Bosnien und Herzegowina	144	154	331	154	783
Brasilien	344	123	209	27	703
Iran, Islamische Republik	239	73	266	67	645
Vietnam	246	39	194	106	585
Kroatien	99	87	209	125	520
Pakistan	164	105	208	27	504
Mazedonien	79	107	199	113	498
Philippinen	418	28	22	4	472
Drittstaatsangehörige insgesamt	13.802	8.054	13.156	2.902	37.914

Datenquelle: Ausländerzentralregister.

Büttner, T., & Stichs, A. (2014). *Die Integration von zugewanderten Ehegattinnen und Ehegatten in Deutschland: BAMF-Heiratsmigrationsstudie 2013* (Vol. 22, p. 398). DEU.

Retirado em 08.10.2024 de https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/67900/ssoar-2014-buttner_et_alDie_Integration_von_zugewanderten_Ehegattinnen.pdf?sequence=1&isAllowed=y&lnkname=ssoar-2014-buttner_et_al-Die_Integration_von_zugewanderten_Ehegattinnen.pdf